



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E  
INTERCULTURALIDADE**

**IZABEL CRISTINA OLIVEIRA MARTINS**

**PELAS SENDAS DO FEMININO:  
DIÁSPORA E EXÍLIO NAS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA  
PORTUGUESA**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2019**

**IZABEL CRISTINA OLIVEIRA MARTINS**

**PELAS SENDAS DO FEMININO:  
DIÁSPORA E EXÍLIO NAS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA  
PORTUGUESA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, área de concentração Literatura e Estudos Culturais, na linha de pesquisa Literatura, Memória e Estudos Culturais, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Doutora.

**Orientadora: Profa. Dra. Francisca Zuleide Duarte de Souza**

**CAMPINA GRANDE - PB  
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M386p Martins, Izabel Cristina Oliveira.  
Pelos sendas do feminino [manuscrito] : diáspora e exílio nas literaturas africanas de língua portuguesa / Izabel Cristina Oliveira Martins. - 2019.  
231 p.  
Digitado.  
Tese (Doutorado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.  
"Orientação : Profa. Dra. Francisca Zuleide Duarte de Souza, Departamento de Letras e Artes - CEDUC."  
1. Literatura Africana. 2. Mulher. 3. Diáspora africana. 4. Exílio. I. Título

21. ed. CDD 896

**IZABEL CRISTINA OLIVEIRA MARTINS**

**PELAS SENDAS DO FEMININO:  
DIÁSPORA E EXÍLIO NAS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA  
PORTUGUESA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, área de concentração Literatura e Estudos Culturais, na linha de pesquisa Literatura, Memória e Estudos Culturais, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Doutora.

Aprovada em: 03 / 05 / 2019

**BANCA EXAMINADORA**

*Francisca Zuleide Duarte de Souza*  
**Francisca Zuleide Duarte de Souza - UEPB**  
**Orientadora**

*Kleyton Ricardo Wanderley Pereira*  
**Kleyton Ricardo Wanderley Pereira - UFRPE**  
**Examinador Externo**

*Valdenides Cabral de Araújo Dias*  
**Valdenides Cabral de Araújo Dias - UFRN**  
**Examinadora Externa**

*Diógenes André Vieira Mael*  
**Diógenes André Vieira Mael - UEPB**  
**Examinador Interno**

*Rosilda Alves Bezerra*  
**Rosilda Alves Bezerra - UEPB**  
**Examinadora Interna**

**Para Isli,  
A razão ela conhece.**

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família. Por compreender o meu “exílio”, durante a elaboração desta tese. De forma especial, agradeço: à minha mãe, pelo amor ilimitado que só as mães possuem; ao meu pai, pelo carinho e dengos sempre a mim oferecidos; ao meu esposo, por renunciar tanta coisa sua em prol das minhas; à minha filha Isli, pelos vários “Vai conseguir, sim!”, ditos nos meus momentos de desespero e angústia.

À Professora Zuleide. Pelas valiosas informações sobre estas literaturas que ela conhece tão bem. Pelo material bibliográfico sempre disponibilizado. Pelo apoio constante. Pelos ensinamentos para a vida. E, sobretudo, pelo carinho verdadeiro.

Ao Prof. Dr. Diógenes Maciel e ao Prof. Dr. Kleyton Pereira, pelas sugestões e comentários, durante a Banca de Qualificação.

À Jack, pela ajuda na formatação do trabalho.

Aos amigos José Aldo, Andreia Bezerra, Rodolfo, Paulo de Freitas e Cida Nascimento, pela amizade e companhia.

À Telma Cardoso e à Aldaísa Brito, secretárias do PPGLI, pela atenção sempre concedida.

À Universidade Estadual da Paraíba e ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade.

À CAPES, pelo importante apoio financeiro.

“Não me subestimes  
aproxima-te de mim  
não olhes estas lágrimas  
descendo pelo meu rosto  
nem desdenhes as minhas palavras  
por esta minha voz trêmula

[...]

Aproxima-te de mim  
não te afastes  
vem...  
senta-te que a história não é curta”

Odete Semedo

## RESUMO

Esta tese discute e analisa a experiência do exílio e da diáspora vivenciada por personagens femininas presentes em narrativas de escritoras africanas de língua portuguesa, com reflexões subsidiadas por críticos como Edward Said (2003), Maria José de Queiroz (1998), Miriam Volpe (2005), Stuart Hall (1996) (2013) (2016), Avtar Brah (2005), Robin Cohen (2008), dentre outros, cujas considerações são discutidas ao longo do trabalho investigativo. A pesquisa demonstra como as narrativas não apenas se alimentam da sedução/receio exercida/o pelas partidas e pelas chegadas, como também revelam o desamparo e a desesperança provocados pelo “fenômeno” exílio, conforme Volpe (2005), e os (des)encantos e frustrações das experiências na diáspora. A focalização no desempenho das personagens femininas contribui para a construção desse grande painel que é a diáspora africana na contemporaneidade e mais particularmente a diáspora feminina. A tese detém-se, por elucidação, nas literaturas dos cinco países representados no *corpus*, encarecendo a necessidade de inclusão do pensamento feminino como elemento de igual importância para entendimento dessas literaturas e ombreando esse pensamento à já tão discutida perspectiva masculina. A leitura centra-se nos textos, a saber: a) *Sabor de maboque*, romance da angolana Dulce Braga; b) “Cais do Sodré”, “Desencanto”, “Esmola de Merca” e “Thonon-le-Bains”, contos da cabo-verdeana Orlanda Amarílis; c) *15 dias de regresso*, romance da santomense Olinda Beja; d) *Ventos do Apocalipse*, romance da moçambicana Paulina Chiziane; e) *Tiara*, romance da guineense naturalizada Filomena Embaló. A metodologia de investigação, além de fundamentar-se nos já mencionados críticos que refletem sobre o exílio e sobre a diáspora, baseia-se em estudos críticos voltados para o conhecimento das literaturas africanas lusófonas (ABDALA JÚNIOR, 1999; AUGEL, 2007, 2014; DUARTE, Z. , 2012; FONSECA, 2004, 2008, 2012; GOMES, 1997, 2010; MACÊDO, 2003, 2008; MATA, 1995, 2007, 2008, 2010; PADILHA, 1997, 2012; TUTIKIAN, 1999), dentre outros. Para além dos conceitos de diáspora e exílio, opera-se com as definições de insílio e de desexílio, a partir das reflexões de Miriam Volpe (2005) e Mario Benedetti (1985). Reforce-se, desde já, que apesar de abordar questões voltadas ao feminino na produção literária de autoras, o estudo não objetiva apresentar o feminismo no contexto africano, mas perceber a maneira como a mulher é inserida na escrita literária dos diferentes países da África lusófona.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura Africana; Mulher; Cânone; Diáspora; Exílio.

## ABSTRACT

This thesis discusses and analyzes about the exile and diaspora experiences lived by female characters present in narratives of Portuguese-speaking African women writers, with reflections subsidized by critics such as Edward Said (2003), Maria José de Queiroz (1998), Miriam Volpe (2005), Stuart Hall (1996) (2013) (2016), Avtar Brah (2005), Robin Cohen (2008), among others, whose considerations are discussed throughout the investigative work. The research demonstrates how narratives not only feed themselves on the seduction/fear exerted by departures and arrivals, as also reveal the helplessness and hopelessness caused by exile “phenomenon” according to Volpe (2005), and the (dis)enchantment and frustrations of the diaspora experiences. Focusing on the performance of female characters contributes to the construction of this large panel that is the African diaspora in contemporaneity and more particularly female diaspora. The thesis is focused, for elucidation, on literatures of the five countries represented in the *corpus* emphasizing the need to include feminine thought as an element of equal importance for understanding these literatures and equating this thought to the already-discussed male perspective. The reading is centered on texts, namely: a) *Sabor de maboque*, novel of the Angolan writer Dulce Braga; b) ‘Cais do Sodré’, ‘Desencanto’, ‘Esmola de Merca’ and ‘Thonon-le-Bains’, short story of the Cape-Verdean writer Orlanda Amarílis; c) *15 dias de regresso*, novel of the Santomean writer Olinda Beja; d) *Ventos do Apocalipse*, novel of the Mozambican writer Paulina Chiziane; e) *Tiara*, novel of the naturalized Guinean writer Filomena Embaló. The research methodology is based also in critical studies about the knowledge of the Portuguese-speaking African literatures (ABDALA JÚNIOR, 1999; AUGEL, 2007, 2014; DUARTE, Z. , 2012; FONSECA, 2004, 2008, 2012; GOMES, 1997, 2010; MACÊDO, 2003, 2008; MATA, 1995, 2007, 2008, 2010; PADILHA, 1997, 2012; TUTIKIAN, 1999), among others. Beyond the concepts of diaspora and exile it operates with ‘*insílio*’ and ‘*desexílio*’ concepts developed by Miriam Volpe and Mario Benedetti (1985). It must be emphasized that, although the representation of feminine in the women author's writings is approached, the study does not aim to present feminism in the African context, but to understand the way women are inserted in the literary writing of these different Portuguese-speaking African countries.

**KEYWORDS:** African Literature; Woman; Canon; Diaspora; Exile.

## RESUMEN

Esta tesis discute y analiza la experiencia del exilio y de la diáspora vivida por personajes femeninos presentes en narrativas de escritoras africanas de lengua portuguesa, con reflexiones subsidiadas por críticos como Edward Said (2003), Maria José de Queiroz (1998), Miriam Volpe (2005), Stuart Hall (1996) (2013) (2016), Avtar Brah (2005), Robin Cohen (2008), entre otros, cuyas consideraciones son discutidas a lo largo del trabajo de investigación. La búsqueda demuestra como las narrativas no solo se alimentan de la seducción/miedo ejercida/o por las partidas y llegadas como también revelan el desamparo y la desesperanza provocados por el "fenómeno" exilio conforme Volpe (2005) y los (des) encantos y frustraciones de las experiencias en la diáspora. La focalización en el desempeño de las personajes femeninas contribuye para la construcción de ese gran panel que es la diáspora africana en una contemporaneidad y más particularmente la diáspora femenina. La tesis se detiene, por aclaración, en las literaturas de los cinco países representados en corpus, encareciendo la necesidad de inclusión del pensamiento femenino como elemento de igual importancia para el entendimiento de esas literaturas y asumiendo ese pensamiento a la ya tan discutida perspectiva masculina. La lectura se centra en los textos, a saber: a) Sabor de maboque, romance de la angolana Dulce Braga; b) "Cais do Sodré", "Desencanto", "Esmola de Merca" y "Thonon-le-Bains", cuentos de la caboverdiana Orlanda Amarílis; c) 15 dias de regresso, romance de la santomense Olinda Beja; d) Ventos do Apocalipse, romance de la mozambiqueña Paulina Chiziane; e) Tiara, romance de la guinense naturalizada Filomena Embaló. La metodología de investigación, además de fundamentarse en los ya mencionados críticos que reflejan sobre el exilio y sobre la diáspora, se basan en estudios críticos orientados para el conocimiento de las literaturas africanas lusófonas (ABDALA JUNIOR, 1999; AUGEL, 2007, 2014; DUARTE, Z. , 2012; FONSECA, 2004, 2008, 2012; GOMES, 1997, 2010; MACÊDO, 2003, 2008; MATA, 1995, 2007, 2008, 2010; PADILHA, 1997, 2012; TUTIKIAN, 1999), entre otros. Además de los conceptos de diáspora y exilio, funciona con los conceptos de insilio y desexilio, a partir de las reflexiones de Miriam Volpe (2005) y Mario Benedetti (1985). Se refuerza, desde ahora, que a pesar de abordar cuestiones orientadas a lo femenino en la producción literaria de autoras, el estudio no tiene por objeto presentar el feminismo en el contexto africano, más percibe la manera como la mujer es introducida en la escritura literaria de los diferentes países de la África lusófona.

**PALABRAS-CLAVE:** Literatura Africana; Mujer; Canon; Diáspora; Exilio

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12	
<b>PARTE I</b>		
<b>I A PROPÓSITO DA DIÁSPORA E DO EXÍLIO .....</b>	<b>18</b>	
1.1 DIÁSPORA .....	21	
1.2 EXÍLIO .....	33	
1.3 MULHER, DIÁSPORA, EXÍLIO (E OUTROS DESLOCAMENTOS) .....	42	
<b>II CONSIDERANDO A MARGEM .....</b>		<b>50</b>
2.1 A PRODUÇÃO TEMPORÃ DA LITERATURA ESCRITA POR MULHERES EM ÁFRICA: UM PERCURSO CRÍTICO E HISTORIOGRÁFICO .....	50	
2.2 ESCRITA LITERÁRIA DE AUTORIA FEMININA NOS PAÍSES AFRICANOS LUSÓFONOS: EM BUSCA DE VEZ E DE VOZ .....	67	
2.2.1 Angola .....	70	
2.2.2 Cabo Verde .....	74	
2.2.3 Guiné-Bissau .....	78	
2.2.4 Moçambique .....	83	
2.2.5 São Tomé e Príncipe .....	87	
2.2.6 Um breve arremate .....	91	
2.3 DO OCEANO DE SILÊNCIO AO GRITO LIBERTÁRIO: DIZIBILIDADES FEMININAS EM ÁFRICA .....	92	
2.4 MULHERES NA FICÇÃO DE AUTORAS AFRICANAS .....	97	
<b>PARTE II</b>		
<b>III UM OLHAR AGRIDOCE SOBRE A DIÁSPORA: EMIGRAÇÃO E EXÍLIO EM SABOR DE MABOQUE E EM 15 DIAS DE REGRESSO .....</b>	<b>106</b>	
3.1 DULCE BRAGA E <i>SABOR DE MABOQUE</i> : O GOSTO AMARGO DO PÓS-COLONIAL .....	107	
3.1.1 O passado de volta na escrita da mulher .....	110	
3.1.2 Diáspora e exílio forçados em <i>Sabor de maboque</i> .....	113	
3.2 OLINDA BEJA E <i>15 DIAS DE REGRESSO</i> : VOLTAR PARA JUNTAR PEDAÇOS ..	122	
3.2.1 Regressar é reunir dois lados .....	128	
<b>IV DENTRO/FORA DE CABO VERDE: DIÁSPORA E GÊNERO NA CONTÍSTICA DE ORLANDA AMARÍLIS .....</b>		<b>136</b>
4.1 MULHERES QUE PARTEM .....	140	
4.2 MULHERES QUE FICAM .....	151	
<b>V DE EXÍLIO EM EXÍLIO: RESISTÊNCIAS E ERRÂNCIAS EM TIARA E EM VENTOS DO APOCALIPSE .....</b>		<b>158</b>
5.1 EXÍLIOS, INSÍLIOS E DESEXÍLIOS NOS ROMANCES <i>TIARA</i> E <i>VENTOS DO APOCALIPSE</i> .....	164	
CONCLUSÃO .....	184	
REFERÊNCIAS .....	190	

## INTRODUÇÃO

Olhe para eles indo embora aos bandos, os Filhos da terra, olhe só para eles indo embora aos bandos. [...]  
 Quando as coisas se despedaçam, os Filhos da terra saem em debandada como pássaros fugindo de um céu ardente. [...]  
 Deixando suas mães e pais e filhos para trás, deixando seus cordões umbilicais debaixo do solo, deixando os ossos dos seus antepassados na terra, deixando tudo o que os torna quem e o que eles são, indo embora, pois não é possível ficar. Eles nunca mais serão os mesmos, porque você simplesmente não tem como ser o mesmo depois que deixa para trás o que você é [...].  
 (BULAWAYO, 2014, p. 131-132)

Em tempos de deslocamentos em massa, não é de surpreender que categorias como diáspora e exílio estejam no auge das discussões, sejam elas no âmbito acadêmico ou no midiático. A complexidade e dinâmica desses “fenômenos”, citando aqui Miriam Volpe (2005) e Stuart Hall (2013), resultam do ritmo com que avançam as sociedades e das mudanças ocorridas cotidianamente. Trata-se de categorias que não se esgotam, por ser a mobilidade fator inerente à natureza humana.

A literatura, por excelência, tem se tornado o lugar de eleição para pensar essas categorias, ao lado da sociologia, da antropologia, da geografia, da história, da psicanálise e outras áreas afins. No caso específico das literaturas africanas de língua portuguesa, nota-se que a diáspora e o exílio têm alimentado, com frequência, os textos produzidos por seus autores, e de modo especial, as páginas da ficção escritas por mulheres. Nomes como Chó do Guri (Angola / *A perversa*), Amélia Dalomba (Angola / *Uma mulher ao relento*), Dulce Braga (Angola / *Sabor de maboque*), Vera Duarte (Cabo Verde / *A candidata*), Orlanda Amarílis (Cabo Verde / *Cais-do-Sodré té Salamansa; Ilhéu dos pássaros e A casa dos mastros*), Filomena Embaló (Guiné-Bissau / *Tiara*), Paulina Chiziane (Moçambique / *Ventos do apocalipse*), Olinda Beja (São Tomé e Príncipe / *Histórias da gravana; 15 dias de regresso; O chá do Príncipe*), só para citar algumas, já expressaram em pelo menos um de seus livros, direta ou indiretamente, a condição exílica e/ou diaspórica das personagens, especialmente das femininas. A tendência, contudo, não se restringe às mulheres escritoras dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa)<sup>1</sup>. Estende-se por toda a África e pode ser

---

<sup>1</sup>Esta pesquisa não está alheia à problemática que gira em torno da expressão PALOP, aventada por pesquisadores africanos como Inocência Mata, a qual dá preferência à designação “os Cinco” em detrimento de

observada em vozes que ressoam na atualidade com grande aceitação da crítica, como Yaa Gyasi (Gana / *O caminho de casa*), Imbolo Mbue (Camarões / *Aqui estão os sonhadores*), Chimamanda Ngozie Adichie (Nigéria / *Americanah*), Noviolet Bulawayo (Zambézia / *Precisamos de novos nomes*) e Scholastique Mukasonga (Ruanda / *A mulher de pés descalços*), entre tantas outras.

Partindo dessa constatação, a pesquisa que ora se apresenta tem como objetivo analisar a configuração ficcional dos deslocamentos, detendo-se de modo mais específico nas categorias diáspora e exílio, em narrativas de autoria feminina das literaturas africanas de língua portuguesa, nomeadamente: a) *Sabor de maboque*, romance da angolana Dulce Braga; b) *15 dias de regresso*, romance da santomense Olinda Beja; c) “Cais do Sodré”, “Desencanto”, “Esmola de Merca” e “Thonon-le-Bains”, contos da cabo-verdiana Orlanda Amarílis; d) *Ventos do apocalipse*, romance da moçambicana Paulina Chiziane; e) *Tiara*, romance da guineense naturalizada Filomena Embaló.

É natural considerar, talvez, muito amplo o *corpus* apresentado. Duas razões, no entanto, justificam a quantidade de autoras e obras elencadas: a intenção de apresentar um panorama mais amplo das categorias exílio e diáspora nessas literaturas e a tentativa de abranger, de fato, representantes dos cinco membros dos PALOP, condizendo com a proposição do título e conteúdo desta tese, visto ser reiterada a existência de estudos que se propõem a tratar sobre **as literaturas africanas de língua portuguesa**, mas priorizam apenas duas ou três literaturas (Angola, Moçambique e/ou Cabo Verde), excluindo, no mais das vezes, São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau, como se esses países se ressentissem de uma literatura digna de figurar ao lado das outras. Este procedimento vem invisibilizando produções literárias guineenses e santomenses de grande qualidade e tende a relegar tais literaturas a um lugar periférico, como já bem frisou a crítica santomense Inocência Mata (1995).

A seleção dos livros se deu basicamente pelo viés temático – todos apresentam narrativas com personagens mulheres em deslocamento, as quais se destacam no plano ficcional, agenciando a voz feminina por meio da ficção, maneira encontrada por suas

---

PALOP: “Privilegio esta designação [“os Cinco”] não apenas pelo equívoco que encerra (são países de outras línguas também, sobretudo do crioulo que em três deles é realmente língua nacional), mas sobretudo na esteira de Mário Pinto de Andrade para quem a designação “os Cinco” resgata a utopia da fraternidade dos tempos da luta anticolonial, com a criação da CONCP – Conferência das Organizações Nacionalistas das Colônias Portuguesas, fundada sob a égide de Amílcar Cabral em 1961, em Rabat, Marrocos” (MATA, 2013, p. 108). Apesar disso, o presente estudo usará o termo PALOP - sempre que necessário -, como referência aos países africanos de língua oficial portuguesa, por acreditar que a presença do adjetivo “oficial” no referido acrônimo não fere nem anula a existência das línguas nacionais existentes em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

criadoras para garantir-lhes a quebra de silenciamentos, visto que, como sujeitos no plano real, a mulher em África encontra-se ainda indelevelmente marcada por vicissitudes de uma cultura patriarcal. A razão de trabalhar com autoras de grande repercussão no meio literário africano, como Paulina Chiziane, por exemplo, em detrimento de outras menos visibilizadas (como as também moçambicanas Amilca Ismael ou Teresa Xavier Coito, a título de ilustração), ocorreu devido ao difícil acesso às obras literárias dessas últimas. Sabe-se – e confirma-se neste estudo – da existência de muitas escritoras nas literaturas dos PALOP. A inacessibilidade às suas obras, por outro lado, impede a pesquisa de percorrer “por mares nunca dantes navegados”, lembrando aqui o conhecido verso camoniano.

O estudo está dividido em duas partes. A primeira, compreendida em dois capítulos, traz uma abordagem teórico-conceitual e historiográfica, onde se busca, dentre outras coisas, discorrer sobre as palavras-chave adotadas na pesquisa e registrar nomes/obras de escritoras literárias do universo africano de língua portuguesa. Já a segunda, desenvolvida em três capítulos, detém-se na análise do *corpus* literário escolhido, contemplando os conceitos de diáspora, exílio e suas variantes, desenvolvidos na primeira parte da pesquisa. De forma mais específica, os capítulos estão organizados conforme se delimita abaixo.

O capítulo I, intitulado **A PROPÓSITO DA DIÁSPORA E DO EXÍLIO**, discute a questão da diáspora e do exílio, sinalizando a atualidade desses “fenômenos” (VOLPE, 2005; HALL, 2013) e apontando a relevância deles nos estudos contemporâneos das mais diversas áreas. Subdivide-se em três seções: **1. “Diáspora”**, focaliza o conceito de diáspora, a partir de várias perspectivas teóricas; **2. “Exílio”**, reflete sobre o exílio e “suas variantes” – o insílio e o desexílio; e **3. “Mulher, diáspora, exílio (e outros deslocamentos)”**, ressalta a percepção e a comprovação da crescente presença feminina nos mais diversos tipos de deslocamentos.

O segundo capítulo, cujo título é **CONSIDERANDO A MARGEM**, se ocupa com a categoria “mulher” e sua relação com a literatura, mais especificamente com as literaturas africanas de língua portuguesa, desdobrando-se em quatro segmentos: **1. “A produção temporã da literatura escrita por mulheres em África: um percurso crítico e historiográfico”**, fala sobre a exclusão e o silenciamento das mulheres, não só no cânone literário, como também nas demais esferas sociais, e investiga alguns documentos (dicionários literários, livros de crítica literária, antologias, etc.) que tentam dar conta das literaturas africanas de língua portuguesa, à procura do registro da produção literária de autoria feminina. O balanço dessa apuração constata a invisibilização da mulher escritora em África, comprovando que poucas ainda são as produtoras literárias que têm recebido atenção da crítica especializada; **2. “Escrita literária de autoria feminina nos países africanos**

**lusófonos: em busca de vez e de voz**”, põe em evidência escritoras que foram “apagadas” / “excluídas” da história literária. Para atingir essa meta, o estudo realizou uma busca de nomes de autoras e suas obras em material impresso e digital. Com o intuito de localizar melhor cada uma das literaturas, optou-se pela apresentação das escritoras encontradas através do critério geográfico, separando-as por país; **3. “Do oceano de silêncio ao grito libertário: dizibilidades femininas em África**”, procura mostrar o que, geralmente, dizem as escritoras africanas em suas produções; **4. “Mulheres na ficção de autoras africanas**”, discorre sobre a representação feminina, ou melhor, sobre como a imagem da mulher é construída no texto literário de autoria feminina.

O terceiro capítulo, **UM OLHAR AGRIDOCE SOBRE A DIÁSPORA: EMIGRAÇÃO E EXÍLIO EM SABOR DE MABOQUE E EM 15 DIAS DE REGRESSO**, aborda as narrativas *Sabor de maboque* e *15 dias de regresso*, escritas – respectivamente – pela angolana Dulce Braga e pela santomense Olinda Beja. A reunião dos dois romances nesse segmento se deu pelo fato de ambos os textos tematizarem a saída forçada da terra de origem e evidenciarem as consequências desse deslocamento para a vida de suas personagens. Subdividido em duas partes, o capítulo assim se apresenta: **1. “Dulce Braga e Sabor de maboque: o gosto amargo do pós-colonial**”, onde se analisa a situação diaspórica da personagem principal, devido à guerra civil angolana; e **2. “Olinda Beja e 15 dias de regresso: voltar para juntar pedaços**”, em que se observa a emigração e o exílio, bem como o retorno e o entrecruzamento cultural na construção identitária da protagonista.

No capítulo quatro, **DENTRO/FORA DE CABO VERDE: DIÁSPORA E GÊNERO NA CONTÍSTICA DE ORLANDA AMARÍLIS**, observa-se como o processo de emigração afeta as personagens femininas dos contos da escritora cabo-verdiana Orlanda Amarílis, quer elas estejam na diáspora, quer estejam na terra natal. Para isso, o capítulo foi dividido em duas partes. A primeira, **“Mulheres que partem”**, analisa personagens emigradas, considerando a relação delas com a terra natal, com os patrícios e com os sujeitos da terra de acolhida. Já a segunda, **“Mulheres que ficam”**, atenta para as personagens femininas que permanecem no arquipélago e para as relações entre estas e os que partem, destacando, sobretudo, a dependência delas face ao que se encontram na emigração.

O capítulo cinco, **DE EXÍLIO EM EXÍLIO: RESISTÊNCIAS E ERRÂNCIAS EM TIARA E EM VENTOS DO APOCALIPSE**, prioriza as literaturas da Guiné-Bissau e de Moçambique, ocupando-se de forma mais específica com romances das escritoras Filomena Embaló e Paulina Chiziane. De uma forma geral, o capítulo considera a trajetória das personagens protagonistas em deslocamentos internos no próprio continente de origem,

verificando modos de resistência, adaptação e assimilação. Com apenas uma subdivisão, designada “**Exílios, insílios e desexílios nos romances *Tiara e Ventos do apocalipse***”, essa última parte da pesquisa apresenta paralelamente considerações sobre as duas obras estudadas, para, em seguida, abordar as situações de exílios e “suas variantes, insílio e desexílio” (VOLPE, 2003), experienciadas pelas personagens principais.

Por fim, espera-se que esta pesquisa constitua mais um passo no sentido de colaborar com a divulgação das literaturas africanas e mais precisamente para a melhor compreensão da produção literária feita por mulheres de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

# **PARTE I**

## **CAPÍTULO I A PROPÓSITO DA DIÁSPORA E DO EXÍLIO**

## **CAPÍTULO II CONSIDERANDO A MARGEM**



## I A PROPÓSITO DA DIÁSPORA E DO EXÍLIO

Atravessei o mar  
Um sol da América do Sul me guia  
Trago uma mala de mão  
Dentro uma oração  
Um adeus...<sup>2</sup>

A diáspora e o exílio não são novidades no universo literário. Chegam ao leitor pela pena de incontáveis escritores, sobretudo quando eles mesmos são vítimas de degredos concretos. Com frequência, pesquisadores procuram mostrar, sem grande dificuldade, a existência desses deslocamentos<sup>3</sup> na literatura, rastreando escritores e suas canções do e no exílio. Em *Os males da ausência* (1998), por exemplo, Maria José de Queiroz dá conta de autores exilados que escreveram sobre a partida da terra de origem e a “síndrome do desterro” (QUEIROZ, 1998, p. 15), localizando-os na historiografia literária universal, desde a Antiguidade ao final da Segunda Guerra Mundial. Sustentando a tese de que o degredo vincula-se a um rol de sintomas (sofrimento em decorrência da separação da terra natal, dolorosa obsessão pelo retorno, medo de esquecer a língua do país de origem, alienação etc.), denominados de “males da ausência”, Queiroz alerta para os males sofridos e padecidos no exílio, os quais acometem não apenas artistas, mas todo e qualquer homem, sujeito a dificuldades inerentes ao seu lugar de pertença. Desses males sofrem, indistintamente, o marujo, o escravo, o soldado, a mulher, dentre outros, uma vez que não é privilégio dessa ou daquela classe, desse ou daquele ofício. A estudiosa ainda lembra que, vinculados à ideia de

---

<sup>2</sup> Versos da canção “Um corpo no mundo”, de Luedji Luna, cantora e compositora soteropolitana, radicada em São Paulo. Composta em São Paulo, a partir do contato da cantora com imigrantes africanos, a referida canção também intitula o disco de estreia da artista, lançado no ano de 2017.

<sup>3</sup> O termo deslocamento é aqui compreendido conforme definição de Elena Palmero González, no *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos* (2010), organizado por Zilá Bernd: “Pensar a noção de deslocamento no âmbito das ciências sociais e, especificamente, na órbita dos estudos da cultura, significa remeter a diferentes formas de mobilidade, física, espiritual, linguística; a diversas práticas de emigração, exílio, diáspora, êxodos, nomadismos, circulações humanas; é pensar em traslado e em trânsitos de topo o tipo, em políticas do movimento e em economias da viagem. Entendido como vivência e prática dos sujeitos, o deslocamento é um conceito fundamental nos estudos sobre imaginário e memória cultural. Entendido como metodologia de trabalho, converte-se em paradigma fundamental para pensar processos culturais” (GONZÁLEZ, 2010, p. 109). Nesse sentido, adota-se o uso do conceito em um sentido amplo, o qual abarca tanto o universo de significados quanto de relações (entre o sujeito e o espaço de acolhida; entre o sujeito e o espaço de partida; entre o sujeito deslocado e o sujeito com o qual se relaciona no estrangeiro, sejam eles os naturais da terra ou outros que também estejam na situação de deslocados; entre as culturas envolvidas; dentre outras), articulando com ele as mais variadas formas de mobilidade humana.

perda e desenraizamento, os males da ausência podem traduzir, se não uma, todas as infinitas acepções da saudade portuguesa, da *morriña* galega, da *soledad* castelhana, da *sehnsucht* germânica. Além disso, Queiroz adverte: “o léxico do exílio está longe de elucidar o próprio exílio. Estereotipado em clichês, [...] os seus vocábulos apenas informam, de si por si, sobre a instabilidade das leis e do Direito, sobre a violência política e sobre a ambiguidade dos sentimentos humanos” (QUEIROZ, 1998, p. 20).

À maneira de Maria José de Queiroz, Edward Said em *Reflexões sobre o exílio* (2003) comenta a experiência e a visão de mundo de alguns escritores exilados que compartilharam, através de seus escritos, a perda desorientadora das próprias raízes. A partir da própria experiência de exilado e da convivência com escritores no exílio, o crítico palestino pondera: “Ver um poeta no exílio – ao contrário de ler a poesia do exílio – é ver as antinomias do exílio encarnadas e suportadas com uma intensidade sem par” (SAID, 2003, p. 47). Isso, porque, de acordo com o autor, o poeta no exílio, embora apresente afinidades entre as pessoas de sua convivência, não consegue integrar-se completamente ao país para o qual se transfere, situação que o faz parecer estar envolvido num sentimento de alienação constante.

Said lembra que para tratar do exílio na atualidade é necessário “mapear territórios de experiência que se situam para além daqueles cartografados pela própria literatura do exílio” (SAID, 2003, p. 48-49). Ou seja, é preciso pensar em pessoas comuns que experienciaram/experienciam o exílio na atual sociedade, como: os camponeses refugiados, os homens e as mulheres desconhecidos que viram nas grandes capitais a fuga das condições adversas de seus países, as multidões sem esperança e sem perspectiva de retorno para casa. Enfim, é preciso pensar: “[na] gente arrancada de suas casas e levadas às cutucadas, de ônibus ou a pé, para enclaves em outras regiões” (SAID, 2003, p. 49).

A reflexão proposta por Said conduz à ideia de que a diáspora e o exílio estão na ordem do dia e ganham, pelo mundo afora, as capas dos jornais, revistas e, mais radicalmente, os consultórios psiquiátricos, lembrando aqui a incontornável pesquisa de Frantz Fanon (1968). O caso mais recente dessas “experiências” (BRAH, 2005) (SAID, 2003) é o deslocamento, em grande escala, dos povos do norte da África e do Oriente Médio, em direção às fronteiras da Europa. De acordo com a ONU, este é o maior fluxo de deslocamentos, desde a Segunda Guerra Mundial. Em 2016, o grupo de pessoas que saiu de seus países, fugindo de perseguições políticas, ataques terroristas, guerras e violência aos direitos humanos, cresceu consideravelmente, chegando a 65,6 milhões <sup>4</sup>. A maior parte

---

<sup>4</sup> Dados obtidos em: MERELES, Carla. A crise humanitária dos refugiados: muito além da Síria. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/crise-dos-refugiados/>>. Acesso em: Janeiro de 2019.

desses deslocados é proveniente da Síria, devido à fuga da guerra civil instalada no país desde 2011. A intensa onda de imigração dos refugiados para a Europa pôs em debate algumas regras de concessão de asilo político nos países que compõem o bloco da União Europeia e tem evidenciado um sentimento de anti-imigração crescente. Muros são construídos, leis que punem com a prisão e/ou com a deportação são aprovadas, enquanto as bandeiras da tolerância e do multiculturalismo caem por terra. As imagens e os discursos daqueles que foram afastados de casa e têm que, por isso, levar suas vidas “fora da ordem habitual”, como diz Said, sinalizam que o exílio “é uma fratura incurável” que “jamais pode ser superada” (SAID, 2003, p. 46).

Em defesa desses desafortunados, vozes se levantam. A escritora senegalesa Fatou Diome é uma delas. Durante debate <sup>5</sup> ocorrido no programa televisivo “*Ce Soir*”, realizado no canal France 2, Fatou pondera, destemida, que o discurso europeu a respeito da imigração encoraja a xenofobia, à medida que apenas apresenta os pontos negativos e omite as vantagens que o processo traz para a Europa. Dentre as suas colocações, enfatiza a determinação do indivíduo que está migrando com instinto de sobrevivência. Por não ter nada a perder e por acreditar que a vida que está vivendo não vale muito, a força do migrante é inimaginável, diz a escritora. Vencido o medo da morte, não se deixa dissuadir por bloqueios, fronteiras ou mesmo pelo risco a enfrentar.

Alertando sobre o caráter irreversível da imigração no mundo globalizado, Fatou Diome afirma, em resposta a um dos seus interlocutores durante o debate:

Senhor, vocês não permanecerão como peixinhos dourados na fortaleza europeia. A crise atual nos diz muito. A Europa não pode se fechar enquanto houver conflitos em outros lugares ao redor do mundo. [...] Vivemos em uma sociedade global, onde um indiano ganha a vida em Dakar, alguém do Dakar ganha a vida em Nova York, e um gabonês ganha a vida em Paris. Quer você goste ou não, este processo é irreversível. Portanto, procuremos uma solução coletiva, ou então, mude-se da Europa, porque eu tenho intenção de permanecer aqui! (DIOME apud ADUR, s/d).

As considerações da escritora viralizaram nas redes sociais e vêm provocando reflexões a respeito da condição do sujeito deslocado. O mesmo vem acontecendo com o trabalho artístico do sírio Abdalla Al Omari. Sua série de quadros denominada *The Vulnerability Series* (A Série de Vulnerabilidade) retrata líderes mundiais importantes como se

---

<sup>5</sup> Trechos do debate podem ser visualizados em: <<https://homoliteratus.com/fatou-diome-sobre-a-migracao-e-como-se-deixa-los-se-afogar-funcionasse-como-um-bloqueio-para-impedir-os-imigrantes-de-partirem-para-a-europa/>>. Acesso em: Janeiro de 2019.

fossem refugiados de guerra, vulneráveis as mais drásticas situações, assim como acontece com milhões de indivíduos pelo mundo afora<sup>6</sup>. Donald Trump é uma das lideranças representadas como refugiado por Omari. A pintura que o retrata exhibe sua imagem com a barba por fazer e os cabelos desalinhados, trazendo uma criança ao colo, um colchonete nas costas, uma sacola plástica preta pendurada no braço esquerdo, enquanto a mão direita segura uma foto com imagem de uma família que, provavelmente, deseja reencontrar por ter se separado durante o êxodo. De acordo com o artista, atualmente refugiado na Bélgica, sua própria experiência de deslocado o levou a criar a série de imagens. Seu intuito, no entanto, não é desrespeitar as figuras centrais do conflito que assola seu país, mas devolver-lhes a humanidade. Nas palavras do artista: “Eu queria tirar todo o poder não para ajudar a mim e à minha dor, mas para devolver a esses líderes a humanidade e fazer o espectador vislumbrar o poder da vulnerabilidade” (OMARI apud KAPHLE, 2017).

Tendo em vista a discussão em grande escala por todos os meios de comunicação, quer midiáticos quer artísticos, compreende-se o papel de destaque da diáspora e do exílio junto aos estudos contemporâneos das mais diversas áreas (antropologia, psicanálise, direito, história, filosofia, literatura, entre outras), na tentativa de compreender suas origens, causas e desdobramentos. As reflexões propostas por esses estudos apresentam-se como caminhos para um melhor entendimento do impacto produzido por estes fenômenos, tanto no âmbito geopolítico, quanto no subjetivo, embora estejam longe de apresentar um parecer conclusivo para os termos, devido à intensa mobilidade transnacional de nossa época e, conseqüentemente, ao aparecimento de novos arranjos sociais.

## 1.1 DIÁSPORA

A palavra diáspora, geralmente, refere-se à dispersão (forçada ou voluntária) e expressa a noção de um ponto de origem, ou melhor, uma terra natal<sup>7</sup> de onde o espalhamento ocorreu. Proveniente da cultura grega (dia, “através”; speirein, “espalhar”), foi usada nos primeiros momentos, segundo Aimée Bolaños (2012), para nomear a paradigmática história de migração e colonização na Ásia Menor e no Mediterrâneo (séc. VIII a.C.). Dois séculos depois (séc. VI a.C.), aparece registrada na tradução grega da Bíblia, referindo-se à dispersão do povo judeu e ao exílio na Babilônia (BOLAÑOS, 2012).

---

<sup>6</sup> Confira em *site* oficial do pintor: <<http://www.abdallaomari.com/>>. Acesso em: Outubro de 2018.

<sup>7</sup> Terra natal será compreendida como lugar onde o indivíduo ou grupo reconhece a sua origem.

Em sua origem, esclarece Bolaños (2012), o termo possuía uma conotação positiva, uma vez que correspondia à “criatividade multicultural” decorrente dos contatos das sociedades em expansão. No entanto, na história do êxodo, o conceito “permeou-se de exclusão e vitimização, patentes no vaticínio do Velho Testamento: ‘Serás dispersos por todos os cantos da terra’” (BOLAÑOS, 2012, p.84).

É relevante acrescentar, conforme lembra Marta F. Topel (2015), que o conceito da diáspora judaica prevalece no cerne dos estudos sobre a diáspora, sendo raros os textos sobre esse tópico que não mencionem, mesmo brevemente, o caso judaico ou até o considerem como uma categoria ideal para a descrição e análise de fenômenos semelhantes.

Uma pesquisa em dicionários da língua portuguesa revela que estes também incluem a experiência diaspórica judaica ao estabelecer o significado de diáspora. Comumente, a primeira definição do termo faz referência direta ao modelo judaico, enquanto a segunda, por extensão, apresenta um significado mais alargado, associando-o a representações negativas de perseguição e intolerância: “1. A dispersão dos judeus, no correr dos séculos”; “2. Dispersão de povo(s) em virtude de perseguição de grupo(s) intolerante(s)”<sup>8</sup>.

Quanto à disseminação do conceito, pesquisadores (SORJ, s/d) (BRUBAKER, 2005) (TOPEL, 2015) têm observado que, após ter sido ignorada na maior parte do século XX, a diáspora se tornou uma das teorias mais proeminentes nas ciências sociais e humanas, nas últimas décadas. Tamanho interesse se deve, conforme observam Braga & Gonçalves (2014), a razões como a crescente diasporização que ocorre no planeta e às transformações dela advindas, capazes de redefinirem estruturas até então tidas como estáveis.

O debate sobre a diáspora, entretanto, não se restringe puramente a um exercício sobre conceitos no meio acadêmico. Trata-se, segundo Sorj (s/d), de um “fenômeno social” em plena expansão: “Atualmente praticamente toda emigração tende a se autorrepresentar como uma diáspora [...]. É suficiente entrar na internet para descobrir o surgimento quase diário de sites dedicados às mais diversas diásporas, e publicações, acadêmicas ou de divulgação, mudam de nome para incluir diáspora em seus títulos” (SORJ, s/d, p. 01-02).

O sociólogo Rogers Brubaker adverte para o fato de essa “explosão” de interesse pelo tópico, na contemporaneidade, ter não só estendido, mas diluído seu significado. Isso

---

<sup>8</sup>*Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa.* Definições semelhantes podem ser encontradas em: *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*; *Aulete: Dicionário Contemporâneo de Língua Portuguesa*; *Michaelis: Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa.*

resultou, segundo o estudioso, na “diáspora da diáspora”, ou seja, “[n]uma dispersão do termo nas dimensões semântica, conceitual e disciplinar”<sup>9</sup> (BRUBAKER, 2005, p. 01 ).

Khachig Tölölyan, fundador e editor da revista *Diáspora: a journal of transnational studies*, conceituado periódico publicado pela Universidade de Toronto, afirma que o termo, antes usado para designar as antigas diásporas<sup>10</sup>, agora compartilha seu significado com um domínio semântico mais extenso, que inclui palavras e expressões como “migrante, expatriado, refugiado, trabalhador estrangeiro, exílio, comunidade étnica” (TÖLÖLYAN, 2017, p. 23), originando uma “progressiva superlotação do domínio semântico da diáspora” (TÖLÖLYAN, 2017, p. 24). Para Tölölyan, essa superlotação não é apenas aditiva. Ela tem complicado ainda mais a situação conceitual, contribuindo para uma conseqüente confusão terminológica. (TÖLÖLYAN, 2017, p. 24). De acordo com Tölölyan (2017), diáspora nada mais é que um dos diversos tipos de dispersão, assim como as deportações em massa, a migração com vistas a adquirir educação, trabalho, assentamento, nova cidadania ou uma combinação desses, etc. Dispersão, destaca o estudioso, é o termo mais geral e inclusivo, enquanto diáspora é simplesmente um recorte desse conjunto, mas que, curiosamente, foi assimilada inversamente, tornando-se uma sinédoque, a parte – diáspora – no lugar do todo. Pelo entendimento que tem do par diáspora/dispersão, na atualidade, Tölölyan afirma que se estivesse fundando hoje a revista *Diáspora* seu subtítulo seria “uma revista de estudos sobre a dispersão” e acrescenta:

Na minha própria prática como pesquisador, chamo de diásporas aquelas comunidades de dispersos que desenvolvem uma variedade de associações que perduram ao menos até a terceira geração. Mas, como editor, estou aberto às práticas de colegas que assumem outras posições a respeito das redes transnacionais e dos campos sociais, posições compartilhadas por muitos dos pareceristas da revista (TÖLÖLYAN, 2017, p. 30).

Em função do uso da categoria diáspora ter se generalizado em grande escala, alguns estudiosos buscaram uma definição mais precisa para seu significado. William Safran é, talvez, o mais emblemático dessa linha. Fortemente influenciado pelo caso paradigmático da

---

<sup>9</sup> No original: [...] a ‘ “diaspora” diaspora’ – a dispersion of the meanings of term in semantic, conceptual and disciplinary space.

<sup>10</sup> Diásporas antigas, clássicas ou históricas são aqui compreendidas como aquelas que se opõem às diásporas contemporâneas. Estas, segundo Kleyton Pereira (2013), são fruto [s] do processo mais recente da globalização. Caracterizam-se por sua heterogeneidade social, cultural, político e histórica. Enquanto movimentos marcados pela mobilidade social e pelo desenraizamento geográfico, tais diásporas são processos históricos vinculados aos processos e dinâmicas do capitalismo global, dos efeitos do pós-colonialismo (ou neocolonialismo) e da interação complexa de relações de poder dentro e entre lugares de origem e fixação (PEREIRA, K., 2013, p. 03-04).

diáspora judaica, Safran foi um dos primeiros a teorizar sobre o tema no artigo “Diasporas in modern societies: myths of homelands and return” (1991), publicado no número inaugural da já referida revista *Diaspora* (e reproduzido mais tarde em livros<sup>11</sup>), ganhando notoriedade por sugerir alguns critérios para a definição do termo. Segundo ele, podem ser considerados membros de uma diáspora os sujeitos que:

1. foram dispersos (eles ou seus ancestrais) de um ‘*centro*’ original para duas ou mais regiões estrangeiras ou periféricas;
2. conservam uma memória coletiva, uma visão ou mito acerca da *país natal original*, sua localização física, sua história e suas realizações;
3. acreditam que não são plenamente aceitos – e que talvez nunca venham a ser – pela comunidade de acolhimento e, por isso, se sentem parcialmente alienados e isolados;
4. consideram o *lar ancestral* como lugar verdadeiro e ideal, e como lugar para onde eles e seus descendentes retornarão eventualmente, quando as condições se tornarem favoráveis;
5. creem que todos os membros da diáspora devem se comprometer com a conservação, restauração, segurança e prosperidade da *terra natal*; e, finalmente,
6. continuam a se relacionar, direta ou indiretamente, com o *país natal* de alguma maneira, e sua consciência etnocomunitária e solidariedade se definem de maneira importante para a existência<sup>12</sup>.

Como é possível observar, o conceito de diáspora sugerido por Safran enfatiza a noção de terra natal a qual estaria preservada, idealizada e intrinsecamente ligada aos

---

<sup>11</sup> O referido artigo de Safran pode ser encontrado em: VERTOVEC, Steven; COHEN, Robin. *Migration, diásporas and transnationalism*. Cheltenham, UK: Edward Edgar Publishing, 1999. E também em: GOLUBOV, Nattie (Editora). *Diásporas: Reflexiones teóricas*. México: UNAM (Universidad Nacional de México), 2011. A presente pesquisa fez uso do artigo em espanhol, contido no livro organizado por Golubov (2011).

<sup>12</sup> Todos os critérios mencionados foram traduzidos do artigo “Las diásporas em las sociedades modernas: mitos de la pátria y el retorno”, incluído em: GOLUBOV, Nattie (Editora). *Diásporas: Reflexiones teóricas*. México: UNAM (Universidad nacional de México), 2011. Os destaques são nossos.

Na versão hispânica: 1. Éstos, o sus ancestros, han sido dispersados de um ‘centro’ específico a dos o más regiones extranjeras o ‘periféricas’; 2. conservan una memória colectiva, una visión o mito acerca de su patria original – su ubicación física, su historia y sus logros; 3. creen que no son plenamente aceptados – y que no podrán serlo – por su sociedad anfitriona y, por lo tanto, se sienten parcialmente alienados y aislados de está; 4. perciben su pátria ancestral como su verdadero e ideal hogar, asi como el lugar al que ellos o sus descendientes volverían (o volverán) eventualmente, cuando las condiciones sean apropiadas; 5. creen que debren, colectivamente, comprometerse a la conservación o restauración de su patria original y a su seguridad y prosperidad; 6. continúan relacionándose personal e indirectamente com esa pátria de alguna manera, y su consciencia etnocomunitaria y solidariedad se definen de manera importante por la existencia de este tipo de relación (SAFRAN, 2011, p. 32).

membros que a compõem. Esta concepção de diáspora continua de tal modo tão predominante, segundo Tölölyan (2017), que pode ser encontrada “entre funcionários dos governos das pátrias ancestrais, persuadidos da importância de reivindicar suas diásporas e que se esforçam por criar ministérios e secretarias da diáspora”, em países como, por exemplo, Armênia e Grécia.

Baseando-se na tradição clássica e nos estudos de William Safran, o pesquisador sul-africano Robin Cohen também identifica, no livro *Global diasporas: an introduction* (1997)<sup>13</sup>, um conjunto de “características comuns” de uma diáspora. Mais abrangente que a lista de Safran, a proposta de Cohen aponta nove fundamentos e, similarmente, garante uma importância fundamental à noção de “terra natal”:

1. dispersão da terra natal, frequentemente em forma traumática;
2. alternativamente, expansão para além da terra natal à procura de trabalho, de empreendimentos comerciais ou ambições coloniais;
3. memória coletiva e mítica sobre a terra natal;
4. idealização de um suposto lar ancestral;
5. movimento de retorno ou pelo menos uma conexão contínua;
6. forte consciência grupal étnica, sustentada por um longo período de tempo;
7. relação problemática com as sociedades anfitriãs;
8. senso de co-responsabilidade com membros da mesma etnia em outros países; e
9. possibilidade de uma vida criativa, enriquecedora e distintiva, nos países de acolhimento<sup>14</sup>.

Comparados aos critérios propostos por Safran, a lista de Cohen inclui apenas três novas características (2; 8; 9), sendo as outras seis uma reprodução do que o teórico alemão já havia destacado. Convém lembrar que, ao apresentar sua discussão, Cohen esclarece ao leitor

---

<sup>13</sup> Aqui será usada a segunda edição, publicada em 2008: COHEN, Robin. **Global diasporas: an introduction**. London. New York: Routledge, 2008a.

<sup>14</sup> As características foram aqui apresentadas em sua forma abreviada. Esta versão mais reduzida foi proposta pelo próprio autor (COHEN, 2008a, p. 161-162). No original: “1. Dispersal from an original homeland, often traumatically; 2. alternatively, the expansion from a homeland in search of work, in pursuit of trade or to further colonial ambitions; 3. a collective memory and myth about the homeland; 4. an idealization of the supposed ancestral home; 5. a return movement or at least a continuing connection; 6. a strong ethnic group consciousness sustained over a long time; 7. a troubled relationship with host societies; 8. a sense of co-responsibility with co-ethnic members in other countries; and 9. The possibility of a distinctive creative, enriching life in tolerant host countries”. Para conferir as características em sua versão ampliada, consultar: COHEN, Robin. **Global diasporas: an introduction**. London. New York: Routledge, 2008a, p. 17.

que, apesar de fazer o uso deliberado da expressão “características comuns”, nem sempre todos os pontos por ele elencados estarão presentes nas diásporas já existentes, como também nem sempre estarão manifestos nas novas configurações diaspóricas.

Segundo o próprio Cohen, em artigo<sup>15</sup> apresentado dez anos depois da publicação de livro *Global diasporas*, sua antecipada advertência não impediu que alguns estudiosos pós-modernos o acusassem de “enfraquecer o conceito” de diáspora (COHEN, 2008b, p. 520). Em reação, Cohen assinala:

Os teóricos da diáspora não reivindicaram explicar o espectro total das experiências dos imigrantes, nem fundar, por mais desejável que isso seja, um movimento progressista antirracista, nem mesmo tentar descrever padrões de sociabilidade e cidadania desvinculados do parentesco anterior ou da filiação religiosa. Em outras palavras, o conceito de diáspora não é uma bala mágica que pode ser usada para atingir todos os adversários. (COHEN, 2008b, p. 521-522).

Embora se defenda da crítica pós-moderna, o pesquisador reconhece mudanças na relação entre terra natal e diáspora. Consequentemente, propõe três versões de terra natal: “sólida”, “dúctil” e “líquida”.

A primeira faz referência a uma terra natal, normalmente, carregada por uma expressão sentimental. “Não raro se fundem a imagem de terra pátria e terra mãe”, a qual é vista “como um seio quente, abundante, do qual os povos sugam o seu sustento como coletividade” (COHEN, 2008b, p. 522). Nessa categoria, o nacionalismo se faz preponderante na diáspora, de modo que o sujeito reivindica por sua terra no país de acolhimento, geralmente, organizando-se em “grupos de pressão”<sup>16</sup>, como, por exemplo, sindicatos, instituições e associações<sup>17</sup>. Além disso, planeja e executa ações, com o apoio de ONG’s, agências de fomento e países mais ricos, que viabilizam a melhoria e o possível

---

<sup>15</sup> Trata-se do artigo “Sólidas, dúcteis e líquidas: noções em mutação de ‘lar’ e ‘terra natal’ nos estudos da diáspora”. Segundo Cohen, o artigo foi publicado preliminarmente na Conferência sobre *Dispersione, “globalizzazione” e costruzione dell’alterità: diaspore e migrazioni nel bacino del Mediterraneo ed oltre (XIX-XX secc.)*, Laboratorio di ricerche mediterranee di Marsala, Sicília, 19-21 de setembro de 2007.

<sup>16</sup> Grupo de pressão é aqui compreendido conforme Gozzeto (2008, p. 61): “Grupo de pressão é um grupo de interesse que exerce pressão [...] ao empreender ação para influenciar as decisões dos poderes públicos”.

<sup>17</sup> Oliveira (2017), em estudo que investiga a diáspora palestina no Brasil, menciona o **GT Árabe** e a **FEPAL** (Federação Árabe Palestina no Brasil, fundada em 1980) como exemplos de instituições e organizações árabes e palestinas que atendem ao modelo de “terra natal sólida”. Segundo a estudiosa, “estes grupos costumam promover eventos culturais e manifestações de cunho nacionalistas em clubes sociais e algumas visitas ocasionais aos territórios palestinos ocupados e à Síria. O exercício de movimentos de pressão dirigidos ao governo brasileiro em defesa da terra natal comprova o quanto o nacionalismo árabe e palestino ainda é preponderante nestas organizações” (OLIVEIRA, 2017, p. 27-28).

desenvolvimento da terra natal. Trata-se do comprometimento e da preservação de laços com o país de origem. Como diz o próprio Cohen (2008b, p. 522), o conceito de “terra natal sólida” expressa “a necessidade inquestionável da terra”.

A versão “dúctil” abarca uma “ideia intermediária, mais complexa, da terra natal” (COHEN, 2008b, p. 522). Representa uma terra natal que pode ser deslocada para o contexto da diáspora, devido ao afrouxamento dos elos entre o país de acolhimento e o país de origem. Segundo Cohen, a diluição da consciência nacional no âmbito da diáspora muitas vezes se dá porque as condições de vida no país estrangeiro são mais acolhedoras e seguras. Isso, por conseguinte, adia o desejo de retorno, mas não de forma indefinida.

A terceira e última categoria, “terra natal líquida”, é “uma interpretação pós-moderna do lar virtual” (COHEN, 2008b, p. 522). Nela estão incluídas as “novas formas de mobilidade e deslocamento e a construção de novas identidades e subjetividades” (COHEN, 2008b, p. 527). Para melhor explicá-la, Cohen dilata ainda mais o sentido histórico do conceito de lar/terra natal e propõe a adoção da expressão “diáspora desterritorializada”. De acordo com o estudioso, nessa versão encaixam-se os grupos étnicos que perderam os pontos convencionais de referência territorial, tornando-se, de fato, culturas móveis e multilocalizadas com lares virtuais e incertos. Os “lares virtuais”, “desterritorializados” e “líquidos” são construídos por intermédio de ligações culturais e/ou pela substituição de monumentos sagrados, rios, ícones e santuários pela pátria. Um caso exemplar de “diáspora desterritorializada” é, segundo o pesquisador, a dos povos caribenhos. Cohen salienta que os grupos integrantes de “lares virtuais” não apagam do imaginário a terra de origem, independentemente da distância em que se encontram. Para o autor: “Em vez de um processo completo de apagamento, as condições na terra natal tornaram-se tão hostis, que a recuperação da terra foi sendo adiada indefinidamente e substituída por novos centros de realização religiosa, cultural e econômica” (COHEN, 2008b, p. 530).

Cohen afirma que, para fazer a mediação dessas três categorias, é necessário considerar o embasamento empírico e histórico de qualquer conceito de “lar” ou “terra natal”. De acordo com ele:

As críticas pós-modernas, na sua maior parte pouco fundamentadas, insinuam a existência de uma mão-única, que vai das noções sólidas de terra natal às noções líquidas de lar. Todavia, como já argumentei, a categoria intermediária dúctil continua sendo importante, e as versões de terra natal sólida recebem apoio cada vez maior, enquanto as diásporas se mobilizam para desempenhar um papel de destaque nas políticas nacionais e

internacionais e no desenvolvimento econômico e social de seus territórios de origem. (COHEN, 2008b, p. 530).

A pesquisadora indiana Avtar Brah (2005) é uma das estudiosas que se contrapõem aos argumentos de William Safran e Robin Cohen. Seu conceito de diáspora oferece uma crítica aos “discursos de origens fixas”, desconstruindo a ideia básica de terra natal e de lar. De acordo com a estudiosa, o desejo de regresso ao lar não é a mesma coisa de desejo por uma terra natal. Nessa perspectiva, Brah questiona: “Onde está o lar?” “Quando e como um lugar qualquer se transforma em lar?”. Para ela, o lar tanto pode ser um local mítico de desejo no imaginário diaspórico – e nesse sentido é o lugar de não-retorno, mesmo que seja possível uma visita concreta à terra de origem –, quanto pode ser “a experiência vivida numa localidade. Seus sons e cheiros, seu calor e poeira, noites amenas de verão, ou a excitação da primeira nevada [...] tudo isso, mediado pelo cotidiano historicamente específico das relações sociais”<sup>18</sup> (BRAH, 2005, p. 192). Por esse ângulo, sentir-se em “casa” não, necessariamente, implica estar no país natal. Na impossibilidade de um retorno, o sujeito da diáspora cria para si um lar, substituindo a ideia de regresso. Brah argumenta que a distinção entre terra natal e lar é importante, principalmente, porque ao contrário da crença comum, nem toda diáspora carrega consigo uma ideologia de retorno para o lugar de origem. Para alguns, retornar pode ser de longe o elemento mais importante, principalmente quando a condição de exilado é consequência da expulsão da terra natal por situações adversas (como guerras, fomes, pelas invasões, pela peste etc.) e o espaço geográfico e físico “casa”, é mais compreendido como lugar de terror do que de segurança.

Avtar Brah também chama a atenção para o fato de que, embora a diáspora remeta à ideia de múltiplas viagens, nem sempre toda viagem pode ser compreendida como diáspora, uma vez que esta, claramente, não é uma viagem casual e também não é uma referência normativa a estadas temporárias. Contrariamente, viagens diaspóricas implicam em estabelecer-se, criar raízes em outro lugar (BRAH, 2005, p. 182). A questão, segundo a estudiosa, não é simplesmente saber sobre quem viaja, mas quando, como e sob que circunstâncias. É necessário analisar as condições socioeconômicas, políticas e culturais que marcam essas trajetórias. Por esse viés teórico, Brah compreende as diásporas como categorias heterogêneas e propõe que as mesmas sejam entendidas e investigadas em suas genealogias específicas, ou seja, a partir de uma abordagem que contemple não apenas os

---

<sup>18</sup> No original: “[...] home is also the lived experience of a locality. Its sounds and smells, its heat and dust, balmy Summer evenings, or the excitement of the first snowfall, shivering winter evenings [...] all this, as mediated by the historically specific everyday of social relations” (BRAH, 2005, p. 192).

elementos históricos e contemporâneos das diferentes trajetórias de deslocamento, como também sejam consideradas as interações sociais, a subjetividade e a identidade dos sujeitos envolvidos nesses deslocamentos.

A socióloga indiana ainda lembra que apesar da palavra diáspora, frequentemente, evocar a imagem de trauma, de separação e de deslocamento, as “diásporas são também potencialmente lugares de esperança e novos começos. São terrenos culturais e políticos contestados onde memórias individuais e coletivas discordam, se remontam e se reconfiguram” (BRAH, 2005, p. 193)<sup>19</sup>. Nesse sentido, as identidades diaspóricas parecem desafiar a ideia de imutabilidade e homogenia, tornando-se, por excelência, plurais.

Também criticando ideias rígidas de origem e pertencimento, Stuart Hall (1996) compreende que a experiência da diáspora deve ser definida, não por sua pureza ou essência, “mas pelo reconhecimento de uma diversidade e heterogeneidade necessárias; por uma concepção de ‘identidade’ que vive com e através, não a despeito, da diferença; por hibridização” (HALL, 1996, p. 75). Baseado nisso e atento às novas identidades diaspóricas e suas singularidades em um mundo globalizado e transnacional, o pesquisador advoga uma diáspora que não se apoia num “‘tipo ideal’” de dispersão, como propõe Safran (2011, p.32), ou seja, não tem como ponto de partida o protótipo judaico. Nas suas palavras: “[...] a diáspora não nos reporta àquelas tribos dispersas, cuja identidade só pode ser garantida em relação a um torrão pátrio sagrado, ao qual elas devem retornar a todo custo, mesmo que isto implique em impelir outros povos para o mar” (HALL, 1996, p. 75).

Ao investigar a formação da identidade cultural diaspórica no contexto caribenho, Hall (2013) constata que cada diáspora carrega consigo a promessa do retorno redentor. De acordo com o estudioso, essa interpretação do conceito de diáspora é a mais familiar entre os povos do Caribe. Entretanto, assegura Hall, mais relevante ainda para os caribenhos é a versão da história no Velho Testamento.

Lá encontramos o análogo, crucial para a nossa história, do ‘povo escolhido’, violentamente levado à escravidão no ‘Egito’; de seu ‘sofrimento’ nas mãos da ‘Babilônia’; da liderança de Moisés, seguida pelo Grande Êxodo – ‘o movimento do Povo de Jah’ – que os livrou do cativo, e do retorno à Terra Prometida. Esta é a *ur*-origem daquela grande narrativa de libertação, esperança e redenção do Novo Mundo, repetida continuamente ao longo da escravidão – o Êxodo e o *Freedom Ride*. Ela tem fornecido metáfora dominante a todos os discursos libertadores negros do Novo Mundo. (HALL, 2013, p. 31).

---

<sup>19</sup> No original: “[...] diasporas are also potentially the sites of hope and new beginnings. They are contested cultural and political terrains where individual and collective memories collide, reassemble and reconfigure” (BRAH, 2005, p. 193).

Segundo Hall (2013), a esperança de retorno à “Terra Prometida” condensou-se como uma espécie de mito fundador para o povo caribenho. Esse mito, com todo o poder que os mitos trazem de configurar os imaginários, moldou o imaginário nacionalista e acabou por influenciar as ações dos indivíduos, direcionando suas vidas e lutas, recuperando as histórias perdidas ou esquecidas. “Seu poder – mesmo no mundo moderno – de remover montanhas jamais pode ser subestimado” (HALL, 2013, p. 32). Trata-se, como aponta Hall, de uma concepção fechada de tribo, diáspora e pátria que se fundamenta na ideia de origem e regresso. Entretanto, o pesquisador adverte que, apesar da prevalência do mito fundador, as identidades da diáspora caribenha não podem ser pensadas de modo teleológico, pois naquele contexto a questão é inevitavelmente histórica:

Nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são singulares, mas diversas. Em nossa parte do Atlântico Negro, os nativos foram dizimados pelo trabalho pesado e pela doença nos primeiros cem anos de colonização. A terra não pode ser ‘sagrada’, pois foi violentada: não ficou vazia, foi esvaziada. Todos ali pertenceram a outro lugar em determinado momento. Longe de ser a continuidade de nossos passados, nossas histórias são marcadas por rupturas violentas e abruptas. [...] O Caribe renasceu através do processo de violência real e simbólica. Nosso caminho para a modernidade é pontuado pela conquista, pelo genocídio, pela escravidão, pela inserção forçada no sistema latifundiário, pela dependência colonial e, acima de tudo, pelo legado da vida ser vivida num mundo implacavelmente racializado. Nossas ‘rotas’ culturais são diversas e impuras. (HALL, 2016, p. 50).

Por apresentar uma cultura resultante de uma complexa rede de entrecruzamento e fusão, a diáspora do Caribe não pode ser decomposta em seus elementos originais, e nesse sentido, a “volta para casa” é irrealizável, uma vez que não é mais possível “voltar à cena primária enquanto momento esquecido de nossos começos e ‘autenticidade’, pois há sempre algo no meio” (CHAMBERS apud HALL, 2013, p. 30).

Ainda em seu estudo sobre a diáspora caribenha, Hall (2013, p. 29) destaca que o sentimento profundo de perda assombra muitos migrantes quando retornam a suas comunidades de origem. Seja porque “sentem falta dos ritmos de vida cosmopolita com os quais tinham se aclimatado”, seja porque “sentem que a ‘terra’ tornou-se irreconhecível”. A sensação de incompleta integração com a sociedade de origem conduz o sujeito da diáspora ao desejo permanente de estar dentro e fora da pátria, num entrelugar, à procura de constante identificação. Nesse “afã de recuperar uma identidade fragmentada pela dor de ser estranho a todos os lugares ao mesmo tempo, possuindo uma identidade que [...] é móvel e desenraizada,

acumula decepções e frustrações na busca de uma impossível ubiquidade” (DUARTE, Z.,2012, p. 17-18).

Desse modo, por compreender que identidades da diáspora estão constantemente se produzindo e se reproduzindo, através da diferença e da transformação, Hall (2016, p. 58) recomenda:

A alternativa não é agarrar-se a modelos fechados, unitários, homogêneos de ‘pertencimento cultural’, mas começar a aprender a abraçar processos mais amplos que estão transformando a cultura no mundo. Esse é o caminho da ‘diáspora’, que é o caminho de um povo moderno e de uma cultura moderna.

Opondo-se aos pesquisadores que procuram definir diáspora a partir de perspectivas baseadas em experiências sócio-históricas (como William Safran e Robin Cohen) e aos que adotam “perspectivas normativas de identidade”, apoiando-se numa linha de raciocínio ligada a teorias pós-modernas (como, por exemplo, Stuart Hall), o pesquisador Bernardo Sorj (s/d) argumenta:

Tanto os autores normativos como os orientados pela experiência histórica, ao construir o conceito de diáspora, tendem a cair em armadilhas metodológicas comuns. A diáspora aparece como um conceito dado de uma vez por todas a partir de uma ou algumas experiências históricas exemplares ou de um ideal normativo. Assim, outras autodefinidas diásporas, que não contenham as características instituídas pelo modelo ideal, passam a ser consideradas como “semi-diásporas” ou menos autênticas. (SORJ, s/d, p.18, destaque do autor).

Para Sorj (s/d, p. 17), os autores que tomam como referência a experiência histórica pecam por preconizar a construção de um conceito de diáspora por meio da imposição de características típicas. A falta de análise das estruturas sociais e a inobservância das características específicas de cada diáspora também são vistas, pelo estudioso, como carências dos textos desses pesquisadores. Além disso, Sorj verifica a falta de referência às diversas estratégias de integração, à variedade de diásporas e a complexa relação entre diferentes tipos de diásporas. Complementando, o ensaísta destaca: “Apesar do referencial sociológico clássico, estes estudos tendem a enfatizar a dimensão identitária e cultural e deixam de lado as estruturas materiais e políticas que sustentam a reprodução de diásporas na história” (SORJ, s/d, p. 18).

Já a abordagem pós-moderna é criticada pelo estudioso por “reduz[ir] o conceito de diáspora a uma identidade ou condição existencial, ignorando toda a problemática da

construção de instituições, de sua materialidade e historicidade” (SORJ, s/d, p. 07). Segundo Sorj:

Embora autoproclamada defensora da especificidade num mundo globalizado, esta visão homogênea e absorve a questão da formação histórica dos mundos simbólicos, que são enraizados em histórias e sociedades diversas, num problema novomundista de construção de identidade do indivíduo, em *narrativization of the self*. Assim, ainda que se autodenomine pós-colonial e procure criticar as formas ocidentais de opressão, esta literatura aparece como profundamente etnocêntrica e provincial, já que reduz a constituição de mundos simbólicos e a ação coletiva a uma questão de identidade, conceitos que adquirem seu sentido específico na textura política e social do mundo anglo-saxão. As particularidades das condições sociais e institucionais e a existência de políticas de identidades e etnicidade, e mesmo o fato de que seja neste formato que o conflito social se expresse, são fatores desconsiderados. (SORJ, s/d, p. 07).

Outra questão discutida por Sorj (s/d, p. 13-14) é a tendência das teorias pós-modernas minimizarem o sofrimento que, na maioria dos casos, acompanha a diáspora, enxergando-a como um *locus* propício para a recriação de novas culturas. Pensar o impacto da diáspora nos países de acolhimento a partir dessa perspectiva significa, conforme o estudioso, desconsiderar as relações de poder e outros fatores, como dominação e coerção, frequentemente, existentes no âmbito do processo diaspórico.

Tendo refutado as duas perspectivas, Sorj aconselha que o estudo das diásporas contemple “um campo de análise comparado de diásporas” (s/d, p. 19), no qual nenhuma delas represente um modelo ideal, e sugere que prevaleça o critério autodeclaratório, isto é, que sejam entendidos como diáspora todos os grupos que assim se declararem:

Diásporas são, portanto, todos aqueles grupos que se autodefinem como tais; o papel da teoria social é a análise comparada da gênese de cada uma delas e de suas estruturas sociais e institucionais. As diásporas são tantas e tão diversas como as que existem, existiram e venham a existir. Isso não significa, contudo, definir a diáspora como um conceito identitário e fluido, aberto, em constante mutação, sem referencial fixo. A análise sociológica deve mapear a diversidade, a constituição de mecanismos de reprodução interna e de intercâmbio com o meio ambiente dentro de contextos sócio-históricos determinados. (SORJ, s/d, p. 19).

Considerando que cada nova diáspora se utiliza das experiências diáspóricas anteriores, Sorj reconhece o “caráter matricial” da experiência judaica, mas lembra que isso não implica valor normativo ou possa servir como base para um modelo empírico ou tipo

ideal. Ao invés da elaboração de um conceito normativo ou de construção de tipos ideais, adverte que “são necessários esforços de análise das experiências concretas que mostrem as condições dentro das quais, hoje, grupos sociais constroem e dão sentido específico à noção de diáspora” (SORJ, s/d, p. 19-20).

Pelas discussões apresentadas, pode-se constatar que o conceito de diáspora ainda não possui uma definição resoluta e consensual entre os estudiosos. Por serem as diásporas “tantas e tão diversas como as que existem, existiram e venham a existir” (SORJ, s/d, p. 19), talvez, sua definição continue em permanente construção.

Como observou o pesquisador Daniel Douek (2012, p. 38), mais do que ter se generalizado, seja pela ampliação de seu significado, seja por designar uma grande diversidade de grupos e experiências sociais, a diáspora “se tornou um conceito em disputa, dando lugar, no âmbito acadêmico, a uma série de discussões sobre a abrangência do termo, sua pertinência e significado”. Em meio a esse contexto, é importante observar que se o alargamento da palavra garantiu uma desordem analítica e metodológica, também é certo que permitiu “questionar realidades compreendidas como dadas, ressignificar e dar sentido a fenômenos novos” (TOPEL, 2015, p.335).

Sem dúvidas, o caso judaico tem sua importância para o campo dos estudos da diáspora, conforme observou Bernardo Sorj (s/d, p. 19). Entretanto, sua história e características não são suficientes para explicar as novas formas de dispersões pós-coloniais e transnacionais surgidas nos últimos tempos. Assim como outras diásporas clássicas, a história judaica pode ser tomada como ponto de partida para compreender o movimento de assentar raízes, mas não como modelo normativo. Acatar essa visão como modelo ideal seria o mesmo que ignorar as transformações pelas quais o fenômeno passa em novos contextos geopolíticos. Por fim, seguindo a linha de raciocínio de Robin Cohen (2008b, p. 522), quando diz que “o conceito de diáspora não é uma bala mágica que pode ser usada para atingir todos os adversários”, reforça-se aqui que o estudo das diásporas, sem prender-se a tipificações, pode considerar referentes históricos, mas, sobretudo, precisa estar atento às singularidades de cada experiência diaspórica.

## 1.2 EXÍLIO

O conceito de exílio, assim como o de diáspora, remete à noção de deslocamento e trânsito. Ambos são sublinhados por traumas, perdas e desalentos e podem implicar medidas

de coerção e eleição. Para Hamid Naficy (apud SOARES, 2014, p.109), o que marca a diferença entre as duas categorias é o fato de que o exílio pode ser identificado como coletivo ou individual, enquanto a diáspora implica necessariamente a uma dimensão coletiva, cujos indivíduos que a integram compartilham entre si o mesmo contexto, isto é, estão ligados à ideia de conservação e continuidade. Nessa mesma direção, John Durham Peters (1999) tenta também definir e comparar diáspora e exílio. Para Peters, os dois conceitos sugerem o deslocamento de um centro. No entanto, distinguem-se através das relações entre os dispersos: “O exílio sugere o desejo por um lar; a diáspora sugere redes entre compatriotas. O exílio pode ser solitário, mas a diáspora é sempre coletiva”<sup>20</sup> (PETERS, 1999<sup>21</sup>).

Contrariando a distinção feita por J. D. Peters, Luís Roniger (2011, p.41) argumenta: “Em meu entendimento, esta distinção binária entre um suposto exílio solitário e a sociabilidade das redes da diáspora é demasiado esquemática em seu contraste”. Para o pesquisador, “o exílio pode ser construído através das redes e da construção da comunidade de desterrados, e pode ser construído por trás do fortalecimento da luta pelo regresso” (RONIGER, 2011, p. 41). Paralelamente, acrescenta Roniger (2011, p.41), “a diáspora pode incluir fortes elementos e níveis de alienação, tanto para o país de origem quanto para o de acolhida, assim como fortes sentimentos de solidão”.

Embora admita a dificuldade de separar o exílio de outros fenômenos do deslocamento humano, Roniger (2011) assegura que o exílio propriamente dito tem uma conotação, gênese e consequências políticas. Em sua perspectiva, o exílio não costuma ser resultado de uma escolha pessoal. Mesmo quando isso ocorre, a decisão de sair da pátria ou do lugar de residência costuma estar estreitamente relacionada a uma ameaça de coação ou um marco institucional que deixou pouca escolha para o fugitivo. O exilado, acresce o estudioso, se vê obrigado a permanecer longe do “lar” até que as condições que o levaram à fuga mudem. Essa conotação distingue o exilado de outras categorias, como, por exemplo, do migrante, o qual pode voltar para casa por sua vontade e se percebe como o único responsável de sua saída de “casa”. Considerando que a residência do exilado no estrangeiro é estritamente temporal, Roniger afirma: “O exílio é concebido pelos que o experimentaram como uma fase transitória, uma ‘vida entre parênteses’, situada como que fora da ‘vida real’ que o desterrado manteve em sua pátria” (RONIGER, 2011, p. 44).

---

<sup>20</sup> No original: “*Exile* suggests pining for home; *diaspora* suggests networks among compatriots. Exile may be solitary, but diaspora is always collective” (PETERS, 1999, itálicos do autor).

<sup>21</sup> Por se tratar de uma versão digital, o material não contém indicações de páginas.

Ainda, segundo o pesquisador, as tentativas de definir as especificidades do exílio e dos exilados em forma de categoria nem sempre são compensatórias, visto que, na realidade, “as categorias se confundem nas comunidades deslocadas, podendo cada indivíduo atravessar distintas etapas em seu caminho forçado fora das fronteiras da pátria” (RONIGER, 2011, p. 44). Para ele, “o que pode ajudar a definir seu caráter particular em cada caso é antes a observação de sua interação específica nas comunidades diaspóricas e as relações entre sua situação em lugares de reinstalação e redes transnacionais” (RONIGER, 2011, p. 44).

Correlacionados com os estudos que procuram categorizar analiticamente o exílio, distinguindo-o de outras formas de deslocamentos, se encontram os estudos semânticos. Sobre esta linha de investigação, Roniger (2011) aponta que, com frequência, a atenção foi posta no amplo alcance de denotações que giram em torno do deslocamento forçado. Nesse sentido, palavras como, desterro, degredo, migração, rejeição, distanciamento, expatriação, deportação, proscricção – e tantas outras que possam indicar ostracismo – são evocadas, tornando-se palavras-chave para a definição de exílio.

Ao fazer um levantamento do conceito em dicionários de diferentes idiomas<sup>22</sup>, Roniger (2011) observa que algumas definições de exílio provêm da raiz latina *exilium* (de *exsilium*, ii, deriv. de *exsilire* – *ex salire*, saltar fora), representando uma situação de desterro. Constata que algumas concepções, além de dar conta do ato físico do degredo, também destacam o “componente espiritual de perda”, ou seja, referem-se ao exílio como um sentimento de alienação e perda da pátria. De modo particular, o autor chama a atenção para a definição encontrada no *Grande dizionario della lingua italiana*, elaborado por Salvatore Battaglia (1968), por apontar a conotação política do termo. O referido dicionário descreve o exílio como sanção ou medida imposta que obriga o indivíduo a distanciar-se de sua pátria, remete à prática ancestral do banimento ou degredo, como punição ou penitência: “Em sentido geral, [o exílio] é uma medida que as autoridades no poder forçam sobre um indivíduo, legal ou arbitrariamente, para distanciar-lo de sua pátria principalmente devido a razões políticas” (BATTAGLIA apud RONIGER, 2011, p. 36). Concepções como esta, para Roniger, auxiliam a perceber que o exílio pode resultar de procedimentos judiciais ou de decisões arbitrárias, sendo que, nas duas situações, o indivíduo se vê afetado pelo ato de coação.

---

<sup>22</sup> Dicionários mencionados por Luís Roniger em seu artigo: *Dicionário Oxford* (1989); *Grande dizionario della lingua italiana*, (1968); *Vocabolario della lingua italiana* (1987); *Le Grand Robert de la langue française* (1989). Apesar de não citar títulos de dicionários das línguas portuguesa e espanhola, o autor também faz usos desses em sua pesquisa.

A já referida Maria José de Queiroz (1998, p. 20), ao tratar do conceito de exílio, empreende uma investigação ainda mais aprofundada. Seu estudo parte do mais remoto exílio de que se tem notícia, o do egípcio Sinuhe, ocorrido pelo menos 2000 a.C. A informação, conforme registra a autora, foi revelada pelo egiptólogo francês François-Joseph Chabas, conhecido por traduções de papiros. O texto traduzido por Chabas, além de informar sobre o pedido de clemência de Sinuhe ao imperador, após longa e difícil jornada exílica, traz a declaração do exilado acerca da sanção sofrida: “Ir para o exílio não estava escrito na minha mente nem no meu coração. Eu me arranquei por força do solo onde estava” (apud QUEIROZ, 1998, p 20).

Em sua incursão, Queiroz (1998) também indica as primeiras manifestações do exílio político na história da condição social do homem no mundo ocidental. Trata-se do ostracismo imposto pela *polis* grega, a partir de 509 a. C. Baseado num processo democrático, em que através do voto secreto decidia-se se o cidadão devia abandonar o país por cinco/dez anos, o ostracismo foi empregado inicialmente pelos atenienses e adotado em momento posterior pelos governos de Argos, Megara e Mileto. Não era sanção contra as maldades cometidas, mas castigo ao orgulho, ao abuso de poder e à influencia excessiva e podia cominar tanto o cidadão comum como a alta autoridade. Queiroz (1998, p. 21) informa que, embora a sorte dos exilados não fosse de absoluta desgraça, nesses primeiros tempos, a impossibilidade do retorno à pátria natal atormentava todos os que eram acometidos às leis da proscricção. Inspirado no princípio grego de equanimidade, o ostracismo, aos poucos, teve sua prática afastada do ideal de justiça e sua aplicação acabou sendo desvirtuada por interesses políticos, apadrinhamentos e perseguições. Por perder o bom propósito que lhe havia inspirado a adoção, a prática do exílio declina com o tempo, conforme acentua Queiroz (1998, p. 21): “A lei passara a instrumento de vingança, se bem que pomposamente democrático. Por esse e por mais graves motivos renuncia-se à sua aplicação”.

Na contemporaneidade, novas formas de exílio se impõem, quase sempre ligadas a sociedades repressivas. A América Latina, por exemplo, tornou-se palco de golpes militares que determinaram o exílio a muitos artistas e líderes políticos na segunda metade do século XX. Júlio Cortázar, um dos inumeráveis escritores latino-americanos que protagonizaram a diáspora nesse período, discorre sobre esse “problema de infinitas facetas” (CORTÁZAR, 2001, p. 147) que é o exílio, em artigo produzido no ano de 1974, chamando a atenção não apenas para o exílio físico, que afasta o indivíduo do território de origem, mas também, para o exílio cultural, o qual proíbe o produtor literário de estar em contato com a cultura de seu país. Para o escritor, o exílio cultural é “insuportavelmente amargo” (CORTÁZAR, 2001, p. 151),

principalmente, para alguém que, como ele, “sempre escreveu como argentino e amou o argentino” (CORTÁZAR, 2001, p. 151). Apesar de lhe trazer recordações amargas, Cortázar revela que o exílio cultural não foi para ele um traumatismo negativo. Serviu para ajudá-lo a reagir e apoiar todas as formas inteligentes de combate. Discorrendo sobre a questão, o intelectual argentino afirma e apela:

Creio que mais que nunca é necessário transformar a negatividade do exílio – que confirma assim o triunfo do inimigo – em uma nova tomada de realidade, uma realidade baseada em valores e não em desvalores, uma realidade que o trabalho específico do escritor pode tornar positiva e eficaz, invertendo por completo o programa do adversário e tomando-lhe a dianteira de uma maneira que este não pode imaginar. (CORTÁZAR, 2001, p. 151).

[...] Inventemos, em vez de aceitar, os rótulos que nos pespegam. Definamo-nos contra o previsível, contra o que se espera convencionalmente de nós. (CORTÁZAR, 2001, p. 153).

Partindo de sua condição de desterrado, Cortázar define o escritor exilado como alguém que se sabe despojado de tudo que é seu: da família, dos amigos, do ritmo de vida, das caminhadas pela cidade, do perfume do ar e da cor do céu da terra natal. O reconhecimento desse despojo material e emocional, segundo o intelectual argentino, implica num espesso traumatismo que determina, em muitos casos, o ingresso de escritores numa penumbra intelectual e criadora que limita e empobrece e, às vezes, até mesmo aniquila totalmente suas produções. Nessa perspectiva, Cortázar assim define o exílio:

O exílio é a interrupção do contato de uma folhagem e de um enraizamento com o ar e com a terra conaturais, é como o brusco final de um amor, é como uma morte inconcebivelmente horrível porque é uma morte que se continua vivendo conscientemente. (CORTÁZAR, 2001, p.149).

Entre todos os tipos de exílio, Cortázar (2001) destaca o exílio interior, aquele que ocorre dentro do país de origem, como a mais penosa e traumática forma exiliar, posto que, nessa condição, o exilado é obrigado a conviver com todo tipo de opressão, censura e medo. Referindo-se, especificamente, a escritores exilados dentro da própria Argentina durante o período ditatorial, o escritor acrescenta que, ao largo dessa época, muitos jovens talentos, cujas primeiras obras tanto prometiam, foram neutralizados ou tiveram sua capacidade criadora desequilibrada. Nas suas palavras:

Entre 1955 e 1970, eu recebia uma grande quantidade de livros e manuscritos de autores argentinos estreados que me enchiam de esperança;

hoje nada sei deles, sobretudo daqueles que continuam na Argentina. E não se trata de um processo inevitável de seleção e dacantação generacional, mas sim de uma renúncia total ou parcial que abarca um número bem maior de escritores do que o previsível em condições normais. (CORTÁZAR, 2001, p. 150).

Também refletindo sobre o exílio interno, o qual classifica como “insílio”, e outras situações de exílio, como o “desexílio” –, a pesquisadora uruguaia Miriam Lidia Volpe (2003; 2005) realiza uma leitura sobre a vida e a obra (ensaística e ficcional) de Mario Benedetti, em seu estudo *Geografias do exílio*.

Partindo da “complexa semântica do exílio” (VOLPE, 2005, p.78), a pesquisadora chama a atenção para a diversidade de sinônimos (“expatriação”, “degredo”, “banimento”, “extradição”, “deportação” etc.) e conceitos (“expulsão da pátria”; “expatriação forçada ou voluntária”; “afastamento do convívio social” etc.) que giram em torno do vocábulo. Para ela, “todas as nuances do léxico do exílio denotariam a ambiguidade das leis e dos sentimentos humanos” (VOLPE, 2005, p.78). Citando Benedetti, corrobora a ideia da existência de outras formas de exílio, as quais, apesar de não constar no extenso domínio semântico do termo, representam, da mesma forma, “expulsões da vida plena”:

Há mais exílios, expulsões, sempre há mais: a doença, o analfabetismo, a fome, a inveja, a impotência. Todas são expulsões da vida plena. E, na província alheia, está a morte, que é o exílio final, o irreparável, o exílio para o qual nascemos. Talvez a menos traumática das expulsões que formam uma vida: o exílio no nada. (BENEDETTI apud VOLPE, 2005, p.78-79).

Tendo em vista essas primeiras considerações e outros estudos sobre o exílio feitos por vários estudiosos, Volpe (2003) aponta aspectos do exílio detectados na obra do escritor uruguaio. Em primeiro lugar, menciona a predominância do exílio em seu sentido formal e legal nos textos produzidos por Benedetti, isto é, o exílio “como fenômeno massivo inédito na América Latina, provocado pelas ditaduras do século passado e seus efeitos não só sobre os indivíduos, mas sobre as identidades nacionais e a cultura” (VOLPE, 2003, p. 48). Em segundo lugar, destaca “os aspectos positivos, até não intencionais, do exílio, que aparecem na obra do escritor uruguaio” (VOLPE, 2003, p. 48), que vão desde descrições de compaixão e caridade, correndo paralela à crueldade humana para com seus iguais ao desterrá-los, até relatos sobre hospitalidade com que alguns países recebem os exilados.

Além da acepção de exílio como afastamento da terra, em termos geográficos, Volpe (2005) considera relevante pensar o fenômeno a partir da perspectiva daqueles que não partem

e vivenciam, dentro do próprio país, outra espécie de exílio, o “exílio residencial” ou “insílio”. Na obra de Benedetti, diz Volpe, o insílio aparece experienciado pelos que foram encarcerados e destituídos de todos os seus direitos de cidadãos e pelos que foram forçados pelas ditaduras a adotar uma atitude passiva e uma semi-impotência que os destituiu de sua autonomia moral e de sua iniciativa psicológica (VOLPE, 2003, p. 48-49).

É importante registrar que para a construção dos apontamentos sobre o insílio, Volpe (2005) recorre aos estudos críticos de Paul Ilie (*Literature and inner exile*, 1980), Paul Tabori (*Anatomy of exile*, 1972) e Gloria Cunha-Giabbai (*El exilio, realidad y ficción*, 1992). A partir dessas reflexões, a autora propõe que o termo seja compreendido como uma forma de exílio vivido dentro do próprio país, cuja experiência torna o sujeito estrangeiro em sua terra e reflete quase as mesmas características que o exílio exterior, uma vez que também é capaz de promover alienação nos indivíduos, levando-os a uma vida paralela da qual não podem participar. “Esta alienação”, segundo Gloria Cunha-Giabbai (apud VOLPE, 2005, p. 17), “causa frustração porque impede uma realização plena. Os exilados interiores são também indivíduos nostálgicos que têm saudades da vida passada que reconhecem ter perdido”.

Baseada no estudo de Paul Ilie, Volpe (2005, p. 81) menciona situações de afastamento e marginalização que caracterizariam formas de insílio, a saber: migração forçada de uma região para outra, dentro das próprias fronteiras; repressão das minorias étnicas e linguísticas, com o propósito de forçar uma unidade na identidade da nação; dissimulação; clandestinidade causada pelo medo e repressão; e limitação do acesso a outros setores da vida nacional que implica a circunscrição do cidadão a uma só realidade.

Para a ensaísta, outras importantes formas de insílio que poderiam ser acrescentadas nas considerações de Paul Ilie seriam o ostracismo econômico, a marginalização, a corrupção e a prisão (VOLPE 2005, p. 81). Em todos os casos, como é possível notar, se tem sempre a ideia de uma ruptura dentro do próprio país e da própria cultura, reverberando nela a sensação de deslocamento físico e/ou psicológico.

Ainda sobre o insílio, torna-se necessário acrescentar que na língua portuguesa, o termo não aparece registrado em documentos de peso como o *Vocabulário Ortográfico Comum da CPLP* e nem em dicionários como o *Aurélio* ou *Houaiss*. Já no mundo hispanofalante, segundo Marisa Martínez Pérsico (apud LIMA, 2017), o vocábulo estaria registrado desde 1945, dando origem à palavra “isla”, isto é, ilha. Citando Pérsico, Lima (2017, p. 149) registra três possíveis acepções para o termo:

[...] insílio como i) ‘las situaciones donde las personas que debieron esconderse en su próprio país, para salvar sus vidas y las de sus hijos, atravesaron situaciones de exílio interno, exclusión y abandono dentro de su país, gerándose múltiples consecuencias’; ii) exílio em que se puede vivir una persona sin necesidad de abandonar la propia patria’; e, iii) ‘aquel *estar sin ser* dentro de la propia pátria, que a uno se le presenta enajenada, pero no enajenada, exclusivamente em lo socioeconómico sino em el sentido’. (PÉRSICO apud LIMA, 2017, p. 149).

Além da categoria insílio, Miriam Volpe destaca mais uma variante do exílio: o *desexílio* – desejo de se querer voltar à terra natal –, confirmando a presença e discussão do termo na obra do escritor Mario Benedetti. De acordo com Volpe (2005, p. 19): “O desexílio como regresso, sugerido pelo autor também como recomeço, será discutido a partir dos conceitos de reconstruir, recompor ou reparar, como aparece tematizado nos romances *Andamios* e *La borra del café*”.

Cunhada pelo próprio Benedetti, a palavra desexílio surgiu pela primeira vez no romance *Primavera com uma esquina rota*, publicado em junho de 1982, e foi “inventado” para atender a necessidade de designar o árduo regresso dos exilados. Segundo Benedetti, “quando o dicionário nos nega a palavra de que necesitamos, simplemente temos que inventá-la. Mais de uma vez pratiquei esse exercício verbal, mas nenhuma de minhas palavras inventadas tem tido tanto sucesso como *desexílio*”<sup>23</sup> (BENEDETTI, 1985, p. 09, itálico do autor).

O próprio Benedetti (apud LEMOS, 1997), ao refletir sobre o desexílio, assegura que o retorno à pátria, ocorre incompletamente, posto que “o desexilado se enfrenta com seu país pessoal, com o país próprio de antes, com o país próprio de agora” e, nesse embate, “mais que se enfrentar a um conglomerado social ou a um país oficioso, ele se dedica a buscar seus pontos de vista e pautas de referências pessoais”, concluindo que o seu país não se encontra do mesmo modo de quando partiu. Os versos do poema “Aquí lejos” sugerem as dificuldades do retorno do escritor a um Uruguai que ele mantinha em seus sonhos e utopias:

[...]  
 Tenho sido em tantas terras estrangeiro  
 e agora que estou finalmente aqui  
 há nuvens entre o sol e os presságios

[...]

---

<sup>23</sup> No original: “[...] cuando el diccionario niega la insustituible palabra que necesitamos, sencillamente hay que inventarla.[...] Más de una vez he praticado ese ejercicio verbal, pero ninguna de mis palabras inventadas há tenido tan buena fortuna como *desexilio*”.

Por que me sinto um pouco estranho  
 e/ou estrangeiro (em francês são sinônimos)  
 neste país que é meu/nosso? <sup>24</sup>  
 (BENEDETTI, 1994, p. 18).

Na conclusão de seu ensaio, Volpe assim explica as situações de exílio, de insílio e de desexílio, na vida e obra de Benedetti:

Nas geografias do escritor país *frontería* [sic], parece haver uma única maneira de se viver na fronteira: como estrangeiro, como estrangeiro em casa, ou como em casa de estrangeiros, pois ‘estrangeiridade’ se transformou na única casa possível. Uma casa que parece ser predestinada para o criador, pois o exílio não faz mais do que acrescentar mais uma dimensão, ou um avatar, ao que já seria seu estado natural e exclusivo. A condição fundamental da literatura, a condição autêntica de qualquer escritor seria uma forma de exílio, de ruptura, de auto-proscrição. Enquanto a crisálida da criação se libera dentro do artista, ele já estaria no limiar do exílio. O exílio estaria dentro dele antes de lhe ser imposto e passaria a revelar-se logo que começa sua migração e se estende sua busca. (VOLPE, 2005, p. 149, grifo da autora).

Por fim, as definições expostas até aqui conduzem a identificar o exílio como fenômeno inevitavelmente vinculado à pátria, da qual se é arrancado (ou na qual se torna estrangeiro, como no caso do insílio) e posto a experimentar, forçada ou voluntariamente, diversas intempéries. Embora, em algumas situações sejam apontados aspectos positivos, Said adverte (2003, p. 46): “As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre”. Nesse sentido, o exílio não só abarca o deslocamento, ou seja, o ato físico de afastar-se. Abrange conotações de dor, sofrimento, marginalização, fratura de um projeto de vida e perda de controle sobre o próprio destino.

---

<sup>24</sup> Versão original:

[...] He sido em tantas tierras extranjero  
 Y ahora que por fin estoy aqui  
 Hay nubes entre el sol y los presagios  
 [...]  
 Por qué me siento um poco extraño  
 y/o extranjero (em francés son sinónimos)  
 em este espacio que es mio y nuestro?

### 1.3 MULHER, DIÁSPORA, EXÍLIO (E OUTROS DESLOCAMENTOS)

Eu sou um corpo  
 Um ser  
 Um corpo só  
 Tem cor, tem corte  
 E a história do meu lugar  
 Eu sou a minha própria embarcação  
 Sou minha própria sorte  
 E Je suis ici, ainda que não queiram não  
 Je suis ici, ainda que eu não queira mais  
 Je suis ici agora.  
 (Luedji Luna)

Os debates em torno da diáspora e do exílio têm se tornado cada vez mais frequentes no atual cenário mundial. O interesse pelo estudo empírico e teórico desses e de outros tipos de deslocamentos cresceu, principalmente, após o rápido aumento dos movimentos populacionais em massa por todo o mundo desde a década de oitenta. Impulsionados por fatores diversos – desigualdades econômicas dentro e entre as regiões, desejo de buscar oportunidades que possam melhorar seus meios de vida, guerras, fome, repressão política e religiosa, dentre outros –, tais movimentos têm tomado lugar nas mais distintas direções e têm invertido posições, isto é, têm tornado áreas de emigração em áreas de imigração, conforme assinala Avtar Brah (2005):

O volume de imigração tem crescido para a Austrália, América do Norte e Europa Ocidental. Da mesma forma, movimentos populacionais em larga escala têm tomado lugar dentro e entre países do “Sul”. Mais recentemente, eventos na Europa Oriental e na antiga União Soviética tem impulsionado movimentos em massa de pessoas. Algumas regiões anteriormente conhecidas como áreas de emigração são agora consideradas áreas de imigração. (BRAH, 2005, p.).

A intensificação do fluxo migratório aventada por Brah tornou-se um desafio que o mundo contemporâneo ainda não sabe enfrentar. Episódios recentes, como o drama das pessoas que se deslocaram de seus países fugindo de perseguições políticas e guerras, bem como a legalização de decretos anti-imigração propostas por alguns países, repercutem na mídia mundial e vêm causando consternação e protestos em prol dos deslocados. Nos Estados Unidos, por exemplo, muitas foram as manifestações contrárias à medida apresentada por Donald Trump, em meados de 2018, que limita e restringe a entrada nos Estados Unidos de

cidadãos de sete países (Coreia do Norte, Iêmen, Irã, Líbia, Síria, Somália e Venezuela). “Sem veto, sem muro” foram palavras de ordem emitidas pelos manifestantes nos aeroportos estadunidenses, locais onde ocorreu grande parte dos protestos. Entretanto, nada mais impactou a população mundial que o caso Alan Kurd, menino sírio de três anos que morreu afogado após naufrágio, no ano de 2015, enquanto tentava fugir de seu país, juntamente com familiares. As imagens de seu corpo percorreram o mundo e se tornaram símbolo da crise migratória que já matou milhares de pessoas do Oriente Médio e da África.

Nesse cenário de novas mobilidades, merecem destaque a percepção e a comprovação do crescente segmento de migração da mulher em todas as regiões e em todos os tipos de migrações: “Movimentos temporários e permanentes estão se globalizando, acelerando, diversificando e feminilizando”<sup>25</sup> (KOFMAN et al, 2000, p. 01 ). Para designar essa maior visibilidade das mulheres nos fluxos migratórios, estudiosos, como Avtar Brah (2005), usam a expressão “feminização da migração” e reconhecem o processo como um grande propulsor para criação de novas diásporas e novos exílios.

A recente investigação em torno dessa agenda confirma que durante muito tempo os dados relativos aos movimentos migratórios, assim como os estudos das populações e as políticas públicas desenvolvidas, importavam-se essencialmente com o masculino, não havendo sequer documentação que confirmasse a presença da mulher imigrante. Dimitrov & Machado (2017) comprovam a invisibilidade da imigração feminina através da consulta de arquivos no Museu da Imigração em São Paulo. Ao analisarem um passaporte italiano datado de 1923, as pesquisadoras atentam para o fato de o documento não ser individual, conforme os atuais, mas familiar, com registro do homem como “Chefe” e os demais membros da família correlacionados à sua posição. Esse procedimento protocolar, como acrescentam as pesquisadoras, prevaleceu mesmo após a extinção do passaporte familiar, ocasionando uma “narrativa da migração feita inteiramente sob a perspectiva masculina” (DIMITROV & MACHADO, 2017, p. 02).

Apesar da comprovada invisibilidade, não há como desconsiderar que o movimento populacional pelo mundo sempre envolveu em maior ou menor grau a participação das mulheres. Considerando a questão, a historiadora francesa Sylvie Aprile (2008) argumenta sobre a necessidade de dar um lugar especial às mulheres deslocadas e identifica três principais tipos de exílio feminino, a partir da observação de múltiplas trajetórias individuais, a exemplo dos itinerários exílicos da escritora Germaine de Staël:

---

<sup>25</sup> No original: “Temporary and permanent movements are globalizing, accelerating, diversifying and feminizing”.

O primeiro é o da esposa, a “mulher que permanece”, mas que não é passiva, assumindo parte do papel do homem e compartilhando a vergonha que rodeia o exílio. É ela quem, como Lise Perdiguier, esposa do proscrito Agricol Perdiguier, garante a sobrevivência financeira da família e administra o patrimônio remoto e o compromisso econômico e político. A segunda figura feminina que emerge é a da “seguidora”, segundo o termo usado por Nancy Green, cujo papel é também reavaliar a estruturação e manutenção de redes familiares e, aqui, políticas. Por último, é o da exilada propriamente dita, emigrante por direito próprio, condenada ou proscrita voluntariamente, sozinha como migrante solteira. Esta figura é ampliada por algumas personalidades emblemáticas, mas como as seguidoras, são frequentemente citadas, mas invisíveis em sua luta<sup>26</sup>. (APRILE, 2008, p. 27-28, destaques da autora).

Para Aprile (2008), as três figuras, além de fornecerem uma oportunidade para se repensar a importância política da migração feminina, possibilitam questionar categorias como fronteiras e convidam a multiplicar os olhares e, portanto, as fontes, promovendo a reflexão de que o exílio, assim como outras formas de deslocamento, não pode ser considerado como algo que envolve exclusivamente a figura masculina.

Corroborando o pensamento de Aprile (2008), Elisabeth Pereira (2006) aponta que mulher e migração são categorias, há muito, interligadas. A migração masculina, especifica E. Pereira, repercutiu fortemente na vida da mulher. Ficando sozinha no país de origem, ela não apenas assumia as responsabilidades de criar e educar os filhos, como passava a desempenhar atividades externas, para aliviar o peso das despesas domésticas, já que as remessas enviadas pelo marido nem sempre eram suficientes ou regulares.

Para E. Pereira (2006), a tão prolongada negligência do estudo sobre as mulheres migrantes está associada ao fato de as teorias migratórias se basearem num modelo de migração essencialmente laboral e centrado no homem, enquanto a mulher é considerada como inativa e dependente daquele. Baseado na migração que ocorreu na Europa após a Segunda Guerra, esse padrão permaneceu com mais força até a década de 1970. Nele, “o migrante era o homem aventureiro que partia à procura de novas e melhores oportunidades numa outra região ou país e ao qual se juntava mais tarde a mulher e os filhos ou então que

---

<sup>26</sup> No original: La première est celle de l'épouse, la « femme qui reste » mais qui n'est pas passive, assumant en partie Le rôle de l'homme et partageant l'opprobre qui entoure l'exilé. C'est elle qui, comme Lise Perdiguier, femme du proscrit Agricol Perdiguier, assure la survie financière de la famille et gère à distance patrimoine économique et engagement politique. La deuxième figure féminine qui se dégage est celle de la « suiveuse », selon le terme employé par Nancy Green, dont le rôle est également à réévaluer dans la structuration et le maintien des réseaux familiaux et, ici, politiques. La dernière est celle de l'exilée proprement dite, émigrante à part entière, condamnée ou proscrite volontaire partant seule comme les migrantes célibataires. Cette figure est magnifiée par quelques personnalités emblématiques mais, comme les suiveuses, elles sont souvent citées, mais invisibles dans leur combat. (APRILE, 2008, p. 27-28).

retornava a casa dando amostras de sucesso” (E. PEREIRA, 2006, p. 90). De acordo com a pesquisadora, embora a imigração tenha assumido contornos femininos nas últimas décadas do século XX, o padrão migratório europeu não perdeu a sua importância e, por isso, continua a determinar o estudo das migrações transnacionais.

A redução do movimento de migração a este modelo traz consequências para a mulher, segundo E. Pereira (2006). Por um lado, o papel econômico feminino é considerado sem relevância. Por outro, sua trajetória em direção ao projeto migratório do marido é visto unicamente como forma de reunificação familiar. Além disso, despreza a presença das mulheres nesta migração laboral e invisibiliza as que partem, independentes, em busca de trabalho:

Naturalmente que durante o período da migração laboral em massa, a mão-de-obra recrutada correspondia às necessidades de setores-chave da reconstrução europeia e do desenvolvimento econômico, como sejam as indústrias transformadoras e da construção, para os quais a mão-de-obra masculina parecia mais adequada. Não pode, no entanto, descurar-se a presença das mulheres nesta migração laboral. Com efeito, na Europa do pós-guerra verificou-se a procura de mão-de-obra por parte de determinados setores tradicionalmente considerados femininos como a enfermagem, o trabalho doméstico, o ensino, etc. (E. PEREIRA, 2006, p. 91).

Na mesma direção de Elisabeth Pereira, a pesquisadora Gláucia de Oliveira Assis (2007) explica que, independentemente de as mulheres terem sido participantes nos processos migratórios, elas não se encontravam presentes nas análises empíricas e nos escritos produzidos, até a década de setenta, porque muitos teóricos se baseavam em teorias clássicas de migração, considerando o “pressuposto de que os homens eram mais aptos a correr riscos, enquanto as mulheres eram as guardiãs da comunidade e da estabilidade” (ASSIS, 2007, p. 749). Essa imagem, segundo Assis, colocava a migração como resultado de um cálculo racional e individual e relegava as mulheres a um lugar secundário, sem reconhecer o seu trabalho como imigrantes.

Além do fator econômico, Assis (2007) registra outro conjunto de motivações que impactam na seletividade da migração da mulher contemporânea, a saber: “a transgressão dos limites sexuais impostos pela sociedade, os problemas conjugais e a violência física, a impossibilidade de divórcio, os casamentos infelizes e desfeitos, a discriminação contra grupos femininos específicos e a ausência de oportunidades” (ASSIS, 2007, p. 751). Considerando esses fatores, percebe-se que as mulheres migram não apenas por razões de ordem econômica, mas também como fuga, rompimento com sociedades discriminatórias, nas

quais se sentem oprimidas e /ou subalternizadas. Além disso, pode-se concluir que, nos fluxos contemporâneos, elas tendem a migrar sozinhas, em busca de autonomia, contrariando, desse modo, o modelo clássico de migração, o qual descreve as mulheres como acompanhantes ou como aquelas que esperam os homens, sejam maridos ou filhos.

Traçando uma abordagem investigativa no contexto africano, Nancy Curado Tolentino (2009, p. 09) afirma que a feminização da migração em África, assim como ocorre no resto do mundo, é um aspecto a destacar devido a sua considerável ampliação nas últimas décadas. Em números, a autora registra que a participação das africanas nos fluxos migratórios evoluiu de 42,3 % em 1965 para 47,4% em 2005. Quanto às migrações internacionais, Tolentino (2009) aponta que as mulheres da África migram mais do que as asiáticas, (44,7%), mas em menor número que as europeias (53,4%), norte-americanas (50,4%) e latino-americanas (50,3%). Para a pesquisadora, a intensificação generalizada pode ser reflexo da maior acessibilidade da mulher à educação, da maior participação desta nas atividades econômicas fora do agregado familiar, do seu crescente empreendedorismo, “assim como do aumento do tráfico de mulheres – embora este seja um fator de difícil quantificação” (TOLENTINO, 2009, p. 09-10).

Ressalte-se que a feminização da migração em África é especialmente notável em Cabo Verde. Isso, porque as mulheres cabo-verdianas foram as precursoras de toda uma imigração para Itália que ocorreria a partir dos anos 80, período que o país “se integrou no sistema internacional de troca de trabalho, na sua vertente de importador de força de trabalho e já não na tradicional dinâmica exportadora de mão-de-obra” (GÓIS, 2006, p. 300). Além do mais, conforme aponta Pedro Góis (2006), o fluxo migratório de Cabo Verde para a Itália precedeu ou foi contemporâneo de outras migrações do arquipélago para a Europa. Diante dessa conjuntura, Góis (2006, p. 292) pondera: “[...] devemos encarar as imigrantes cabo-verdianas para a Itália como uma das mais antigas comunidades imigrantes neste país, como uma das comunidades imigrantes pioneiras”. Essa migração destaca-se ainda por iniciar, desde a década de 60, a tendência emergente das migrações internacionais que confere à mulher um papel nuclear, contrariando as tradicionais lógicas da emigração.

Estudos assinalam que a saída feminina do arquipélago iniciou-se de forma maciça em meados da década de 60, começando com a Itália e depois se propagando para outros países europeus como a Holanda, França e Portugal (LOBO, 2006; GÓIS, 2006; GRASSI, 2007; RODRIGUES & MAISONAVE, 2013). De acordo com Andréa Lobo (2006), as primeiras emigrantes para a Itália de que se tem notícia são provenientes da Ilha do Sal e foram levadas por funcionários da empresa aérea Alitalia para trabalharem como empregadas

domésticas, ainda em 1957. O fluxo, entretanto, se deu no ano de 1963, quando moças cabo-verdianas que frequentavam o Seminário de São Nicolau foram incentivadas pelos frades capuchinhos italianos a deixar o país em busca de trabalho no exterior, mais precisamente para trabalhar como empregadas domésticas<sup>27</sup> em casas de família da média burguesia italiana. Essas primeiras emigrantes, por sua vez, a partir de uma lógica de proximidade social, favoreceram a entrada de irmãs, primas e amigas no território italiano, dando início a uma rede de mulheres ligadas por parentesco ou laços de amizade (LOBO, 2006, p. 103).

O que se pode observar desse contexto é que, progressivamente, o canal de migração por meio da igreja católica foi substituído por uma migração em cadeia, ou melhor, por uma comunidade com estrutura própria, onde as cabo-verdianas na Itália chamavam para perto de si suas conterrâneas (GÓIS, 2006). Além de apresentar uma certa autonomia face à igreja, essa cadeia migratória passa a se estruturar “num sistema de entre-ajuda, quase exclusivamente entre mulheres, sistema esse que permanece ainda hoje e permitiu o alimentar de uma corrente migratória o longo de quatro décadas” (GÓIS, 2006, p. 300).

Decerto, seja na África ou noutro continente, essas novas formas de deslocamento criam novas diásporas, novos exílios. Inserida em tais experiências, a mulher tem sua identidade reelaborada, mas, geralmente, não se esquece de sua origem, nem abre mão do seu passado, posto que sua história a integra, conforme fazem questão de lembrar os versos da canção de Luedji Luna, reproduzidos na epígrafe desse subcapítulo e aqui retomados: “Eu sou um corpo/ Um ser/ Um corpo só/ Tem cor, tem corte/ E a história do meu lugar”.

Trazendo a discussão dos deslocamentos para o âmbito da literatura, Sandra Regina Goulart Almeida (2008) observa, na contemporaneidade, um número crescente de obras escritas por mulheres que enfocam personagens, sobretudo femininas, em deslocamentos, habitando “espaços de movência”, “territórios liminares” (ALMEIDA, 2008). Nesse contexto, afirma a estudiosa, ganha destaque a questão das identidades de gênero que se tornam, num mundo globalizado, um processo em fluxo e não estável e preciso. Em constante mobilidade, as identidades “afetam e são afetadas pelos movimentos transnacionais e, por sua vez, modificam os sujeitos que se movem através de fronteiras, bem como aqueles que se encontram enraizados” (ALMEIDA, 2008, p. 12). Por esse viés, como explica Almeida, torna-se possível falar em identidades híbridas que definem os sujeitos, mormente femininos, em movimentos constantes, sem restringi-los a uma identidade nacional ou subjetividade individual. Detentores de uma “cidadania transitória” (ALMEIDA, 2008, p. 12), esses sujeitos

---

<sup>27</sup> Segundo Pedro Góis (2006, p. 295), as emigrantes cabo-verdianas que desempenham atividades domésticas são conhecidas na Itália como “Colf” (Collaboratrice familiare).

refletem seu posicionamento tanto em relação a um contexto espacial, específico, local, quanto transnacional. Assim, a experiência do deslocamento se torna uma realidade intelectual e não apenas uma condição histórica. Tratando-se das “escrituras migrantes” de autoria feminina, Almeida afirma que “a mobilidade cultural muitas vezes não é somente parte do mundo ficcional descrito pelas autoras, mas também do papel ativo que assumem como intelectuais contemporâneas, muitas vezes como intelectuais de uma nova diáspora” (ALMEIDA, 2008, p. 12).

Nesse sentido, parafraseando Mario Benedetti (1985), a mulher escritora que se encontra desgarrada de sua terra e de seu céu, de suas coisas e de sua gente não é só mais uma pessoa que escreve sobre a diáspora, sobre o exílio ou sobre qualquer outra forma de deslocamento, mas uma deslocada que, além disso, escreve. Assim, abordando os vários fenômenos que levam à dispersão, a produtora literária não só reflete sobre a formação de novas identidades, como também pondera sobre o espaço da diáspora, problematizando a relação desse espaço com a terra natal (e todos os termos a ela relacionados – lar, morada, casa, pátria) e com os sujeitos, sejam eles integrantes dos deslocamentos ou não.

O espaço da diáspora assim pensado harmoniza-se com o conceito de “diaspora space” (espaço diaspórico) proposto por Avtar Brah (2005), ou seja, espaço que irrompe da interseccionalidade de algumas categorias (como diáspora e (des)localização) e da confluência de processos econômicos, políticos, culturais e psicológicos, abarcando não só os que migram e seus descendentes, mas aqueles que, apesar de não experienciarem o deslocamento, são igualmente por ele afetados. Nessa perspectiva, para a autora, o espaço diaspórico:

É onde múltiplas posições de sujeito são justapostas, contestadas, proclamadas ou desautorizadas; onde o permitido e o proibido se questionam perpetuamente e onde o aceitável e a imperceptibilidade transgressiva se misturam até o ponto em que estas formas sincréticas podem ser rejeitadas em nome da pureza e da tradição. Aqui, a própria tradição é continuamente inventada, mesmo que possa ser saudada como originária das brumas do tempo. O que está em jogo é a experencialidade infinita, os processos miríades de fissura e fusão cultural que sustentam as formas contemporâneas de identidades culturais <sup>28</sup>. (BRAH, 2005, p. 208).

---

<sup>28</sup> Texto original: It is where multiple subject positions are juxtaposed, contested, proclaimed or disavowed; where the permitted and the prohibited perpetually interrogate; and where the accepted and the transgressive imperceptibly mingle even while these syncretic forms may be disclaimed in the name of purity and tradition. Here, tradition is itself continually invented even as it may be hailed as originating from the mists of time. What is at stake is the infinite experientiality, the miryad processes of cultural fissure and fusion that underwrite contemporary forms of transcultural identities.

A experiência da diáspora e do exílio, conforme discutido anteriormente, aparece com frequência na ficção das escritoras africanas de língua portuguesa, desde o período colonial. Com ênfase, primordialmente, na experiência diaspórica ou exílica da mulher, estas autoras registram as mais diversas situações, como, por exemplo, a dor de deixar a terra de origem, o desconforto do estrangeiro e, algumas vezes, a dolorosa obsessão do retorno. Ora como uma espécie de justificativa, ora como uma espécie de apelo, ou mesmo desabafo, documentam os detalhes da partida e as razões que levam os filhos da terra a deixar para trás seus países, mesmo sabendo das dificuldades que enfrentarão em terra estrangeira. Sobre essas questões os três últimos capítulos da pesquisa tratam, durante a abordagem das obras selecionadas para composição do *corpus* de análise.

## II CONSIDERANDO A MARGEM

“[...] me vi caminhando com extrema rapidez por um gramado. Imediatamente, um vulto de homem ergueu-se para interceptar-me. Nem percebi, a princípio, que os gestos daquela aparência curiosa, de fraque e camisa engomada, eram dirigidos a mim. Seu rosto revelava horror e indignação. Mais o instinto que a razão veio em meu auxílio: ele era um bedel; eu era uma mulher. Aqui era o gramado; a trilha era lá. Somente os *fellows* e os estudantes têm permissão de estar aqui: meu lugar é no cascalho” (WOOLF, 2004, p. 10).

### 2.1 A PRODUÇÃO TEMPORÃ DA LITERATURA ESCRITA POR MULHERES EM ÁFRICA: UM PERCURSO CRÍTICO E HISTORIOGRÁFICO

Pensar a mulher na literatura conduz a pensar as práticas sociais nas quais ela está inserida, caminho que leva, incondicionalmente, à observação das diversas etapas históricas ocorridas na vida em sociedade, considerando as transformações mentais e atitudinais, ocasionadas pelo progresso científico e tecnológico, como também por movimentos filosóficos e sociopolíticos originados com o intuito de reagir à marginalidade e à “excentricidade” de sujeitos silenciados, aqui retomando Linda Hutcheon (1991). Dessa maneira, a trajetória histórica feminina não pode ser entendida como uma sobreposição de acontecimentos temporais, mas como a forma pela qual a sociedade condiciona maneiras e formas de existência política, econômica e cultural.

Na formação das sociedades, tornou-se comum verificar discursos e marcas determinantes e reguladoras da natureza, existência e comportamentos femininos. Persistente em muitos espaços, essa cultura fundada em binarismos e oposições propicia o desterro da mulher à margem, privando-a da educação, relegando-a a uma posição inferior ao homem que a considera incapaz para as lides da política e da cultura, excluindo-a destas esferas, de modo que, por essa via, a produção artística e intelectual passa a ser definida e defendida como um privilégio masculino.

Não são, assim, tão raras as histórias de mulheres que tiveram suas produções ofuscadas, seja pelos inúmeros obstáculos impostos pelo sujeito dominante da cultura, no caso, o sujeito masculino, seja porque tiveram sua obra integrada a trabalho de outros, como maridos e/ou irmãos. Na música, por exemplo, Clara Wieck (1819-1896), compositora e

pianista alemã, apesar de desenvolver importante carreira pianística, teve seus trabalhos incorporados à obra do marido Robert Schuman (DUARTE, C., 1997). Nas artes plásticas, conhecido é o caso de Camille Claudel (1864- 1943), jovem escultora que acusou seu amante Rodin de apropriar-se de alguns de seus trabalhos e de expô-los como obra sua. A acusação culminou em sua internação num hospital psiquiátrico, onde permaneceu até a morte. Casos como esses são representativos das dificuldades que mulheres artistas sofreram ao tentarem impor-se num espaço social que se recusava a aceitar a concorrência feminina, em qualquer de seus domínios (DUARTE, C., 1997).

No caso da literatura, a exclusão histórica da autoria feminina acontece em todos os espaços literários nos quais há predominantemente a prevalência de vozes masculinas, pois, conforme observa Laura Padilha (1997), os textos se submetem aos mesmos aparatos de dominação impostos pelas ideologias dominantes.

Inúmeros, por isso, são os exemplos de escritoras que utilizaram pseudônimos, femininos ou masculinos, como forma de driblar o violento controle social e a ditadura de conservadorismo do cânone que empurra a mulher – e não só elas, como também as demais minorias – e sua produção literária para um abissal silêncio e esquecimento.

Recorrentes também são as histórias de escritoras que tiveram seus manuscritos queimados, como a poetisa portuguesa Maria Felicidade do Couto Browne (1797-1861?), ou foram obrigadas a renunciar ao mundo das letras, conforme aconteceu com a poetisa e intelectual mexicana Juana Inés de la Cruz (1651- 1695). Sórora Juana, como era mais conhecida esta última, decidiu ser freira para alcançar seus projetos pessoais, isto é, estudar. Com acesso às letras, produziu poemas e dramas com tanta eficiência que acabou por despertar inveja nos seus superiores eclesiais os quais lhe vetaram o ato de escrever, obrigando-a a abandonar sua carreira artística e intelectual em favor do recolhimento que a religião impunha.

Um recuo maior no tempo, ao medievo, por exemplo, em busca da presença feminina no mundo da escrita, certamente fará eclodir outros nomes, claro que com menor frequência (visto que, quanto mais remoto o tempo, mais rebatida a ideia de instrução feminina, aparato fundamental para a realização desta atividade), mas com a mesma disposição para a instrução e a escrita, num flagrante desafio à ordem que os restringia à esfera privada. Christine de Pizan (1364-1429) era uma delas. A instrução granjeou para ela o título de primeira escritora profissional que se conhece na história da Europa, atividade que usou também para criticar a misoginia no meio literário, como também para defender a causa das mulheres, argumentando sobre a necessidade de uma educação igualitária tanto para homens quanto para mulheres.

Dentre essas, bem diferente e mais tortuosa foi e continua sendo a jornada de Mukhtar Mai, jovem paquistanesa que ganhou visibilidade na mídia internacional, por se recusar a calar-se, após ter sido condenada a um estupro coletivo pelo crime de seu irmão, no ano de 2002. Sua reação não foi o suicídio, como é de costume ocorrer nessas ocasiões, mas o pontapé para o início de um processo de resistência, denúncia e luta pelos direitos das mulheres em seu país. Sendo analfabeta, visto que lhe foi negada a instrução, fio condutor para a autonomia e para a subjetividade necessária à criação, Mai com a colaboração da jornalista francesa Marie-Thérèse Cuny produziu o livro *Desonrada* (2007), no qual relata a vida de sacrifícios e servidão da mulher paquistanesa, muitas vezes obrigada a viver uma vida sem história própria.

A estas poderiam ser somadas inúmeras outras histórias que registram a presença feminina na literatura e testemunham as dificuldades e as tentativas das mulheres para serem consideradas escritoras. Salvo o caso de Mukhtar Mai, as demais referências dadas tratam de mulheres abastadas e/ou com instrução. Comumente, consoante chama a atenção Constância Lima Duarte, “Nem se cogita de mulheres do povo porque é sabido que estas não teriam menor chance de se tornar escritoras, por maior que fosse sua vocação” (DUARTE, C., 1997, p. 55). Isso vem a corroborar o pensamento de Virgínia Woolf (2004, p. 08) ao afirmar que “a mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu se pretende mesmo escrever ficção”.

Não há como desconsiderar que a ação de desocultamento da mulher operada pelo movimento de base feminista propiciou notoriedade à literatura escrita por mulheres que, desde então, em ritmo progressivo, contrapôs-se ao cânone, questionando a exclusão da mulher neste segmento e ressignificando seu papel.

A África não se abstém desse processo de enfrentamento, “apesar de todas as condicionantes históricas que o tornam mais lento” (MATA & PADILHA, 2007, p. 13). Segundo Mata & Padilha (2007), valendo-se do modelo dos movimentos feministas ocidentais, as mulheres africanas também vêm lutando na intenção de conseguir espaço na literatura.

Tratando-se de modo específico dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), que desde a descolonização reivindicam o acesso à legitimidade e à existência literárias, é possível verificar que a literatura de mulheres tem ganhado novos nomes, apesar das dificuldades encontradas para se publicar nestes espaços, principalmente quando se é mulher, conforme frisa a escritora moçambicana Amélia Matavele<sup>29</sup>: “É mais fácil acreditar

---

<sup>29</sup> A autora é mais conhecida em Moçambique por *Pré-Destinada*. Seu livro de poemas *Xitshuketa*, editado pelo Círculo de Escritores Moçambicanos na Diáspora (CEMD), resulta do concurso literário “Rio dos bons sinais”

num jovem escritor homem do que numa jovem escritora mulher, apesar de que para os dois há uma grande dificuldade em lançar um livro” (MATAVELE apud CARLOS, 2013)<sup>30</sup>. É sua também esta outra manifestação: “A primeira vez que fui com um livro para uma instituição, para pedir apoio, a primeira impressão que me foi dada foi de que eu estaria emocionada, que aquilo não passaria de uma brincadeira. Isso desmotiva” (MATAVELE apud CARLOS, 2013).

O discurso de Matavele, povoado de desabafo, ressalta os complexos critérios de seleção utilizados pelos editores e confirma que a literatura africana ainda continua excludente. Permite ainda verificar que, por detrás das incontestáveis conquistas em diversas áreas da vida social, ainda persistem “marcas da milenar opressão feminina, ainda que tais marcas apareçam diluídas em práticas aparentemente ingênuas e corriqueiras, assimiladas como ‘naturais’” (ZOLIN, 2007, p.55).

A constatação desta exclusão, não só no cânone literário, como também nas demais esferas sociais, em relação aos países africanos de língua portuguesa, causa ainda mais desconforto, considerando que nestes espaços a mulher, além de se destacar “como principal elemento de sustentação da estrutura social, força aglutinadora por excelência de uma construção simbólica marcada pela matrilinearidade” (PADILHA, 1997, p. 65), teve um papel de grande relevância nas campanhas e lutas de libertação de seus países, como força organizadora de resistência, como é o caso da santomense Alda do Espírito Santo, “cuja ação de denúncia e oposição implacável ao colonialismo conjugou-se a uma poesia de intervenção social” (MACÊDO, 2003, p. 155) e da moçambicana Noêmia de Sousa, outra figura exponencial das literaturas dos PALOP, justamente por denunciar em sua poesia a situação colonial desde o final dos anos 40, dando voz aos oprimidos.

O aparente desconhecimento, ou alijamento mesmo, da produção literária de autoria feminina em documentos que tentam dar conta das literaturas africanas vem motivando pesquisadores que se debruçam nesta área a fim de tentarem suprir a imperdoável falta da escritora africana no cenário literário e mundial. A questão tem sido combatida não só por estudiosos, mas pelas próprias produtoras de literatura como Buchi Emecheta (1988) ou, ainda, para citar mais um exemplo, Ama Ata Aidoo que, em seu artigo “To be an african woman writer – an overview and a detail” (1988), apresentado na Segunda Conferência de

---

lançado em 2012, cujos resultados conhecidos em março de 2013 ditaram a vitória da moçambicana e dos portugueses Samuel Pimenta e Luiza Demétrios. Cf. <<http://www.folhademaputo.co.mz/pt/noticias/vida-e-lazer/pre-destinada-estreia-se-com-xitshuketa/>>.

<sup>30</sup> A notícia que traz as considerações de Amélia Matavele foi consultada na *internet*. Por isso, quando a citar, será registrado apenas o ano de publicação, sem a indicação da página.

Escritores Africanos, em Estocolmo, revela indignação diante da invisibilidade da mulher escritora e sua produção. Ao tratar do desprezo dado ao trabalho literário feminino por críticos literários, Aidoo questiona: “Por que deveria ser ‘natural’ esquecer que algumas mulheres africanas têm escrito e publicado há tanto tempo quanto alguns escritores africanos?”<sup>31</sup> (AIDOO, 1988, p. 159). O fato é que, como bem reforça a escritora ganense no mesmo artigo, não mencionar a existência de autoras tornou-se uma prática comum entre as pessoas que se interessam pelas literaturas africanas (AIDOO, 1988).

A fim de registrar a presença de autoras e constatar as ausências inadmissíveis hoje, quando a escritora africana conquista espaços inimagináveis, esta pesquisa elegeu alguns documentos para análise, a saber: *Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa* (1980), produzido por Alfredo Margarido; *Sonha Mamana África* (1987), de autoria de Cremilda de Araújo Medina; e, ainda, dois dicionários temáticos, o *Dicionário de autores de literaturas africanas de língua portuguesa* (1997), organizado por Aldónio Gomes e Fernanda Cavacas e o *Dicionário temático da lusofonia* (2005), dirigido e coordenado por Fernando Cristóvão.

Antes, porém, destaque-se que percurso semelhante já foi feito por outros estudiosos, como Laura Cavalcante Padilha e Maria Nazareth Soares Fonseca, só que em antologias e periódicos, cujas análises, publicadas em revistas e livros individuais, serão aqui retomadas por duas razões: primeiro, pelo reconhecimento, importância e pioneirismo do estudo; segundo, por investigar documentos (de difícil acesso, devido à falta de reedições) que apontam os limites cronológicos e históricos das literaturas africanas de língua portuguesa, desde o período colonial até a pós-independência.

Em “Bordejando a margem (escrita feminina, cânone africano e encenação de diferenças)”<sup>32</sup>, Laura Padilha elenca o que chama de “instrumentos culturais”, isto é, revistas, jornais, boletins e antologias, publicados entre os fins dos anos 1940 aos de 1970, para dimensionar o silenciamento e a exclusão de produções assinadas por mulheres.

---

<sup>31</sup> No original: “Why should it be ‘natural’ to forget that some african women had been writing and publishing for as long as some african men writers?” (AIDOO, 1988, p. 159).

<sup>32</sup> Artigo publicado na revista **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 08, n. 15, 2004, e no livro *A mulher em África – Vozes de uma margem sempre presente* (2007), organizado por Inocência Mata e pela própria Laura Padilha. Dialoga, ainda, com outros artigos publicados no livro *Novos pactos, outras ficções: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras* (2002), também de autoria de Padilha.

Começando pelas antologias, a estudiosa referencia: *No reino de Caliban*<sup>33</sup>, organizada por Manuel Ferreira (1975, 1976 e 1988); a *Antologia temática de poesia africana*<sup>34</sup>, cujo organizador foi Mário Pinto de Andrade; a coletânea *Poesia negra de expressão portuguesa*<sup>35</sup>, assinada pelo mesmo Mário em parceria com Francisco José Tenreiro (1953); os dois volumes de *Antologias de poesia CEI – 1951/1963*<sup>36</sup>, editadas pela Associação Casa dos Estudantes do Império (ACEI), em 1994; e a coletânea *50 poetas africanos* (1989), elaborada também pelo já citado Manuel Ferreira. Padilha explica que pela importância do material contido e pelo fato de atender, de modo mais direto, à cronicidade da pesquisa, as *Antologias de poesia da CEI*, juntamente com *Poesia negra de expressão portuguesa* e *50 poetas africanos* constituíram-se sua principal fonte de trabalho. No entanto, a estudiosa enfoca no artigo de forma mais detida as antologias editadas pela ACEI e a coletânea *50 poetas africanos*. O resultado de sua investigação demonstra que a participação nestas publicações é eminentemente masculina, dentro do previsível. De acordo com a pesquisadora, dos 94 poetas encontrados nas antologias editadas pela Associação Casa dos Estudantes do Império (ACEI), apenas 11 são poetisas: Lília da Fonseca, Alda Lara e Ermelinda Xavier (Angola); Maria Manuela Margarido e Alda Espírito Santo (São Tomé e Príncipe); Irene Gil, Noêmia de Sousa/Vera Micaia (pseudônimo), Ana Pereira Nascimento, Anunciação Prudente, Glória de Sant’Anna e Marília Santos (Moçambique). Quanto aos *50 poetas africanos*, só duas escritoras são mencionadas: Noêmia de Sousa e Alda Espírito Santo, ambas com vários poemas imortalizados em antologias poéticas anteriores.

Por obter acesso a esta última obra, a presente pesquisa pôde ainda constatar que cada uma das autoras teve sete poemas publicados, número de textos semelhante ao da maioria dos escritores homens que compõem a antologia. Da moçambicana Noêmia de Sousa aparecem selecionados os poemas “Descobrimento”, “Sangue Negro”, “Nossa voz”, “Poema para Rui Noronha”, “Magaíça”, “Deixa passar o meu povo” e “Godido”. Da santomense Alda Espírito Santo foram escolhidos “No mesmo lado da canoa”, “Senhor Barão”, “Réquiem para

---

<sup>33</sup> A obra *No reino de Caliban* foi publicada em três volumes. O primeiro, de 1975, foi dedicado a Cabo Verde e a Guiné-Bissau; o segundo, de 1976, registra autores de Angola e São Tomé e Príncipe; o terceiro, de 1988, dedica-se a Moçambique (PADILHA, 2004, p. 256).

<sup>34</sup> Publicada em dois volumes. Segundo Padilha (2007), o primeiro volume, de 1975, apresenta o subtítulo “Na noite grávida de punhais”. Já o segundo, de 1979, traz o subtítulo “O canto armado”.

<sup>35</sup> Em volume único, a coletânea destaca seis poetas. Entre eles figuram os nomes de Noêmia de Sousa e Alda Espírito Santo.

<sup>36</sup> Possui dois volumes: Volume I, dedicado a Angola e São Tomé e Príncipe. Volume II, dedicado a Moçambique.

Amílcar Cabral”, “A legítima defesa”, “Onde estão os homens caçados neste vento de loucura”, “Lá no Água Grande” e “Fevereiro”. De uma forma geral, o eu-lírico dos textos destas duas escritoras em *50 poetas africanos* torna-se solícito aos irmãos da mãe-África, “virgem violentada” (Noémia de Sousa, p. 348), lançando-lhes um “grito de esperança” (Alda Espírito Santo, p. 458) e a certeza de que por meio da união de suas “mãos milenárias” (Alda Espírito Santo, p. 459) é possível o erguimento de vozes “consciente[s] e bárbara[s]” (Noémia de Sousa, p. 350) contra os efeitos da colonização. Há, portanto, na escrita destas autoras, o transpassar do plano individual para o coletivo e nesse novo processo, suas vozes insurgentes deixam claro que “já não há hipótese de conformismo e, de certo modo, ‘sacralizam-se’, duplamente, voltando a ter o papel simbólico originário e passando a pertencer ao catálogo, ou seja, fazem-se vozes canônicas e rompem com a teia pela qual as mulheres se silenciavam” (PADILHA, 2004, p. 263-264).

Para além das antologias, Padilha (2004) (2007) destaca o boletim de *Mensagem* da CEI (Casa dos Estudantes do Império) e o *Jornal de Angola*. O primeiro, editado em Lisboa, cidade sede da CEI, entre 1948 e 1961, “deixa patente o papel significativo representado pelas mulheres no que tange ao processo de consolidação do nacional, embora suas falas aparecessem, nas páginas do periódico, com menos frequência que as dos homens” (PADILHA, 2007, p. 477). Ademais, a autora afirma que ao analisar os números publicados de *Mensagem* “percebe-se neles projetar-se, com clareza, a mobilização histórica das mulheres africanas do tempo” (PADILHA, 2007, p. 477), ficando evidente no conjunto de vozes femininas que ali aparecem, o posicionamento das autoras diante da condição da mulher da época (às vezes soltas, às vezes não, das amarras coercitivas de um olhar machista e colonial), como também o inconformismo, a rebeldia e a urgência de transformação, muito comuns em escritoras como Alda Espírito Santo e Noémia de Sousa, conforme mencionado anteriormente. Já no que diz respeito ao *Jornal de Angola*, Laura Padilha aponta o modo tradicionalista como o periódico vê a mulher angolana. Segundo ela, este “viés conservador” pode ser avaliado “por várias matérias, entrevistas, e, sobretudo, pelas páginas e/ou suplementos a ela dedicados e onde quase sempre aparecem os poemas” (PADILHA, 2007, p. 478-479). Na tentativa de comprovar a maneira como o *Jornal* associa a mulher, prioritariamente, aos papéis privados, estéticos e afetivos, a pesquisadora continua:

Dou, como exemplo, uma dessas páginas, a do número de junho -1985 (apenas isso encima o jornal), então chamada “Da mulher e do lar” (p.5) e que descrevo rapidamente. Começa com “Cuidados com a pele”; seguem-se quatro receitas –“pudim de arroz”, “queques”, “sopa de feijão verde” e

“salada de cenoura”. Tem-se depois uma seção “Conselhos úteis” e a fotografia ampliada de uma mulher branca, de *tailleur* e de pé. Já no rodapé, aparecem “quatro modelos para leitoras que não gostam da linha ‘saco’”, com desenhos de mulheres brancas, portando os modelos e, finalmente o soneto “Meus velhos tempos”, assinado por – não sei bem, mas julgo que provavelmente um pseudônimo anagramático – Olem Corrêa Sednem [...] (PADILHA, 2007, p. 479, destaques feitos pela autora).

Pelo excerto, fica evidente que, além de destacar o modo como o *Jornal de Angola* limita a mulher a comportamentos conservadores, a estudiosa chama a atenção para o fato como o periódico prioriza em suas páginas imagens de mulheres brancas e enfatiza outros aspectos culturais europeus como as receitas culinárias e as vestimentas usadas pelas modelos ali apresentadas. Esse “sintoma de europeização”, como diz Padilha (2002)<sup>37</sup>, é flagrado não só no que se refere à imagem feminina, mas também no que respeita à dicção poética da maioria das escritoras encontradas no *Jornal*, com exceção de algumas vozes como as de Alda Lara, Alda do Espírito Santo e Noémia de Sousa.

Na mesma direção de Laura Padilha, a também pesquisadora e professora brasileira Maria Nazareth S. Fonseca investiga no texto “Vozes femininas em antologias poéticas”<sup>38</sup> a produção literária africana escrita por mulheres, a partir do rastreamento da fala poética feminina em coletâneas de poesia, como adianta o título do texto, publicadas em períodos cuja fronteira está marcada pela independência dos países africanos.

Dividido em dois momentos, o estudo de Fonseca (2008) prioriza inicialmente os três volumes da coletânea *No reino de Caliban*, seguindo num segundo instante para a análise da produção poética de autoria feminina presente em algumas antologias produzidas no pós-independência ou que, mesmo sendo produzida em fase anterior não havia sido publicada, a saber: *No caminho doloroso das coisas – Antologia de jovens poetas angolanos* (1988); *Antologia da nova poesia moçambicana – 1975-1988* (1989); *Mirabilis de veias ao sol* (1991); *Antologia poética da Guiné-Bissau* (1990); *Bendenxa* (2000); e *O amor tem asas de ouro* (2005).

---

<sup>37</sup> No ensaio “Corpo e terra: um entrecruzamento simbólico em falas poéticas de mulheres africanas”, presente no livro *Novos pactos, outras ficções*. A autora trata neste estudo mais amiudadamente sobre os poemas que circularam no *Jornal de Angola*.

<sup>38</sup> O texto “Vozes femininas em antologias poéticas” constitui um dos capítulos do livro *Literaturas africanas de língua portuguesa: percursos da memória e ouros trânsitos* (2008), da própria Nazareth Fonseca. É um texto que retoma considerações presentes em vários artigos já publicados pela autora – como “Literatura africana de autoria feminina: estudo de antologias poéticas”, publicado pela Revista *SCRIPTA* (v.8, n.15, 2004) – e dialoga diretamente com “Mulher-poeta e poetisas em antologias africanas de língua portuguesa: o feminino como exceção”, texto publicado no livro *A mulher em África – Vozes de uma margem sempre presente* (2007), organizado por Inocência Mata e Laura Padilha.

*No reino de Caliban* – antologia já referida por Padilha em “Bordejando a margem”, no entanto sem um enfoque mais detido – tem no texto de Fonseca uma investigação minuciosa, dedicada não somente à descrição estrutural de cada volume, análise de poemas e contabilização dos autores e autoras ali contidos, mas também aos paratextos o que permitiu à autora apresentar informações preciosas, como por exemplo, a intenção de seu organizador, Manuel Ferreira, ao produzi-la:

Nessa antologia, a intenção do organizador é a de permitir ao leitor de Portugal, da África e de outros espaços um conhecimento amplo da produção poética dos países africanos de língua portuguesa. Nos volumes, foram incluídas produções poéticas de escritores de Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. A feitura dos volumes deve-se à incansável pesquisa de antologias publicadas ou mimeografadas e de “edições de casas pouco conhecidas ou sem prestígio”, que se somou à coleta de poemas publicados em jornais e em revistas “esquecidos ou mal conhecidos”.

A intenção do organizador, ao planejar a pesquisa sobre autores e seus textos e ao organizar os volumes, era trazer à luz a produção poética dos escritores africanos de língua portuguesa, a exemplo do que já fizera Léopold Segnhor, em 1948, com a publicação da famosa *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française*, a qual, com o prefácio “*Orphée noir*”, de Jean-Paul Sartre, conquista o público europeu e influencia outras publicações do mesmo gênero. (FONSECA, 2008, p. 97, grifos da autora).

Consoante já registrado em nota, *No Reino de Caliban* abrange três volumes. As datas de publicação da primeira edição, do primeiro e do segundo volumes, convergem tanto no texto de Padilha quanto no de Fonseca: 1975 e 1976, respectivamente. Já no que diz respeito à data de publicação do terceiro volume, dedicado a Moçambique, há divergência entre as pesquisadoras. Padilha informa o ano de 1988, enquanto Fonseca informa 1986. Na tentativa (diga-se de passagem, sem sucesso) de chegar a uma data específica, esta pesquisa percebeu que o desencontro de datas de publicação do último volume da imprescindível trilogia calibanesca não termina por aí. Pires Laranjeira<sup>39</sup>, outro importante pesquisador das literaturas africanas lusófonas, também destoa de ambas as pesquisadoras, atribuindo o ano de 1985 como a data da primeira edição do volume referente a Moçambique. Embora dignas de registro, as discordâncias são postas à parte a partir deste momento. Foram aqui mencionadas para que não restasse ao leitor dúvidas sobre equívocos ou desatenção do presente estudo, o

---

<sup>39</sup> Em lista elaborada por Pires Laranjeira com títulos de obras consideradas essenciais para o estudo das literaturas africanas de língua portuguesa. Disponível em: <<https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/4332/1/Pires%20Laranjeira.pdf>>. Acesso em Janeiro de 2018.

qual segue percorrendo o artigo de Fonseca, cuja voz crítica admite não estranhar que a presença de escritoras nessas publicações seja tão reduzida.

De acordo com a pesquisadora, no volume I da antologia *No Reino de Caliban*, dedicado à poesia produzida em Cabo Verde e Guiné-Bissau, aparecem somente poemas escritos pela cabo-verdiana Yolanda Morazzo (Yolanda Morazzo Lopes da Silva Cruz Ferreira) que na época não possuía livro individual publicado, embora fizesse parte do Grupo Suplemento Cultural e colaborasse em periódicos da imprensa de Cabo Verde. Quanto à produção poética da Guiné-Bissau, onde se registra apenas o nome do poeta Antonio Baticã Ferreira, nenhuma escritora é registrada. No volume II, que detém atenção à produção poética de Angola e São Tomé e Príncipe, destacam-se os nomes das angolanas Ermelinda Xavier, Lília da Fonseca (nome literário de Maria Lígia Valente da Fonseca Severino), Alda Lara, Amélia Veiga, Maria Eugênia Lima e Manuela de Abreu. Entre as escritoras santomenses escolhidas, sobressaem Alda Espírito Santo e Maria Manuela Margarido. No volume III, que recolhe poemas de escritores pertencentes a diferentes fases da literatura moçambicana, destacam-se os nomes de Noémia de Sousa e o de Maria Manuela de Souza Lobo.

Nas antologias publicadas na fase pós-independência, Nazareth Fonseca constata que o silenciamento da mulher escritora não é menor. Na coletânea *No caminho doloroso das coisas – Antologia de jovens poetas angolanos*, organizada por Lopito Feijóo, sob a chancela da UEA (União dos Escritores Angolanos) e publicada em 1988, três autoras aparecem registradas: Ana Paula Tavares, Doriana (pseudônimo literário de Ana Francisca Silva Major) e Ana de Santana; Na *Antologia da nova poesia moçambicana – 1975-1988*, que veio a público em 1989, organizada por Fátima Mendonça e Nelson Saúte, só são citadas Noémia de Sousa e Clotilde Silva; *Mirabilis de veias ao sol: antologia dos novíssimos poetas cabo-verdianos* (1991), cujo organizador é José Luís Hopffer Cordeiro Almada, compreende seis nomes femininos – Alzira Cabral, Ana Júlia, Arcília Barreto, Dina Salústio, Lara Araújo e Vera Duarte – , número pouco expressivo quando se considera que, no total, 57 poetas integram a antologia; a coletânea *Antologia poética da Guiné-Bissau*, publicada em 1990 e organizada sob a coordenação do Centro Cultural Português em Bissau e da União dos Artistas e Escritores da Guiné-Bissau, registra apenas o nome de Eunice Borges; Já a antologia *Bendenxa – 25 poetas de São Tomé e Príncipe* , coordenada por Inocência Mata, com publicação em 2000, traz os nomes de Olinda Beja, Conceição Lima , Alda Espírito Santo e Maria Manuela Margarido.

Além destas cinco antologias, Nazareth Fonseca considera a coletânea *O amor tem asas de ouro*, cuja primeira edição ocorreu em 2005, sob a organização de Filomena Gioveth

e Seomara Santos. Produzida com a intenção de oferecer um painel da poesia de autoria feminina feita em Angola, a obra reúne “poemas de escritoras incluídas na antologia *No reino de Caliban II* [...] e realiza um vasto panorama da poesia escrita por mulheres na fase mais recente, época em que se percebe o incentivo dado à literatura pela União dos Escritores angolanos (UEA)” (FONSECA, 2008, p. 127). No total, dezenove nomes femininos são registrados na coletânea, a saber: Alda Lara, Alice Palmira, Amélia Dalomba, Ana Branco, Ana de Santana, Anny Pereira, Carla Queiroz, Cecília Ndanhakukwa, Chó do Guri, Deolinda Rodrigues, Isabel Ferreira, Kanguimbo Ananaz, Leila dos Anjos, Lília da Fonseca, Maria Alexandre Dáskalos, Maria Celestina Fernandes, Maria Eugênia Neto, Maria Fernanda Baião e Paula Tavares.

Com exceção desta última coletânea, fica evidente, por meio da investigação feita por Laura Padilha e Nazareth Fonseca, que a produção de autoria feminina ainda é pouco representada nas antologias pesquisadas e isso independe de que as mesmas tenham sido publicadas em data anterior ou posterior às independências ocorridas após a Revolução dos Cravos. É lamentável constatar que, mesmo em publicações recentes, prolonga-se a mesma situação da época das primeiras antologias publicadas, contribuindo para o ocultamento da mulher escritora em África. Todavia, é necessário atentar-se para o fato de que não é só em antologias ou outros “instrumentos culturais” (PADILHA, 2004) que há pouco registro em torno da produção literária de autoria feminina. No campo da crítica e historiografia literária a escassa referência à escritora africana também é algo patente.

A investigação realizada adiante em livros, já mencionados, que tratam das literaturas africanas de língua portuguesa busca confirmar isso. Outra intenção ao fazer esse balanço é mostrar que tal omissão contribui para o desconhecimento ou mesmo silêncio destas autoras, uma vez que – como se sabe – os discursos construídos (e, especialmente, a ausência deles) sobre uma determinada produção literária podem influenciar na consagração ou proscrição de um escritor ou escritora.

Inicie-se, pois, por *Sonha Mamana África* (1987), livro que, segundo a autora, Cremilda de Araújo Medina, completa o terceiro ciclo de suas viagens pelas literaturas de língua portuguesa, iniciado com *Viagem à Literatura Portuguesa Contemporânea* (1983) e com *Escritor Brasileiro Hoje – A Posse da Terra* (1985).

Com cerca de 600 páginas, *Sonha Mamana África* faculta informações sobre as literaturas produzidas em cada um dos cinco países africanos de língua portuguesa. Mantendo um padrão em todos os capítulos, a autora considera, inicialmente, dados gerais de cada espaço geográfico tratado na sua pesquisa (nome oficial, capital, indicadores econômicos e

sociais, entre outras coisas). Além disso, fornece a ilustração de um mapa de cada nação, bem como apresenta dedicatórias ou epígrafes na abertura de cada segmento.

O primeiro capítulo, referente a Moçambique, inicia registrando a carnificina provocada pelos BA's (bandidos armados) durante a guerra civil moçambicana e apresenta, em seguida, nomes de artistas que sobreviveram nesse cenário de horror, socorrendo-se da literatura e de agremiações literárias, como a AEMO (Associação dos Escritores Moçambicanos) e o Grupo *Charrua*, formado por poetas e prosadores moçambicanos que ao longo da década de oitenta contestavam a literatura de panfleto que dominou Moçambique de 1975 a 1979.

Fornecendo informações biobibliográficas e fragmentos de obras, a autora destaca escritores do Grupo *Charrua* (Pedro Chissano, Helder Muteia, Juvenal Bucuane, Marcelo Panguana, Ungulani Ba Ka Khosa, Eduardo White e Armando Artur) e outros representantes literários como Mia Couto, Luís Carlos Patraquim, Calane da Silva, Albino Magaia, Luís Bernardo Honwana, Rui Nogar, Marcelino dos Santos, José Craveirinha, Orlando Mendes e por último Noêmia de Sousa, única escritora assinalada neste rol de homens. Acrescente-se que nem mesmo Lina Magaia, que tem uma de suas crônicas citadas por Cremilda Medina, nesse capítulo, teve informações bibliográficas divulgadas, a não ser no espaço reservado ao irmão Albino Magaia, onde se registra:

Único filho homem de cinco irmãos, [Albino Magaia] sentiu profundamente essa experiência; mas, sua irmã mais velha, de personalidade muito forte, não ficou atrás. Hoje, Lina Magaia escreve a história dos bandidos armados. Eis outra grande influência intelectual na vida do poeta. Por ser uma mulher especial, conseguiu ir para Portugal estudar Economia e, em 74, na Revolução de Abril, faltavam-lhe apenas os exames finais do curso (em julho), mas correu para sua terra natal: queria militar na luta pela independência. (MEDINA, 1987, p. 96).

Considere-se o fato de que, na época, Lina Magaia tinha participação literária ativa com contos, crônicas e reportagens em periódicos locais, a exemplo da própria revista *Tempo*, da qual foi retirada parte da crônica citada pela pesquisadora Cremilda de Araújo Medina.

Com destaque para São Tomé e Príncipe, o segundo capítulo refere-se aos escritores Caetano Costa Alegre, Francisco José Tenreiro, Francisco Stockler, Marcelo da Veiga, Tomás Medeiros, Frederico Gustavo dos Anjos, Albertino Bragança, Maria Manuela Margarido, Alda Espírito Santo e Conceição Lima. Destes, Cremilda Medina põe em relevo os nomes das duas últimas autoras e dos escritores Albertino Bragança e Frederico Gustavo dos Anjos.

Medina sublinha ainda outro nome feminino: Maria de Jesus Agostinho das Neves, mãe da poetisa Alda Espírito Santo. Maria de Jesus não era escritora, mas recebe homenagem da pesquisadora por ter se tornado exemplo de resistência e empenho nas atividades docentes das ilhas santomenses, fatores que a levaram à prisão durante o governo repressor de Carlos de Sousa Gorgulho, por volta de 1953: “Dona Maria de Jesus Agostinho das Neves, 84 anos, professora que alfabetizou os líderes da libertação de São Tomé e Príncipe que, por ser tão subversiva, esteve presa cem dias, de tal forma torturada que lhe quebraram a rijeza da coluna [...]” (MEDINA, 1987, p. 193). Também é a Maria de Jesus Agostinho das Neves que Cremilda Medina dedica o capítulo referente a Moçambique: “A Maria de Jesus Agostinho das Neves, que muito se empenhou por alfabetizar São Tomé” (MEDINA, 1987, p. 191).

Sobre Alda Espírito Santo, Cremilda Medina ressalta o poder de força, de luta e de protesto, reafirmado coerentemente tanto na atividade sociopolítica quanto na literária. Ao considerar, especificamente, o viés literário de Alda Espírito Santo, a pesquisadora destaca sua paixão pela “poesia-grito”. Dos seus poemas, Medina seleciona “Mãe África”, “No mesmo lado da canoa” e “Aos combatentes da Liberdade”, sendo estes dois últimos retirados de *É nosso o solo sagrado da terra* (1978), único livro de Alda Espírito Santo publicado pela Ulmeiro<sup>40</sup>.

Ao tratar de Conceição Lima, Cremilda Medina estabelece: “Para além de uma promessa, Conceição Lima concretiza a continuidade poética de São Tomé” (MEDINA, 1987, p. 191). Isso porque na época em que *Sonha Mamana África* foi produzido, a poetisa ainda era inédita em livro individual. Dos seus escritos, Medina publica fragmentos poéticos inéditos, versos que, possivelmente, estavam sendo previstos para serem publicados no que viria a ser o primeiro livro de Conceição Lima:

“Antes do poema”, título do livro que Conceição Lima organiza, amadurece, há algum tempo, reflete pela honestidade da jovem escritora de São Tomé. *Sinto-o como prelúdio, não como consumação*. São trinta poemas que lhe vêm vindo desde os onze, doze anos. Não tem pressa, não se angustia com a edição, ouve orientações, submete sua criação, está comprometida com o caminho difícil da vida: vivê-la em profundidade, elaborar na palavra – também responsável – as emoções profundas. (MEDINA, 1987, p. 191, destaques da autora).

O livro, com tal título, como se sabe, não veio à luz. No entanto, Medina parece ter vaticinado o futuro da poetisa. Conceição Lima publicou até hoje quatro livros individuais *O*

<sup>40</sup> Editora lisboeta fundada por José Antunes Ribeiro em 1969, hoje praticamente inativa.

*útero da casa* (2004), *A dolorosa raiz do micondó* (2006), *O país de Akendenguê* (2011) e *Quando florirem salambás no tecto do pico* (2015), além de ter colaborado em antologias e coletâneas. Confirma-se através de sua presença literária, a permanente fertilidade das letras santomenses que torna favorável o florescimento de novos nomes ao lado de vozes sólidas que outrora se concretizaram, como a de Alda Espírito Santo.

Se no segundo capítulo - quando faz uso da maior parte das páginas para enfatizar o valor sócio-político-literário das escritoras registradas - Cremilda Medina parece atentar para a existência da produção literária assinada por escritoras em São Tomé e Príncipe, o mesmo não acontece no restante do livro. Com exceção de seis autoras que são mencionadas nos três últimos capítulos (cerca de 350 páginas), nenhum outro nome literário feminino é içado por Medina do “calabouço do silenciamento” (PADILHA, 1997, p.65). De Angola, Alda Lara, Paula Tavares e Maria Eugênia Neto são lembradas, se é que assim pode-se dizer. De Cabo Verde, Orlanda Amarílis, Yolanda Morazzo e Maria Margarida Mascarenhas. Da Guiné-Bissau, nenhuma autora é referida. Neste último caso, o silenciamento é até compreensível. Em 1986/1987, período de elaboração e publicação de *Sonha Mamana África*, a produção literária feminina era quase inexistente na Guiné-Bissau.

Do grupo destas seis últimas escritoras, chama a atenção, em especial, o caso de Orlanda Amarílis que aparece lembrada por Medina como esposa de Manuel Ferreira, na secção a ele dedicada, para em seguida ser registrada, entre parênteses, “também [como] escritora” (MEDINA, 1987, p. 498). Além disso, com exceção às páginas 494, 537 e 540, onde mais uma vez aparece citado o nome de Amarílis, quase nenhuma informação é dada sobre a autora ou sua obra. Não é inútil sublinhar que à época da publicação do trabalho de Medina, Orlanda Amarílis já havia iniciado sua carreira literária na Revista *Certeza* (1944), como também tinha colaboração dispersa na imprensa (*Certeza*, *África*, *Loreto 13*, *Colóquio/Letras*) e participação em várias antologias. Sem falar que dois dos seus livros de contos já haviam sido publicados: *Cais do Sodré té Salamansa* (1974) e *Ilhéu dos pássaros* (1983).

Em suma, dos quarenta e um escritores africanos de língua portuguesa selecionados para comparecerem concretamente no volume *Sonha Mamana África*, apenas três são mulheres: Noémia de Sousa, Alda Espírito Santo e Conceição Lima. Outras, conforme visto, têm seus nomes citados, mas não possuem um espaço reservado para a divulgação de suas atividades literárias. Uma falta da pesquisadora que, também mulher, não notou a presença/ausência de suas iguais? Talvez. De qualquer forma, é criticável que o espaço

reservado à literatura produzida por homens seja maior que aquele dedicado às escritoras que, mais do que se possa imaginar, prosperam em seus cenários literários.

Alfredo Margarido é outro exemplo de africanista que limitadamente registrou a presença feminina em seus ensaios. No livro *Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa* – editado em 1980, mas que é resultado da recolha de vários de seus trabalhos publicados entre 1958 e 1980, o estudioso cita pouco mais de uma dezena de nomes femininos. Entre as angolanas, além de Alda Lara, são mencionadas Ana Maria Mascarenhas, Sofia Serra e Moura, Maria da Graça Freire, Marisabel Xavier Fogaça, Natércia Alves Pacheco e Hanid Estela. De Moçambique, têm seus nomes registrados as escritoras Noémia de Sousa, Glória de Sant’Anna, Merícia Lemos e Salette Tavares. De Cabo Verde, apenas Humilde Camponesa (pseudônimo literário de Gertrudes Ferreira Lima) é referida. De São Tomé e Príncipe recebem menção as escritoras Maria Manuela Margarido e Alda do Espírito Santo. Da Guiné-Bissau Alfredo Margarido não se ocupa em seu estudo, embora prometa, desde o título, apresentar apontamentos das literaturas de todos os países africanos lusófonos.

Registre-se que apenas dois dos ensaios de *Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa* são direcionados exclusivamente a escritoras. Um deles é “Esboço de interpretação da poesia de Alda Lara”, cujo conteúdo, como bem esclarece o título, apresenta considerações sobre a angolana Alda Lara e sua poesia, a qual é considerada incompleta e sem profundidade, na concepção do crítico: “[...] sua poesia não chegou a completar-se. Em vez do círculo fechado e total, temos o ângulo raso” (MARGARIDO, 1980, p. 259). O outro ensaio, assinado por Alfredo Margarido sob o pseudônimo de Lúcio da Câmara, se ocupa do romance *Pegadas negras em mundo de brancos - Memórias de Doceba, Preto de Angola* (1961), de Marisabel Xavier Fogaça, portuguesa que viveu em Angola, provavelmente na segunda metade do século XX. Em seus comentários, o estudioso aponta falhas do romance e caracteriza-o como um livrinho fútil: “O livrinho da senhora Marisabel Xavier Fogaça” (p. 259); “[...] livro confessadamente fútil” (p. 260). Quanto à autora, não são amenas as considerações tecidas: “[...] escritora fútil, a senhora Marisabel Xavier Fogaça” (p. 257); “[...] com observações sociológicas esboçadas em torno da vida do preto angolano, [a autora] acaba por se transformar no observador sádico” (p. 258); “A senhora Marisabel Xavier Fogaça optou decididamente pelo absurdo” (p. 258). Considerando trechos do romance transcritos no ensaio, como o reproduzido abaixo, até depreende-se o

posicionamento de Alfredo Margarido no que diz respeito à tentativa da autora de esvaziar o negro de sua própria essência<sup>41</sup>:

Numa raça tamanha como a minha, sem princípios de educação nem higiene, desconhecendo em absoluto qualquer religião na maioria, nascendo e vivendo na rua, no vício e na podridão, envoltos no perigo constante da promiscuidade das sanzalas, de admirar é que se encontrem tantos negros puros e bons, amigos dos animais e das pessoas, dedicados e honestos. (FOGAÇA apud MARGARIDO, 1980, p. 259).

No entanto, algumas questões se impõem: Se *Pegadas negras em mundo de brancos - Memórias de Doceba, Preto de Angola* tivesse sido escrito por um homem o tratamento dado por Alfredo Margarido ao romance seria o mesmo? Seria o crítico capaz de tecer os mesmos comentários depreciativos, os quais resultariam, possivelmente, numa recusa daquela produção como obra artística? O próprio Margarido admite, no referido ensaio, que a exploração do “mito do ‘preto de alma branca’” aparece com bastante recorrência entre os autores – em Portugal e no Brasil – que se interessaram em escrever sobre Angola, a partir da década de sessenta. Entretanto, não menciona o nome de nenhum outro (a) escritor (a) que tenha usado do mesmo expediente que Marisabel Xavier Fogaça.

A omissão de nomes femininos, assim como a abordagem crítica que Alfredo Margarido utiliza ao tratar da literatura produzida por mulheres, alinha o autor aos críticos com visão androcêntrica, contribuindo, assim, para a invisibilidade da produção literária feminina.

Nos últimos anos, pode-se constatar uma melhora do ponto de vista da divulgação e análise de obras de escritoras africanas do espaço lusófono. Exemplo disso é o *Dicionário de autores de literaturas africanas de língua portuguesa* (1997), cujo mérito foi não omitir nomes e obras de escritoras da África lusófona, conjugando-os paralelamente ao de personalidades literárias masculinas.

Organizado pelos professores portugueses Aldónio Gomes e Fernanda Cavacas, o dicionário registra cuidadosamente cerca de 1.700 nomes de autores de nascimento e/ou de vivência africana nos PALOP. Para sua elaboração, 150 antologias/obras coletivas foram consultadas, além de uma vasta bibliografia de base que pode ser localizada ao final do estudo. A quantidade de material utilizado, além de indicar longo período de procura e recolha, determina a seriedade do trabalho produzido. A intenção, segundo os autores, ao

---

<sup>41</sup> Esclareça-se que até a data de defesa desta tese, não foi possível o acesso ao livro *Pegadas negras...*, de Marisabel Xavier Fogaça.

elaborar o dicionário, nasceu principalmente da exigência de atenuar o problema do desconhecimento dos escritores das literaturas dos PALOP no universo lusofalante. A análise do livro permite constatar que Gomes & Cavacas referenciam, praticamente, a maior parte dos autores dos PALOP e muitos daqueles que escreveram sobre a temática africana, em obras publicadas desde o período colonial até 1997. Do conjunto de nomes inscritos no dicionário, 171 são femininos – sem contabilizar sete dos oito nomes disponibilizados no apêndice, secção do livro reservada para “Autores que, embora nascidos em África, com ela mantiveram depois elos limitados; autores que nos dão apenas versões de textos de raiz etnográfica ou crônicas de contatos efêmeros; autores que viveram e transmitiram as dores e angústias da guerra” (GOMES & CAVACAS, 1997, p. 343).

O número de nomes de escritoras, apesar de reduzido quando comparado ao montante total, surpreende o leitor menos achegado à literatura africana de língua portuguesa. Por outro lado, incentiva pesquisadores desta área, já que se comprova a existência e a participação da mulher nas literaturas do PALOP, muito antes da independência desses países, época em que se verifica um maior florescimento literário feminino.

Outra relevante investigação sobre os estudos africanos de língua portuguesa é o *Dicionário temático da lusofonia* (2005), editado e apoiado pelas principais entidades portuguesas como o Instituto Camões, a Fundação Calouste Gulbenkian, a Associação de Cultura Lusófona, entre outras. Do tipo enciclopédico, o dicionário em questão possui informações acerca dos oito países (Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste) e regiões lusófonas mais importantes (Goa, Galiza, Macau e Casamansa), contando com a colaboração de cerca de 350 autores, especialistas que, ao dissertarem sobre seus conhecimentos, contribuem nas mais diversas áreas: História, Sociologia, Literatura, Educação, Geografia, Antropologia, Filosofia, etc. No que diz respeito à Literatura, a área de maior importância nessa pesquisa, observou-se que houve a preocupação, por parte dos pesquisadores, em balizar ou pelo menos indicar o período de surgimento das primeiras manifestações literárias em cada um dos oito países, seguindo com informações de como cada sistema literário foi se desenvolvendo ao longo do tempo até os primeiros anos do século XXI. De forma simultânea a isso, assinalam-se nomes dos que podem ser considerados os principais representantes de cada literatura, talvez pelo fato de possuírem uma produção literária mais sistemática. Tratando, especificamente, das entradas que concernem às literaturas dos países africanos de língua portuguesa, constatou-se a referência para as seguintes escritoras: Alda Lara, Maria Eugênia Neto, Ana Paula Tavares, Lisa Castel, Maria Amélia Dalomba, Isabel Ferreira, Maria Celestina Fernandes, Chó do Guri,

Gabriela Antunes e Maria de Jesus Haller (Angola); Emília dos Martyris Aguiar, Antónia Gertrudes Pusich, Africana, Humilde Camponesa, Orlanda Amarílis, Yolanda Morazzo, Maria Margarida Mascarenhas, Vera Duarte, Dina Salústio (Cabo Verde); Fernanda de Castro, Odete Semedo e Teresa Montenegro (Guiné-Bissau); Noémia de Sousa, Paulina Chiziane, Lília Momplé, Lina Magaia e Glória de Sant’Anna (Moçambique); Maria Manuela Margarido, Alda Espírito Santo, Olinda Beja e Conceição Lima (São Tomé e Príncipe).

Repetindo o que já se disse antes, é evidente a superação de nomes masculinos em comparação à quantidade de nomes femininos. No entanto, é inegável uma maior preocupação nos estudos atuais em registrar os nomes das produtoras literárias, particularidade anteriormente refutada ou considerada desimportante pela maioria dos críticos e pesquisadores das literaturas.

A longa descrição dos artigos e dos livros examinados pareceu necessária para esta pesquisa, no sentido de chamar a atenção para a marginalidade em que permanece a mulher escritora dos países africanos de língua portuguesa. Além dos nomes que obrigatoriamente se impõem – como Alda Lara, Alda Espírito Santo, Noémia de Sousa, seja pelo pioneirismo na literatura de seus países, seja pela qualidade dos textos produzidos –, poucas ainda são as escritoras que têm recebido atenção da crítica especializada. Isso, indubitavelmente, prejudica a carreira literária da escritora africana que não ambiciona superioridade em relação à produção escrita masculina, mas apenas deseja ser visibilizada.

## 2.2 ESCRITA LITERÁRIA DE AUTORIA FEMININA NOS PAÍSES AFRICANOS LUSÓFONOS: EM BUSCA DE VEZ E DE VOZ

Poucas ainda, as vozes femininas da África de língua oficial portuguesa procuram fazer-se audíveis e alcançar seu lugar na história literária. Examinando a sua produção, pode-se afirmar que, certamente, na maioria dos casos, o silêncio que as ronda não resulta da má qualidade do trabalho apresentado. Pelo contrário. Trata-se apenas de romper o isolamento, para que a crítica e o público tomem conhecimento dessas “mulheres cheias de prosa”. (MACÊDO, 2003, p.166).

Curiosamente, as literaturas africanas dos países lusófonos estreiam com uma mulher. Trata-se da cabo-verdiana Antónia Gertrudes Pusich (1805-1883), escritora referida por Manuel Ferreira (1977) como um dos primeiros africanos a publicar e alcançar lugar de prestígio nos meios literários lisboetas.

Por algum tempo, considerou-se José da Silva Maia Ferreira como o primeiro autor dessas literaturas, com o livro *Esportaneidades da minha alma: Às senhoras Africanas*, cuja data de publicação foi 1849. No entanto, Manuel Ferreira (1977, p. 09) esclarece que a obra de Maia Ferreira é a primeira a ser impressa na África lusófona, “mas não a mais antiga obra literária de um autor africano”, já que anteriormente Antónia Gertrudes Pusich publicou no ano de 1841 o poema “Elegia à memória das infelizes victimas assassinadas por Francisco de Mattos Lobo, na noute de 25 de junho de 1841”, em Lisboa.

Filha da portuguesa Ana Maria Isabel Nunes e de António Pusich – intendente da Marinha de Cabo Verde e, posteriormente, governador daquele arquipélago durante o período de 1818 a 1821 –, Antónia Gertrudes Pusich produziu uma extensa obra literária, sendo *Olinda ou a Abadia de Connor Place* (1848), o seu trabalho mais conhecido, segundo a pesquisadora e historiadora portuguesa Maria Luisa V. Paiva Boléo (2005).

Além de poetisa e romancista, Antónia Gertrudes Pusich escreveu peças teatrais, dentre as quais obteve grande sucesso o drama *Constança ou O amor maternal* (1853). Também escreveu sobre “membros da família real, que sempre dedicou à sua família e a ela própria uma grande amizade, sendo mesmo íntima amiga da infanta Isabel Maria” (BOLÉO, 2005).

Destacou-se como jornalista, tornando-se a primeira mulher em Portugal a fundar, dirigir e assinar, sem uso de pseudônimos masculinos, três jornais: *Assembleia Literária*, *A Cruzada* e *Beneficência*. Foi ela, ainda, a primeira mulher cabo-verdiana a colaborar no *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*<sup>42</sup>.

Já naquela época, Antónia Gertrudes Pusich defendia que as mulheres deveriam aprender a ler e a escrever para poderem participar ativamente da vida política e social do país. São suas as considerações seguintes, numa publicação do ano de 1849:

Nos outros colégios do Estado e ainda nas escolas particulares igual esmero se vai tendo com a instrução dos meninos e honra seja feita aos professores e diretores desses colégios. Mas as meninas!... As meninas imploram atenção, e de todas as pessoas que nutrem sentimentos de humanidade e desejo de ver prosperar a sua pátria. [...] Enquanto em nossa terra as mulheres não tiverem a precisa instrução literária, ensinam a coser, marcar, bordar, música, etc. Porém a ler, escrever, contar, etc. , não. E ainda menos outros estudos. Que

<sup>42</sup> O *Almanach de Lembranças Luso-brasileiro* foi publicado de 1851 a 1932. Criado por Alexandre Magno de Castilho, o referido material teve, inicialmente, o título *Almanach de lembranças*. A partir do quinto número, adotou a forma *Almanach de lembranças luso-brasileiro* e, mais tarde, em 1872, passou a ser denominado *Novo Almanach de lembranças luso-brasileiro*. Segundo Andrea Romariz (2011), o fato de o editor do *Almanach* aceitar, desde os primeiros números, a colaboração de textos dos leitores – homens ou mulheres, uma vez que a obra era destinada ao público em geral – favoreceu para que muitas escritoras pudessem publicar seus textos, quer com seu nome, quer anonimamente ou fazendo uso de pseudônimo.

mal pode ensinar alguém o que mal sabe... Poucas senhoras sabem escrever bem [...]. Aparecem numa sociedade, ostentam uma brilhante conversação, fazem uma elegante figura... encantam os espectadores... seduzem... adquirem nomeada, estudam todas essas aparências fosfóricas [*sic*]; vai um sábio entrar com elas em discurso... onde está o espírito dessas fascinantes beldades?... Evaporou-se! Nem sabem dar uma razão do que dizem. (PUSICH apud BOLÉO, 2005).

Apesar de todo o pioneirismo da cabo-verdiana Antónia Gertrudes Pusich e do surgimento de outras mulheres escritoras africanas já no século XIX – como Maria Luísa de Sena Barcelos (Africana) e Gertrudes Ferreira de Lima (Humilde Camponesa)<sup>43</sup> –, as literaturas africanas de língua portuguesa são constituídas por um cânone de primazia masculina, assim como acontece em muitos contextos literários.

Em vista disso e da constatação da ausência ou rara presença destas produtoras literárias em antologias, instrumentos culturais e em documentos teórico-crítico-literários, conforme demonstrado anteriormente, a pesquisa doravante apresenta um rastreamento feito em busca de nomes de autoras e obras em cada um dos PALOP. A ideia alinha-se ao desejo de evidenciar não apenas as autoras mais divulgadas e consagradas. Pretende-se comprovar a existência de tantas outras escritoras que também contribuíram e/ou ainda contribuem, a fim de garantir-lhes não simplesmente seus nomes em uma lista, mas, sobretudo, removê-las do confinamento de bibliotecas e da escuridão a qual foram relegadas.

A recolha das informações sobre as autoras efetuou-se através de um processo demorado. Uma busca árdua por dados na sua maioria difíceis de encontrar. Um nome em um artigo. Um título de obra em outro, mas não exatamente com todas as informações que se almejava, como editora, local e/ou data de publicação. Uma data de nascimento em um periódico. Outros títulos de obras em notícias de jornais locais, *sites* de editoras, ou sebos virtuais. Muitas vezes detalhes pequenos, mas não menos valiosos. Uma verdadeira expedição, cujo desbravamento permitiu localizar escritoras, representantes tanto da literatura nacional (ou das “literaturas africanas de expressão portuguesa”, como prefere Manuel Ferreira [1987]) quanto da chamada literatura colonial – literatura que na maioria das vezes, vincula o enunciado do universo narrativo ou poético essencialmente, ao homem europeu (FERREIRA, 1987). O resultado comparece nas páginas seguintes. Com o intuito de localizar melhor o leitor, optou-se pela apresentação das escritoras encontradas através do critério geográfico, separando-as por país.

---

<sup>43</sup> Como é possível perceber, as africanas não ficaram imunes de apresentar suas obras com o uso de pseudônimos.

### 2.2.1 Angola

As primeiras manifestações literárias em Angola surgiram em meados do século XIX, sendo o livro *Espontaneidades da minha alma: Às senhoras africanas* (1849), de José da Silva Maia Ferreira, a primeira obra lírica a ser escrita e publicada em terras angolanas. Como se pode inferir, por meio do título, a obra de Maia Ferreira é dedicada às mulheres de sua terra, mas “a forma, o estilo e o vocabulário pouco têm de África, de Angola” (COELHO, 2013, p. 01). A ele seguem-se outros títulos que aos poucos foram tornando o meio literário local cada vez mais profícuo, mas, sobretudo, mantenedor de nomes de escritores.

Por vezes, assim como aconteceu com a obra de Maia Ferreira, autores da época traziam à cena a personagem feminina – como Cândido Furtado, escritor do primeiro poema que em Angola glosava as virtudes da mulher negra e Alfredo Troni, autor de *Nga Mutúri* (1882), novela que traz como personagem principal uma mulher, Nga Andreza. Entretanto, ressalte-se que, apesar de frequentemente contemplarem a mulher angolana como protagonista, as obras desse período caracterizavam-se em primeiro plano pela luta contra as prepotências dos governantes coloniais.

No que diz respeito à autoria feminina, somente em 1944 – quase um século depois da publicação do livro de Maia Ferreira – registra-se nas letras angolanas a primeira escritora, Lília da Fonseca, com o romance *Panguila*. A ela, segue-se Maria Joana Couto, com a obra *Braseiro ardente* (1954). Não parando por aí, outras mulheres acompanharam as duas vanguardistas literárias angolanas, ainda no período colonial, a saber: Maria José Pereira da Silva, *Ilha dos Amores: Poesia* (1961); Maria Eugênia Lima, *Entre a parede e o espelho* (1964); Alda Lara, *Poemas* (1966) Publicação Póstuma; Manuela Cerqueira, *Menina do deserto* (1969); Wanda Ramos, *Nas coxas do tempo* (1970); Honorinda Cerveira, *Kiangala* (1971); Maria do Carmo Marcelino, *Obra poética* (1972); Olga Gonçalves, *Movimento* (1972); Lygia Salema, *Desterro de mim* (1973). Destas, com exceção de Alda Lara que é praticamente citada em grande parte das antologias e livros da crítica especializada, pouco ou nada se ouve falar.

Com a independência, outros nomes femininos vão se afirmando no cenário literário angolano, através de participação em antologias, colaboração em periódicos e obras publicadas individualmente. Dentre eles, podem ser mencionados: Aida Gomes, Airam Alice Pereira dos Santos, Alba Chaves, Alexandrina Freitas Silva, Alice Berenguel, Alice Palmira, Amélia Dalomba, Ana Branco, Ana Coelho, Ana Major (Doriana), Ana Paula Tavares, Ana Paula Castro, Anabela Frazão, Anny Pereira, Branca Clara das Neves, Brigitte Caferro, Carla Gomes, Carla M. Soares, Carla Queiroz, Cássia do Carmo, Cecília Ndanyakukwa, Chó do

Guri, Ciciolânia Marques, Cláudia Cassoma, Cremilda de Lima, Cynthia Peres, Deborah Ribas, Delfina Teixeira, Denise Kangandala, Denise Mandleine Pedro, Djaimilia Pereira de Almeida, Djina (Dina Sebastiana de Sousa e Santos), Domingas Monte, Dya Kassemble, Dulce Braga, Elga Luísa Tati, Elis Cruz, Elsa Ventura Major, Esmeralda Augusto, Fernanda Baião, Filipa Melo, Gabriela Antunes, Helena Osório, Helga Santos, Irina Sopas, Isabel Ferreira, Isabel Pinto Morais, Kanguimbo Ananaz, Leila dos Anjos, Lígia Guerra, Luaia Gomes Pereira, Luana Sul, Lueji Dharma, Maria Celestina Fernandes, Ngonguita Diogo, Ottoniela Bezerra, Paula Nabais, Paula Russa, Rosa Berta, Rosa Roque, Rosa Soares, Sónia Gomes, Soraia Mendes, Teresa Quinguaia, Vanessa Pereira, Yelisa Visimilo, Yola Castro e Zulinni Bumba. Desse conjunto, Dulce Braga e seu romance *Sabor de maboque* terão destaque nesta pesquisa.

Por inúmeras razões, muitas dessas escritoras não são visibilizadas. Isso causa a impressão de que elas e suas produções inexistem. A própria União dos Escritores Angolanos (UEA) fornece – em seu *site*, na seção Bio-Quem – informações de pouco mais de uma dúzia de autoras<sup>44</sup>, quando na verdade existem mais de duas centenas delas.

Um material de grande importância para a comprovação da produção dessas autoras em Angola é o livro digital *Autores e escritores de Angola: naturalidade e bibliografia* (2013), de Tomás Lima Coelho. Seu conteúdo traz à luz 585 nomes de autores angolanos, fornecendo também informações biográficas e bibliográficas.

Em 2016, por meio da AUTORES.club, Tomás Coelho lançou, em Luanda e em Lisboa, *Autores e escritores de Angola (1642-2015)*, uma versão impressa e atualizada do seu *e-book*, estendendo sua pesquisa até o ano de 2015, com o registro de 1780 autores. Devido ao esgotamento rápido da primeira edição, a AUTORES.club prevê o lançamento de uma segunda edição, para o ano de 2019, com atualização dos dados e, mais uma vez, do título: *Autores e escritores de Angola (1642-2017)*. Segundo o *Jornal de Angola*, datado de 04 de fev. de 2018, p. 16: “Irão juntar-se à nova edição do livro mais de 445 novos nomes e respectivas obras, e mais algumas centenas de livros publicados nos anos de 2016 e 2017: ficarão assim listados um total de 2225 autores e escritores”.

Preponderantemente, o material digital de Tomás Lima Coelho forneceu para esta pesquisa a maioria das referências sobre as autoras angolanas. Todavia, por não obter acesso

---

<sup>44</sup>Autoras citadas no site da UEA: Alda Lara, Ana Major, Ana Branco, Ana Maria de Oliveira, Ana Paula Tavares, Anny Pereira, Chó do Guri, Cremilda Lima, Juliana Pedro, Maria Amélia Dalomba, Maria Celestina Fernandes, Maria Eugênia Neto, Maria Gabriela Antunes, Maria Manuela Cristina Ananaz, Rosária da Silva, Teresa Maria de Souza Gouveia. Obs.: Informação baseada na pesquisa realizada em 05 de agosto de 2016. Pesquisa atualizada em: 22 de março de 2018.

ao livro impresso, versão mais atualizada da pesquisa, buscou-se atualizar e ampliar dados através de outras informações na rede mundial de computadores, por meio de acesso a *sites* de revistas, de matérias de jornais e agências de notícias locais, como também em páginas de lojas virtuais de livros e de editoras que publicam obras dessas escritoras<sup>45</sup>.

Dentre as agências de notícias e jornais angolanos *on-line* consultados, a *Agência Angola Press*, abreviadamente designada por ANGOP<sup>46</sup>, é uma das principais empresas divulgadoras dessas autoras. Ademais, pode-se citar o *Jornal de Angola*<sup>47</sup>, o periódico *O país*<sup>48</sup>, o jornal *Cultura*<sup>49</sup>, o portal informativo *Rede Angola*<sup>50</sup>, o *Voa Português – Angola*<sup>51</sup> e, ainda, o jornal *Mwangolé*<sup>52</sup>. As matérias publicadas sobre as escritoras por estes veículos de informação, geralmente, trazem notícias de lançamento de livros ou participação em eventos culturais locais e completam-se com informações biobibliográficas.

Outra publicação periódica de grande valia para a descoberta e confirmação da existência de escritoras angolanas é a *Revista Palavra & Arte*, publicação cultural *on-line*, centrada nas abordagens artístico-culturais (dança, teatro, cinema, fotografia, artes plásticas, música e literatura) feitas por angolanos residentes ou não em território nacional. Além de nomes já consagrados como o de Ana Paula Tavares, *Palavra & Arte* também concede espaço para jovens escritoras, como Cláudia Cassoma (1993, Luanda) e Lúcia Nereida do Carmo Morais (1989, Luanda). A primeira, além de publicações em antologias e periódicos, já

---

<sup>45</sup> Cf. Material consultado *on-line* em Referências Webgráficas.

<sup>46</sup> A ANGOP foi fundada em julho de 1975, sob a denominação *Agência Nacional Angola Press* (ANAP). No início, os seus trabalhos eram distribuídos sob a forma de boletim impresso, até que, no dia 30 de outubro do mesmo ano, lançou o seu primeiro despacho telegráfico. Em dezembro de 1975, a agência adotou a sua atual e definitiva denominação “*Agência Angola Press*”, ao lançar, o seu primeiro despacho com a sigla ANGOP. Em fevereiro de 2000, a empresa passou a emitir via *internet* e em 2008 lançou o seu Portal Informativo, permitindo, assim, aumentar seu compromisso com o público.

<sup>47</sup> Fundado em 1975, o *Jornal de Angola* é um jornal diário, publicado em Luanda pela editora Edições Novembro.

<sup>48</sup> Periódico diário publicado em Luanda. Foi fundado desde Novembro de 2008 e pertence ao “Grupo Media Nova”, empresa angolana que publica periódicos e mídias eletrônicas.

<sup>49</sup> *Cultura*, cujo subtítulo é *Jornal Angolano de Artes e Letras*, é um periódico angolano sob a responsabilidade da empresa de comunicação social Edições Novembro, assim como o *Jornal de Angola*.

<sup>50</sup> Portal informativo angolano dirigido por Sérgio Guerra. Teve, desde 2017, seus serviços suspensos, mas mantém à disposição dos usuários seus arquivos.

<sup>51</sup> VOA ou *Voice of America* (Voz da América) é um serviço de radiodifusão internacional. Transmite informações diárias para o continente africano, onde atua desde 1976. Possui correspondentes nos cinco países africanos de língua portuguesa.

<sup>52</sup> O *Mwangolé*: Jornal Quinzenal de Atualidade Angolana é uma publicação da Embaixada de Angola em Portugal.

publicou quatro obras individuais: *Amores que nunca vivi* (2013), *Pretérito perfeito* (2017), *Cânticos de apego* (2018) e *Ahetu: Vozes desprendidas* (2018). Lúcia Nereida, por sua vez, participou de várias antologias divulgadas em Angola, no Brasil, em Portugal e na Itália, a saber: *À flor da alma* (Editora Sol, 2014) Brasil; *Vai rolar um Tête-à-Tête* (Editora Sol, 2014) Brasil; *Poética Mucubal do Namibe* (Ómnira, 2014) Angola; *Poemário 2016* (Pastelaria Estúdios, 2015) Portugal; *Faces não reveladas* (Editora Sol, 2014) Brasil; *Eça de Queiroz e Convidados na Bienal do RJ* (Editora Mágico de Oz, 2015) Brasil; *Poesia Nosside 2015* (Itália) e *Jardim de Palavras* (Orquídeas Edições, 2016) Portugal. Recebeu premiações como: Prêmio de Literatura Passos de Mulher 2015 e Prêmio Poesia Mundial Nosside 2015 – único concurso global para uma obra inédita e jamais premiada, sem fronteira de línguas e de formas de comunicação.

Tratando-se ainda de revistas, cabe mencionar outras três consultadas: a angolana *PlatinaLine* e as brasileiras *Raça Brasil* e *Espaço Acadêmico*. A primeira, embora seja de entretenimento, traz em algumas ocasiões no caderno Arte e Cultura considerações sobre a divulgação de estreias de livros produzidos por angolanas, a exemplo destas duas matérias: “Lançamento do livro *Borboleta dos meus vagares* da autora Denise Kangandala”, publicada em 04 de novembro de 2014; e “Irina Almeida anuncia livro de estreia *Nua na cidade*”, publicada em 15 de janeiro de 2013. A Revista *Raça Brasil*, por sua vez, publicou em sua edição 177, o artigo “A história da militante Deolinda Rodrigues”, apresentando a poetisa angolana Deolinda Rodrigues Francisco de Almeida (ou, simplesmente, Langidila – pseudônimo usado pela poetisa, cujo significado em quimbundo é vigia ou sentinela), com destaque para a sua militância durante a luta pela libertação de Angola. Já a revista eletrônica *Espaço Acadêmico* (Ano II, Nº 21, Fev/2003) divulgou o artigo “Angola: uma história de amor e guerra”, facultando informações sobre a angolana Filomena Carreira, atualmente radicada no Brasil, e seu livro *Angola: entre o amor e o ódio*, publicado em 1997, sob a chancela da editora brasileira Harbra.

Importantes ferramentas de pesquisa, assim como os periódicos acima mencionados, foram os *sites* de editoras e de lojas virtuais de livros, uma vez que - em muitos casos - constituem a única fonte de informação sobre algumas escritoras.

Contribuíram, de forma considerável, *blogs* e *websites* de cunho privado, destacando-se aqueles administrados por escritoras, principalmente, pela atualização constante de informação. Cláudia Cassoma, Deborah Ribas, Dulce Braga, Inês Stanisiere, Sónia Gomes, Amélia Dalomba, Helena Osório, Lúcia Nereida são alguns nomes que fazem uso dessas ferramentas.

### 2.2.2 Cabo Verde

O arquipélago de Cabo Verde é marcado por singularidades. Quando os portugueses ali aportaram em maio de 1460, encontraram as ilhas desabitadas. Dada a sua posição estratégica nas rotas que ligavam entre si a Europa, a África e o Brasil, as ilhas foram transformadas em entrepostos de escravos. Suas difíceis condições geográficas favoreceram e continuam favorecendo “para o isolamento, que leva ao seu oposto complementar: a mobilidade excessiva” (GOMES, 2010, p. 162). A pouca pluviosidade, por sua vez, dificulta a vida da população, obrigando muitos a se prepararem para partir, “com medo da peste/ da fome feroz”, como frisam os versos de Patativa do Assaré, aqui retomados por fazer lembrar a seca nordestina brasileira que tanto se assemelha às condições climáticas do arquipélago. A emigração, “triste partida” para quem vai e principalmente para quem fica, somada aos demais fatores mencionados, impacta diretamente no desenvolvimento local e por ser preponderantemente masculina (GOMES, 1997, p.205), resta à mulher cabo-verdiana lutar para garantir o sustento familiar, por meio da agricultura, principal base econômica das ilhas. Isso a impede muitas vezes de escolarizar-se, contribuindo para a sua ausência nos quadros governamentais e culturais, espaços ainda reservados aos homens.

Na literatura, especificamente, onde também se constata uma predominância de autores do gênero masculino sobre o feminino, figura já em 1841 o nome da já referida Antónia Gertrudes Pusich (1805-1883). A ela é conferido o título de primeiro escritor cabo-verdiano, e mulher, a publicar um poema. Trata-se do também já mencionado *Elegia à memória das infelizes vítimas assassinadas por Francisco de Mattos Lobo, na noite de 25 de junho de 1841*. Antónia Gertrudes Pusich foi o primeiro autor do arquipélago a colaborar no *Almanach de lembranças luso-brasileiro* (Lisboa, 1851 a 1932), com o poema “Um cipreste”, no ano de 1854.

Seguem Antónia Gertrudes Pusich com colaborações no Almanaque de Lembranças, as escritoras Emília dos Mártires Aguiar, Adelaide Maria das Neves, Maria Cristina Rocha, Maria Luísa de Sena Barcelos (Africana) e Gertrudes Ferreira de Lima (Humilde Camponesa)<sup>53</sup>. Sobre Maria Luísa de Sena Barcelos, Vera Duarte (2010) chama a atenção para o fato de a mesma não ter conseguido publicar nenhuma obra, mesmo tendo se tornado tão conhecida no período pré-claridoso. Gertrudes Ferreira de Lima, por sua vez, é avalizada por Orlanda Amarílis com as seguintes palavras:

---

<sup>53</sup> Para conhecer outras mulheres que colaboraram no *Almanach de lembranças luso-brasileiro* com charadas, logogrifos e enigmas, consultar Macedo (2013).

Gertrudes Ferreira de Lima deveria ser referência como o [nome] de mais uma mulher, que exerceu o ato de escrita, da comunicação, em Cabo Verde, com a consciência de que a verdade e só a verdade deveria prevalecer no ato da mesma. Tem colaboração entre 1892 a 1894 no Almanach Luso-Africano e no Novo Almanach; produz três poemas que vêm no mesmo almanach. Colaborou também no Almanach Luso-Cabo-Verdiano. (AMARÍLIS, 1999a, p. 47).

Segundo Vera Duarte (2010), embora as primeiras décadas do século XX assinalem uma grande atividade literária e jornalística no arquipélago, as mulheres não ficaram registradas nesse período. Situação que se mantém praticamente inalterada mesmo após o surgimento da revista *Claridade* (1936-1960). Nesse sentido, “tem assim razão Fátima Bettencourt quando no seu jeito peculiar de fina ironia assevera que ‘Nha Claridade apenas pariu filhos machos’, numa clara alusão ao fato de o Movimento Claridade ter sido integrado quase exclusivamente por homens” (DUARTE, V., 2010, p.116).

Em 1958, registram-se os nomes de Sílvia Crato Monteiro e Yolanda Morazzo no Suplemento Cultural<sup>54</sup>, que se seguiu à revista *Claridade*. A última, segundo Amarílis (1999), conquistou notoriedade com o livro de poemas *Cântico de Ferro* (1976), tendo ainda publicado em Cabo Verde, na obra *Modernos Poetas Cabo-Verdianos*, e no Rio de Janeiro, na revista *Morabeza*.

De acordo com Simone Caputo Gomes (2010), dando continuidade à tarefa de construir o discurso poético feminino em Cabo Verde, algumas autoras divulgaram seus versos na revista *Mujer* (organizada pela OMCV – Organização das Mulheres Cabo-Verdianas), em antologias como *Canto Liberto* (1981) e *Mirabilis: de veias ao sol* (1991), ou em livro individual, a saber: Alice Wahnnon Ferro (1940, São Vicente), Alícia Borges (1966, São Vicente), Ana Júlia Monteiro de Macedo Sança (1947, Santiago), Arcília Barreto (1945, São Vicente), Dina Salústio (1941, Santo Antão), Eleana Lima (1965, São Vicente), Lara Araújo ou Madalena Tavares (1957, Sal), Lídia do Rosário (1961, São Nicolau), Luísa Chantre (1964, Sal), MG’Nela – Helena Regina R. M. Teófilo (1959, São Vicente), Manuela Fonseca, Margarida Moreira, Maria Guilhermina, Maria José da Cunha (Ilha Brava), Maria Lídia do Rosário (1961, São Nicolau), Nely (1964, Santo Antão), Paula Martins (1957, Santiago) e Vera Duarte (1952, São Vicente).

Quanto à prosa, cuja “escrita segue um ‘projeto’ claramente vinculado às vivências do cotidiano cabo-verdiano (‘vidas vividas’), retratando-o em diversos níveis: regional,

---

<sup>54</sup> O *Suplemento Cultural* foi publicado em 1958, em um único número (RISO, 2014, p. 103).

nacional, na diáspora e/ou lançando-se para o universal, sob o crivo da história ou da memória” (GOMES, 2010, p. 168), destacam-se nomes como: Adelaide Maria das Neves (Século XIX, Santiago), Maria Helena Spencer (1911, São Vicente), Orlanda Amarílis (1924, Santiago - 2014), Ivone Aída Fernandes Ramos (1926, Santiago), Leopoldina Barreto (1937, São Nicolau), Maria Margarida Mascarenhas (1938, São Vicente), Fátima Bettencourt (1938, Santo Antão), Dina Salústio (1941, Santo Antão), Haydeia Avelino Pires (1942, Praia), Sara Almeida (Século XX, 2ª metade, natural de Cabo Verde), Ondina Ferreira/Pseudônimo Camila Mont-Rond (1946), Vera Duarte (1952, São Vicente).

Orlanda Amarílis – a quem será dado um maior destaque nesta pesquisa, dentre as escritoras cabo-verdianas – surge entre os participantes da revista *Certeza* (1944). Contista por excelência, Amarílis publicou três antologias *Cais do Sodrê té Salamansa* (1974), *Ilhéu dos pássaros* (1983) e *A casa dos mastros* (1989), além dos livros infantis *Facécias e peripécias* (1990) e *A tartaruginha* (1997). Sua prosa destaca a personagem feminina na diáspora. Em “Cais do Sodrê”, primeiro conto do livro *Cais do Sodrê té Salamansa* (1974), apresenta a cabo-verdiana Andresa, em Lisboa, destacando o drama da mulher emigrada. De acordo com Tania Macêdo (2003, p. 161), ao tratar de temas como a solidão feminina em seus contos, Orlanda Amarílis “problematiza a questão da emigração cabo-verdiana, ultrapassando a visão simplificada com que os seus conterrâneos da revista *Clareza* focalizaram o assunto”. Amarílis é uma das escritoras cabo-verdianas mais conhecidas. Sua obra possui numerosos estudos acadêmicos, sendo também uma das mais antologadas.

Conforme visto, vários nomes de mulheres foram surgindo na escrita de Cabo Verde a partir das últimas décadas do século XX, intensificando esse contexto literário com produções que garantem um olhar crítico sobre a situação feminina na sociedade. Estas escritoras “colocam em ação, em seus textos, a mulher cabo-verdiana, seja como protagonista, seja como coadjuvante ou figurante de destaque, documentando a historicidade da participação feminina na construção e no desenvolvimento do país” (GOMES, 2010, p. 170). Atentas para problemas de desigualdades de gênero e denunciando abusos e violações de direitos, estas mulheres contribuem para mudanças substanciais na sociedade cabo-verdiana, principalmente no tocante ao universo feminino. Nesse sentido, pode-se afirmar, junto com Vera Duarte, que:

O objetivo [da escrita literária feminina em Cabo Verde] é semear a rebeldia, a subversão e o descontentamento contra o estado das coisas do passado e conseqüentemente conseguir, ao mesmo tempo que assumem a causa coletiva de emancipação de um país, dar voz aos anseios próprios de um

segmento marginalizado e submisso do seu povo assumindo a causa da emancipação da mulher e da igualdade e equidade de gênero. (DUARTE, V., 2010, p. 121).

Necessário acrescentar que, no tocante à literatura cabo-verdiana, além dos estudos da pesquisadora brasileira Simone Caputo Gomes – sobretudo, seu artigo “O texto literário de autoria feminina escreve e inscreve a mulher e(m) Cabo Verde”<sup>55</sup> (2010), de onde se retirou grande parte dos nomes de escritoras de Cabo Verde presentes nesta pesquisa –, outras fontes foram consideradas.

Destaque-se, nesse sentido, o já comentado *Dicionário de autores de literaturas africanas de língua portuguesa* (1997), dirigido por Aldónio Gomes e Fernanda Cavacas, como também as coletâneas: *Cabo Verde – 100 poemas escolhidos* (2016), organizada por Érica Antunes Pereira, Maria de Fátima Fernandes e Simone Caputo Gomes; *Cabo Verde: Antologia de poesia contemporânea* (2011), elaborada por Ricardo Riso; *Destino de Bai – Antologia de poesia inédita cabo-verdiana* (2008) e *Tchuba na desert – Antologia de poesia inédita cabo-verdiana* (2006), ambas organizadas por Francisco Fontes, jornalista português que foi Delegado da Agência Lusa na cidade da Praia, entre 2001 e 2004<sup>56</sup>. O valor dessas coletâneas consiste, especialmente, em fornecer novos nomes que vão se firmando no atual cenário literário do arquipélago, como Eileen Barbosa, Margarida Fontes, Chissana Magalhães, Maria Helena Sato, Carlota de Barros.

De grande importância para o conhecimento de escritoras que se dedicam à literatura infanto-juvenil (como Carmelinda Gonçalves Aburaya, Celina Pereira, Natacha Magalhães, Giselle Neves Silva, Zaida Sanches, Marilene Pereira, Mana Guta, Débora Cristina, Luísa Queiroz) é a “Lista completa dos livros para infância de Cabo Verde”, produzida pelo jornalista e autor cabo-verdiano Odair Varela e divulgada em seu blog: <daivarela.blogspot.com.br/>. A lista inclui “livros, revistas, livros-CD e publicações de contos em revistas voltados para a infância e dentro do contexto cabo-verdiano” (VARELA, 2016). Além dos títulos e autores, são divulgados também por Varela imagens dos livros e outros dados como ano de publicação, número de edição, ilustradores e casa editorial.

---

<sup>55</sup>O referido artigo também pode ser encontrado em *A mulher em África. Vozes de uma margem sempre presente* (2007), livro organizado por Inocência Mata e Laura Padilha, e no livro *Cabo Verde: literatura em chão de cultura* (2008a), da própria Simone C. Gomes. Outra versão, com algumas alterações, desse mesmo artigo foi publicada na *Revista Crioula*, nº 3, Maio de 2008, com o título “Literopintar Cabo Verde: a criação de autoria feminina” (2008b).

<sup>56</sup>*Destino de Bai* e *Tchuba na desert* não chegaram às nossas mãos através de material impresso. O contato foi feito por material digitalizado e fornecido pelo Google Books. Cf. endereços virtuais nas Referências.

Como contraprova de alguns desses registros e até mesmo como maneira de alcançar informações mais recentes sobre as autoras e suas obras, pesquisou-se em matérias jornalísticas *on-line* extraídas dos seguintes periódicos cabo-verdianos: *A Semana*, *A Nação*, *Expresso das Ilhas* e *INFORPRESS – Agência Cabo-Verdiana de Notícias*. Por meio desses dois últimos periódicos, foram localizadas outras duas escritoras do arquipélago: Eurídice Monteiro, autora do romance *A ponte de Kayetona* (2016) e Artemisa Ferreira, poetisa que já possui dois livros publicados, *Desejo* (2009) e *Gruta abençoada* (2017).

### 2.2.3 Guiné-Bissau

Uma das primeiras constatações de quem pesquisa as literaturas africanas de língua portuguesa é a parca existência de estudos voltados para a Guiné-Bissau. Na maioria das vezes, a preferência dos pesquisadores recai para a produção literária angolana e/ou moçambicana, estendendo-se – em muitos poucos casos – para a literatura de Cabo Verde. Guiné-Bissau, assim como São Tomé e Príncipe, é deixada à parte. O resultado disso é a continuidade do silenciamento da literatura guineense, fato também atrelado à dinâmica sócio-histórica e cultural do país.

Efetivamente, apenas em 1958 foi aberto o primeiro estabelecimento de ensino secundário guineense. Comparado a Cabo Verde, cujo primeiro liceu foi inaugurado em 1860, confirma-se a disparidade temporal. Some-se a isso o fato de que em território guineense “o acesso ao ensino era bastante restrito, estando dele excluída a maioria da população (99,7% em 1961) abrangida pelo Estatuto do Indigenato” (EMBALÓ, 2004)<sup>57</sup>. A presença tardia da imprensa e das editoras associada à falta de apoio das autoridades do país em relação à promoção da cultura nacional em geral e à literatura em particular contribuem para essa lenta atividade cultural. “Num tal panorama de escassez”, como diz Inocência Mata (1995, p. 34), [...] “não admira que ganhem importância nomes que em outros espaços geo-poéticos não teriam valor sociológico, como é o caso de Fausto Duarte, que poderá neste contexto, ser considerado um precursor, juntamente com António Baticã Ferreira”.

Se é verdade o surgimento tardio da literatura guineense, não é menos verdade a predominância de vozes masculinas, assim como acontece nas diferentes literaturas. Em

---

<sup>57</sup> O artigo de Filomena Embaló foi consultado na *internet*, razão pela qual, quando o citar, se registrará apenas o ano de publicação, sem a indicação das páginas.

*Poilão*<sup>58</sup> (1973), primeiro caderno de poesias da Guiné-Bissau, por exemplo, apenas Eunice Borges comparece, com a publicação de um único poema, “Saí sem rumo”. Destaque-se que Eunice Borges é natural de Cabo Verde, embora descendente de guineenses. De acordo com Couto & Embaló (2010, p. 113): “Quando se casou, [Eunice Borges] mudou-se para a Guiné-Bissau, onde exerceu diversos cargos na administração do país”. À época da publicação de *Poilão*, era funcionária do Sindicato Nacional dos Empregados do Comércio e da Indústria (SNECI), em Bissau. É certo que esta escritora encontra-se numa posição ambígua e desconfortável, ora sendo inscrita no contingente dos autores guineenses, ora no dos cabo-verdianos. Não se pretende aqui discutir o valor dessa classificação. Reconhece-se a situação da autora nessa linha difusa entre as duas literaturas e registra-se, sobretudo, sua contribuição na já mencionada antologia *Poilão*, como também na *Antologia poética da Guiné-Bissau*. Além da colaboração nas duas coletâneas mencionadas, de acordo com Couto & Embaló (2010), se desconhece a existência de outra publicação de Eunice Borges.

À coletânea *Poilão* (1973), seguem-se algumas antologias que marcaram a literatura nacional: *Mantilhas para quem luta* (1977), primeira antologia poética depois da independência; *Momentos primeiros da construção* (1978); *Antologia poética da Guiné-Bissau* (1991); *O eco do pranto* (1992), antologia com a temática da criança; *Kebur. Barkafon di poesia na kriol* (1996), primeira coletânea de poesias na língua guineense; e *Traços no tempo: antologia poética juvenil da Guiné-Bissau* (2010). Segundo o escritor e pesquisador Rui Jorge Semedo, em seu artigo “Uma radiografia do processo literário guineense”, pouca ou quase não se faz notar a presença feminina nessas antologias:

[...] da primeira antologia participaram quatorze poetas e nenhuma presença feminina; a segunda contou com doze poetas e uma poetisa, que é a Mariana Marques Ribeiro; a terceira voltou a reunir quatorze poetas entre os quais duas eram mulheres, Domingas Samy e Eunice Borges; a quarta reuniu nove poetas dentre os quais uma mulher, Mariana Marques Ribeiro; a quinta contou com treze poetas dentre os quais duas mulheres: Dulce Neves e Odete Semedo, e a sexta, que foi um trabalho recente da nova geração de escritores, reuniu vinte e três poetas, sendo apenas três mulheres: Filomena Gomes Correia, Gina Có e Irina Gomes Ramos. (SEMEDO, R., 2012, p. 85).

Em 2016, de acordo com o *site* Conexão Lusófona, a editora Corubal lançou o segundo volume da obra *Traços no tempo: antologia poética juvenil da Guiné-Bissau – Volume II*, sob a coordenação literária de Emílio Tavares Lima. No total, 46 jovens

---

<sup>58</sup>A obra foi editada em Bissau, por iniciativa do Grupo Desportivo e Cultural (GDC) dos Empregados do Banco Nacional Ultramarino. É considerada a primeira antologia de poesia da Guiné-Bissau.

guineenses residentes na Guiné-Bissau e na diáspora fazem parte da antologia. Desses, 12 são poetisas. Entre elas, aparecem mais uma vez Filomena Gomes Correia Umabano, Gina Có e Irina Gomes. A jovem poetisa Rita Ié também deixa nesta antologia alguns poemas seus. Segundo ela, suas perspectivas são positivas sobre a participação feminina na literatura, esperando que “na terceira edição o equilíbrio [entre autoras e autores] seja mais notório” (ALVARENGA, 2016)<sup>59</sup>.

Ainda tratando de antologias, é oportuno lembrar três títulos, já que trazem entre os escritores alguns nomes femininos: *Contos da cor do tempo* (2004), *Contos do mar sem fim* (2010) e *Ena vem todos os anos* (2014), todas publicadas por intermédio da Ku Si Mon, primeira editora privada guineense, criada em Bissau, no ano de 1994, por Fafali Koudawo, Abdulai Silá e Teresa Montenegro. Na primeira, podem ser localizados contos assinados por Julie Agossa Djomatin e Andrea Fernandes. Na segunda, entre os guineenses, apenas Andrea Fernandes participa com o conto “O hóspede”. Na terceira, publicam Claudiany Pereira, Flora Ernesto, Anita Gomes e, mais uma vez, Andrea Fernandes. A ausência de informações sobre estas autoras nas próprias antologias e/ou em qualquer outro material permite supor que, talvez, estes nomes sejam pseudônimos literários das contistas. Pode ainda conduzir o pesquisador ao erro. O nome Flora Ernesto, por exemplo, que aqui está classificado como feminino pode se tratar de um nome masculino, isso considerando que Flora, nome comumente feminino em alguns países como o Brasil, pode ser abreviação de Florentino, conforme acontece com o cineasta guineense Florentino Gomes (Cadique, 1949), cujo nome artístico é Flora Gomes.

Quanto às publicações individuais, somente em 1993 é lançada a primeira obra escrita por uma guineense. Trata-se da coletânea de contos *A escola*, de autoria de Domingas Samy, “um livro ainda incipiente, mas com o mérito do pioneirismo e de apresentar, pela via literária, diferentes aspectos da vida das mulheres no país” (AUGEL, 2007a, p. 48). Editada pela autora, a coletânea reúne três contos: “A escola”, “Maimuna” e “O destino”. Comentários sobre as narrativas podem ser lidos em *Literatura, Língua e Cultura na Guiné-Bissau* (2010), escrito pelo professor brasileiro Hildo Honório do Couto, em co-autoria com a escritora Filomena Embaló; bem como em *A literatura guineense: contribuição para a identidade da nação* (2014), tese de doutoramento de Joaquim Eduardo Bessa da Costa Leite.

O segundo nome a compor o panorama literário feminino com publicação de obra individual foi Odete Semedo, com o livro de poesia *Entre o ser e o amar*, trazido a lume em

---

<sup>59</sup>As informações sobre o segundo volume da antologia *Traços no tempo* foram consultadas na *internet*. Por isso, quando a citar, será feito o registro apenas do ano de publicação, sem a indicação da página.

1996. A este se seguem os livros de contos coletados da tradição oral: *Soneá: Histórias e passadas que ouvi contar I* e *Djênia: Histórias e passadas que ouvi contar II*, ambos lançados em 2001 e “reeditados em 2003, em um único volume, em Viana do Castelo, Portugal, juntamente com o memorável *No fundo canto*, poesia, que teve uma segunda edição em Belo Horizonte, Brasil, em 2007” (AUGEL, 2014, p. 130). Além disso, Odete Semedo tem artigos e outros trabalhos científicos sobre a tradição oral guineense, onde ao destacar as cantigas de dito ou mandjuandadi, nos apresenta as mulheres “como atrizes principais no mundo de falas, palavras e cantos” (SEMEDO, O., 2010, p. 124). A valorização da cultura e tradição guineenses é facilmente percebida no conjunto da obra de Odete Semedo, bem como também são notáveis suas reivindicações em prol do seu povo que tanto resistiu o colonialismo e continua resistindo às novas formas de colonização propagadas na atualidade.

Acrescente-se a este panorama o nome da escritora Filomena Embaló e sua obra *Tiara* (1999), “que levanta o véu do delicado tema da integração familiar e social no seio da própria sociedade africana”, como afirma a autora (EMBALÓ, 2004). Apesar de ter nascido em Luanda (Angola), Filomena Embaló considera-se “guineense de coração e por opção”. Sobre ela e seu romance *Tiara*, destaquem-se as considerações tecidas pela pesquisadora Zuleide Duarte (2012, p. 82):

Sua ficção dialoga com a condição do chamado pós-colonialismo, a partir das vivências de personagens desterritorializadas e exiladas na sua própria condição. As experiências com temas como gêneros, etnia e nacionalidade ocupam o eixo ideológico do romance.

É uma das defensoras da utilização do crioulo, enfatizando sua riqueza metafórica que se enraíza nas manifestações da cultura dita popular. Reconhece a predominância da língua portuguesa na produção literária bissau-guineense, mas constata um avanço do uso do crioulo nesses textos produzidos em português. Através da história da guerrilha na Guiné, o universo feminino configura-se, com a participação da mulher na luta armada. Os conflitos entre o novo e a tradição revelam quanto existe por conquistar, para que a mulher ocupe o espaço que lhe é destinado na sociedade.

Em tempo, registre-se que, além de *Tiara*, Filomena Embaló publicou o livro de poemas *Coração Cativo* (2005) e o livro de contos *Carta Aberta* (2005).

Mais recentemente vem se sobressaindo a voz poética de Saliatu da Costa, cujas produções *Bendita loucura* e *Entre a roseira e a pólvora, o capim!* foram publicadas, respectivamente, em 2008 e 2011. Seu nome e seus livros já aparecem como referência da poética guineense, sendo inclusive objeto de estudo em trabalhos científicos como, por exemplo, na dissertação *Poesia em conflito: marcas identitárias na poesia guineense*

*contemporânea de Odete Semedo, Saliatu da Costa e Tony Tcheka*, de Luís Carlos Alves, defendida em janeiro de 2017. Ao lado dos trabalhos individuais publicados, Saliatu da Costa já publicou poemas e ensaios em jornais e em espaços digitais.

Ainda neste rol da produção literária de autoria feminina, Moema Parente Augel (2014, p. 132) insere o nome da jurista Antonieta Rosa Gomes. Sua obra *Retratos de mulher*, publicado em 2014, no Brasil, teve apoio da Associação dos Antigos Alunos da FDUSP (Faculdade de Direito – Universidade de São Paulo), instituição onde a autora se formou em Direito no ano de 1987.

Outrossim, merece notoriedade Né Vaz (Vanessa Margarida Buté Vaz), a mais jovem romancista guineense. Seu livro de estreia *Pérola roubada*, foi lançado em fevereiro de 2018, sob a chancela da Chiado Editora. Além de divulgação pela Associação dos Escritores da Guiné Bissau (AEGUI) e pela plataforma digital “Udjus di Guiné”, a produção da autora recebeu destaque no Jornal *O Democrata GB*, edição de 04 de março de 2018.

Contrariamente ao que acontece em Angola e em Cabo Verde, praticamente inexistente divulgação sobre autoras guineenses nos jornais digitais da Guiné-Bissau. A publicação esparsa em revista/antologias e a rara edição de obra individual no país, possivelmente, explicam a ausência destas matérias em periódicos.

Com exceção de Né Vaz e de Antonieta Rosa Gomes – que teve seus dois livros divulgados no jornal *on-line GBissau*<sup>60</sup> –, apenas Dulce Neves foi localizada nas páginas de *O Democrata GB*<sup>61</sup>. Neste último caso, as matérias destacam Dulce Neves como cantora e não como poetisa. Além de ser conhecida na Guiné-Bissau, sobretudo, como uma pessoa da música, o que também pode justificar a sobrevalorização da música em detrimento da literatura, é o fato de que a mesma não possui participação ativa em coletâneas de poemas publicados no país, a não ser na antologia *Kebur. Barkafon di poesia na kriol* (1996), cujos seis poemas que ali constam são letras de canções.

Outras escritoras referidas em páginas virtuais, com os nomes dos *sites/blogs* entre parênteses, são: Saliatu da Costa (TupãCity.com); Fernanda de Castro (“Senegâmbia – Boletim Cultural da Guiné-Bissau e regiões vizinhas” e no *blog* pessoal da autora <fernanda-decastro.blogspot.com>); Filomena Embaló (“Projeto Guiné-Bissau: Contributo”, fundado em 2003, por Fernando Casimiro “Didinho”); Odete Semedo, Domingas Samy, as já citadas

<sup>60</sup> De “informação nacional generalista”, o jornal *on-line Gbissau* foi fundado em 2012. A ideia da criação *Gbissau* surgiu de um grupo de experientes jornalistas oriundos da Guiné-Bissau e com passagem em órgãos de comunicação social de referências nacionais e internacionais, nomeadamente RTGB, a RDN, a BBC, a CNN, a Voz da América, entre outros. Cf. <www.gbissau.com>.

<sup>61</sup> Jornal *on-line* da Guiné-Bissau, com publicação desde 2014.

Dulce Neves e Fernanda de Castro (*Revista TriploV de Artes, Religião e Ciências*). Além de constar na *TriploV*, Odete Semedo também aparece registrada no *Sermos Galiza*, jornal semanal galego, publicado em Santiago de Compostela; no *site* “Templo Cultural Delfos”, importante repositório digital, indicador de referências bibliográficas, fortuna crítica e textos de escritores da língua portuguesa; nos portais “Carta Maior” e “Catarinas”; entre outros <sup>62</sup>.

#### 2.2.4 Moçambique

A escritora Lília Momplé, no artigo “A mulher escritora e o cânone – aproximação e ruptura” (1999), destaca o importante papel desempenhado pelas moçambicanas no mundo cultural. Segundo ela, desde o período colonial, coube à mulher difundir e transmitir os valores culturais, as tradições, os ritos e as diversas formas de arte como: dança, canto e literatura oral. No entanto, a sua visibilidade geralmente ficava restrita à família e à pequena comunidade onde se encontrava inserida. Com a independência, a mulher moçambicana continuou a exercer um papel importante no domínio da cultura. Grupos culturais formados, predominantemente, por mulheres surgiram e “nos grandes festivais nacionais de música, canto e dança tradicionais, [...] a participação feminina foi primordial” (MOMPLÉ, 1999, p. 31).

Na literatura escrita, entretanto, reduzido foi o número de escritoras que figuraram e se tornaram reconhecidas no período colonial e nos primeiros anos do pós-independência. Noémia de Sousa (1926-2002) é um desses poucos nomes de destaque. Sua poesia, “marcada pelo amadurecimento de uma nova consciência dos problemas africanos” (ALÓS, 2011, p. 62), fez-se presente no cenário literário de Moçambique já nos últimos anos da década de quarenta, praticamente no tempo em que, segundo Manuel Ferreira (1977), foram assinaladas as primeiras manifestações poéticas no país <sup>63</sup>.

De acordo com Anselmo Peres Alós (2011), o primeiro poema publicado por Noémia de Sousa recebeu como título “Canção fraterna” e foi divulgado no jornal *O brado Africano* no dia primeiro de dezembro de 1948, assinado somente com as iniciais N.S. Ainda segundo o estudioso, a partir dessa primeira publicação, a poetisa tornou-se colaboradora de *O brado Africano* “escrevendo notas e poemas para a ‘Página para a mulher’ do referido jornal” (ALÓS, 2011, p. 64). Foi também neste periódico que a poetisa publicou “Poesia não

---

<sup>62</sup> Cf. Referências Webgráficas.

<sup>63</sup> Segundo Manuel Ferreira, os primeiros indícios de “poesia de características moçambicanas” apareceram apenas no século XX. Aponta-se o nome de Rui de Noronha como precursor da poesia moçambicana.

venhas!”, “poema no qual faz referências às agruras da condição colonial imposta a Moçambique, ao mesmo tempo que reivindica o discurso poético como campo de possibilidade para a manifestação das dores e perdas resultantes dessa condição político-cultural” (ALÓS, 2011, p. 64).

Apesar de só ter os seus primeiros textos reunidos em livro no ano 2001, por meio da organização de Nelson Saúte, os poemas de Noémia de Souza se tornaram conhecidos através das suas contribuições em jornais (como o já destacado *O brado Africano*), revistas (como *Vértice*, *Mensagem* e *Msaho*) e ainda por meio das inúmeras antologias poéticas que circularam na época, como: *Caderno de poesia negra de expressão portuguesa* (1953), organizado por Mário Pinto de Andrade e Francisco José Tenreiro; *Poesia negra de expressão portuguesa* (1958), organizada por Mário Pinto de Andrade; segundo volume de *Antologias de poesia CEI – 1951/1963*,<sup>64</sup> editadas pela Associação Casa dos Estudantes do Império (ACEI), dedicado à poesia de Moçambique; *Antologia temática da poesia africana – Na noite grávida de punhais* (1975), volume I, também organizada por Mário Pinto de Andrade; *No reino de Caliban*, volume III, tomo dedicado a escritores moçambicanos, organizado por Manuel Ferreira; entre tantas outras surgidas após a independência de Moçambique (ALÓS, 2011) (PADILHA, 2012).

Também teve destaque ao lado de Noémia de Sousa, no terceiro volume da antologia *No reino de Caliban*, a poetisa Maria Manuela de Souza Lobo. Enquanto que na publicação das *Antologias de poesia da Casa dos Estudantes do Império – 1951/1963*, no volume dedicado à já referida produção poética de escritores moçambicanos, também tiveram seus nomes e poemas divulgados as seguintes escritoras: Ana Pereira do Nascimento, Anunciação Prudente, Glória de Sant’Anna, Irene Gil e Marília Santos (FONSECA, 2004, p. 286).

Segundo Nazareth Fonseca (2008), em 1989, a Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO), chancelou a publicação da *Antologia da nova poesia moçambicana*, sob a organização de Nelson Saúte e Fátima Mendonça. “Embora o período de produção e publicação dos poemas recolhidos seja superior a dez anos (de 1975 a 1988), só apareceram citadas duas poetisas: Noémia de Sousa e Clotilde da Silva” (FONSECA, 2008, p. 120-121). Esta última explora, segundo Fonseca (2008), manifestações eróticas do corpo feminino, como também apresenta em sua obra “ecos de uma poesia de compromisso social, que tanto pode redesenhar símbolos da luta pela conquista da terra nação” quanto “propor um novo canto” também voltado para a trajetória histórico-política do país.

---

<sup>64</sup> No segundo volume de *Antologias de poesia CEI – 1951/1963* encontram-se a *Separata da Mensagem dedicada à poesia em Moçambique*, de 1951, e ainda duas antologias publicadas em 1960 e 1962.

Contemporaneamente, na poesia, se distinguem: Amélia Matavele, com *Xitshuketa* (2016); Celina Sheila Macome, com *Embarque na escrita poética* (2017); Deusa d'África, com *A voz das minhas entranhas* (2015) e *Ao encontro da vida ou da morte* (2016); Emmy Xyx (Pseudônimo de Maria Manuela Xavier), com as obras: *Espelho* (2011), *Contar ser grego* (2012), *De sol ações a sol unções* (2013) e *Escritas na mão do mar à ria* (2015); Gisela Ramos Rosa, com *Vasos comunicantes* (2006), *Tradução da manhã* (2013) e *As palavras mais simples* (2014); Hirondina Joshua, com *Os ângulos da casa* (2016); Lica Sebastião, com *Poemas sem véu* (2011), *Ciclos da minha alma* (2015) e *De terra, vento e fogo* (2015); Rinkel (Pseudônimo literário de Márcia dos Santos), com *Almas gêmeas* (1998), *Revelações* (2006) e *Emoções e abstrações* (2011); Sónia Sultuane, com *Sonhos* (2001), *Imaginar o poetizado* (2006), *No colo da lua* (2008) e *Roda das encarnações* (2016); e Tânia Tomé, com *Agarre-me o sol por trás* (2010).

Na prosa, além das já conhecidas Maria Sorensen, Lília Momplé, Lina Magaia e Paulina Chiziane, podem ser citadas Amilca Ismael e Teresa Xavier Coito. Amilca Ismael (1963) vive na Itália desde 1986. Estreou na literatura com o romance *A casa de recordações* (2008). Seguem-se a este primeiro livro, outros dois romances, *A história de Nádia* (2010) e *Efêmera liberdade* (2014). Amilca Ismael já participou de muitas entrevistas em emissoras de rádio, jornais e programas televisivos nacionais e internacionais, como também já teve seus romances divulgados em várias feiras de livros pelo mundo, a saber: Expo América, Nova Iorque; Feira Internacional do Livro de Guadalajara, México; Feira Internacional do Livro de Frankfurt, Alemanha; Feira Internacional do Livro de Pequim, China; Feira Internacional do Livro do Cairo, Egito; Feira Internacional do Livro de Londres, Inglaterra. É vencedora de vários prêmios, como o Prêmio Literário Internacional Europa 2012, Lugano - Suíça. Todos os seus romances foram lançados originalmente em italiano e traduzidos, subsequentemente, para o português.

Também na diáspora, Teresa Xavier Coito (1983) publicou seu primeiro romance *Em busca das origens – Os benefícios da mudança*, em 2015, sob a chancela da Chiado Books. Em abril de 2018, lançou *Em busca das origens – Reencontro de mim* (Volume II), também pela Chiado Books. Além de prosa, a autora tem publicado poesia em diversas antologias e revistas do Círculo de Escritores Moçambicanos na Diáspora – CEMD, associação sem fins lucrativos que tem como objetivo promover internacionalmente a literatura de Moçambique, com ênfase na literatura moçambicana produzida na diáspora.

Sublinhe-se, em tempo, a já referida Glória de Sant'Anna que transitando da poesia para a narrativa, publicou em 1975 a obra ... *Do tempo inútil*, livro de crônicas escritas de

1960 a 1970 (FERREIRA, 1977). Além disso, é conveniente lembrar que Glória de Sant'Anna também se destaca por produzir literatura infanto-juvenil. Entre os seus livros com esta temática podemos citar *Zum-zum*, publicado em 1995 e *O pelicano velho*, que obteve duas edições, a primeira em 2002 pela Câmara Municipal de Ovar e a segunda pela Ndjira, no ano de 2003.

Além de Glória de Sant'Ana se dedicam à escrita para o público infanto-juvenil as escritoras Amélia Muge, Fátima Langa, Felizmina Velho, Teresa Noronha, Tatiana Pinto e Angelina Neves Oliveira, esta “precursora dessa literatura desde as publicações do folheto do jornal *Njingiritane*” (OLIVEIRA, 2014, p. 97). Já Tatiana Pinto é a mais jovem escritora nesse segmento. Nascida em 1985, na Zambézia, província do norte de Moçambique, conta com dois livros: *Stella e a menina do mar* e *A viagem*, ambos de 2012. *A viagem* é o terceiro volume da série de Contos de Moçambique, composta por contos resgatados da tradição oral moçambicana. Os volumes anteriores desta coleção são *O rei mocho* (2016), de Ungulani Ba Ka Khosa e *As armadilhas da floresta* (2016) de Hélder Faife, todos editados no Brasil pela Kapulana Editora.

Sem dúvidas, entre as prosadoras, Paulina Chiziane está entre as mais conhecidas, sendo a escritora moçambicana com maior visibilidade, alcançando espaço de destaque na análise de especialistas. Inúmeros são os artigos e ensaios sobre o conjunto de sua obra. Assim como também é crescente a quantidade de teses e dissertações que tem como objeto de análise suas narrativas. Paulina Chiziane é uma mulher que se destaca em seu país por romper silêncios e quebrar tabus sociais, considerados invioláveis. É dela o título de primeira mulher moçambicana a escrever um romance, no ano de 1990, com a obra *Balada de amor ao vento*, editada pela associação de Escritores Moçambicanos (AEMO). Os seus textos se abrem para a apresentação de problemas sociopolíticos de Moçambique, constituindo espaço para a divulgação de lendas, costumes, de modo a estabelecer reflexões sobre a tradição e a modernidade nos países que foram conspurcados pelo colonialismo. Já suas personagens femininas expõem os meandros da condição subalterna da mulher e em algumas situações conseguem anunciar, como o faz a personagem Rami no romance *Niketche*<sup>65</sup>, uma proposta de combate à tradição milenar que delimita a inferioridade e a subalternização feminina como algo natural. Por sua grande representatividade na prosa de autoria feminina, Paulina Chiziane terá nesta pesquisa destaque entre as demais escritoras moçambicanas, sendo seu romance *Ventos do apocalipse* (1993) a obra selecionada para compor o *corpus* de análise.

---

<sup>65</sup>*Niketche* rendeu a Paulina Chiziane a comenda literária mais importante do país, o Premio José Craveirinha, no ano de 2003.

Acrescente-se que grande parte das informações sobre as jovens escritoras moçambicanas foi obtida por meio de pesquisa em *sites* de periódicos nacionais (*Jornal Notícias, Folha de Maputo, Jornal Verdade, Revista Soletras, Revista Literatas* etc.) e internacionais (*Jornal do Brasil, Jornal Pravda.ru, Revista Palavra Comum* etc.), como também em outras páginas virtuais<sup>66</sup>.

Entre as autoras de Moçambique, Paulina Chiziane também é a mais frequentemente referida na rede eletrônica. Para localizar informações sobre ela nem mesmo é necessário digitar seu nome no campo de busca, basta registrar a expressão “escritora moçambicana” para que notas bibliográficas, entrevistas e fortuna crítica apareçam. Isso comprova a grande notoriedade que a autora ganhou, dentro e fora de seu país, desde sua estreia na literatura de Moçambique.

Inversamente, são raros os registros *on-line* de algumas escritoras que escreveram no período anterior à independência, como Amália de Proença Norte, Conceição Lobo, Graças Mascarenhas Mexias Santos, Irelândia Maria, Lisa Gabriela, Márcia Ramos Ivens Ferraz, Margarida Castel-Branco, Maria da Beira, Maria da Soledade, Maria Lacerda, Maria Paiva, Marília do Céu, Matilde Acciaiuoli e Olga Maria Pedro de Almeida, entre outras. Excetuando a lista “Women writing Africa: a bibliography of lusophone women writers”, proposta pelo professor Tony Simões, da Universidade da Tasmânia, na Austrália, quase não se encontram notícias sobre elas, a não ser vagos registros de livros disponibilizados em alfarrabistas virtuais. De grande apoio, sobre estas últimas autoras, tornou-se o material impresso produzido por Gomes & Cavacas (1997), sobretudo quanto às referências biográficas.

### 2.2.5 São Tomé e Príncipe

Assim como acontece na Guiné-Bissau, a literatura de São Tomé e Príncipe é pouco visibilizada pelos estudiosos das literaturas africanas de língua portuguesa. A escassez de trabalhos na área – ou pelo menos, como aponta Mata (2008), a dispersão dos estudos feitos sobre a literatura santomense – somada a outros fatores como o número restrito de obras publicadas e a dificuldade para a aquisição de livros acabam promovendo o desinteresse dos pesquisadores.

Inocência Mata (2010), apesar de reconhecer todos esses impasses que favorecem a periferização da literatura de São Tomé e Príncipe, evidencia que a justificativa da ausência

---

<sup>66</sup> Cf. Referências Webgráficas.

ou inacessibilidade de material crítico e literário, usada pelo pesquisador para explicar a sua apatia pela produção escrita santomense, não atenua a situação lacunar em que se encontra tal literatura, nem muito menos elimina a responsabilidade daqueles que trabalham na área: “um investigador não pode, creio, ‘refugiar-se’ constantemente no argumento de que não tem acesso ao material que investiga, pois tal atitude contraria a natureza de sua atividade, que é precisamente a pesquisa!” (MATA, 2010, p. 53).

Ainda para a crítica santomense, essa “desatenção” além de estar relacionada aos interesses pessoais e profissionais de cada pesquisador, também comprova a falta de um trabalho de divulgação dessa literatura pelo próprio país que “não tem sabido promover a internacionalização dos seus escritores – como não tem sabido promover valores culturais nenhuns que não sejam efêmeros e finalísticos”. Segundo a crítica,

[...] não existe no país uma preocupação virada para a promoção daquilo que, sendo um valor, não gera mais-valia imediata, isto é, não é imediatamente capitalizável nem promova protagonismos! Já o tenho dito: a literatura são-tomense<sup>67</sup>, tal como o país, sofre de uma dupla perifericidade, que não tem apenas a ver com a dinâmica externa, senão também com a inércia interna de um país que, em década e meia (1991-2001), ou seja, desde o fim do monopartidarismo, não viu chegar ao fim da sua legislatura um único governo! Como desenvolver um programa cultural, ou outro qualquer, a haver algum?! (MATA, 2010, p. 54).

O discurso denunciativo e questionador de Inocência Mata põe em evidência a inércia do país em relação ao setor cultural – e não só – e leva a concluir que, apesar das dificuldades, os autores santomenses lutam contra a recessão literária, mesmo que para isso precisem enfrentar “um verdadeiro ‘calvário tipográfico’” (MATA, 2010, p. 92). Sendo autora de obras críticas e historiográficas, mais do que ninguém, Inocência Mata sabe das dificuldades para se publicar num país marcado pela precariedade de meios editoriais e pela falta de apoio governamental.

É consensual entre os estudiosos das literaturas africanas fundamentar o início da literatura de São Tomé e Príncipe no ano de 1942 com a publicação de *Ilha de nome santo*, de Francisco José Tenreiro. No entanto, “já antes a escrita jornalística (de jornais, revistas e boletins) havia sido o repositório das primeiras manifestações da escrita de/sobre o mundo são-tomense, ainda no século XIX e, sobretudo, nos princípios do século XX” (MATA, 2010,

---

<sup>67</sup> Estão corretas as formas santomense e são-tomense. De acordo com Mata (2008, p. 19), “em contexto nacional, como é o caso, este gentílico abrange também a cultura da ilha do Príncipe, que, para ser designada particularmente, deverá ser principense”. A crítica prefere o uso de são-tomense em seus textos. Nesta pesquisa usa-se santomense, como já deve ter sido notado desde o início destes escritos.

p. 55-56). Datam também do século XIX poemas dispersos de Francisco Garção Stockler, António Lobo de Almada Negreiros e Caetano da Costa Alegre (1864- 1890). A poesia deste último, segundo o crítico Manuel Ferreira (1997, p.30), “na quase totalidade, funciona espartilhada num mecanismo antitético”. Nesse sentido, recorrendo a comparações e a antíteses, o poeta evidencia, de uma forma quase obsessiva, a problemática da cor da pele, conforme se pode atestar nos versos destacados do soneto “Aurora”:

Tu tens horror de mim, bem sei Aurora  
 Tu és o dia, eu sou a noite espessa,  
 Onde eu acabo é que o teu ser começa.  
 Não amas!... flor, que esta minha alma adora

És a luz, eu a sombra pavorosa  
 Eu sou a tua antítese frisante,  
 Mas não estranhes que te aspire formosa,  
 Do carvão sai o brilho do diamante.

Contemporâneos a Francisco José Tenreiro, destacam-se os poetas Marcelo da Veiga, Maria Manuela Margarido, Alda Espírito Santo, Tomás Medeiros, entre outros. Após a independência, outros nomes se afirmaram no cenário literário santomense, entre os quais, podemos citar: Aíton Bonfim, Maria Olinda Beja, Francisco Costa Alegre, Amadeu Quintas da Graça, Conceição Lima, Albertino Bragança.

Especificamente tratando da presença feminina na literatura de São Tomé e Príncipe, Amarino Queiroz (2018) identifica a primeira metade do século XX como sendo o período em que se registram as primeiras escritoras santomenses. Nomes como os de Aurora Jardim (São Tomé, 1898-1988) e Sara Pinto Coelho (Príncipe, 1913-1990) são apontados pelo crítico e pesquisador como precursores, embora o mesmo esclareça que “em ambas as autoras não estejam delineados os contornos de uma motivação que se pudesse traduzir por reivindicação nacionalista” (QUEIROZ, 2018, p. 234-235). Aurora Jardim, jornalista e escritora, “não desenvolveu uma literatura de motivação africana, mas deixou publicadas diversas obras de ficção, de poesia e de formação social, além da colaboração em jornais e revistas” (QUEIROZ, 2007, p.186). Sara Pinto Coelho escreveu romances, contos, peças teatrais e literatura infantil. Segundo Queiroz (2007), mesmo não desenvolvendo uma relação direta com a literatura de São Tomé e Príncipe, Sara Pinto Coelho influenciou de forma significativa a cena cultural africana, especialmente em Moçambique onde viveu durante 27 anos.

Ainda no período colonial, surgem nomes como os de Alda Espírito Santo e Maria Manuela Margarido, escritoras que, contrariamente a Sara Pinto Coelho e a Aurora Jardim,

inscreveram sua poesia num projeto claramente nacionalista. Seus textos atestam o compromisso político e refletem o ideário de luta contra o colonialismo. Segundo Queiroz (2018, p. 236):

O aparecimento e a projeção destas autoras na literatura de São Tomé e Príncipe correspondem, cronologicamente, ao processo de tomada de uma consciência de classe e de identidade nacional no país e nas outras colônias portuguesas da África, o que naturalmente conduziria ao acirramento das lutas pela independência.

Contemporaneamente, comparecem no cenário literário santomense Ana Maria Deus Lima, com participação na *Antologia poética de São Tomé e Príncipe* (1978) e na *Antologia da poesia feminina dos PALOP* (1998), e outras escritoras com obras individuais como Otilina Silva, Goretti Pina, Maria Olinda Beja e Conceição Lima. Dentre elas, as duas últimas são as mais conhecidas do público internacional. Conceição Lima ou São Lima, por exemplo, é a escritora mais traduzida da atual literatura santomense, com poemas traduzidos em alemão, espanhol, servo-croata, inglês, italiano, francês, turco e árabe. Olinda Beja, por sua vez, é a escritora mais profícua. Possui quase duas dezenas de obras publicadas, sendo *O chá do príncipe (Fyá Xalela)* seu mais recente livro de contos, lançado no final de 2017, sob a chancela da editora cabo-verdiana Rosa de Porcelana. Beja, que constituirá com o seu romance *15 dias de regresso o corpus* de análise desta pesquisa, também possui obras traduzidas para o espanhol, francês, inglês, chinês, árabe e esperanto.

Com obras individuais também publicadas, porém com menos divulgação que as anteriores, se sobressaem as seguintes escritoras: Adalvina Henriques D'Apresentação, com *Unidos pela força do mal* (2008); Maria Cristina Barbosa, com *Ye Rêguê* (2012); Aoní d'Alva, com *Miopia crônica* (2012); e Cristina Brandão Lavender, com *Saber esperar* (2013).

Além das já citadas, são dignas de reconhecimento Angela Barros, Ivys Martinho, Lucy Amado e Alda Barros. As três primeiras integraram com seus poemas a antologia *12 poetas de São Tomé e Príncipe*, editada em 2015 pela AfroFanzine, editora independente que tem como objetivo divulgar autores e autoras africanos. Já Alda Barros lançou seu livro de poesias *A flor branca de baobá* em maio de 2017, sob a chancela da Chiado Editora.

O vazio editorial referente à produção literária feminina ainda é bem amplo em São Tomé e Príncipe. A pequena quantidade de escritoras localizadas confirma que poucas foram as mulheres que conseguiram dar visibilidade a seus escritos. Limitadas também são as informações bibliográficas a respeito destas autoras, tanto em material impresso quanto na

rede eletrônica <sup>68</sup>. Neste último caso, não fossem informações dispersas em *sites* de editoras, praticamente seria inexistente a divulgação *on-line* da maioria dos nomes que despontaram após a independência. Dentre os periódicos nacionais disponíveis na rede eletrônica, destaque-se o diário digital *Téla Nón*, por sua recorrente divulgação de informações sobre lançamento de obras e/ou participação de algumas autoras em eventos culturais. Conveniente registrar, a relevância de alguns jornais portugueses – como *Expresso do Oriente*, *Diário de Notícias* e *Funchal Notícias* – na importante tarefa de propagação de obras recentes lançadas por mulheres santomenses.

### 2.2.6 Um breve arremate

Assim como acontece em outros contextos literários, as literaturas dos países africanos de língua portuguesa apresentam uma tímida presença de mulheres como produtoras literárias. Sem dúvidas, razões culturais e políticas contribuem para a impossibilidade da escrita feminina. Quando se produz, por outro lado, enormes são as dificuldades enfrentadas para a publicação. Primeiro, porque os países africanos são desprotegidos de parque gráfico e casas editoriais. Segundo, porque se priorizam publicações de obras de escritores veteranos, com predileção para aqueles do sexo masculino.

A partir da independência constata-se um aumento considerável de nomes de escritoras nos países africanos de língua portuguesa, muito embora nada seja comparado à produção masculina.

Angola apresenta o maior número de autoras, seguindo-se de Moçambique e Cabo Verde. Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe ainda estão no rol dos países em que o silêncio em relação à produção literária feminina continua extenso. É bastante pequena, nesses dois últimos países, a quantidade de escritoras com obras individuais publicadas e são as antologias e os periódicos os principais meios de divulgação de seus escritos.

Dentro desse panorama, conhecidas se tornam as escritoras alicerçadas por grandes editoras, principalmente quando as editoras são oriundas de Portugal. Paulina Chiziane, por exemplo, ganhou notoriedade internacional, principalmente, após publicar seu segundo romance pela editora portuguesa Caminho. Por sua vez, as que investem em edições de autor ou publicam em editoras locais menos renomadas quase não são percebidas. Isso deixa evidente que a inexistência de um mercado do livro nos países lusófonos impede a circulação

---

<sup>68</sup> Cf. *sites* consultados nas Referências Webgráficas.

de obras e contribui para a periferização dos produtores literários em geral, quer sejam homens ou mulheres.

Especificamente tratando de autoria feminina de livro infanto-juvenil – base incentivadora na produção de novos leitores e, provavelmente, de novos escritores –, verifica-se que em Angola já existe um número significativo de escritoras, enquanto nos demais espaços literários, a quantidade ainda é bastante reduzida. Percebe-se um menor prestígio dessas escritoras. Geralmente, não surgem citadas no meio eletrônico e nem em livros e/ou artigos. Mesmo as que escrevem prosa e poesia para adultos quase não têm seus livros escritos para o público infanto-juvenil divulgados.

Considerando que todo processo de seleção, implica simultaneamente em inclusão e exclusão, esclarece-se que quando usado o segundo requisito, é por desconhecimento da existência da escritora ou porque se levou em consideração a ausência ou impossibilidade de obtenção de dados sobre obras e/ou origem da autora investigada. A relativa incompletude da pesquisa, da impossibilidade de abarcar todas as autoras, explica-se pela escassez, mesmo com a velocidade da tecnologia, de informações. Espera-se que amanhã a investigação sofra os efeitos da caducidade do tempo, visto o fato de surgirem outras mulheres como produtoras literárias. Afinal, como já bem disse Tomás Lima Coelho (2013), “esta é uma porta de entrada que se abriu e assim permanecerá: eternamente aberta”. E que assim seja.

### 2.3 DO OCEANO DE SILÊNCIO AO GRITO LIBERTÁRIO: DIZIBILIDADES FEMININAS EM ÁFRICA

Sou um rio. Os rios contornam todos os obstáculos. Quero libertar a raiva de todos os anos de silêncio. [...] Hoje quero existir. (CHIZIANE, 2004, p. 19)

O silêncio – enquanto privação da voz – é ambivalente, paradoxal. Quando voluntário, acalma, faz bem. Quando imposto, censura, provoca reflexões ao silenciado sobre sua condição, exaltando emoções que impelem mudança, transformação. Deste último, nos mais diversos espaços, compartilham forçosamente as ditas minorias, dentre as quais se faz um atalho para citar as mulheres.

Conforme já dito, seja no âmbito político, social ou cultural, foi lançado sobre os sujeitos femininos o véu do silêncio, sendo, por isso, constantes as tentativas das mulheres para se libertar da obscuridade a que foram relegadas. Na literatura, especificamente na africana, inúmeras foram/são as estratégias usadas para se fazer ouvir o seu grito libertário, o qual muitas vezes ainda é impedido de se fazer propagar.

Em uníssona voz, as mulheres escritoras africanas destacam – em palestras, entrevistas, conferências das quais participam – as dificuldades enfrentadas para se instalar no terreno da literatura. Falam da difícil recepção das suas obras em seus países, como também destacam o ceticismo e o desprezo empreendidos pelos homens. É fácil deduzir. Geralmente, procura-se calar quem, possível e/ou supostamente, através de sua opinião, é capaz de promover mudanças fortes em algum sistema.

Em entrevistas a Carlos Vaz Marques, Paulina Chiziane afirma que ser escritora em África é uma ousadia. “Primeiro, [porque a literatura] é um terreno que não era dos pretos; a escrita pertence à Europa. Pelo menos, a escrita que usamos. Segundo, quem vai à escola são os homens. Terceiro, uma boa mulher deve ficar em casa a fazer bolinhos e a limpar a casa” (CHIZIANE, 2002, p. 64).

Relatando sobre como foi recepcionada de início no mundo masculino da literatura moçambicana, a escritora conta uma história inusitada. Revela que quase andou às turras com o escritor Eduardo White, pelo fato de o mesmo não considerar que ela fosse capaz de escrever um livro. Leia-se o relato na íntegra:

[...] A primeira vez que eu entrei na Associação de Escritores, os cavalheiros todos olharam para mim e começaram a magicar as suas fantasias típicas dos homens. [...] Fui ter com o secretário-geral, conversei com ele e, quando ia a sair, fizeram-me uma série de convites. No segundo dia, quando volto lá – para saber a resposta em relação ao meu pedido para editar o meu livro –, o Eduardo White e os outros que ali estavam falaram de uma forma mais aberta: olha, tu és bonita, tu és isto, tu és aquilo, etc. anda lá tomar um copo, mas o que é que tu pensas, achas mesmo que consegue escrever um livro? Fiquei furiosa. Agarrei no Eduardo White e disse: vou-te rebentar, mas aqui dentro não, vamos lá para fora. Foi o meu processo de entrada no mundo da escrita. (CHIZIANE, 2002, p. 64).

Quando questionada pelo entrevistador sobre ter sido aceita no contexto literário por meio de uma atitude masculina, Paulina Chiziane respondeu: “Eu não tinha outra alternativa. Precisava de mostrar que aquilo era um trabalho. Eu tinha o direito como qualquer outra pessoa. Isso gerou um pouco de confusão, mas hoje [...] Respeitam-me. Talvez porque, de fato, a minha entrada foi a ferro e fogo” (CHIZIANE, 2002, p. 64).

Ao ser visibilizada e dizibilizada, a mulher denuncia a cultura que lhe tolhe e que continua influenciando os complexos modos de constituição das relações sociais e políticas. Passa a ser vista como uma ameaça e por isso encontra tanta resistência. Conquanto, não se deixa abalar tão facilmente com as intempéries que surgem. Mais do que ninguém, as mulheres sabem que as mudanças se fazem com dores e dissabores.

A escrita da mulher africana, na maioria das vezes, tem navegado pela temática social, com destaque para a própria mulher e para as suas realidades e vivências. Assunta-se, assim, frequentemente na prosa e na poesia questões ligadas ao feminino. O silêncio em relação à violência doméstica é uma dessas questões, conforme pode ser lido no conto “Foram as dores que o mataram”, de Dina Salústio, presente no livro *Mornas eram as noites*: “Eu amava-o. Porquê [sic] matá-lo? Foram as dores do meu corpo que o condenaram. Foram o sangue pisado, o ventre moído, as feridas em pus. Foram as pancadas de ontem, as de hoje e, sobretudo, as pancadas de amanhã que o mataram” (SALÚSTIO, 2002, p. 17). Percebe-se, nesse caso, uma escrita que visa o combate a esse tipo de violência, prática que, baseada no estereótipo da inferioridade feminina, continua a persistir nas atuais sociedades, levando muitas vezes à morte um dos envolvidos no relacionamento, consoante acontece no conto quando a protagonista, após anos de sofrimento, acaba matando o marido. De Paulina Chiziane podemos citar trechos do romance *O sétimo juramento* (2000), em que a personagem Vera é espancada pelo esposo David, mesmo quando se demonstra preocupada com o seu bem-estar:

- Como correu o trabalho? – Vera pergunta com delicadeza. – Pela tua cara se adivinha que o dia foi difícil!

Ele não responde. Furioso, levanta do sofá o pesado corpo, coloca as mãos nos bolsos e em passos nervosos se afasta dela rogando pragas. Vivemos vidas diferentes. Enquanto elas sonham com rendas, nós explodimos pedras e montes para construir a vida. Enquanto procuramos ar fresco para as cabeças preocupadas, elas pensam em comer e dormir. Nós construímos e elas destroem. Produzimos e elas consomem. Esta mulher conhece apenas o luxo. No dia em que ficar na miséria o amor acaba, e ela voará para os braços de um outro com mais dinheiro, abandonando-me a mim que sempre dei tudo por ela. Há pessoas que dizem que a mulher equilibra. Estou aqui explodindo à procura de soluções e ela só fala em comida.

- David, é melhor comer agora antes que arrefeça.

As palavras dela são um chamamento para a violência nunca antes conhecida. David não resiste a esse chamamento. Grita.

- Não interrompa a minha reflexão. Fecha essa boca. Será que um homem não tem direito ao silêncio dentro da sua própria casa?

- Desculpa.

- Desculpa o quê? Não te disse já para fechar a boca?

De repente Vera sente algo a explodir no seu rosto de seda. Corre para a casa de banho e pega numa toalha para estancar o sangue que corre pelo nariz. (CHIZIANE, 2000, p. 39-40).

O longo excerto demonstra que, embora já se apresente em ritmo de desconstrução, a supremacia masculina no lar ainda é uma realidade. No sentido de modificar isso, a escrita da mulher em África situa-se na luta pelos direitos da mulher (e não só), pela justiça, pela emancipação feminina. Por meio de suas produções, as escritoras se colocam como intérpretes de outras mulheres, vendo a literatura não simplesmente como manifestação artística, mas, sobretudo, como forma de a mulher lutar. Há, nesse sentido, uma escrita que apela à mudança, consoante se pode constatar em “A oportunidade do grito”, da já referida Dina Salústio: “Pedes a Deus? Idiota! Tens é que discutir com Ele. Enfrenta-O como mulher. Mostra-lhes as tuas razões. Grita se for preciso. Ele é que te pôs aqui, não é? Pois que assumas a sua parte da responsabilidade. Enfrenta-O. Deus gosta de mulheres fortes...” (SALÚSTIO, 2002, p.08).

Por falar em violência, cabe reiterar ainda a invocação do passado feita nos textos das autoras africanas para denunciar a violência imposta pelo sistema colonial. Uma considerável parte da ficção de Lília Momplé é emblemática nesse sentido, pois configura as cenas de horror e insensibilidade perpetradas pelo colonizador, sendo a mulher, na maioria das vezes, a mais prejudicada. A narrativa *Ninguém matou Suhura* (1988), por exemplo, da coletânea de contos com título homônimo, denuncia a posição de objeto atribuída à mulher, ao destacar o assassinato da adolescente Suhura cometido pelo “senhor administrador” colonial ao satisfazer-se em suas aventuras extraconjugais. A afirmação “Ninguém matou Suhura” feita pelo cipaio Abdulrazaque confirma o quão a mulher no período da colonização era privada de sua voz, obrigando-se geralmente a calar e a “aceitar” as improbidades cometidas: “- Mataram a minha neta! Mataram a minha Suhura! Por que fizeram isso, se ela foi, coitada! – Não grita, velha. Ninguém matou Suhura. Compreende? A avó compreende muito bem” (MOMPLÉ, 2009, p. 88).

Mostrar como é difícil o dia a dia da mulher africana também é uma preocupação na literatura feita pelas escritoras em África. Não é raro o destaque para o heróico cotidiano das mulheres, destacando sua dupla jornada de trabalho, em casa e fora dela, com realce tanto para as que trabalham no setor formal quanto para as mulheres menos escolarizadas e suas profissões informais como as zungueiras<sup>69</sup>, as palaiês<sup>70</sup> e as peixeiras, estas duas últimas tão

<sup>69</sup> Vendedora ambulante em Angola.

<sup>70</sup> Vendedoras ambulantes ou de mercado em São Tomé e Príncipe.

bem descritas por Olinda Beja nos contos “Amélia, minha lagoa” e “Filôzinha e a canção do mar”, ambos inseridos na coletânea de contos *Histórias da Gravana* (2008).

Conforme apresentado, o engajamento das escritoras africanas na causa pela visibilidade feminina não se isenta do contexto sócio-histórico. Isto implica dizer que os textos produzidos não se omitem em explorar com veemência as debilidades sociais provocadas pelo colonialismo e por fatores vários, como ocorre em *O sétimo juramento* (2000), de Paulina Chiziane, cuja narrativa denuncia os sinais do desmoronamento político-ideológico da nação moçambicana no período pós-independência, através de Davi, personagem ocupante do posto de diretor de uma empresa e que se encontra em sua “fase do egoísmo” (CHIZIANE, 2000, p. 14), amealhando tudo o que pode para si sem preocupar-se com as consequências de suas ações e reproduzindo, dessa forma, práticas do colonialismo.

Constante também é o cultivo de temas relacionados à problemática da diáspora e do exílio. Filomena Embaló, Dulce Braga, Paulina Chiziane, Orlanda Amarílis e Olinda Beja, escritoras destacadas nesta pesquisa, trazem para o texto literário as dificuldades dos deslocamentos, assinalando a esperança e os desencantos daqueles que partem (voluntária ou forçadamente), pensando em ficar, e dos que ficam, pensando em um dia partir ou ao menos reencontrar aqueles que se foram.

Ademais, comuns são as investidas na divulgação dos mitos e das crenças como forma de preservar a oratura tradicional africana, reafirmando seu valor no imaginário local e recusando sistematicamente os mitos, imagens e modelos impostos pelo colonizador que a todo custo forçou o apagamento das raízes identitárias das nações colonizadas. Ressalte-se que esse trabalho de preservação da cultura popular é manifestado entre as autoras africanas não só através da literatura escrita para adultos, como também no segmento da literatura infanto-juvenil. Dentre as várias autoras que escrevem para o público infantil, a escrita de Maria Celestina merece destaque. Em *A árvore dos gingongos* (1993), por exemplo, a autora recorre à tradição dos quimbundos, povo de que descende, para apresentar a história dos gingongos, isto é, dos gêmeos, pessoas vistas na África como especiais e que segundo o imaginário local são enviadas e cuidadas pela Kianda, a deusa angolana das águas. Além disso, a narrativa traz uma reflexão sobre o egoísmo e apresenta costumes até hoje respeitados pelo povo angolano. Leia-se, a título de exemplo, o trecho que apresenta a recepção dada, pela família e pela comunidade, aos bebês gingongos, após o nascimento, como forma de preservação da cultura e dos costumes desse povo:

No dia em que os gingongos, os gêmeos, nasceram, a casa encheu-se de muita animação. Amigos e familiares compareceram em peso, trazendo cada um a sua oferta. Os bebês foram ungidos na testa com óleo de palma e folhas dado a chupar mel. Houve cânticos e bater de latas pelo bairro para anunciar a boa nova. (CELESTINA, 2009, p.08)

Segundo Zuleide Duarte (2012), quando a voz da escritora africana emerge dos textos literários delinea-se uma visão particularizada e minuciosa sobre as mais diversas questões. No entanto, essa mundividência feminina, de acordo com a pesquisadora, não se contrapõe à cosmovisão masculina. Pelo contrário, surge em

ampliação valorizadora que desce ao pormenor do humano mais comezinho, alheio ao heroísmo façanhoso das cenas de violência e barbárie tão presentes em algumas das mais significativas páginas da literatura africana que concorre hoje, no mercado editorial, com o dito cânone, sem lhe nada ficar a dever (DUARTE, Z., 2012, p. 77).

Em conformidade ainda com a pesquisadora, essa escrita “orientada pela necessidade de dizer, é plena de paixão que revela o compromisso com a história dos países onde nasceram” (DUARTE, Z., 2012, p. 79), quebrando o histórico silêncio das minorias e mesmo ocupando “nas prateleiras e livrarias, um espaço que, se menor do que o ocupado pelos homens, não é menos significativo” (DUARTE, Z., 2012, p. 79).

## 2.4 MULHERES NA FICÇÃO DE AUTORAS AFRICANAS

“Há muitas maneiras de ser africana”.  
(COUTO, 2006, p. 55)

As limitações sociais impostas às mulheres e a manutenção de um sistema que as mantêm numa condição de inferioridade acabaram lhes reservando um lugar secundário na literatura. Não havia de ser diferente, pois, conforme preconiza Roger Chartier: “As representações são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam” (CHARTIER, 2002, p. 17). Isso significa que em uma cultura centrada em valores masculinos, era praticamente impossível que as personagens femininas fossem postas a atuar

equiparadamente com o sujeito dominante ou mesmo ultrapassando suas habilidades e sua independência. Subalternizar a mulher no texto, encerrando-a em suas “feminilidades”, assegura àquele que detém a voz na narrativa o poder e o define como centro, como modelo do discurso proferido, fortalecendo o que foi internalizado pela repetição das representações e das práticas de dominação.

Sob essa perspectiva, as representações distorcem, ocultam e manipulam aquilo que é representado e por possuírem uma “energia própria”, como diz Chartier (2011, p. 23), “tentam convencer que o mundo, a sociedade ou o passado é exatamente o que elas dizem que é”. Daí o estudioso falar em “subjetividade das representações” (CHARTIER, 1991, p. 183), proposição em que o ato de representar estaria mais ligado aos discursos construídos que à própria realidade.

Seguindo o mesmo pensamento, Cíntia Schwantes (2006, p. 11) reforça: “[...] toda a representação passa por uma subjetividade: alguém determina o que é essencial e deve ser preservado e o que é acessório e pode ser descartado”. E trazendo o conceito de representação para o contexto dos estudos de gênero a autora complementa: “Em uma sociedade em que a experiência masculina é valorizada e a experiência feminina é trivializada, o traço essencial a qualquer representação vai se prender à experiência masculina” (SCHWANTES, 2006, p. 11).

No contexto das literaturas africanas, a representação da mulher não foge à regra dos demais sistemas literários. Sua imagem é construída a partir da perspectiva masculina que a enclausura na periferia enquanto o personagem homem atua no centro. Representativo, nesse caso, é o romance *O mundo se despedaça* (1958), do nigeriano Chinua Achebe, cujas personagens masculinas, e especificamente o protagonista Okonkwo, agem em favor da não desintegração da vida tribal após a chegada dos colonizadores ingleses, enquanto as mulheres são apresentadas sem personalidade própria e sem iniciativa, contradizendo registros antropológicos e históricos que apontam as mulheres igbo como atrizes principais na luta contra os colonizadores<sup>71</sup>.

---

<sup>71</sup> Segundo Donald Burness (2007), as mulheres nigerianas da etnia igbo lutaram lado a lado dos seus homens contra os colonizadores. Em 1929, elas organizaram um movimento de resistência denominado “Ogu umu-nwanyì” (na língua igbo “Batalha das mulheres”), cujos objetivos eram eliminar os impostos cobrados no mercado pelas autoridades governamentais e dismantelar o sistema de “indirect rule” (sistema em que o colonizador escolhia um soba para cada aldeia, designado para servir os interesses dos europeus). O protesto, conhecido na história nigeriana como “O tumulto das mulheres de Aba em 1929”, foi exitoso, embora tenha resultado na morte de várias manifestantes. “Na história da resistência, estas mulheres dos mercados no leste da Nigéria podem ser vistas como irmãs da Rainha Ginga (Angola), Rainha Kahena (Rainha dos Berber) e Nehanda (Zimbabwe), símbolos da importância do papel das mulheres na vida política, na história, na mitologia dos povos africanos” (BURNES, 2007, p. 405-406).

Mesmo nos romances contemporâneos, quando posta a atuar como protagonista e transgressora dos padrões impostos pelo patriarcado no qual está inserida, a mulher não foge do peso da interpretação masculina que, ainda, acaba por determinar seu fim na narrativa de forma trágica, seja através da morte, da loucura ou da reclusão, inferindo a ideia de que precisam ser castigadas por não aceitarem seguir o que foi convencionalizado pela hegemonia dominante. Basta lembrar o romance *O tímido e as mulheres* (2013), do angolano Pepetela, que mesmo concedendo o papel de protagonista à personagem Marisa e apresentando críticas ao machismo e às restrições sociais determinadas à mulher, culmina com a personagem depressiva depois de ter sido presa por acusação de matar o marido deficiente, apesar de o mesmo ter cometido suicídio: “Depois o futuro. Que futuro? Mesmo se não houvesse julgamento. [...] Quem ia esquecer que tinha sido suspeita? [...] Nunca mais seria a mesma. [...] ia se fechar sobre si própria, condenada a fenecer rápido como qualquer flor” (PEPETELA, 2013, p. 301).

Inocência Mata (1995), ao discorrer sobre as representações da mulher na produção literária de escritoras africanas, sugere a existência de dois momentos, cuja descrição parece importante nessa tentativa de compreensão dos contornos da representação feminina nas literaturas africanas, mais especificamente aquela produzida na África lusófona. Segundo a pesquisadora, no primeiro momento, centrado nos anos 50-60 do século XX, a mulher rasura o itinerário individual e adere ao projeto coletivo, embora representada como sujeito ou figura poética; o segundo momento, logo após a independência, a mulher em sentido inverso trilha do coletivo para o individual, emoldurando a sua escrita às exigências de mudança da condição feminina. Trata-se, na avaliação da pesquisadora, de “uma escrita mais fiel às aspirações da Mulher” (MATA, 1995, p. 255).

No primeiro momento, “o olhar [das escritoras africanas] não é direcionado à mulher enquanto tal” (MATA, 1995, p. 252). Na época, a prioridade era legitimar os sentimentos de autoafirmação cultural e nacional, razão pela qual as mulheres realizavam, assim como os homens, uma escrita de identificação com a causa coletiva, conforme se pode verificar no poema “Rumo” da angolana Alda Lara:

**Rumo**  
 É tempo companheiro!  
 Caminhemos...  
 Longe, a Terra chama por nós,  
 E ninguém resiste à voz  
 Da Terra!...

Nela, o mesmo sol ardente nos queimou  
 A mesma lua triste acariciou,  
 E se tu és negro,  
 Eu sou branca,  
 A mesma Terra nos gerou!

Vamos companheiro!  
 É tempo...  
 [...]

Vamos!  
 Que outro aceno nos inflama...  
 Ouves?  
 É a Terra que nos chama...

E é tempo companheiro!  
 Caminhemos...  
 (LARA, 1979, p. 20-21).

Alentadas pelos ideais revolucionários, as escritoras africanas se empenharam na luta social, “cumpliciando-se contextualmente” e “relegando para um segundo plano o grito libertário da mulher” (MATA, 1995, p. 252). Noêmia de Sousa (Moçambique), Alda do Espírito Santo (São Tomé e Príncipe), Alda Lara (Angola) são alguns nomes que integraram a lista de poetisas africanas, usando a escrita como veículo de contestação. No entanto, conforme registra Mata (1995), seus textos “diferem da poesia dos poetas seus contemporâneos [...] por privilegiaram a mulher como figuras e sujeitos do seu universo literário, concentrando na mulher as direções de várias utopias que a literatura veiculava” (MATA, 1995, p. 252). Desse modo, mesmo que elegessem temas ligados ao complexo sógnico Mãe/Mulher/Terra/África em seus poemas, não o faziam como os homens, comparando a figura da mulher a um elemento sagrado em que se realizava o culto da vida, mas como protagonista detentora de sua própria identidade e aspirações. A esse respeito, convém registrar as palavras da crítica Inocência Mata:

Na sua poesia [poesia da escritora africana], a Mulher não é apenas metáfora – é um elemento metonímico: a metáfora opera por substituição, a metonímia por contiguidade. Pela primeira construção, a mulher surge como metáfora de origem e fonte, símbolo da Terra violada e usurpada, da Natureza e da Cultura conspurcadas, dada a sua qualidade e função analógicas de renovação e continuidade. Mas pela metonímia, ela é uma entidade dual: ela não é apenas figura que preserva a família e a cultura, garantindo a continuidade [...]. Como metonímia, apesar do simbolismo genesíaco e cosmogônico, a mulher é também indivíduo, com suas dores e frustrações pessoais, as suas esperanças e desejos. E nessa dualidade (como indivíduo e como entidade político cultural: a matéria), a figura da mulher emerge com facetas humanas (sem que, no entanto, repito, seja rasurada a

dimensão mística própria do código ideológico e semântico pragmático dessa literatura). (MATA, 1995, p. 253).

É oportuno observar que a figura feminina veiculada na poesia feita por mulheres no período colonial revela uma tensa relação entre os valores tradicionais e a individualidade feminina. Como bem observa a pesquisadora Nazareth Fonseca (2000), esse conflito perpassa o campo ficcional e encontra explicações no plano real, sendo as razões culturais e políticas, fatores predeterminantes para a representação feminina na poética das intelectuais africanas:

Esculpida por significantes que elaboram uma dimensão épica da figura feminina – vista como um corpo fecundante ou como promessa de um futuro de liberdade – a representação da mulher recompõe imagens que acabam por relacionar o feminino com funções delegadas pela tradição, ainda que os poemas sejam escritos por mulheres que também transitavam por espaços em que circulam outras tradições: a escrita e a literatura. É pertinente observar que a figura da mulher [...] é posta, por isso, num espaço em que várias tensões se produzem. A escrita literária que focaliza a mulher africana [...] é um exercício praticado por mulheres que, de alguma forma, transgrediram a tradição. Não por acaso, por isso, serem tão poucas a figurarem nas antologias [...]. Não por acaso também essas mulheres, para serem aceitas por um cânone predominantemente masculino e masculinizado, assumirem as figurações culturais que fertilizam a terra com o húmus vivificante do corpo da mulher-mãe, da esposa, da irmã ou abnegada companheira. É essa mulher, personificada na força que sustenta a esperança no amanhã, que é cantada pela maioria dos poemas de feição revolucionária escrito por mulheres. Mas esse canto é entoado por mulheres transgressoras, por escritoras que se empenharam na construção de versos e da liberdade desejada. (FONSECA, 2000, p. 287-288).

No segundo momento, após a independência, a poesia – que passa a coexistir com a prosa – não tem como objeto imediato e direto a construção social, encaminhando-se por um itinerário individual. Ultrapassa o símbolo da Mãe/África, ou seja, as vozes poéticas no feminino procuram desconstruir “o discurso sobre a mulher-mãe-filha-irmã-companheira de armas, subvertendo os códigos da feminilidade sempre ligada, na poesia africana à fecundidade” (MATA, 2001, p. 120). Nesse sentido, ainda segundo Mata (2001), o objeto da poesia da escritora africana é a expressão da subjetividade feminina como tal, com seus sonhos, desejos, aspirações, frustrações e dores, de modo que a intencionalidade textual é fazer ouvir a voz feminina, a sua individualidade, como mulheres e não unicamente como mães, esposas e irmãs. Trata-se de uma poesia onde a mulher já possui consciência de seu estatuto e de sua condição, por isso transparecem nos versos, a recusa e a denúncia da subserviência, a expressão do desejo de libertação, como também, a crítica às práticas

autoritárias e à imposição de comportamentos femininos, conforme atestam os versos do poema “Desossaste-me” de Ana Paula Tavares:

Desossaste-me  
 Cuidadosamente  
 Inscrevendo-me  
 No teu universo  
 Como uma ferida  
 Uma prótese perfeita  
 Maldita necessária  
 Conduziste todas as minhas veias  
 Para que desaguassem  
 Nas tuas  
 Sem remédio  
 Meio pulmão respira em ti  
 O outro, que me lembre  
 Mal existe

Hoje levantei-me cedo  
 Pinteí de tacula e água fria  
 O corpo aceso  
 Não bato a manteiga  
 Não ponho o cinto

VOU  
 Para o sul saltar o cercado.  
 (TAVARES, 1985, p.30).

Verso a verso, o poema acima procura demonstrar a fragmentação da mulher e sua exaustão perante as imposições da cultura patriarcal. A fuga do sistema que a obriga a usar um cinto, anulando-a, representa um gesto de transgressão e resulta na quebra de padrões estabelecidos no contexto que a silencia. A noção de representação, nesse caso, nitidamente, se distancia “de sua concepção hegemônica, para significar o ato de conferir representatividade à diversidade de percepções sociais, mais especificamente, de identidades femininas antipatriarcais” (ZOLIN, 2009, p. 106).

Assim como a lírica, a narrativa africana lusófona escrita por mulheres também está inserida nesse projeto de transformação das estruturas sociais e mentais. Verifica-se, desse modo, nos espaços dos romances e contos, a marcante presença de mulheres protagonistas que desafiam a ordem estabelecida e questionam valores culturais e tradicionais: “És uma mulher decidida e independente, [Tiara], e isso choca na nossa sociedade, onde a mulher deve ser submissa, obediente...” (EMBALÓ, 1999, p.84). O excerto citado, retirado do romance *Tiara* (1999), da guineense Filomena Embaló é um exemplo, dentre vários na literatura produzida por escritoras, em que a mulher se apresenta com uma nova forma de pensar sobre o que ela

quer para si e sobre o que a ela é imposto. Não é à toa que essas personagens reflitam sobre a condição feminina, denunciando o sistema castrador em que se encontram incluídas, conforme também acontece com Marina, protagonista do romance *A candidata* (2004), da cabo-verdiana Vera Duarte: “Era o acordar do gênero. A mulher confinada aos limites domésticos e reflexo do homem estava dando lugar a um ser aspirante à grande vaga da vida e da liberdade” (DUARTE, V., 2012, p. 39).

Em contrapartida, personagens femininas transgressoras contracenam com personagens submissas, geralmente mães e avós, e em conformação à tradição que ainda é inscrita no território feminino. Veja-se a este propósito a personagem Narguiss, mãe da esclarecida e questionadora Muntaz, do romance *Neighbours* (1995), escrito pela moçambicana Lília Momplé, como exemplo clássico da mulher resignada, visto que foi preparada desde tenra idade pela sociedade patriarcal para assumir seu papel de esposa, mãe e dona de casa: “Narguiss, tal como as irmãs, foi educada como uma ‘verdadeira mulher’[...]. Jamais frequentou a escola [...]. Aprendeu, sim, a cozinhar primorosamente com o supremo objetivo de agradar ao homem que um dia a escolhesse” (MOMPLÉ, 2008, p. 85). Para não se restringir a esse exemplo, considere-se ainda a personagem Helena, avó da subversiva Mônica, do romance *A perversa* (2012), da angolana Chó do Guri: “O futuro, no nosso tempo, era arranjar um bom marido, ter filhos e tratar da lida da casa. Não é como agora que as jovens pensam em fazer cursos superiores para se sentirem emancipadas. No nosso tempo nem conhecíamos essa palavra” (CHÓ DO GURI, 2012, p.71). Cúmplices do próprio sujeitamento/submissão, Narguiss e Helena aceitam a opressão que lhes é imputada. Em ambas, percebe-se que a ideia de feminilidade desenvolvida pela sociedade é incompatível com a ideia de formação intelectual. O discurso de Helena, especialmente, sobre o comportamento feminino no passado e no presente, evoca as transformações sociais ocorridas nas últimas décadas e as diferentes formas de pensar e agir perante as situações relacionadas aos gêneros masculinos e femininos. Chama a atenção, ainda, para o fato de que muitos sujeitos, principalmente os mais velhos, presos à tradição, não aceitam com facilidade alterações nos costumes em que foram geridos. De maneira diferente, as personagens femininas mais jovens geralmente transgridem os padrões, são autônomas, independentes, escolarizadas, transitam no espaço público e no privado, casam-se e/ou relacionam-se com homens que escolhem, divorciam-se quando entendem que isso deve ser feito, contrastando por completo com o modelo tradicional de mulher representada por homens nas narrativas.

Interessante também são os casos em que as autoras representam a mulher como figura essencial da família, como conservadoras das tradições ancestrais, sem deixar de

apresentá-las com poder de decisão. Emblemáticas nesse caso são as personagens femininas elaboradas pela santomense Olinda Beja em *Histórias da Gravana* (2008) e em *Quinze dias de regresso* (1994). Dessa última narrativa, a título de exemplo, destaca-se Salô de Bombom, sustentáculo familiar e mãe exemplar que não se inibe de suas relações amorosas perante a sociedade, mesmo que esta a questione, demonstrando com isso forte poder de iniciativa e decisão sobre sua vida.

As diferentes representações femininas feitas por escritoras da África lusófona confirmam e respeitam novas e velhas posições das mulheres do atual contexto social africano. Parece, sobretudo, que estas ficcionistas pretendem à maneira da personagem Mwadia do romance *O outro pé da sereia* (2006), do moçambicano Mia Couto, querer demonstrar que “Há muitas maneiras de ser africana” (COUTO, 2006, p. 55). Ao considerar a aquiescência de algumas personagens na narrativa e ao nomear valores culturais e tradicionais não significa dizer que existe por parte destas autoras uma adesão à visão tradicional da mulher. Pelo contrário: através dessas representações luta-se contra a submissão herdada de longas datas e que ainda permanece muitas vezes considerada como natural. Ademais, não é apenas com a representação de personagens fortes que se contrariam e se revertem tradicionalismos e condicionamentos. Usar deste artifício seria apresentar uma imagem truncada da realidade. Seria o mesmo que cair na armadilha de acreditar que representar é uma ação passiva, aleatória, que apenas permite descrever ou construir uma determinada realidade.



## **PARTE II**

**CAPÍTULO III**  
**UM OLHAR AGRIDOCE SOBRE A DIÁSPORA:**  
**EMIGRAÇÃO E EXÍLIO EM *SABOR DE MABOQUE***  
**E EM *15 DIAS DE REGRESSO***

**CAPÍTULO IV**  
**DENTRO/FORA DE CABO VERDE: DIÁSPORA E**  
**GÊNERO NA CONTÍSTICA DE ORLANDA AMARÍLIS**

**CAPÍTULO V**  
**DE EXÍLIO EM EXÍLIO: RESISTÊNCIAS E ERRÂNCIAS**  
**EM *TIARA* E EM *VENTOS DO APOCALIPSE***

### III UM OLHAR AGRIDOCE SOBRE A DIÁSPORA: EMIGRAÇÃO E EXÍLIO EM *SABOR DE MABOQUE* E EM *15 DIAS DE REGRESSO*

Ver um poeta no exílio – ao contrário de ler a poesia do exílio – é ver as antinomias do exílio encarnadas e suportadas com uma intensidade sem par. (SAID, 2001)

*Sabor de maboque* e *15 dias de regresso*, escritos respectivamente pela angolana Dulce Braga e pela santomense Olinda Beja, são romances contemporâneos que utilizam procedimentos das chamadas escritas de si. Produzidos a partir das vivências de suas autoras, as narrativas mesclam ficção e elementos biográficos, evocando a experiência da diáspora e do exílio nas literaturas africanas de língua portuguesa. Com a preocupação em marcar a passagem do tempo, como numa espécie de diário, ambas as obras têm como objeto a vida pessoal das autoras, impossibilitando muitas vezes a distinção entre o vivido e o narrado, sem dispensar, contudo, fatos que envolvem o mundo exterior. Trata-se de romances que tanto consistem na reconstituição e narração da vida de quem escreve quanto na recriação do mundo social, uma vez que recuperam a experiência de outros indivíduos os quais passaram pela mesma situação apresentada pelas escritoras.

Em *Sabor de maboque*, o enredo compreende um período de aproximadamente dezoito meses (Junho de 1974 a Novembro de 1975), sem contar os momentos de digressões existentes na trama, ali justapostos com a finalidade de registrar relatos da infância e adolescência da protagonista Dulce Tavares. Nesse contexto, a autora recria, através da memória, os últimos dias da Angola colonial, enfatizando o difícil processo de despojamento da terra natal vivido pela personagem central, em decorrência da guerra civil.

O romance de Olinda Beja, por sua vez, corresponde a um período mais curto de tempo, quinze dias, mas não menos intenso no que diz respeito à temática, visto que emblemática a problemática social dos mestiços em África. Intermediária entre dois mundos, a protagonista de *15 dias de regresso* “tenta construir uma história de retorno e recuperação de uma existência roubada” (DUARTE & PEREIRA, 2018, p. 351), apresentando-se num constante dilema identitário que lhe é imposto tanto por aqueles que estão ao seu redor quanto por si mesma, de modo que, nesse embate, a narrativa revela a difícil condição de um

indivíduo bipartido “ou, em situações mais radicais, rejeitado”, conforme preconiza Duarte (2012, p. 12).

Sem ignorar os elementos que indiciam a escrita de cunho autobiográfico nos romances em comento, o capítulo prioriza a observação do processo diaspórico no qual se encontram inseridas as protagonistas. Evidencia as razões que conduziram as personagens a deixarem seus países de origem, considerando, principalmente no romance de Beja, o retorno e o entrecruzamento cultural na construção identitária da protagonista Olívia/Xininha.

### 3.1 DULCE BRAGA E *SABOR DE MABOQUE*: O GOSTO AMARGO DO PÓS-COLONIAL

O exílio sempre foi, para todos, o castigo por excelência. [...] O castigo não se encontrava no barco nem na estadia em mar tormentoso mas na privação do lar para o descanso da volta. (QUEIROZ, 1998)

Dulce Filomena Martins Tavares Braga é uma escritora angolana que vive no Brasil desde setembro de 1975, período em que chegou, aos dezessete anos, refugiada juntamente com outros parentes após a intensificação da guerra civil provocada pelos antigos movimentos de libertação em Angola. Formada em Economia pela Unicamp, atualmente, é empresária no ramo de confecções. Tornou-se conhecida no Brasil e no exterior, após publicar no ano de 2009 o livro *Sabor de maboque*, cujo conteúdo registra as memórias sobre a Angola de sua infância e adolescência, fases da vida hibernadas pela autora por mais de três décadas como forma de evitar a dor que as lembranças da guerra provocavam cada vez que eram rememoradas.

A evocação desse passado, paradoxalmente, resgata momentos felizes e doces relacionados ao carinho pela terra natal, às brincadeiras da infância com primos e amigos, às novidades do primeiro amor, como também faz ressurgir episódios tristes e o gosto amargo da guerra e suas intragáveis consequências, conferindo ao romance um sabor agridoce, tal como

o sabor do maboque<sup>72</sup>, fruto das regiões tropicais e subtropicais da África, que deu origem ao título da obra.

Filha de emigrantes portugueses, Dulce Braga tinha uma vida confortável em Angola. Seu pai ao fim dos três anos obrigatórios do serviço militar em África resolveu continuar no continente. Após vinte anos de trabalho, conseguiu construir com o auxílio de outros irmãos um pequeno império em Nharêa, vila situada no coração de Angola. O patrimônio familiar de Dulce era considerável, compreendendo uma rede de comércio varejista, fazendas pecuaristas e agrícolas, uma frota de caminhões, além de imóveis situados em África e na Europa. Sem apertos no orçamento, a família comumente viajava para Portugal na época das férias escolares, tinha empregados domésticos (copeiros, cozinheiros) e dispunha, entre outras regalias, de oportunidade de escolarização para os filhos que, assim como a maioria dos descendentes de portugueses, seguiam para os melhores colégios internos de Angola, após a conclusão dos primeiros quatro anos de escola primária.

Diante das perdas materiais e, conseqüentemente, das incontáveis perdas afetivas, promovidas pela guerra civil, Dulce Braga decidiu enterrar o passado, não olhar para trás, e construir um futuro, assim que acreditou estar segura em terra estrangeira. Esquecer se tornou a palavra de ordem da autora que sentiu a necessidade de estabelecer-se no presente e elaborar nova vida, mediante novos horizontes.

Mais tarde, por insistência e curiosidade dos filhos, Dulce Braga muda a direção do seu olhar e concentra-se no passado. Surge, desse modo, a iniciativa de escrever o livro. Sua única pretensão, conforme revela, foi deixar registrada para os descendentes a tão cobrada história de parte da sua vida, “num cantinho da África” que, imperceptivelmente, ensinou-os “a amar e admirar quando lhes contava fatos ocorridos com a criança e posteriormente a adolescente” que foi (BRAGA, 2009, p. 11). Não esperava, portanto, o sucesso atingido. Divulgado no Brasil pela Pontes Editores, *Sabor de maboque* teve várias edições e já atingiu uma vendagem superior a oito mil exemplares.

Por meio do processo da escritura de suas vivências, a autora reconhece o reencontro e o pacífico diálogo entre duas Dulces, a Dulce pós setembro de 1975 e a Dulce que viveu a infância e a adolescência em terras africanas:

[...] finalmente reconhecia e aceitava como parte integrante de si a Dulce que fui até os dezessete anos, sem medo de lembrar e reviver os fatos, as emoções e os sentimentos da minha infância e adolescência. Conseguia claramente perceber que as duas Dulces eram frente e verso da mesma moeda. (BRAGA, 2009, p. 15)

---

<sup>72</sup> Em Moçambique, é conhecido como massala.

De acordo com a autora, em entrevistas e depoimentos<sup>73</sup>, o término da escrita do romance propiciou-lhe uma espécie de catarse, “um expurgo de muitas mágoas e perdas”. Finalmente, sentia-se em paz com o passado, já que havia atingido, segundo ela, “a cura da alma”. O que a escritora não imaginava era a repercussão que o livro alcançaria. Para a sua surpresa, *Sabor de maboque* trouxe-lhe a imprensa e uma série de novas atividades como entrevistas para jornais, rádio e televisão, palestras no Brasil e no exterior, participações em feiras de livros e em outros eventos literários. Ademais, a obra aproximou-a de amigos da infância e da adolescência que com ela conviveram em Angola. Começaria, assim, uma nova fase na vida da autora que passaria a ser conciliada com suas atividades anteriores.

Além da edição brasileira, o romance foi publicado em Portugal através da Dinalivro, com um acréscimo ao título: *Sabor de maboque – a magia africana* (2011). Em 2015, o livro de Dulce Braga recebeu o selo do PNL (Plano Nacional de Leitura) e foi traduzido para o francês com o título *La saveur du maboque – un parfum d’Afrique*, com lançamento em Cayenne, capital da Guiana Francesa. Acrescente-se, em tempo, que a autora também publicou o livro infantil *Ndapandula Mama África – Obrigada, Mãe África*, o qual vem sendo adotado por escolas brasileiras. Segundo a autora, esse último livro é “um tributo de gratidão por tudo o que a África presenteou ao Brasil, e daí o ‘Obrigada’ no título, apesar da escravatura ter sido o veículo para tal”<sup>74</sup>.

O sucesso editorial do romance de Dulce Braga comprova o aumento considerável, nos últimos anos, pela procura de material relacionado à questão da memória e da história, cujo recrudescimento, segundo Sybil Safdie Douek, em *Memória e exílio* (2003), está relacionado com “o fim da era dos totalitarismos, momento privilegiado que permitiu a eclosão de vozes silenciadas” (DOUEK, S., 2003, 13-14). Essas vozes silenciadas ou “múltiplas memórias”, conforme designa S. Douek (2003), pleiteiam para si a autorização para adentrar na história, com o intuito de apresentar outra versão para os acontecimentos, evidenciando, assim, a insuficiência daquilo que há registrado e tomado como oficial. Reivindicam, também, “o direito de mergulhar no seu próprio passado, na sua história particular, na especificidade de sua memória, a fim de recuperar sua identidade” (DOUEK, S., 2003, 13-14). Nesse sentido, enquanto a história oficial apresenta o 25 de abril como um período de transição muito positivo, Dulce Braga (e outros escritores angolanos, como Inácio

---

<sup>73</sup> Cf. Depoimentos e entrevistas no blog da autora: <<http://sabordemaboque.blogspot.com/>>

<sup>74</sup> Informação coletada no blog da autora. Cf. <<http://sabordemaboque.blogspot.com/>>.

Rebello de Andrade e David Mestre) esboça o quão conturbada foi esta data para aqueles que tiveram de se ausentar, por imposição, do lugar que reconheciam como pátria devido ao processo de descolonização.

### 3.1.1 O passado de volta na escrita da mulher<sup>75</sup>

Com a Revolução dos Cravos, ocorrida em 25 de abril de 1974, Portugal se libertou das mordidas do regime ditatorial que dominava o país por mais de quatro décadas. Este fato não apenas favoreceu mudanças no sistema político português como também apressou a marcha independentista das colônias lusitanas, uma vez que a Revolução reconhecia de imediato o direito à emancipação política desses países. Entretanto, o que parecia pôr fim aos conflitos sangrentos ocorridos durante a guerra colonial provocou uma maior instabilidade nas províncias ultramarinas portuguesas.

Ambientada nesse contexto, a narrativa de *Sabor de maboque* mostra, especialmente através da visão de uma personagem feminina, Dulce (homônimo da autora), como ocorreu o declínio do longo colonialismo português em África, com destaque para o território angolano:

O terrorismo nas colônias havia sido substituído por movimentos de libertação, cujos membros adormeceram no dia 25 de abril como famigerados executores de carnificina e acordaram no dia 26 como membros de partidos políticos. E eles tinham nomes. Em Angola eram três e se chamavam UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola), MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) e FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola), com antigos comandantes que atendiam pelo nome de Jonas Savimbi, Agostinho Neto e Holden Roberto, respectivamente. (BRAGA, 2009, p. 15)

Sem interesse de dividir o poder quando a independência fosse proclamada, os três partidos políticos angolanos (UNITA, MPLA e FNLA) iniciaram entre si “uma disputa armada rural e urbana, de ataques às delegações uns dos outros e à diabolização dos movimentos, impedindo-lhes qualquer possibilidade de coabitação sadia” (BRAGA, 2009, p. 59). Isso interferiu diretamente na rotina dos angolanos autóctones que se viam em meio ao fogo cruzado provocado pelas desavenças entre os partidos e, principalmente, dos emigrantes portugueses que ali haviam se estabelecido desde antanho. A ideia de sair de Angola e voltar

---

<sup>75</sup> Tomam-se aqui “emprestados” e parafraseiam-se os versos “O passado de volta / Num semblante de mulher”, da canção *Entre a serpente e a estrela*, interpretada pelo cantor, compositor e músico brasileiro José Ramalho Neto, popularmente conhecido como Zé Ramalho.

para a quase ex-metrópole espalhava-se como fogo em rastilho de pólvora entre os colonos portugueses, embora não se cogitasse em hipótese alguma que as prováveis fugas seriam irretornáveis. A protagonista do romance analisado, comentando sobre a crença de um possível retorno, após a independência angolana, assinala: “[...] Até então, quando se falava em sair de Angola, tratava-se de uma saída temporária com regresso certo” (BRAGA, 2009, p. 76).

Em janeiro de 1975, o governo português e os líderes dos três movimentos políticos angolanos reuniram-se com o intuito de estabelecer a formação de um governo de transição até a proclamação oficial da independência, prevista para 11 de novembro do mesmo ano. Esta ação, denominada Acordo de Alvor, trouxe para o país, nos primeiros dias de setenta e cinco, a esperança do cessar fogo, conforme exposto em *Sabor de maboque*:

Nos primeiros dias do ano, eram intensos os rumores sobre uma reunião que aconteceria em Portugal, entre membros do Governo Português e os três líderes dos movimentos de libertação. Dizia-se que dessa reunião sairiam os parâmetros da independência e se firmaria a esperada data da sua proclamação. A esperança maior residia no fato de que, com a anuência dos três líderes angolanos, se formaria um governo de coalizão e cessariam os conflitos armados. (BRAGA, 2009, p. 67)

Todavia, a não aplicação do acordo – devido às irreconciliáveis diferenças políticas e ideológicas entre os três grupos – fez irromper a luta armada. A partir disso, pouco a pouco, o governo português providenciou a retirada do seu exército, o que possibilitou ainda mais os ataques, as perseguições e os bloqueios nas estradas. Os guerrilheiros dos três partidos digladiavam-se ferozmente, originando cenas de crueldade como a presenciada pela protagonista Dulce:

No dia 26 de julho, [...] no final da tarde, sentada na espreguiçadeira na varanda do primeiro andar, eu observava o pôr-do-sol. [...] Meu estado meditativo foi de repente quebrado pelo barulho de uma pequena multidão que se aproximava rapidamente de minha casa. Todos gritavam palavras de ordem em umbundo [...] Meu estômago se contraiu nauseado quando o grupo ocupou o meu ângulo de visão o suficiente para eu entender o que a multidão comemorava. Dois homens usando uniformes com distintivos do exército da UNITA carregavam nos ombros um tronco de árvore, reto e grosso. Riam tão alto que seu júbilo era audível apesar do estrondo da multidão. Vi nitidamente a perfeita arcada dentária de um e os dentes se acotovelando para conseguir espaço na boca do outro. Suspenso no mastro e com os pés amarrados com cordas estava um homem gemendo, o corpo arqueado, a barriga para baixo, o dorso para cima. Sangrava abundantemente nas laterais da cabeça e o seu sangue ia sendo pisoteado pela multidão que cortjava aquela crueldade. Suas orelhas amputadas eram exibidas como

troféus, alfinetadas nos quepes ensanguentados dos dois homens que o carregavam.

Sua filiação ao MPLA o transformou num inimigo da UNITA, que decretou sua morte lenta, horas depois na praça em frente à igreja. Esvaiu-se em sangue enquanto a turba cantando e dançando à sua volta, chutava o seu corpo agonizante. (BRAGA, 2009, p. 83-84)

O agravamento da situação, à medida que as folhas do calendário caíam a partir do segundo semestre de 1975, é amplamente detalhado em *Sabor de maboque*, assim como - sem apelos - registra-se a retirada em massa de milhares de colonos em direção a Portugal e a outros países. Além deles, conforme a narrativa faz questão de lembrar, boa parte da população negra e mestiça também fugiu por temer às represálias dos próprios movimentos guerrilheiros que se constituíam por grupos étnicos diferentes: o MPLA era composto pelos assimilados mulatos e pelo povo kimbundo; o FNLA baseava-se na etnia bakongo; e a UNITA originou-se nas terras ovimbundu. Essa divisão étnica, de certa maneira, estabeleceu, geograficamente, a concentração de cada movimento em uma área do país: a UNITA na região centro-leste; o FNLA, na região nordeste e o MPLA no noroeste. Tal distribuição assegurava a cada grupo a dominação da área ocupada, restringindo o acesso da população que era forçada a associar-se aos já referidos partidos. Leia-se mais sobre a tensão vivenciada nos últimos dias da Angola colonial, pelo viés da narradora Dulce:

Aquela foi uma longa e tensa viagem. Quando parávamos o carro nas barreiras, perscrutávamos cautelosamente os símbolos das fardas, o dialeto que falavam e o tipo físico dos homens para ter certeza de que não pertenciam ao MPLA. Por morarmos no Bié, província dominada pela UNITA, tínhamos sido forçados a nos filiar a esse partido que emitia uma carteirinha. A minha, eu havia perdido em Silva Porto. A dos meus primos deveria ser apresentada nas barreiras, para facilitar e agilizar a passagem. Esse instrumento era como óleo lubrificante nas barreiras da UNITA, mas significaria a morte numa barreira do MPLA. Na Nharêa, na véspera de nosso êxodo, solicitei e foi-me concedido um outro cartão de membro da UNITA. (BRAGA, 2009, p. 123)

Conforme é possível perceber, pelo diálogo feito entre as citações do romance *Sabor de maboque* e a contextualização histórica apresentada, Dulce Braga recupera fatos históricos, penetrando no passado colonial de Angola e revelando o que a história oficial e os centros de poder procuram obliterar. Seguindo a narradora-protagonista, o leitor inteira-se do grande impacto nacional e internacional que foi a independência angolana, bem como se atualiza sobre o grau de dificuldade física e psicológica enfrentado por inúmeras pessoas (portugueses e angolanos), durante a saída do continente africano. Obrigados a partir deixando tudo o que

havam construído durante anos, esses indivíduos compartilharam, inevitavelmente, o sabor amargo do período pós-colonial.

### 3.1.2 Diáspora e exílio forçados em *Sabor de maboque*

Estruturado em 33 capítulos e um apêndice intitulado “Memórias”, onde podem ser encontradas cerca de cinquenta fotografias digitalizadas<sup>76</sup>, *Sabor de maboque* ocupa-se na maior parte da narrativa em descrever a fuga da família Tavares, por ocasião da expulsão dos colonos portugueses de Angola, durante a guerra que se instaurou no país entre os antigos movimentos de libertação (MPLA, FNLA, UNITA), principalmente, em 1975, ano da independência angolana<sup>77</sup>. Assim, o romance em primeira pessoa registra os percalços enfrentados pela protagonista Dulce Tavares e demais parentes, bem como evidencia as perdas, principalmente, a perda do “chão pátria” (BRAGA, 2009, p.127), mostrando o doloroso processo do exílio forçado, o qual marca indelevelmente a experiência dos sujeitos e constitui-se, como aponta Said, “uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar”, uma “tristeza essencial” que “jamais pode ser superada” (SAID, 2003, p. 46).

De acordo com Duarte (2012), “quando o exílio ocorre por absoluta impossibilidade de permanência no país de origem, convulsionado por acontecimentos sangrentos, [...] gerando uma situação em que não há a menor garantia de sobrevivência”, conforme o caso da escritora Dulce Braga, “a partida reveste-se de uma tragicidade que só a obra literária, bem como outras expressões artísticas, torna a narratividade possível” (DUARTE, Z., 2012, p. 13). A própria Dulce Braga, em entrevistas e depoimentos, confirma a necessidade que teve de encapsular os fatos de sua vida que foram vividos em terras angolanas, após sua chegada ao Brasil, justamente para evitar a dor lacerante da separação, da perda, do sentimento de partir de casa sem perspectivas de retorno. Para a autora, o não falar sobre os episódios ocorridos em África funcionaram como uma “solução pragmática”, como mecanismo de autodefesa que só foi possível abandonar após a escrita de suas memórias que, ficcionalizadas, resultaram no romance em análise. A literatura, além de tornar a narratividade possível, como bem frisa Z.

---

<sup>76</sup> O apêndice constitui-se de fotografias da autora, de seus familiares, de objetos de estimação, de documentos e de diversos espaços de sua convivência – Nharêa, Silva Porto, Luanda (Angola) e Chaveirinha (Portugal), antes da chegada ao Brasil.

<sup>77</sup> Em tempo, registre-se que o romance, além das partes mencionadas, possui ainda prefácio e posfácio escritos, respectivamente, por Ana Lia Sampaio Machado de Sousa e Luana Dalmolin.

Duarte (2012), possibilitou o reencontro entre a Dulce menina/adolescente que viveu em Angola e a Dulce adulta, radicada no Brasil, pós-75.

Com efeito, a autora esboça no romance o movimento inverso feito por muitos emigrantes portugueses que, fugindo das difíceis condições enfrentadas em Portugal durante a primeira metade do século XX, emigravam para outros países em busca de melhor qualidade de vida, sendo as colônias portuguesas o destino muitas vezes procurado. Geralmente, em terras africanas esses emigrantes se estabeleciam como agricultores, pecuaristas, funcionários da administração pública, técnicos estatais, professores etc. Havia os que com maior empreendedorismo conseguiam amearhar um significativo conjunto de bens, tornando-se patrões em África. Com maiores condições financeiras que os primeiros, estes “tal qual aves migratórias” costumavam visitar Portugal, principalmente entre junho e setembro, período de férias escolares das colônias que obedeciam rigorosamente ao calendário escolar da metrópole. Nessa última situação, enquadraram-se os pais e tios da protagonista Dulce:

As idas ao Puto<sup>78</sup>, carregadas da sensação de se tomar um banho de civilização, eram o momento de rever primos e tios que moravam lá ou em outras colônias, ou nas Américas. A casa dos meus avós apinhada de gente parecia muito menor do que era e a Chaveirinha, uma linda e simpática aldeia medieval da Beira Baixa, fazia-se revigorada com a alegria e os diferentes sotaques de dezenas de crianças e jovens, filhos de emigrantes de várias partes do mundo, que tal qual aves migratórias, ali se encontravam anualmente. (BRAGA, 2009, p. 21)

Evidentemente, ao presenciar as constantes mobilizações sociais em torno do problema da discriminação social e da repressão colonial, os emigrantes portugueses não ignoravam que a agulha viraria no sentido da independência, embora acreditassem que, na Angola independente, haveria lugar para todos. Apanhados pelo 25 de Abril, tiveram a certeza de que a melhor medida seria a saída das terras africanas, começando assim o deslocamento inverso, referido anteriormente. A guerra instalava-se. A economia parava. Os ataques às fábricas e às fazendas eram constantes. A isso ainda somavam-se inúmeras notícias sobre desaparecimentos, mortes, torturas e prisões. Como medida preventiva, o governo português iniciou um plano de repatriamento, cuja intenção era assegurar, ao menos no papel, transporte aéreo para todos que quisessem deixar Angola antes da independência. À espera dos voos, um considerável número de pessoas passou a ocupar o aeroporto de Luanda, na esperança de deixar o país o mais breve possível. A descrição do aeroporto de Luanda, em *Sabor de*

---

<sup>78</sup>Gíria usada em Angola para referir-se a Portugal.

*maboque*, metaforiza o caos instalado na colônia e ao mesmo tempo sugere a derrocada do império português:

O aeroporto de Luanda estava sempre apinhado de pessoas. Vagávamos no meio delas sem destino. Éramos duas mulheres vivendo um pesadelo compartilhado. Malas, caixas, crianças, pais, avós, brancos e negros entupiam cada mínimo espaço do aeroporto. Gente deitada no chão ou por cima das malas, sentada nas escadas, encostados aos balcões. Gente comendo em qualquer canto. Crianças deitadas no chão vigiadas por adultos impedidos de ações e providências. Chefes de família encostados às paredes, de pé, tentando debalde manter firme a dignidade. Mulheres sentadas por todos os lados com crianças dormindo em seus colos. E muitos, muitos pares de olhos adultos com a mesma expressão perdida e incrédula. Negros, mestiços, mulatos e principalmente brancos, ricos e pobres, todos querendo sair de Angola. Em cada rosto, em cada olhar o desejo comum de sobrevivência. (BRAGA, 2009, p. 175)

Houve também quem partisse de Angola com recursos próprios em automóveis, caminhões, navios e até em traineiras. Chegando a Portugal, eram pejorativamente denominados de “retornados”. O termo causava repúdio em muitos dos que ali desembarcavam, principalmente nos descendentes de portugueses, nascidos em África, que, afinal, ali se encontravam pela primeira vez. Os ditos “retornados”, esperando uma boa acolhida como muitas vezes sucedia em férias endinheiradas, encontravam o desprezo não apenas dos desconhecidos, mas também de muitos familiares que os vendo em escassa situação pecuniária (e sem as comuns prendas) os segregavam, aumentando ainda mais o sentimento de desamparo.

Para assistenciar os “retornados”, o governo português criou uma estrutura denominada IARN (Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais). Além de viabilizar a saída dos colonos, esta organização garantia apoio para instalação e integração dessas pessoas depois de sua chegada a Portugal, visto que a maioria não possuía em terras lusas nenhum meio para garantia da sobrevivência. Essa experiência, mencionada em *Sabor de maboque*, ganha maior relevância no livro *O retorno* (2011), escrito por outra Dulce, Dulce Maria Cardoso, portuguesa nascida em Trás-os-Montes, mas que viveu em Luanda dos seis meses aos onze anos, de onde regressou na ponte aérea em 1975, em virtude da descolonização do início da guerra civil em Angola:

Em quase todas as respostas uma palavra que nunca tínhamos ouvido, o IARN, o IARN, o IARN. O IARN paga as viagens para a terra, o IARN põe-nos em hotéis, o IARN dá-nos comida, o IARN dá-nos dinheiro, o IARN ajuda-nos, o IARN aconselha-nos, o IARN pode informar-nos. Nunca tinha

ouvido tantas vezes uma palavra, o IARN parecia mais importante e mais generoso do que deus. Explicaram-nos, IARN quer dizer Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais. Agora somos retornados. Não sabemos bem o que é ser retornado mas nós somos isso. Nós e todos que estão a chegar de lá. (CARDOSO, 2012, p. 77)

Apesar de ser considerado um processo positivo, principalmente pela imprensa que costuma, até hoje, elogiar o dinamismo do governo português ao integrar um número considerável de pessoas de um dia para o outro, o retorno não foi um acontecimento sutil na vida das pessoas. A maioria dos “retornados” foi hostilizada, estigmatizada, recebida com desconfiança. As crianças e adolescentes, por exemplo, eram rejeitadas na escola, sendo colocados numa fila à parte, juntamente com outros que também tinham vindo das ex-colônias, por supostamente apresentarem problemas de aprendizagem. Em depoimento <sup>79</sup>, a autora de *O retorno* relata o menosprezo sofrido por ela e por outros estudantes “retornados”: “Durante um ano letivo inteiro, houve uma professora de matemática que nunca chamou um de nós pelo nome. Passou o ano todo a dizer: ‘Um dos retornados que responda’”. De certo, não há notificação oficial, durante o retorno, de mortos e feridos. No entanto, a morte e o ferimento psicológicos foram mais concretos do que se possa imaginar. Quem contabiliza os números, esquece-se ainda dos que enlouqueceram e dos inúmeros que se suicidaram diante de tão degradante situação, conforme se registra em *Sabor de maboque*:

Nos dias em que não havia tiroteio ou bombardeio, íamos ao aeroporto acompanhar e vistoriar de perto esse trampolim arremessador de gente de Angola para Portugal. [...] Um dia, chegamos ao saguão de embarque e nos deparamos com um rebuliço maior do que o habitual. Contaram-nos que um Senhor que deveria embarcar dentro de dois dias com esposa e três filhos, acabara de suicidar-se com um tiro na boca diante de toda gente. Exceto a evidente comoção da esposa e dos filhos, em completo estado de choque, comentava-se o ocorrido com a banalidade natural de quem se acostuma com a morte multiforme ceifando vidas bem ao seu lado. Apenas outra vítima a ser enterrada bem rapidamente para não contaminar ninguém. Apesar do empenho para igualar-me na neutralidade, não me acostumava com essas tétricas situações. No retorno à nossa pensão, vomitei o café da manhã, o almoço, a raiva e o medo que sentia. (BRAGA, 2009, p. 200-201).

Só em Portugal estima-se que chegaram entre o verão de 1974 e o de 1975 por volta de meio milhão de portugueses radicados nas colônias. De Angola, colônia com uma expressiva população branca, chegaram 61% desse total (BARRETO, 2012). Destarte, houve quem optasse por não ir para a Europa ou mesmo quem foi impelido por força das

---

<sup>79</sup> Depoimento de Dulce Cardoso em “Há retornados que acham que sou uma traidora”, texto de Kathleen Gomes, publicado em *Público*, em 17 de setembro de 2015.

circunstâncias a seguir outro destino. Neste último caso, insere-se a família da protagonista Dulce que teve seu exílio delimitado para o Brasil porque o avião que os levaria para Portugal foi utilizado para transportar o último contingente do exército português. Diante da situação, a fuga para o Brasil passou a ser a alternativa mais viável. Com familiares no país para auxiliá-los nos primeiros dias em solo estrangeiro, Dulce e parentes tinham outra vantagem, não enfrentariam o processo de adoção de uma nova língua, “resultado da mais drástica ruptura com o passado”, segundo Maria José de Queiroz (1998, p.17).

Entretanto, conforme assinala Zuleide Duarte (2012, p. 12), evidentemente, há muito mais que a questão da língua quando se trata da emigração. “O indivíduo abandona suas mais arraigadas referências e lança-se no desconhecido” (DUARTE, Z., 2012, p. 12), na incerteza de encontrar acolhida ou inospitalidade. Ademais, mesmo encontrado no país de chegada a mesma língua, “o estranhamento se instala, mostrando que não se fala, de fato, uma mesma língua. Usa-se o sistema simplesmente” (DUARTE, Z., 2012, p. 12). Tratando, especificamente, dos exilados africanos que chegam a Portugal ou ao Brasil, a pesquisadora considera:

No caso dos exilados africanos, o problema é aparentemente menor por causa da língua comum; entretanto, as diferenças bastante acentuadas entre as duas formas de falar o português estabelecem o desconforto característico de quem chega ao estrangeiro. Assim torna-se imperiosa a necessidade de alfabetizar-se (na própria língua) para sobreviver. (DUARTE, Z., 2012, p. 12).

A “necessidade de alfabetizar-se na própria língua” é enfrentada pela protagonista Dulce logo ao chegar a terras brasileiras, onde teve que ora incorporar novos vocábulos aos já conhecidos, ora abandonar outros que no Brasil não eram usados, consoante exemplifica o excerto: “Pegamos nossa bagagem. Do lado de fora da alfândega aguardava-nos um *machimbombo* que a partir de agora chamaria de ônibus [...]” (BRAGA, 2009, p. 220, grifo da autora). Torna-se, dessa maneira, evidente a mestiçagem linguística, uma convivência de termos da terra deixada e da terra receptora, fenômeno que também pode ser identificado em outras situações da narrativa, como na passagem em que a mãe de Dulce mescla palavras das línguas umbundo<sup>80</sup> e portuguesa: “- *Ndapandula*<sup>81</sup> meu Deus, *ndapandula* por eles terem

---

<sup>80</sup> “Umbundo é a língua bantu falada nas montanhas centrais de Angola. O principal grupo étnico que a utiliza é o dos ovimbundos, que se concentra no sul do país. Um terço da população angolana pertence a este grupo étnico. É usada por cerca de 4 milhões de pessoas como primeira ou segunda língua em Angola” (BRAGA, 2009, p. 31).

<sup>81</sup> Ndapandula: Obrigada (Umbundo).

chegado bem” (BRAGA, 2009, p. 79. Grifos da autora). Destaque-se que mesmo reconhecendo o inevitável hibridismo cultural e linguístico pelo qual ia passar, a protagonista procura livrar-se o mais rapidamente do sotaque trazido da colônia lusa. Sua intenção, com esta iniciativa, era evitar os constantes questionamentos que sua procedência atraía sobre a guerra civil que teimava em não abandonar sua terra natal:

Os jornais escritos e falados diariamente estampavam notícias de Angola. Meu sotaque traía-me a procedência. As pessoas curiosamente me perguntavam sobre a guerra e a ferida ainda pruriente, doía pra valer. Agora, longe da guerra, do medo da angústia, ainda persistiam os eternos pesadelos, que se repetiram anos a fio. À distância, eu tinha a exata dimensão das perdas materiais e principalmente das emocionais. Quando a lógica do raciocínio finalmente pôde explicar o ocorrido com Angola e comigo, as chagas já eram profundas demais. Para que não as cutucassem e sem que tivesse consciência disso, fui perdendo rapidamente o meu sotaque. Escapado da armadilha da fala, tratei igualmente de encerrar num escaninho secreto, a Dulce dos zero aos dezessete anos. Com o sotaque, soterrei lembranças, vivências, palavras em umbundo, sabores, amizades e amor. Nada podia ficar de fora nessa exclusão, pois um elemento puxaria o outro. (BRAGA, 2009, p. 226).

De acordo com Isabel Barreto (2012, p. 53-54), o fluxo de refugiados angolanos no Brasil foi tão expressivo que “não só a imprensa cobre a chegada, mas entre os meses de outubro e novembro o governo de Ernesto Geisel monta uma força-tarefa em São Paulo e no Rio de Janeiro”, com a finalidade de “regularizar os papéis de permanência dos recém-chegados em apenas três a cinco dias – quando o prazo normal é de quarenta e cinco a cinquenta”. Além disso, eram objetivos desta força-tarefa auxiliar os emigrados a conseguir empregos e fornecer-lhes documentos, devido ao fato de que muitos aqui chegavam sem nenhuma documentação (BARRETO, 2012).

Independente dos percursos e estratégias enfrentados para se chegar ao exílio e para driblá-lo como maneira de continuar a existir, a perda passa ser a palavra de ligação, o elo, entre as histórias dos exilados, principalmente quando a partida para o estrangeiro não é voluntária, mas imposta como banimento. É comum, por isso, em depoimentos e testemunhos, o exilado falar de suas perdas, muitas vezes entoando a palavra “nada” como um lamento: “Não trouxemos nada, nada, nada. Não podíamos trazer nada”<sup>82</sup>. Taciturnamente, os discursos dos exilados definem suas existências a partir de perdas e ausências. No entanto, diante do perigo iminente, eles, sem nenhuma dúvida, escolhem o mal menor: perder o

---

<sup>82</sup> Testemunho recolhido no DN (Diário de Notícias), mais especificamente na matéria “Retornar, ou seja, tornar vivas as memórias que temos de África”, publicada em 04 de novembro de 2015.

secundário (os bens), mas preservar o primordial (a vida). Isso remete ao que Maria José de Queiroz assinala, em *Os males da ausência*. Segundo ela, perante a mudança brutal do *status quo* os sujeitos, independentes de posição social, ofício, ou etnia abandonam tudo, tendo a fuga como único meio de assegurar-lhes a vida:

Ao medo da morte sucede a energia que dá força ao impotente para salvar-se. Renuncia-se a tudo, menos à vida. À luz da fisiologia, em nada difere a reação instintiva do animal acuado sob carga poderosa de adrenalina. Resultado do primeiro impulso, a fuga impõe-se como uma única saída. (QUEIROZ, 1998, p. 415).

Perdidos e de raízes no ar – assim como a rosa de jericó que se desprende do seu *habitat* natural em tempo de calamidade climática e vaga à procura de melhor ambiente para sua possível fixação –, os exilados equivalem no país de “acolhida” àqueles que desprezam as regras. Segundo Queiroz: “Do afastamento da casa e da pátria resultam, além da carência afetiva e dos danos civis, de dolorosa repercussão na rotina, [...] a ruptura do hábito, a perda dos bens, e à volta, as dificuldades de adaptação” (QUEIROZ, 1998, p. 41).

Convém registrar, conforme adverte Queiroz (1998, p. 41), que os bens dos ausentes nem sempre ficavam em segurança no país de origem. Para ilustrar seu argumento, a pesquisadora complementa:

[...] os bens dos ausentes, no Direito grego, não estavam defendidos de apropriação nem de roubo. Na ausência do chefe, a família em desamparo não podia apelar nem tinha direito a recorrer à justiça enquanto durasse a sua permanência no estrangeiro. Só o soldado, a serviço do rei, tinha asseguradas as suas posses. E a mulher, incluída no seu equipamento – *aposkeue*, gozava da proteção da lei. Atente-se, por exemplo, no caso de Penélope: se bem que mantida a salvo dos cento e oito pretendentes, tecendo à porfia, vê, aterrorizada, que lhe haviam saqueado a despensa e já se preparavam para apropriar-se dos seus bens. (QUEIROZ, 1998, p. 41).

Situação semelhante quanto à questão dos bens dos ausentes ocorreu nas ex-colônias portuguesas. Sem a proteção dos governos, os colonos tiveram seus imóveis saqueados e/ou destruídos pelos que geriam a guerra civil. Em Angola, mais provocativa ainda foi a decisão do governo do MPLA ao resolver nacionalizar e confiscar o que os exilados haviam deixado (por não ter outra alternativa) em terras africanas. Isso impossibilitou a condição de os exilados conseguirem definitivamente reaver o que foram obrigados a deixar, por ocasião da fuga:

[...] em Fevereiro de 1976, um ano e um mês depois do acordo de Alvor, o governo do MPLA nacionalizou e confiscou todas as empresas, bens e propriedades consideradas importantes para a “economia de resistência”. Aqueles que se tivessem ausentado injustificadamente de Angola há mais de 45 dias – ou seja a maior parte dos portugueses – ficavam também sob a alçada destas legislação. E em “legítimos” coube ainda mais: aqueles que tivessem colaborado com UNITA e a FNLA definidas como “organizações antinacionais”, também incorriam na mesma pena. (MATOS, 2015).

Entre os espoliados desse sistema, estavam inseridas as personagens da narrativa de Dulce Braga que também não puderam transportar livremente seus haveres, como carros, dinheiro, ou outros bens materiais. Isso sem falar dos bens que estavam sentenciados a permanecer em Angola e que, pela situação, não podiam ser negociados como, por exemplo, fazendas, prédios, casas, terrenos etc. Para o embarque, apenas era permitido a cada passageiro o transporte de vinte quilos de bagagem numa única mala. Por segurança, antes da viagem, a mãe e as tias da protagonista decidiram enviar alguns pertences para Portugal em malas de porão que nunca foram resgatadas pela família.

A par do saques sistemáticos que estavam acontecendo, e tentando assegurar alguma economia para as primeiras despesas no solo que os acolheria, o pai de Dulce retirou os diamantes das joias das mulheres da família e escondeu-os num dos saltos dos sapatos da esposa Hermínia, mãe de Dulce. À protagonista cabia ainda uma difícil tarefa: em caso de qualquer imprevisto com a mãe, teria que calçar e cuidar dos sapatos maternos, tornando-se “a segunda guardiã de tudo o que onze pessoas teriam como suporte financeiro para enfrentar o que viria” (BRAGA, 2009, p. 136).

Conforme já mencionado, a fuga para a família da personagem Dulce seria provisória, a princípio. A impossibilidade do retorno confrangia-os, como pode ser comprovado no diálogo entre a protagonista e o pai, após o episódio dos sapatos: “- Papá, mas isso é para sempre? – Não, filha. [...] Se Deus quiser, será apenas por alguns meses. Quem sabe estaremos aqui para o Natal!” (BRAGA, 2009, p.135). Entretanto, a ilusão de um breve regresso desvaneceu-se com o prolongamento da guerra civil que perdurou por longos vinte e sete anos. No exílio, descobririam “a frustração causada pela certeza do retorno tornado impossível” (BRAGA, 2009, p. 76). A respeito do caráter imprevisível do exílio, convém registrar o que os brasileiros José Maria Rabêlo e Thereza Rabêlo – que também sentiram na pele a condição de exilados – preconizam: “[...] o exílio é viagem compulsória, de destino e tempo não determinados. Se há hora para partir, não há prazo para voltar. Sua regra é a incerteza. Pode durar apenas alguns dias, semanas ou uma vida inteira” (RABÊLO & RABÊLO, 2001, p. 17).

Convém acrescentar que o êxodo em terras angolanas principiou, efetivamente, em junho de 75. Mas foi nos meses de agosto, setembro e outubro que se pôde verificar a saída em massa das pessoas para a Europa, América ou outros países africanos, como a África do Sul ou Zaire. À notícia das primeiras retiradas, o pai de Dulce preveniu a família para uma possível saída de Angola, sendo o Brasil um destino provável para eles, caso não houvesse possibilidades de se chegar a Portugal: “Se os dias próximos à proclamação da independência forem agitados demais por aqui, talvez o Brasil venha a ser uma opção para vocês passarem esse período, enquanto eu e meu irmão Luís continuamos a tocar os negócios aqui” (BRAGA, 2009, p. 64).

Nota-se que ao dizer “vocês”, o pai de Dulce se referia às mulheres e aos filhos. Ele e o irmão permaneceriam em Angola para cuidar dos empreendimentos, mas à medida que a instabilidade aumentava e a esperança se dissipava, o patriarca da família Tavares decide preparar a fuga para todos os integrantes da família. Angola não seria mais a mesma Angola e eles, mesmo considerando-se angolanos, estavam rejeitados e não mais cabiam dentro de sua plaga.

Forçados a partir, após enfrentar inúmeros percalços (como fugas por terra na calada da noite, intercepções e bloqueios nas estradas, escassez de água e alimentos, entre outras coisas), a protagonista Dulce e seus familiares conseguem sair de Angola apenas nos últimos dias de setembro de 1975, chegando ao Brasil num dos primeiros voos de refugiados feitos pela Varig. Começava assim uma nova vida para todos. De fato, era um salto para o desconhecido. Outra avalanche de dificuldades cairia sobre eles, sobretudo, configurada com o sentimento de não-pertença. No entanto, nada seria comparado ao que os “retornados” enfrentaram em Portugal:

O noticiário sobre a situação de Portugal era escasso, mas mostrava um país com muitos desempregados e desalojados, provenientes do inchaço provocado por quase meio milhão de portugueses vindos das colônias. O êxodo acontecera de forma precipitada, retratando um processo de descolonização desastrado e confuso. Portugal vivia dias tristes e cinzentos, com muita gente retornada das colônias apenas com o que vestia e chorando tudo o que tinham deixado para trás. (BRAGA, 2009, p. 221).

Integrando o contingente de sujeitos contemporâneos que experienciaram e enfrentaram o exílio, Dulce Braga expressa em seu romance marcas individuais sobre os primeiros anos da guerra civil angolana que provocou o banimento de inúmeras pessoas das terras africanas. Suas memórias sobre o passado acabam por se estender a um plano coletivo,

devido à semelhança de sua história com a história de tantas outras pessoas que, assim como ela, também foram submetidas ao travesseiro da experiência exílica. É uma obra que faz refletir sobre perda, luto, mas também sobre a decisão de continuar, sobre a necessidade de exorcizar o passado, no sentido de recomeçar, mediante novos horizontes.

Sujeitos híbridos e traduzidos, conforme Hall (2013), Dulce Braga e outros escritores que abordam a experiência da emigração, da diáspora e do exílio são significativamente representativos no contexto literário contemporâneo, principalmente, porque suas narrativas erguem o véu do silêncio, incorporando elementos outrora relegados à margem e desestabilizando o pujante discurso hegemônico tão comprometido em desatender a construção do outro heterogêneo e multifacetado.

### 3.2 OLINDA BEJA E *15 DIAS DE REGRESSO*: VOLTAR PARA JUNTAR PEDAÇOS

O exílio não é apenas a experiência da solidão, do afastamento, da nostalgia. É tormento pessoal. (QUEIROZ, 1998)

Voltar para juntar pedaços de uma vida dividida entre dois mundos, o africano e o europeu, tornou-se a missão empreendida pela protagonista Olívia/Xininha no romance *15 dias de regresso* (1994), de autoria da escritora santomense Olinda Beja. No projeto ficcional dessa narrativa, vida e obra se confundem, de modo que falar de Olívia/Xininha é evocar, como dizem Duarte & Pereira (2018), a história real vivida pela autora.

Olinda Beja, cujo nome completo é Maria Olinda Beja Martins Assunção, nasceu em 1946, na Ilha de São Tomé, maior ilha do arquipélago de São Tomé e Príncipe. Com quase três anos de idade, numa viagem idealizada pelo pai, foi arrancada das terras da gravana e levada para Portugal, onde passou a viver na fria província de Beira Alta, retornando a sua terra natal somente 37 anos depois. Em terras lusas, licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas pela Universidade do Porto, completando a sua formação acadêmica com o curso de Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa e o Diplôme Supérieur d'Hautes Études Françaises Modernes. Por trinta anos, foi professora do ensino secundário em Portugal. Lecionou língua e cultura portuguesas na Suíça, durante dez anos.

O início de sua relação com a escrita aconteceu ainda na adolescência, período em que percebeu o quanto se sentia bem ao expor na folha em branco aquilo que sentia na alma. Escrevia para si, como ela mesma afirma<sup>83</sup>, apresentando ao papel as mágoas que a acompanhavam e que, na maioria das vezes, tiveram origem devido ao seu distanciamento do torrão natal e, sobretudo, da separação da mãe biológica. A escrita, portanto, funcionava como um desabafo e distava da ideia de publicação.

A oportunidade de levar ao público o que havia escrito durante anos, no entanto, surgiu por um acaso, enquanto Beja declamava alguns de seus poemas sobre a África para um grupo de estudantes de São Tomé, os quais visitavam Portugal. Os versos chamaram a atenção do presidente da Câmara Municipal de Aveiro que, também presente na ocasião, demonstrou interesse em publicar o trabalho literário da autora, por intermédio e subsídio do Acordo de Geminação existente entre as cidades de Aveiro e Santo Antônio, capital da Ilha do Príncipe.

Assim, Olinda Beja através da Câmara Municipal de Aveiro (CMA), publicou seus primeiros livros: *Bô tendê?* (1992), *Leve, leve* (1993) e o já citado *15 dias de regresso* (1994), obras que compõem, segundo a autora, a trilogia do afastamento, porque retratam os seus trinta e sete anos de ausência de São Tomé e Príncipe.

Até o momento, além das obras mencionadas, a autora escreveu *No país do Tchiloli* (1996), *A pedra de Villa Nova* (1999), *Pingos de chuva* (2000), *Quebra-mar* (2001), *Água crioula* (2002), *A ilha de Izunari* (2003), *Pé-de-perfume* (2004), *Aromas de cajamanga* (2009), *O cruzeiro do sul* (2011), *A casa do pastor* (2011), *Histórias da gravana* (2008), *Um grão de café* (2013), *Tomé Bombom* (2016), *À sombra de oká* (2016) e *O chá do Príncipe*. Atualmente, Beja ultima a escrita do romance *Malanza* e do livro de poemas *Kilêlê*.

Considerando a precariedade do parque gráfico nacional de São Tomé e Príncipe e o descompromisso dos órgãos públicos com a cultura e, principalmente, com a literatura, pode-se afirmar que Olinda Beja realiza um grande feito para o seu país com a publicação desse conjunto de livros, cujo objetivo principal é cantar as belezas das ilhas e do povo santomense, marca da autora que já pode ser percebida desde os títulos das obras as quais, na maioria das vezes, remetem a particularidades de sua terra natal. Com exceção do romance *A pedra de Villa Nova* (1999), toda a obra de Olinda Beja tem uma marcada inspiração africana, advinda do desejo da autora de tornar o seu local de origem mais conhecido. Para o pesquisador

---

<sup>83</sup>Informação fornecida pela escritora em entrevista concedida a autora desta pesquisa, por ocasião de sua visita ao Brasil para participação no Evento Afrolic II – VI Encontro de Professores de Literaturas Africanas, ocorrido entre 05 a 07 de Dezembro de 2016, na Universidade Federal de Pernambuco, Campus Dois Irmãos, Recife - PE.

Amarino Queiroz (2018), significativos momentos da obra de Olinda Beja encontram-se marcados

[...] por uma busca da origem, traduzidos na evocação nostálgica da infância e na tentativa de compreender, através dos meandros da memória e da imaginação, sua própria pertença geográfica e afetiva, ainda que este mesmo exercício acabasse por ilustrar a consciência de uma identidade cultural que se afirma mesclada, híbrida. (Queiroz, 2018, p.239).

Trilhando pelas mais variadas formas de expressão textual (conto, romance, poesia), Olinda Beja se destaca também por ter obras traduzidas para alguns idiomas, a saber: espanhol, francês, inglês, árabe, chinês e esperanto. Em 2013, venceu o Prémio Literário Francisco José Tenreiro, galardão atribuído à coletânea de poemas *À sombra do oká*, obra assinada com o pseudônimo Ubá Flor<sup>84</sup> durante o período do concurso. Em 2015, seu livro infantil *Um grão de café* foi incluído no Plano Nacional de Leitura de Portugal.

A obra de Olinda Beja aborda temas variados, sendo a questão da diáspora e do exílio um dos mais frequentes, tanto em sua prosa quanto em sua poesia, inclusive em narrativa elaborada para o público infantil, consoante se pode verificar no excerto abaixo do livro *Tomé Bombom* (2016), cujo protagonista, o menino Tomé, deixa evidente seu desejo (e dúvida) de sair e de ficar nas ilhas santomenses:

[...] Eu sou ‘moçu káta’<sup>85</sup> no tchiloli tia sabe? Um dia eu vai com grupo a Lisboa e volta mais não...  
 ‘Oh Tomé... tu ias embora e deixavas a mãe, a avó, o irmão e a Tintina?! Não, não acredito.’  
 Tomé olhou longamente para mim e sorriu e, naquele sorriso, vi tristeza e alegria. Este é o destino dos meninos das ilhas. Querem sair, mas também querem ficar. (BEJA, 2016, p. 28-29).

Percorrendo o passado histórico das ilhas, Olinda Beja evidencia, dentre outras coisas, a história dos inúmeros contratados que chegaram a São Tomé e Príncipe no período colonial com a “esperança badalada e apregoada de vida bem melhor que a que tivera até então” (BEJA, 2011, p. 21). Por meio da leitura dos textos da autora entende-se a especial situação dos contratados, oriundos de outros países africanos como Cabo Verde, Moçambique, Gabão, etc. Vinham pelo caminho longe, como nos versos de Gabriel Mariano:

---

<sup>84</sup> Ubá significa cercado. O termo associado à palavra flor resulta na expressão cercado de flor, típico ornamento usado ao redor das casas pelos santomenses. Ubá Flor é também uma localidade de São Tomé e Príncipe.

<sup>85</sup> Pajem da peça de teatro “Tchiloli”.

“Caminho/ caminho longe/ladeira de São Tomé/ Devia ser de regresso/ devia ser e não é”<sup>86</sup>; ou, ainda, como nas palavras da canção “Sôdade”, do repertório da cantora cabo-verdiana Cesária Évora:

Quem mostra' bo  
Ess caminho longe?  
Quem mostra' bo  
Ess caminho longe?  
Ess caminho  
Pa SãoTomé

Sodade Sodade  
Sodade  
Dess nha terra São Nicolau

Si bô 'screvê' me  
'M ta 'screvê be  
Si bô 'squecê me  
'M ta 'squecê be  
Até dia  
Qui bô volta

Sodade Sodade  
Sodade  
Dess nha terra Sao Nicolau<sup>87</sup>

Cabe salientar que a situação dos contratados tem inspirado inúmeros artistas, além dos já mencionados, pela condição dolorosa do trabalho exaustivo, carreador de enfermidades

---

<sup>86</sup> MARIANO, Gabriel. Caminho longe. In: DÁSKALOS, Maria Alexandre; APA, Lúvia; BARBEITOS, Arlindo. **Poesia africana de língua portuguesa**: (antologia). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

<sup>87</sup> Quem te mostrou  
Esse caminho longe?  
Quem te mostrou  
Esse caminho longe?  
Esse caminho  
Para São Tomé?

Saudade Saudade  
Saudade  
Da minha terra de São Nicolau

Se me escreveres  
Eu te escreverei  
Se me esqueceres  
Eu te esquecerei  
Até o dia  
Que voltares

Saudade Saudade  
Saudade  
Da minha terra de São Nicolau

que quase nunca permitiam o regresso do trabalhador. O contratado regava com suor e sangue as roças santomenses de cacau e de café. A pobreza e a falta de oportunidades forçavam essas pessoas à migração, para terras onde supunham que as oportunidades surgiam. Fato análogo acontecia, também com os magaiças moçambicanos, nas minas da África do Sul. Ali, as condições de insalubridade minavam, da mesma forma, a saúde do trabalhador que quando retornava era para morrer, na maioria dos casos. Os contratados e os magaiças exemplificam a utilização dos métodos escravizadores de africanos contra africanos. As condições escassas de semi-escavidão os tornavam impossibilitados de cumprir o tão desejado retorno. “O amarrador de chuva”, “Os desencontros da língua” e “Homenagem” são alguns exemplos de narrativas produzidas por Beja com abertura para a tematização referida.

Olinda Beja também problematiza, em seus textos, o drama da mestiçagem, temática inaugurada em São Tomé e Príncipe por Francisco José Tenreiro. Talvez o fato de a autora abordar esta questão justifique-se na sua origem, visto que ela própria, sendo mestiça, compreende perfeitamente o dilema do homem dividido entre dois mundos, conforme evidencia o poema “Canção do Mestiço”, do já referido Tenreiro. Na prosa de Beja, vários são os enredos que, direta ou indiretamente, apontam que ser mestiço em África significa viver uma situação ambígua, ora privilegiada, ora malfadada. Entretanto, é no romance *Quinze dias de regresso*, através da protagonista mestiça Olívia/Xininha<sup>88</sup>, que a autora tece, com maior precisão, a situação problemática do mestiço, apresentando-o como alguém em deslocamento contínuo, de modo que neste embate surge um indivíduo bipartido, o qual sempre tem a sua frente um caminho bifurcado. Da poesia da autora, merecem destaque os versos do poema “Quem sou eu?”, publicado em *Bô tendê?* (1992):

Sou negra e branca  
 Sou branca e negra  
 Sou misto de noite e de dia  
 A vislumbrar horizontes  
 Em permanente viagem  
 Miragem de luz e cor  
 Ondas e rochas perdidas  
 Num paraíso de amor  
 Sou revolta e calma  
 Sou orgulho e cobardia  
 Sou cruzamento infinito  
 De duas almas num grito

<sup>88</sup> Destaque-se aqui o nome duplo da protagonista de *Quinze dias de regresso*: Olívia (nome de registro) e Xininha (nome de casa). De acordo com a narrativa, ter dois nomes é comum em São Tomé, cuja sociedade marcadamente animista, acredita que isso impossibilita, em caso de feitiçaria, “que o feitiço não faça mal à pessoa” (BEJA, 2007, p. 19). Segundo K. Pereira (2016), a dupla inscrição no nome da personagem representa sua identidade crioula a partir da confluência das duas matrizes culturais: a europeia e a africana.

E eu fui o resultado  
Dum branco africanizado.

Para além das temáticas citadas, não se pode deixar de falar sobre o grande interesse da autora em divulgar a cultura santomense, através das menções feitas em suas narrativas sobre o cotidiano das ilhas, os costumes e as tradições locais, assuntos que podem ser vistos, por exemplo, no conto “Recados”, inserido em *Histórias da Gravana*, cuja narrativa trata da tradição que o povo de São Tomé e Príncipe tem em mandar recados por um morto para os entes já falecidos:

Todos queriam mandar recados. Todos tinham mensagens para o além. Jojó Piedade não aguentou mais. [...] Num rasgo de revolta e autoridade levantou a mão direita, crispou o rosto magoado, pediu silêncio e a ordem saiu imperiosa e decidida: - Meu filho não leva mais recado pra ninguém não! Quem quiser enviar recado faz como meu filho, vai! (BEJA, 2011, p. 54).

Importa ainda informar que além de escritora e declamadora de poemas, Olinda Beja é contadora de estórias. De acordo com Queiroz (2018), a intersecção entre a oralidade e a escrita desenvolvida pela autora de *15 dias de regresso* aproxima seu trabalho à arte performativa dos cantadores de socopé e dos contadores e contadoras de soias<sup>89</sup>: “[...] a sua atividade declamatória, constantemente conduzida em paralelo às intervenções perante o público durante as palestras, conferências e comunicações por ela proferidas, muitas das quais sob um acompanhamento musical, evoca o cancionero tradicional do país” (QUEIROZ, 2018, p. 240).

Representante da União Nacional dos Escritores e Artista de São Tomé e Príncipe (UNEAS), Beja percorre o mundo divulgando sua obra e seu arquipélago em eventos diversos, quase sempre acompanhada do músico Filipe Santo, referência da música africana e grande divulgador da música santomense. Atualmente, os livros de Beja vêm recebendo visibilidade e têm se tornando objeto de estudo no meio acadêmico internacional, o qual reconhece a escritora como uma das maiores, se não a maior, propagadora dos costumes, das tradições e das gentes das ilhas do meio do mundo.

---

<sup>89</sup> Segundo Amarino Queiroz (2018), as soias são relatos curtos baseados em fatos ficcionalizados.

### 3.2.1 Regressar é reunir dois lados<sup>90</sup>

Publicado em 1994 pela Câmara Municipal de Aveiro, o romance *15 dias de regresso* marca a estreia de Olinda Beja como ficcionista. Seu conteúdo assinala a experiência de retorno da protagonista Olívia/Xininha ao arquipélago que a viu nascer, São Tomé e Príncipe, após 37 anos em terras portuguesas para onde foi levada, quando ainda nada conhecia da vida. Aos cuidados da família paterna, cresceu subjugada a um mundo diferente, que por vezes aumentou sua dor e revolta, e lutou para além do espaço que lhe fora destinado, sempre dividida entre dois mundos, o europeu e o africano. Ao evidenciar o regresso, o romance deixa claro que voltar à terra de origem, após anos de ausência, transcende o mero deslocamento físico, uma vez que o reencontro com as raízes reacende lembranças e ecos de vozes adormecidas.

Assim como ocorre em *Sabor de maboque*, analisado em momento anterior, o romance de Olinda Beja baseia-se em fatos vividos pela autora, conforme a mesma adverte em nota nas páginas iniciais do livro: “Embora ‘15 dias de regresso’ se baseie em acontecimentos verídicos esta é uma obra de ficção” (BEJA, 2007, p. 05). Para Zuleide Duarte (2018, p. 03),

Esta assertiva tão direta autoriza uma leitura em que o autobiográfico e o puramente ficcional imbricam-se de tal maneira que a labilidade das fronteiras impedem, de certa forma, uma transposição confortável, posto que o puramente biográfico também passou pelo crivo da memória que seleciona e ilumina dados olvidados.

Outro ponto que aproxima *15 dias de regresso* e *Sabor de maboque* é o fato de ambas as autoras afirmarem que fazem a escrita de suas memórias para a posteridade, ou melhor, para lembrar aos filhos e vindouros que suas raízes provêm de África. Da escrita do livro, porém, Beja ainda declara tê-lo produzido para todos que, como ela, foram e são discriminados racial e socialmente, no seu país ou fora dele.

Com quinze capítulos, o romance assemelha-se a um diário de viagem, posto que registra, dia após dia, o trajeto percorrido por Olívia, bem como as frustrações e inquietações sentidas, durante os quinze dias em que esteve em terras santomenses para conhecer a família materna. Parafraseando a pesquisadora Valdenides Cabral de A. Dias (2012), em artigo que trata do livro *Água crioula*, é possível afirmar que Olinda Beja traduz em seu primeiro romance o reencontrar-se da protagonista Olívia/Xininha consigo mesma, o reconhecimento

---

<sup>90</sup> O título faz uma referência direta ao primeiro verso da canção “Coração do Agreste”, de autoria de Moacyr Luz e Aldir Blanc.

de si e do outro. Desse reconhecimento resultam a construção de uma identidade crioula e conscientização de pertencimento ao local de origem.

É fato que Olívia não apresentava desejo algum em voltar à África. Os trinta e sete anos que a afastaram das terras santomenses foram suficientes para a europeização da mulata e, conseqüentemente, para a aquisição de um rol de preconceitos em relação a sua terra natal. Recuperar, portanto, a raiz do oká, não fazia parte de seus planos. O mundo europeu, embora não lhe tenha dado o estatuto de lusitana, parecia-lhe o suficiente. O regresso, no entanto, concretiza-se por insistência da meia-irmã Lídia, possibilitando a protagonista conhecer as raízes maternas. O reconhecimento, conforme demonstra a seguinte passagem, não ocorre sem resistência: “Minha irmã recolhia as malas e sorria feliz. Mas eu não. Eu não tinha motivos para estar feliz. Durante trinta e sete anos vivera longe da terra natal [...] Para quê desenterrar agora o passado?” (BEJA, 2007, p. 13).

Envolta em uma sensação de não-pertença ao solo em que havia nascido, a protagonista descreve, com uma honestidade ímpar, seu arrependimento de ter regressado à terra natal, deixando evidente que reunir os lados opostos e incontornáveis de sua história afigurava-se como uma experiência insuportável: “Mas afinal que vim eu fazer a esta terra? [...] Para quê desenterrar agora o passado? [...] Se o arrependimento matasse eu morreria ali mesmo. Tive vontade de chorar e de não sair do avião até ao próximo voo para Lisboa” (BEJA, 2007, p. 13).

O desejo de afastar-se daquele lugar, que a princípio não tinha certeza se na realidade era seu, coloca a personagem na posição de “*outsider*”, para usar a denominação que Colin Wilson (1985) utiliza para designar os personagens que se sentem estranhos e deslocados dos contextos em que se inserem. Segundo o estudioso: “o *outsider* não tem certeza de quem ele é. Ele encontrou um eu, mas este não é o seu verdadeiro eu. Sua maior preocupação é a de encontrar o caminho de volta” (WILSON apud DUARTE, Z., 2018).

Dessa forma, como um indivíduo fora de lugar, Olívia oscila entre as memórias da África e as memórias da Europa, entre o passado e o presente, à procura de reconhecimento e de uma ligação mais visceral que a faça identificar-se com São Tomé, lugar onde também se sentia estrangeira. Na verdade, é como se a protagonista, só a partir da relação entre as memórias dos dois espaços/tempos referidos, fosse capaz de reconciliar-se com os dois mundos.

Fica evidente na narrativa a recusa à própria mestiçagem. As sucessivas tentativas de rejeitar uma santomensidão, que aflora timidamente, assustam a protagonista. Conflito instalado na alma da mulher que se descobre pertencer e não pertencer, simultaneamente, ao

local de origem. Compreende-se. Olívia estava laçada pelo poder colonialista, cuja álgebra possível, como assinala Santiago (2000), é a unidade. Isso fortalecia a barreira que a afastava de seus familiares africanos. Nem mesmo o primeiro (re)encontro com a mãe Lázara, da qual fora afastada por mais de três décadas, mudou inicialmente sua aversão à África e nem extinguiu seu desejo de regresso a Portugal: “Nessa noite [do reencontro com a mãe] não consegui dormir nem as estrelas pousaram nos meus olhos. Na realidade o que eu queria mesmo era regressar [...] sem aquela revolta que sentia no peito” (BEJA, 2007, p. 27).

Confortável com a cultura portuguesa, Olívia revoltava-se, com uma intensidade que nem ela mesma compreendia. Em África, teve a oportunidade de pensar sobre si, sobre os outros, sobre o que lhe ensinaram, de modo que, às vezes, sentia-se confusa, num “misto de desordem nos pensamentos, nas atitudes” (BEJA, 2007, p. 66), ao ponto de entrar em conflito identitário, não se reconhecendo mais nem como branca, nem como negra:

Um grupo de crianças passou por nós e gritou numa euforia “Branca... branca...” Como ninguém lhe respondeu o coro gritou com mais força “Branca... ê... branca... ê...”

Os miúdos estão a chamar-te!

Não podia acreditar no que ouvia. Era impossível. Eu, branca? Não... tudo menos isso. Durante muitos anos, em Mangualde, em Viseu, em Lisboa, em quase todos os sítios por onde andei, por onde passei, ouvira o inverso “Preta! Ó Preta!...” E este alcunho injurioso veio de toda a gente: colegas, amigos, familiares, desconhecidos, na escola, no colégio, na rua, no trabalho [...]

Com os miúdos a continuarem naquela gritaria só me dava para rir. Como podia ser?! Na terra dos brancos fui preta e agora na terra dos pretos era branca?!...”(BEJA, 2007, p. 35).

A reação das crianças santomenses surpreende Olívia, da mesma forma que ser considerada “estrangeira” por um grupo de palaiês no mercado santomense também lhe causa espanto, ao ponto de quase sentir-se ofendida: “Eu, estrangeira?! Não era estrangeira nem queria ser” (BEJA, 2007, p. 42). Afinal, a personagem sabia-se estrangeira na Europa, mas em África não esperava ser tratada como tal, principalmente quando passou a reconhecer-se como filha da terra, dias após a sua chegada, apegando-se à “tentativa de exploração e replantagem de raízes, como ocorreu em Portugal nos seus tempos de infância e, por que não dizer, a vida inteira” (DUARTE, Z., 2018).

A situação vivida por Olívia confirma que “a felicidade do retorno não encontra epílogo no desembarque” (QUEIROZ, 1998, p. 42). Após longa ausência, o indivíduo que regressa precisa muito esforçar-se para recuperar o lugar deixado no momento da partida. Basta lembrar Ulisses que, assim como a protagonista de *15 dias de regresso*, também foi

considerado estrangeiro ao voltar da Guerra de Troia, como se Ítaca não fosse o seu lugar. Para recobrar o poder que lhe fugiu das mãos, o herói precisou submeter-se a uma série de provas. Não lhe bastou voltar. Coube-lhe testemunhar, pela astúcia e pela coragem, que era o rei e o esposo de Penélope. Da mesma forma, Olívia precisou “provar”, para si e para os outros, durante os quinze dias em que esteve em São Tomé, que ali também era seu chão. Para isso, procurou inserir-se por completo no mundo em que nascera, aprender os seus hábitos, os seus costumes e suas tradições, mergulhando no mais profundo do húmus da mãe-África. O investimento afetivo na pátria faz Olívia desejar sua permanência ali, para melhor se descobrir. A recusa inicial dá lugar ao desejo atávico de estar de volta. Sem mais partidas, São Tomé poderia ser o último porto. Mas não era isto possível: a condição de visitante, hóspede na sua casa, era sua verdadeira situação.

Pelas considerações tecidas até aqui, nota-se que a narradora enfrentou o preconceito racial, assim como o social, tanto em África quanto em Portugal. A propósito da discriminação sofrida entre os europeus, Olívia rememora quando, na escola, foi obrigada a entoar uma canção que depreciava o negro, enquanto os olhos e os risos dos colegas cravavam-se nela “como insultos que ferem mais que uma arma de dois gumes” (BEJA, 2007, p. 37).

Talvez o ambiente escolar tenha sido o espaço em que Olívia mais sofreu com a discriminação, já que vez ou outra a personagem expõe ao leitor, por meio da memória, acontecimentos vividos que a traumatizaram, deixando mágoas e cicatrizes indeléveis:

[...] ouvia um rosário de injúrias que o professor desfiava numa verborreia anormal e impiedosa “És uma burra... nunca hás-de dar nada na vida! No ponto tiveste zero menos interrogado... Que vergonha!!! Se eu fosse a ti ia lá para a África e não voltava mais!” (BEJA, 2007, p. 195).

Conveniente destacar, conforme se pode inferir através dos dois últimos parágrafos, que a memória tece papel importante na obra de Beja, porque é justamente por meio dela que a autora interliga os dois mundos da personagem. Boa parte do discurso de Olívia é formado por digressões que atualizam o leitor sobre o seu passado, sobretudo, evidenciando os fatos vividos durante a infância em Portugal.

O exílio em terras portuguesas impediu que Olívia conhecesse particularidades da África, as quais passam despercebidas por quem nunca se ausentou de casa, mas são captadas com interesse por aqueles que retornam pela primeira vez à terra-mãe. O primeiro contato com a chuva em solo africano, por exemplo, causa estranheza na protagonista que nunca

havia sentido, até aquele momento, pingos de chuva tão pesados e tão quentes: “Como pode a chuva ser tão quente?! Eu conhecia bem a chuva, mas era a chuva fria, gelada, das terras agrestes da Beira Alta [...] Mas chuva quente não conhecia nem sabia que tal era possível” (BEJA, 2007, p. 13-14). Da mesma forma, chamam-lhe a atenção a hospitalidade dos africanos e, de modo especial, o modo como o tempo media-se despretensioso e sem a urgência dos grandes centros europeus: “Kilu conta[va] pausadamente velhas histórias da ilha, o tempo foi passando como nunca imaginei que passasse. Não era um tempo igual ao da Europa que não é tempo mas turbilhão, [...] e vive-se numa correria louca” (BEJA, 2007, p. 13-14). Na terra materna, Olívia certifica-se de que em “São Tomé tudo é leve, leve”, conforme apregoa o ditado local.

Considerando o fato de que o pai, ou melhor, as cartas paternas foram o único vínculo entre Olívia e São Tomé e Príncipe, não é de admirar o estranhamento da protagonista perante aspectos comuns do arquipélago, conforme mencionado. Torna-se, da mesma forma, compreensível sua aversão à cor negra e sua repulsa ao se perceber entre pessoas que tinham a pele mais escura que a sua, assim que aportou em chão africano. Na antiga metrópole, fora ensinada a integrar-se ao mundo europeu e a identificar-se mais com aquele, de modo que internalizou a discriminação do branco contra o africano e contra África: “Todos mestiços e negros. A princípio a cor fez-me aflição. Em Luanda, meu primeiro ponto de reencontro com África, confesso que senti arrepios ao ver tanta gente de pele escura a trabalhar no aeroporto” (BEJA, 2007, p. 16).

O afastamento da pátria e a longa permanência fora de casa promoveram em Olívia a rejeição de um solo e de um povo que também eram seus. Impingiram-lhe desde a infância a cultura branca, apresentando-lhe a África, pelo viés do colonizador, como uma terra atrasada, incapaz de desenvolvimento, habitada por bárbaros:

Em criança tinha ouvido sempre coisas horríveis acerca das gentes de África. Punham-me medo e diziam-me “se te portares mal, vais para a tua terra! Vais pr’os pretos que são uns selvagens!” Quando andava no colégio o recado voltava a repetir-se “se reprovares vais lá para a tua terra andar descalça e comer só banana seca”. Agora eu tinha trinta e nove anos, mas a infância e todos os dramas que nela se desenrolaram, arrastaram-se infundavelmente dentro de mim e, apesar de tudo quanto estudei nos livros e na vida, aí ficaram dormentes e hibernantes. É assim a infância um marco indelével de todos os momentos, sobretudo dos que mais magoam e por isso nos deixam cicatrizes profundas. (BEJA, 2007, p. 18).

Para mim África estava para lá do infinito, era “a terra da perdição, a terra para onde iam os homens brancos e lá ficavam, enfeitiçados sem se saber como nem por quem, era um sumidouro donde ninguém mais saía.” Nesse

tempo era essa a imagem que o Portugal colonial passava do continente africano mostrando sempre o português como o anjo salvador de um mundo onde homens negros e feras tinham comportamentos iguais e aspectos físicos semelhantes. (BEJA, 2007, p. 23-24).

Por muitos anos, Olívia sequer cogitava a hipótese da existência de outra versão da história de sua vida. Supunha que o mundo branco não mentia, não resvalava. Dessa forma, trinta e sete anos de Europa impossibilitaram-na de identificar-se de imediato com a terra e com o povo santomenses e, inclusive, com os familiares mestiços. A parte branca que havia herdado dos Veigas (parentes paternos) preponderava com veemência nos primeiros dias de regresso: “Depois foi a apresentação do Amândio, o condutor, também ele cunhado de minha irmã e mestiço como quase toda a gente. Não lhe vi bem o rosto. Não vi e confesso que nem estava interessada em ver” (BEJA, 2007, p. 18).

Sobre a problemática social do mestiço em África, Carvalho Filho assinala que muitos mestiços mantinham tão internalizada a discriminação contra sua família mestiça ou negra que chegavam a renegar “mentalmente, ‘como quem enxota uma mosca’, a lembrança de sua própria mãe, por ser negra” (CARVALHO FILHO, s/d, p. 05). Ainda, de acordo com o autor,

Muitos mulatos desejavam, através de vários artifícios miméticos, embranquecer. Introjetavam assim, um autorracismo que tornava a si e a seus iguais vítimas. Evitavam a companhia de outros mestiços, podendo renegar até a muamba, por ser esse um “*prato de eleição do mulato*”. Para isso, tinham de disfarçar, obnubilar e, se pudessem, eliminar os traços que revelassem uma procedência negra, tal como usar brilhantina para alisar a carapinha. Entretanto, a *mimesis* nunca era completa e o simulacro, frequentemente desvendado: de perto, percebia-se que era uma carapinha abrilhantada. Vivia-se assim, o drama do travesti, quer parecer, mas não é, logo, não se tornava nem uma coisa nem outra, abria-se mão de si mesmo. Nem tese, nem antítese, não chegava a ser síntese. Transformava-se em inconsistência, indefinição, inconclusão, tensão. (CARVALHO FILHO, s/d, p. 05).

Forçosamente, Olívia reconhecia-se diferente. Considerava-se “uma senhora quase branca, quase, como [lhe] disseram” em Portugal (BEJA, 2007, p. 16). Daí a sua resistência em reconhecer-se como mestiça, característica comum a uma boa parte dos que habitavam as ilhas.

Ademais, a barreira linguística mostrou-se como outro agravante a afastar ainda mais Olívia do povo santomense após o regresso. O fato de ouvir falar a língua da terra, completamente desconhecida da sua e de outra língua qualquer que tivesse estudado, causou

revolta e desconcerto na protagonista, confirmando seu desenraizamento, estado que, com esforço, altera-se no decorrer de sua presença em solo materno:

Todas as pessoas que se cruzavam com ela cumprimentavam-na: “Bond’jau dona”. Olívia tentava responder na língua materna e achava graça ao dar conta de que aos poucos, com um esforçozinho, já ia articulando aquelas palavras doces, aquela mistura de português e outras línguas que seus antepassados escravos trouxeram do continente africano. (BEJA, 2007, p. 60).

O retorno às raízes, ou seja, o (re) estabelecimento de laços com a terra que foi forçada a deixar acontece paulatinamente. O contato com o mar promove essa primeira aproximação. Talvez, porque, tendo nascido praticamente no mar, como todo ilhéu, sentiu que a ele pertencia, numa conexão que nem a distância foi capaz de desfazer: “O mar é um pedaço de mim. Tenho-o nas veias, na pele tenho-o em todas as minhas sensações. Tive-o logo que nasci e é para ele que eu quero regressar um dia...” (BEJA, 2007, p. 33). A aceitação da mãe biológica, por outro lado, constituiu-se como outro grande contributo para a aproximação de Olívia com São Tomé. De fato, é como se ao aceitar a mãe, outrora aparentemente esquecida e desprezada, Olívia rompesse as barreiras que foram erguidas durante seus anos em Portugal e revitalizasse o elo umbilical com a terra que a gerou.

Não foi fácil para Olívia abandonar trinta e sete anos de Europa. O trato constante com a cultura branca mostrou bem os seus efeitos de tal maneira que Olívia, no seu desconforto, revela o preconceito aprendido, com as imagens de selvageria e exotismo divulgadas sobre a África. A narradora, mestiça, expõe a rejeição ao mundo negro como se a própria mestiçagem fosse uma vantagem em relação ao africano puro. Não deixa de ser irônico porque justamente a gota a mais de melanina no sangue era motivo de preconceito entre os brancos e a gota a menos a desqualificava entre os negros.

A ligação entre Olívia e a terra se concretiza quando, finalmente, a personagem percebe que ama sua mãe negra, transformando o momento da descoberta numa “sensação de alívio por um pesadelo que, de uma vez por todas, chegava ao fim. Olívia rendia-se a mais um amor, um grande amor que lhe iria encher de alegria e de luz aquilo a que um dia alguém chamou de vida” (BEJA, 2007, p. 106).

Religada ao clã familiar e à terra-mãe, o mundo europeu de Olívia foi se dissipando. O reconhecimento daquela terra e daquela gente como suas proporcionou uma mudança que lhe agradava e lhe fazia sentir-se bem consigo mesma e com os outros. Nas palavras do pesquisador Kleyton Pereira (2016):

[...] a viagem física da protagonista acaba transformando-se também em viagem às raízes da memória, travessia no cronotopos de uma identidade crioula. Enquanto o mundo europeu vai tornando-se um ponto cada vez mais pequeno e distante, Olívia-Xininha começa a (re)conhecer sua terra natal, sons, ritmos, lirismo, sabores e encantos e a render-se à África, paraíso tão belo e ao mesmo tempo estranho. (PEREIRA, K., 2016, s/p.).

Evidentemente, a protagonista de *Quinze dias de regresso* ao se reinserir na cultura da terra natal não apagou o seu passado europeu, mas pôde conhecer outra versão da sua história, pondo em discussão o “mundo branco” antes visto por ela como incorruptível. Mais difícil do que parece, a situação de Olívia, assim como de outros indivíduos, mestiços ou não, que tiveram de deixar sua terra natal, exigia maleabilidade, visto a necessidade de estarem, simultaneamente, em dois lugares, e em nenhum lugar ao mesmo tempo.

Nesse sentido, fracionada entre o mundo da mãe que lhe deu a vida e o mundo do pai que lhe reconheceu e perfilhou, Olívia-Xininha-Mestiça desliza entre dois espaços, contradizendo a lógica binária. Sua situação de *outsider* é um convite à reflexão sobre as complexidades das “identidades construídas pela diferença”, como diz Hall (2013, p. 30), convocando a modernidade à desestabilização de essencialismos e ao reconhecimento da impossibilidade de definição de traços identitários autênticos.

#### IV DENTRO/FORA DE CABO VERDE: DIÁSPORA E GÊNERO NA CONTÍSTICA DE ORLANDA AMARÍLIS

Quantos de nós, longe das nossas ilhas,  
sempre a quereremos ir sem podermos  
e a ter de ficar sem quereremos.  
(Orlanda Amarílis)

Do porto  
parte esperança, fica saudade  
Os acenos, rios de outras vazantes  
Afluentes, aflição, ressaca  
Hora de partir, *hora di bai*  
Alma que fica, corpo que vai.  
(Zuleide Duarte)

Quem convive ou já conviveu com agentes envolvidos no processo de migração sabe muito bem como a saudade se torna companheira cotidiana tanto de quem sai como de quem fica da/na terra de origem. Um fim de tarde, um cheiro ou uma canção despertam lembranças, fazendo recrudescer a dor da ausência, tantas vezes atenuada por uma carta ou um telefonema recebidos - quando estes eram, basicamente, os únicos meios de dar e receber notícias - , tantas vezes mitigada pelas periódicas visitas carregadas de alegrias, mas também da precoce tristeza, perante a certeza do retorno irremediável.

A saída, quase sempre decidida quando não se vê nenhuma possibilidade de sobrevivência na terra-mãe, constitui a palavra de ordem e a esperança de dias melhores, funcionando como estratégia de oportunidade individual e familiar, mas também, conforme adverte Cardoso (2015), como efeitos macroeconômicos para o local de origem do emigrante.

Cabo Verde, por exemplo, pequeno estado insular em desenvolvimento no território africano, tem o fenômeno migratório como uma prática comum entre seus filhos ilhéus que vivem espalhados por diferentes lugares do mundo. No entanto, a atração da “terra longe” vivida pelo cabo-verdiano, conforme enfatiza Alfredo Margarido (1980), não pode ser resumida a um desejo de aventura, como às vezes se julga, mas a imperativos econômicos que o arquipélago não pode resolver.

De acordo com Margarido (1980), diante da necessidade de partir, o cabo-verdiano pressupõe o regresso, antes mesmo da concretização de sua saída. Raros são os que desistem de retornar à terra natal. De certa forma, como nas ilhas cabo-verdianas o conceito de partir

está implícito no seu contrário, regressar, torna-se inconcebível para a população insulada que alguém parta sem estar marcado pelo desejo de retorno (MARGARIDO, 1980).

Compreendida sob tais perspectivas, a partida, para o natural de Cabo Verde, “é sempre incompleta, pois o mesmo nunca chega a cortar as relações, as profundas ligações com a placenta maternal do arquipélago” (MARGARIDO, 1980, p. 406). Ou seja, o cabo-verdiano nunca se afasta totalmente do torrão natal, uma vez que preserva – mesmo à distância – as relações familiares e os valores culturais do arquipélago, como a culinária, o dialeto, as formas musicais. Para Margarido (1980, p. 404):

Quer isto dizer que, imigrado, o cabo-verdiano procura formar uma ilha dentro das sociedades em que está integrado. E se aceita elementos dessas sociedades, verifica-se, na maior parte dos casos, uma certa pressão para que os seus valores típicos sejam, por sua vez, incluídos no quadro das vivências do grupo em que passou a estar incluído.

Maria Guterres (1999, p. 10), num ensaio sobre deslocamentos, chama a atenção para o fato de que a partida do arquipélago cabo-verdiano, além de ser causada pela falta de oportunidades, via de regra, pode ser também promovida pela busca de liberdade pessoal e de experiência cosmopolita. Nessa situação, a emigração representa, segundo a estudiosa, “numa experiência positiva, o desejo de liberdade (simbolizado pelo mar), contrabalançado pelo orgulho duma ‘cabo-verdianidade’ pensada e sentida”.

Como não podia ser diferente, essa realidade aparece registrada na literatura. A temática da emigração afeta os escritores do arquipélago, estejam eles dentro ou fora da terra-mãe. Orlanda Amarílis (1924-2014), que foi uma dessas emigrantes, aborda a questão do ir para “terra longe”. Nesse narrar o longe, um elenco de mulheres invade a ficção da autora, permitindo que sejam revelados ao leitor os encantos/desencantos das migrações. Além disso, Amarílis traduz o dilema do ilhéu: “o ter de partir e o querer ficar” ou “o ter de ficar e o querer partir”, aflição comumente ocasionada pelas precárias condições de vida no arquipélago, conforme já mencionado.

“Cabo-verdiana deslocada”, como a qualifica Claudia Pazos-Alonso, Amarílis conheceu bem de perto “as contradições de ser simultaneamente uma pessoa de dentro da terra de origem e uma estrangeira”<sup>91</sup> (PAZOS-ALONSO, 2005, p. 46). No trânsito entre as ex-colônias africanas, Goa (Índia) e Lisboa se dá a sua formação. Casada com o investigador das literaturas africanas de língua portuguesa e escritor Manuel Ferreira, Amarílis fixou

---

<sup>91</sup> No original: “the contradictions of being simultaneously an insider and an outsider” (PAZOS-ALONSO, 2005, p. 46).

residência em Lisboa e, em cumprimento a atividades profissionais e culturais, do marido e dela própria, viveu em constantes deslocamentos por diversos países. Conforme afirma Mendes (2016, p. 175): “A vida da escritora cabo-verdiana Orlanda Amarílis [...] é ela mesma um exemplo de diáspora”.

Por laços familiares, Orlanda Amarílis está ligada a figuras de várias gerações literárias, incluindo o conhecido autor da obra *Chiquinho* (1947), Baltazar Lopes, e sua irmã Ivone Ramos (Ivone Aida Lopes Rodrigues Fernandes Ramos), outra profícua escritora de contos de Cabo Verde, todavia ainda mais invisibilizada que Amarílis. Ainda tratando da relação da família da escritora com a cultura cabo-verdiana, importa registrar o fato de Armando Napoleão Fernandes, pai da autora, ter elaborado e publicado o primeiro dicionário crioulo-português de Cabo Verde.

No meio cultural e literário, Amarílis iniciou sua incursão entre os escritores da *Revista Certeza* (1944) com a publicação do artigo “Acerca da mulher”. Sua participação no periódico, segundo Fabiana Grecco (2015), pretendia chamar as mulheres para a cena literária cabo-verdiana, pois ela era a única mulher a colaborar na revista e a integrar a Academia Cultivar<sup>92</sup>. O artigo, por sua vez, publicado na página 06, do primeiro número de *Certeza*, volta-se para a situação marginal da mulher desde os primórdios dos tempos e reivindica direitos equânimes entre os gêneros.

Inscrevendo-se como contista, publicou *Cais-do-Sodré té Salamansa* (1974), livro que a consagra como “a primeira narradora cabo-verdiana com livro publicado” (FERREIRA, 1977a, p. 68). *Ilhéu dos pássaros* (1983) e *A casa dos mastros* (1989) foram os livros posteriormente publicados pela escritora. Pelo que Manuel Ferreira (1989, p. 08) informa em paratexto do livro *A casa dos mastros*, Orlanda Amarílis havia iniciado a escrita de um romance, “Nha Formosinha”. O projeto, no entanto, foi abandonado pela autora, conforme informa Grecco (2014, p. 64): “De seu único romance, inacabado, só temos a escassa menção em [...] entrevista – “não, nunca o acabei”<sup>93</sup>.

Pires Laranjeira (1989, p. 10), em prefácio à terceira coletânea de contos de Amarílis, sustenta: “Com a diáspora por cenário se abrem os três livros de contos de Orlanda Amarílis, que logo continuam em histórias localizadas no chão das ilhas, de outro tempo (anos 30, 40 e

<sup>92</sup>Sem data conhecida de constituição, a Academia Cultivar “surge da iniciativa dos estudantes do Liceu Gil Eanes interessados na divulgação cultural, concebida como espaço para a reflexão, o debate, a troca de ideias e a difusão do pensamento e da ação contemporâneos. Consta que organizaram várias palestras no Liceu e espetáculos no Éden Park para um público mais alargado e que, mesmo sem dispor de sede, celebravam debates ‘internos’ em sessões marcadas para o efeito” (PRADO, 2004, p. 20).

<sup>93</sup> Fabiana Grecco refere-se à entrevista intitulada “Orlanda Amarílis, contista cabo-verdiana” realizada por Ana Maria Martinho Mão-de-Ferro a Orlanda Amarílis, presente na *Revista Faces de Eva*, número 05, Lisboa, 2001.

50)”. De fato, suas narrativas abordam a questão do deslocamento das personagens entre espaços diferentes, sobretudo, entre Cabo Verde e Lisboa, como abertamente inscreve-se no seu título de estreia, *Cais-do-Sodré té Salamansa*, através da menção de uma das principais estações ferroviárias de Lisboa, Cais de Sodré, e a aldeia Salamansa (São Vicente), sugerindo a ligação do cabo-verdiano com a antiga metrópole e seu distante arquipélago.

Destacando os aspectos relevantes da contística de Orlanda Amarílis, Benjamim Abdala Júnior (1999, p.12) pondera:

[...] o texto de ficção de Orlanda Amarílis mostra-se bastante recorrente, criando um *continuum* como se a escritora estivesse sempre escrevendo um mesmo livro, com seus narradores trazendo novas visões dos mesmos objetos ou acréscimos de histórias intercaladas. Além disso, esse *continuum* do espaço-tempo, em oposição ao insulamento das mulheres-sós, cria ao nível da enunciação um espaço de solidariedade. Esse recorte é manifestação do desejo da escritora, de sua vontade. Ou, se quisermos, uma configuração virtual que cria horizontes capazes de levar o escritor e seus atores a dialogarem em termos de presente com seus leitores. Dessa forma, o que poderia ser denúncia da situação da mulher cabo-verdiana acaba por constituir uma forma solidária de encontro. O texto, assim, não deixa de ser manifestação utópica: uma manifestação da vontade da escritora que acredita que as coisas possam ser diferentes do que são e se seus leitores, como suas personagens, não podem modificar o mundo, poderão pelo menos modificar suas atitudes diante dele. (Grifos do autor).

A pesquisadora Tania Franco Carvalhal, por seu turno, no artigo “Uma herança compartilhada”, assinala que a ficção de Orlanda Amarílis “dá voz à realidade das ilhas, mas também a seus encantos, impregna-se do sabor de um povo: uma voz que expressa outras vozes que por ela falam, são as mulheres cabo-verdianas, são as famílias, são os que viajam e se afastam das origens” (CARVALHAL, 1999, p. 133).

Segundo Fabiana Grecco (2016), além dos contos publicados nos três livros mencionados, Orlanda Amarílis possui textos dispersos em revistas como a já citada *Certeza* (Cabo Verde), *Colóquio Letras e Loreto 13* (Portugal) e no jornal *O Heraldo* (Goa/Índia). Além destes periódicos, Grecco (2016) afirma que outros trabalhos da autora podem ser encontrados em antologias literárias, como: *Escrita e Combate* (1976); *Contos – O campo da palavra* (1985); *Fantástico no feminino* (1985), entre outras.

A obra de Orlanda Amarílis revela a ligação íntima da autora com sua terra, sua gente, seus valores culturais, apresentando ao leitor a essencialidade de seu arquipélago. Ainda que presa à reiteração da temática da terra, conforme pondera a pesquisadora Jane Tutikian (1999), Amarílis consegue “contrastá-la com a cultura portuguesa, sob a forma de

um olhar distante e estranho, respectivamente” (TUTIKIAN, 1999, p. 60), elaborando narrativas que decorrem, sobretudo, no arquipélago e em Lisboa e relacionam a psicologia e o meio social em que as pessoas de ficção se inserem (TUTIKIAN, 1999).

Considerada pela crítica literária nacional e internacional uma das melhores ficcionistas de seu país, Orlanda Amarílis também registrou sua presença no âmbito da literatura infanto-juvenil com a publicação de duas obras: *Facécias e peripécias* (1990) e *A tartaruginha* (1997). Em co-autoria com Maria Alberta Menéres, Amarílis ainda produziu *Folha a folha* (1987), material de apoio pedagógico destinado às séries iniciais.

Do conjunto da obra da autora, foram selecionados para esta pesquisa os seguintes contos: “Cais-do-Sodré”, “Desencanto” e “Esmola de Merca”, do livro *Cais-do-Sodré té Salamansa* (1974); e “Thonon-les-Bains”, de *Ilhéu dos pássaros* (1983). Pretende-se com este *corpus* apresentar o olhar de Orlanda Amarílis para as mulheres de Cabo Verde, considerando o processo de emigração e o impacto nessas personagens, com realce não apenas para as que partem, mas também para as que ficam no arquipélago natal.

#### 4.1 MULHERES QUE PARTEM

[...]  
 Hora da partida  
 Hora de dor!  
 Amor,  
 Deixa-me chorar!  
 Corpo cativo,  
 Vai tu que és escravo!  
 Oh, alma viva  
 Quem te há de levar?

(Eugênio Tavares. Hora di Bai. In: FERREIRA, 1975, p. 296-297)

Apesar de a emigração ser tratada quase sempre como exclusividade masculina, a proporção das mulheres emigrantes tem aumentado consideravelmente nas últimas décadas nas diferentes regiões do globo, de modo que uma das características dos movimentos migratórios na atualidade é a sua “feminização” (PEREIRA, E., 2006) (LOBO, 2006) (GRASSI, 2007).

Em Cabo Verde, o início do fluxo migratório feminino se deu na década de 60, mais precisamente em 1963, com a ida de moças da ilha de São Nicolau para a Itália, por intermédio de frades capuchinhos do Seminário-Liceu de São Nicolau. Holanda, França e Portugal foram outros destinos europeus que passaram a ser os principais endereços das emigrantes cabo-verdianas nesse período (LOBO, 2006).

Em solo estrangeiro, muitas emigrantes se estabeleciam nos locais em que trabalhavam, em casas de familiares ou de conhecidos que no exterior triunfavam. Como a saída, na maioria das vezes, acontecia por necessidades incontornáveis, estas mulheres se sentiam, nas palavras de E. Pereira (2006, p. 117), num “centro de um feixe de responsabilidades para com os seus, seja no país de origem, seja no país receptor, seja em ambos, que muitas vezes se torna difícil gerir”, assim como acontece até hoje. Legitima[va]-se, assim, o peso da emigração sobre os ombros femininos. Trabalhar, enviar remessas para os que ficaram e juntar alguma coisa para usufruir, quando do retorno, eram/são compromissos, geralmente, a serem cumpridos, durante a estada no país receptor. Estas ações aparentemente fáceis, tantas vezes despercebidas pelos que ficam, eram/são agudizadas pela saudade da terra de origem e pelas privações enfrentadas em terra alheia, sem desconsiderar, ainda, como bem lembra Marzia Grassi (2007), o enfrentamento das discriminações sociais:

As discriminações sociais com base no gênero que existem na sociedade cabo-verdiana acompanham as mulheres nos lugares de acolhimento, no acesso ao mercado de trabalho formal, onde as dificuldades socioeconômicas fragilizam as mulheres e as tornam mais vulneráveis a situações violentas e criminosas. Deste modo, a emigração feminina em Cabo Verde não pode ser lida exclusivamente como um fator emancipatório, sendo, pelo contrário, suscetível de riscos acrescidos nos lugares de acolhimento em relação aos perigos que a mesma discriminação assume no arquipélago, onde certas formas de solidariedade primária ainda funcionam em termos de proteção social. Esta parece diluir-se grandemente na diáspora, onde a solidariedade se atenua. (GRASSI, 2007, p. 55-56).

A experiência diaspórica das mulheres cabo-verdianas materializa-se no projeto estético de Orlanda Amarílis. Sua obra, construída fora de Cabo Verde, transfere para o discurso literário a vivência da autora e tudo que lhe acompanha em sua condição diaspórica: o exílio, a condição insular, as difíceis condições climáticas das ilhas, a emigração, a cabo-verdianidade e a solidão. Para a autora, a temática da emigração teria, fatalmente, de fazer parte de sua escrita, uma vez que a mobilidade afeta emocionalmente a todos que vivem longe da terra-mãe (AMARÍLIS, 1999b). Afirmando que “Emigrar é o pão nosso do cabo-verdiano”, a autora acentua que só por meio do discurso literário, o escritor que vive o exílio

consegue se libertar de seus “pesadelos e fantasmas oníricos, [de suas] ânsias de querer partir e ter de ficar, como diria Manuel Lopes, autor de *Chuva Brava*, ou então, ter de partir por não poder ficar” (AMARÍLIS, 1999b, p. 139).

Em “Cais-do-Sodré”, conto que serve de pórtico para o primeiro livro da autora, a narrativa descreve o encontro casual da protagonista Andresa com sua patrícia Tanha, na Estação Ferroviária do Cais de Sodré, Lisboa. Decerto, o lugar escolhido para o desenvolvimento da ação no conto não foi acidental: um espaço público e de rápida circulação, normalmente destituído de identificação com os indivíduos que por ali circulam.

Trata-se, conforme chama a atenção Marc Augé (2012, p. 73), de um “não lugar”, espaço de transição que – por estar em oposição ao lar, ao chão natal – “não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico”. Assim, por não se constituir como local de pertença, a estação evoca a solidão dos que ali transitam, porque mesmo estando junto com outros, o indivíduo encontra-se só, desempossado de laços afetivos e identitários.

No caso do emigrante, situação correspondente a das personagens do conto em questão, estar em um “não lugar” parece afetar ainda mais o sentimento de solidão, posto que aquele que emigra encontra-se também em trânsito entre um ponto de partida (país de origem) e uma “presença deslocalizada, perpetuamente negociada e desconfortável, como o anonimato desse urbano mundo moderno, seja Lisboa ou não, mundo indiferente, senão agressivo” (PASSOS, 2011, p. 141).

Os dados apresentados no conto não permitem depreender a razão que leva Andresa a emigrar. Apenas sabe-se que há quinze anos, ela se encontrava na capital da metrópole, casada, e, aparentemente, em elevada condição social. Já Tanha, para ali havia se deslocado com o objetivo de cuidar da saúde do pai, o qual não resiste à viagem e acaba falecendo dias depois de chegar a Portugal. Por meio delas, revela-se o confronto de duas situações da diáspora cabo-verdiana: a do emigrado aculturado que já se encontra fora do arquipélago por um determinado tempo e a do emigrado recém-chegado, ficando evidente a desvalorização do segundo grupo pelo primeiro, conforme aparece pontuado no excerto, principalmente, através do comportamento de Andresa:

Andresa ajeita a mala sobre os joelhos, acaricia o fecho de tartaruga, num gesto vago, sem atinar porque dera conversa à senhora. Conchêl, por quê? Dondê? Só se for do tempo de chá de fedagosa. Sou mesmo disparatenta. [...] Mais conversa pã mode quê? Ainda hei-de perder essas manias. Manias de dar trela a todo o biscareta da minha terra. Apareça-me pela frente seja quem for, não conheço, acabou-se. (AMARÍLIS, 1991, p. 11).

Decididamente, Andresa procura se impor, por mais que parte dela deseje aproximar-se de Tanha. Trazendo consigo uma diferença interior, a protagonista autocensura-se (“Ainda hei-de perder essas manias. Manias de dar trela a todo o biscareta da minha terra”) e qualifica pejorativamente de “biscareta” aqueles que antes julgava seus iguais. Sente-se em posição elevada em relação à conterrânea, não apenas por ter conseguido ascensão social na Europa, mas pelo fato de estar por mais tempo na diáspora. Como explica Fanon (2008), ao deixar a terra natal, o colonizado toma posição diante da cultura da metrópole e com tal conduta, geralmente, passa a considerar-se um metropolitano, mesmo quando regressa para casa:

No momento, vamos ao encontro de um outro, que acaba de chegar. O recém-chegado, desde seu primeiro contato, se impõe. Só responde em francês e frequentemente não compreende mais o crioulo. Sobre isso, o folclore local nos fornece uma ilustração. Depois de alguns meses na França, um camponês retorna à casa paterna. Percebendo um arado, pergunta ao pai, velho campônio esperto: “Como se chama este engenho?” Como única resposta, seu pai atira-o sobre ele, e a amnésia desaparece. Curiosa terapêutica. (FANON, 2008, p.38).

Constata-se, tanto pelas palavras de Fanon quanto pelo comportamento da protagonista de “Cais de Sodré”, que estar na diáspora pressupõe vantagens e prejuízos, ou como diz Carvalho (1999, p. 132), referindo-se, particularmente, à saída de Cabo Verde: “Deixar as ilhas significa crescer, ganhar mundo, europeizar-se. Mas significa também arriscar a perda de sua identidade, o abandono das ‘mornas’, dos luares, dos ritmos, das danças e dos falares de uma gente simples e autêntica”.

O encontro das duas personagens, marcado por lembranças que vão se encadeando e construindo a narrativa, revela a solidão de Andresa. Afastada de sua terra por mais de uma década, conforme já referido, a protagonista tem sua voz “exercida a partir de carências, não apenas aquelas recuperadas do referente Cabo Verde, mas, sobretudo, aquelas de quem se vê longe da terra e se encontra num ‘reino’ frustrante” (ABDALA JÚNIOR, 1999, p. 12). Andresa sente a premência de estabelecer e dar continuidade ao diálogo com sua patrícia, mesmo que para isso necessite, por vezes, forjar informações, como denuncia o narrador onisciente em alguns momentos do conto:

“Não se lembra de meu pai, pois não?”  
 “Não”, confessa Andresa. “Na verdade não me lembro muito bem dele. Sabe, já lá vão quinze anos eu vim da nossa terra.”  
 “Pois é, pois é.”

E comendo outro tom.

“Meu pai era Simão Filili do Alto de Celarine.”

“Ah! O seu pai era nhô Simão Filili? Eu julgava (**estava a mentir**) que a senhora fosse sobrinha dele.”

“Éramos eu e a minha irmã Zinha que Deus-haja. Eu sou a Tanha. Raparigas éramos só as duas.”

Recordo-me muito bem da Zinha. Estava toda certa vocês eram primas (**outra mentirinha para acabar de compor o ramo**). (AMARÍLIS, 1991, p. 13, grifos nossos).

A carência de aproximação sentida por Andresa, não só em relação a Tanha, mas em relação a outros conterrâneos com os quais se encontra, surge inconscientemente e ela mesma não compreende as próprias reações: “De algum tempo para cá acontece-lhe isto. Vê um patrício, sente necessidade de lhe falar, de estabelecer uma ponte para lhe recordar a sua gente, a sua terra” (AMARÍLIS, 1991, p.15).

O desejo de falar sobre a terra natal e de “ouvir a fala descansada e sabe de Soncente, fala de conversa de novidades” (AMARÍLIS, 1991, p.15) conduz a personagem a aproximar-se da patrícia, comprovando que a solidão, conforme acentua Maria José Queiroz (1998), é o mal do exílio que mais enfraquece o emigrante. Sob essa perspectiva, o contato com um compatriota e a oportunidade de ouvir e falar sobre as coisas do seu país traduzem-se num “bem inestimável” (QUEIROZ, 1998). Distante de tudo e de todos, as lembranças, os assuntos da terra de origem e “a língua – mero instrumento de comunicação – converte[m]-se em metáfora da pátria” (QUEIROZ, 1998, p. 57).

Na indecisão de afastar-se ou aproximar-se dos patrícios, o conflito entre as duas vertentes civilizatórias (a africana e a europeia) se estabelece em Andresa. Nesse embate, as culturas acabam se chocando. Melhor dizendo, entram em competição, exigindo do indivíduo identificação com uma matriz ou outra. Dessa situação, surge o estranhamento da personagem que não se sente nem cabo-verdiana, nem portuguesa. Para Tutikian (2007, p. 249), tal estranhamento “não é mais do que a consciência do sujeito híbrido, de não pertença, corroborando a ideia de apagamento da identidade das origens e da identidade cultural do exílio, para o encaminhamento de uma outra identidade”.

A frase final do conto, “Coitada de Tanha! Vou com ela até Caxias” (AMARÍLIS, 1991, p.18), reforça a profunda sensação de vazio e isolamento de Andresa que, não admitindo sua própria desventura, isto é, sua própria solidão, atribui tal sentimento apenas à compatriota. Ademais, o gesto de acompanhar Tanha, ao invés de seguir viagem sentada ao lado da inglesa russa, também constitui, por parte da protagonista, um reconhecimento de que, apesar das deslocações temporais e geográficas, o compartilhamento das memórias culturais

poderia atenuar a sensação de desamparo, vazio e isolamento, a ela reservada em terra alheia. Para Tutikian (2007 p. 245),

[...] o sujeito errante, condenado à solidão, é o sujeito sob processo de hibridização, aquele que, mantendo a essencialidade do lar, perde-a e, aculturando-se, perde a identidade e, das duas perdas, o nascimento do novo, o que produz uma sensação de perda de pertença: não mais cabo-verdiano (como cabo-verdiano antes da diáspora), nunca português, porque cabo-verdiano. Do apagamento das duas identidades, o surgimento de uma terceira.

Ainda segundo Tutikian (2007), ocorre que tal qual Andresa, Orlanda Amarílis, ela mesma um sujeito da diáspora e híbrido, propõe um olhar criado a partir do distanciamento, ou melhor, um olhar da “reterritorialização e, neste deslocamento, distopia e utopia se permeiam. A desesperança da imagem fortalece uma ideia qualquer de esperança jogada aqui e lá e num outro lugar que não é aqui e não é lá, embarcadas que são, suas personagens, numa Pasárgada itinerante” (TUTIKIAN, 2007, p. 243).

Também marcada pela diáspora, a protagonista do conto “Desencanto” tem sua condição de “estranha solitária” (AMARÍLIS, 1991, p. 45) revelada desde as primeiras linhas da narrativa, seja pela ausência de nome próprio, seja pela superficialidade de suas relações com outros seres, também inominados, que ela vê apenas de passagem e com os quais não consegue estabelecer contato maior do que um impessoal e automático “Bom dia. Passou bem?”. Apesar de ser reproduzido reiteradamente, o cumprimento não expressa nenhuma ligação de amizade da personagem com seus “conhecidos” interlocutores, como pode parecer. Pelo contrário, trata-se apenas de um contato - desguarnecido de afeto e de fraternidade - que, não correspondido, confirma o isolamento e o desamparo da protagonista, mesmo estando ela “entre tanta cara conhecida” (AMARÍLIS, 1991, p. 45). Vê-se, pelas ações e comportamento, que a personagem quer ser aceita como uma natural do país e que, ao fazê-lo, recusa sua origem e a sua condição de mestiça.

O espaço da narrativa é Lisboa, como no conto anterior, e a protagonista não apenas é apresentada em mobilidade social (deslocamento de sua terra provocado pelas disparidades econômicas), mas também em mobilidade diária, isto é, em migrações frequentes nos empregos e entre moradias desde sua chegada a Portugal:

A sua vida [...] tem sido um escorregar constante. É como se fosse uma casca de banana grudada sob os pés. Adivinha o epílogo. Acabará por estatelar-se sem apoio. Corrida de empregos de sujeições tem sido o seu

rosário através destes anos todos. Até já lhes perdeu a conta. (AMARÍLIS, 1991, p. 42-43).

Como se vê, Orlanda Amarílis registra, em “Desencanto”, a figura do imigrante cujo cotidiano se organiza em torno do grande esforço pelo sustento na metrópole (SCHMIDT, 2009). A repetição de etapas cronometradas, o cansaço, o tédio, em função das demandas do trabalho e da sobrevivência em terra estrangeira, apontados na narrativa, remetem ao pertencimento do imigrante a um sistema de trabalho que cria, segundo Abdelmalek Sayad, uma circularidade perversa, em que trabalho desqualificado e mão-de-obra socialmente e politicamente dominada se reforçam reciprocamente (SAYAD, 1998, p. 107).

O nomadismo assumido pela protagonista, desde sua chegada à capital portuguesa, justifica-se pela perda de “encantamento” com o mundo novo que descobrira. O sentimento que a acompanha em sua jornada diaspórica é o de estar desprovida de raízes, de afetos, enfim, de qualquer relacionamento humano que possa ancorá-la na comunidade estrangeira: “É uma cigana errante, sem amigos, sem afeições, desgarrada entre tanta cara conhecida” (AMARÍLIS, 1991, p. 45). Apesar de ter se desiludido com o mundo estrangeiro (lugar idealizado como paraíso antes da emigração), a protagonista recusa-se a voltar para sua terra, espaço considerado, em sua opinião, como estático, sem perspectivas e sem chances de desenvolvimento: “Voltar para quê? Para vegetar atrás das persianas da cidade e espreitar as mulheres trazendo a água do madeiral em latas à cabeça ou os homens puxando as zorras com os sacos para a casa Morais? Não não sempre não” (AMARÍLIS, 1991, p. 42).

Na busca pela integração ao espaço e à gente lisboeta, a personagem distancia-se dos seus “patrícios de cor” para não ser confundida com eles, negando, dessa forma, a sua origem cabo-verdiana. Tal atitude, porém, apesar de conflituosa, já que lhe põe diante de uma “encruzilhada pela qual tem de escolher” (AMARÍLIS, 1991, p. 45), nem sempre surte o efeito esperado pela personagem que é lembrada, quase ao final no conto, de sua condição de mestiça por um natural do país de acolhimento:

O homem do chapéu preto está junto dela. Pressente-o pelo faro que já tem dessas aproximações. Um sussurro fá-la estar atenta.  
 “Estás bom, pá?”  
 “Malandro, estás a fazer-te prá mulata.”  
 Riem baixo e esse riso é uma afronta. (AMARÍLIS, 1991, p. 45).

Percebe-se a ambiguidade no discurso do homem português, pois, à medida que sai em aparente defesa da mulher, promove também a exclusão dela ao lembrar não somente “de

sua hibridez, mas também de sua condição de minoridade, de posição de inferioridade social dentro daquele sistema” (SILVA & CURY, 2011, p. 186). Ademais, a protagonista tem, no discurso do europeu, a advertência de que, embora realize uma luta diária para se metamorfosear, ela nunca será reconhecida como uma filha natural no país de acolhimento.

Não compartilhando do projeto de retorno cultuado pela sociedade de origem, a protagonista prefere seguir em “desencanto” no país receptor. A opção por essa condição talvez não decorra unicamente por motivações econômicas, acadêmicas e profissionais como o conto permite subentender, mas pela busca de independência para gerir sua vida, longe do controle familiar e social. Nesse sentido, o medo do regresso também é vivido porque se vê nele a possibilidade de regressão nos ganhos identitários alcançados, conforme aventa Fortes (2016, p. 96):

Se a saída tem sobre [...] as mulheres [...] impactos identitários positivos, vivem o projeto de retorno a Cabo Verde, entre medos e angústias, na medida em que este poderá significar o retorno a um contexto social e cultural que nas suas palavras é encarcerante e limita as caminhadas individuais femininas.

Embora muitos fatores contribuam para o afrouxamento da relação emigrante-pátria, Fortes (2016) constata ainda que o desejo de não regressar é visto com estranheza pelos que ficam em Cabo Verde “porque o retorno é algo que deve ser sempre desejado, por conseguinte a preparação para o retorno deve ser iniciada logo após a chegada ao país de destino, para que nada possa atropelar o projeto migratório, cuja concretização acontece com a volta do filho próspero” (FORTES, 2016, p. 95).

Se em “Desencanto” a protagonista opta por não voltar a Cabo Verde, em “Thonon-les-Bains”, conto de *Ilhéu dos Pássaros* (1983), o regresso da personagem Piedade não chega a se concretizar devido ao seu assassinato na cidade francesa que dá nome à narrativa. Tem-se, portanto, nesse texto, o registro de um projeto migratório interceptado pela violência, funcionando como uma espécie de alerta para que a emigração não seja vista, exclusivamente, como um fator emancipatório, mas também com probabilidades de riscos, conforme alerta Marzia Grassi (2007). Assentar ficcionalmente a violência contra a mulher pode ser uma forma encontrada pela autora para advertir sobre a maior suscetibilidade do gênero feminino a atos de agressão, estupro e morte durante o processo de emigração. Ademais, acredita-se que, ao construir personagens como Piedade, Orlanda Amarílis vai muito além de retratar a mulher emigrante e a gama de violência que lhe acompanha do arquipélago ao país de acolhimento,

sendo seu objetivo maior estender essa representação ao indivíduo cabo-verdiano, seja ele homem ou mulher, mergulhado em suas vivências, memórias, venturas e dissabores, presente no arquipélago ou na diáspora.

Diferentemente dos outros contos até aqui visitados, cujas narrativas centralizam unicamente as ações das protagonistas distante da terra de origem, em “Thonon-les-Bains” o enredo se desenvolve, de maneira simultânea, em Cabo Verde (terra-mãe) e na França (terra de acolhida), apresentando a perspectiva tanto de quem sai, quanto de quem fica durante o evento de emigração.

No arquipélago, a viúva Nh’Ana<sup>94</sup> e seus filhos mais novos aguardam, entre a domesticidade da casa e as privações de quem habita na Ilha de São Vicente, cartas e remessas do enteado Gabriel e da filha Piedade, emigrada por intermédio do meio-irmão. Na cidade de Thonon-les-Bains, padecendo ao frio e às privações da emigração, Gabriel e Piedade trabalham numa fábrica de esquis, tocando a vida sem abrir mão de suas raízes, ou seja, sem “nunca abandona[r] verdadeiramente o seu arquipélago uma vez que, mesmo longe do seu país, [...] continua[m] em contato com ele” (MARGARIDO, 1980, p. 46).

Através do conjunto de atores envolvidos no processo migratório apresentado no conto, Orlanda Amarílis descreve não só a emigração, mas como a saída da mulher é encorajada pela família. A autora aponta o processo migratório como um projeto familiar que respeita etapas como a sucessiva remessa de numerário e a preparação dos outros membros para a reintegração do núcleo familiar no estrangeiro. Nesse sentido, o conto registra a relação de “proximidade à distância” (LOBO, 2006), isto é, uma relação parental e de pertencimento ao grupo doméstico em condições de distâncias espaciais e temporais prolongadas para a garantia da manutenção das formas tradicionais de se fazer família em Cabo Verde (LOBO, 2006). A azáfama na casa de Piedade, após o recebimento da carta de chamada<sup>95</sup> enviada por Gabriel, e a expectativa de Nh’Ana, no tocante ao envio de dinheiro após a partida da filha, confirmam o que se vem falando e podem ser comprovadas através do excerto seguinte:

[Nh’Ana] Sentou-se para acabar de ler a carta. Tornou a lê-la. Ainda a releu mais uma vez. Desse dia em diante foi um corropio naquela casa. Nh’Ana entrava e saía para fazer compras. Pano casca de ovo para roupas de baixo, uma corrida para tirar medidas para uns sapatos de polimento preto, comprar pó de arroz e água de cheiro para pôr no fundo da mala da filha. Tanto tempo à espera da notícia. Uma eternidade à espera da carta de chamada. Gabriel não faltava à palavra. Gabriel enteado de Nh’Ana prometera levar a sua meia-irmã para França e não se esquecera.

<sup>94</sup> Personagem que será melhor analisada mais adiante, no subcapítulo “Mulheres que ficam”.

<sup>95</sup> Espécie de declaração de alguém residente no exterior, que se responsabiliza pelas condições de permanência de emigrantes recém-chegados.

[...]

Sabe, comadre, se nha fidja me mandar algum dinheirinho, posso começar um negócio de comidas, assim uma caldeira de catchupa com mandioca e toucinho para vender à boca-da-noite, um groguinho ou um pontche para emborcar em cima, e pronto. (AMARÍLIS, 1983).<sup>96</sup>

De acordo com Lobo (2006), a ausência do emigrante e, especialmente da mulher emigrante, é mitigada e vale a pena quando o mesmo mantém contatos e envia dinheiro e recursos para a família. É o típico fazer-se perto, mesmo quando se está longe. Ainda para a pesquisadora, o que difere a emigração feminina da emigração masculina (ao ponto da emigração feminina ser incentivada por muitos países de origem) é o envio fiel de dinheiro feito pela mulher para as famílias que permanecem. Em geral, a mulher envia mais de 50% do que ganha na emigração para casa. “Essas remessas”, segundo Lobo, “têm um impacto significativo na vida das crianças, pais, irmãos e parente em geral – assim como nos ‘caixas’ dos governos de seus países” (LOBO, 2006, p. 27-28).

O mundo da personagem Piedade, na França, move-se numa trajetória fechada, entre Gabriel (o meio-irmão) e Jean (o namorado francês). “Exilada do espaço de referência tradicional” da mãe, a jovem “não conseguia exilar-se de uma outra tradição: a da repressão machista do homem que não lhe faculta a independência emocional e a expressão de sua individualidade” (MOREIRA, 2007, p. 369). Destarte, quer fosse na relação com o meio-irmão, quer fosse na relação com o namorado, pesava sobre Piedade, como aponta Moreira (2007, p. 369), a ideologia da intervenção do homem protetor, que lhe delimita as ações:

Jean era um bocado ciumento, tinha quarenta e dois anos, era separado de uma outra mulher, mas era muito seu amigo. Trazia-lhe chocolates quando vinha namorar com ela, tudo à vista de Gabriel e dos seus amigos. Nunca ficava só com ele porque Gabriel não deixava, sempre a espiar, até os dois amigos eram capazes de lhe ir contar qualquer coisa mal feita ela viesse a fazer. (AMARÍLIS, 1983)

A idade de Jean e sua maneira de tratar os fatos com seriedade foram as razões que provocaram o afrouxamento do seu relacionamento com Piedade que, no auge da jovialidade, queria distrair-se e ter contato com pessoas de sua terra natal. A proximidade da protagonista com o “moço badio”<sup>97</sup> da Ribeira da Barca<sup>98</sup>, também emigrado em Thonon-les-Bains,

<sup>96</sup> Por se tratar de uma versão digital, as páginas do conto não são numeradas, sendo por isso impossível haver aqui as citações dos números das páginas.

<sup>97</sup> Segundo Lobo (2006, p. 31), “são assim chamados os cabo-verdianos provenientes da Ilha de Santiago. A expressão tem um caráter pejorativo”.

propicia-lhe fuga de sua realidade de emigrada, já que a faz retornar às raízes, principalmente enquanto dança a morna, “expressão musical que mais completamente realiza a vida cabo-verdiana” (TUTIKIAN, 2007, p. 244). Todavia, determina também seu assassinato, praticado por Jean após uma crise de ciúmes ao vê-la requebrar as ancas durante a festa de aniversário do meio-irmão Gabriel.

A sensualidade da dança exibida por Piedade e seu conterrâneo pareceram sem propósito para o ciumento Jean. Na realidade, Jean deseja Piedade, mas rechaça a informalidade e liberalidade cultural no que tange a contatos entre os conterrâneos. Pela sua ótica, a voluptuosidade da moça, para além da coqueteria, beira à traição.

Tratada impunemente pelos franceses, a morte de Piedade é silenciada, uma vez que o protesto fica restrito apenas ao espaço doméstico, espaço daqueles, que, como ela, não têm direito à voz (MOREIRA, 2007). À família, principalmente ao meio-irmão Gabriel que segue a vida fora de Cabo Verde, resta a certeza de que o emigrante não tem direito e nem valor algum em terra alheia: “Emigrante é lixo, mãe Ana, emigrante não é mais nada” (AMARÍLIS, 1983), confirmando a tese de que no país de acolhimento os de “fora” não gozam plenamente dos direitos do cidadão local em questões fundamentais, como a justiça, quando esta é invocada contra os naturais da terra.

Como se verifica, emigrante é apenas força de trabalho em “terra de acolhimento” e, tratado como tal, localiza-se sempre numa situação de exclusão e vulnerabilidade. Celeste Fortes (2016, p. 93) ressalta que existe uma prevenção da sociedade de acolhimento em aceitar os emigrantes: “não porque de fato se espera que no geral voltem aos seus países de origem mas porque reconhecê-los para além de apenas imigrantes implicaria reconhecê-los também em seus direitos”. Dessa forma, o emigrante será a todo o momento tratado como estrangeiro, tendo sua sorte determinada pelos filhos da terra que, obviamente, sendo a maioria, detêm o poder de voz e a força para silenciar o direito de defender direitos.

Em “Thonon-les-Bains”, ao contrário do que é visto em “Desencanto”, as personagens emigradas, ainda que envoltas em dificuldades, não perdem de vista a terra natal, mantendo suas raízes sempre vivas. Para Gabriel, por exemplo, a única coisa que pôde lhe trazer conforto, após a perda da irmã, foi pensar que reencontraria o “Djéu”<sup>99</sup>: “Logo à tarde iria ao Step. Dali avistaria o ilhéu, ia sentir-se mais calmo. Espraiar o olho até o ilhéu dos Pássaros, isolado a pouco mais de umas centenas de metros da praia, ia dar-lhe a tranquilidade do espírito tão precisada agora” (AMARÍLIS, 1983). O mesmo ocorre com outros

---

<sup>98</sup> Aldeia noroeste da Ilha de Santiago.

<sup>99</sup> Djéu: Ilhéu dos Pássaros em crioulo cabo-verdiano.

personagens de *Ilhéu dos pássaros*. É o caso de Luna, do conto “Luna Cohen”, que se diz “judia, mas mentalmente caboverdiana” (AMARÍLIS, 1983). Por manter essa coerência, o segundo livro de Amarílis é assim definido por Tutikian: “*Ilhéu dos pássaros* é todo ele uma tentativa de retorno” (TUTIKIAN, 1999, p. 65).

Nos contos apresentados, a emigração está definitivamente internalizada nas personagens, levando-as a idealizarem positivamente as suas partidas. Em terras estrangeiras, buscam completa integração e esperam ser reconhecidas como naturais, mas se confrontam com as vicissitudes da diáspora. Isso acaba por lhes fazer perceber que a coexistência pacífica entre colonizados e colonizadores, na verdade, é ilusória.

Oportunamente, Orlanda Amarílis não só torna visível o racismo do europeu em relação ao africano, como expõe os preconceitos que o cabo-verdiano acabou assimilando sem crítica alguma. Ainda mais ousado por parte da autora, dada a época em que os contos foram escritos e publicados, foi apresentar a posição subalterna do emigrante e, ao mesmo tempo, questionar as relações de poder entre os envolvidos no fenômeno da emigração.

São diferentes narrativas, com personagens várias, no entanto, envolvidas com as mesmas questões: a insularidade, a partida (como solução de muitos problemas ou como redenção para escapar a uma vida de privações), o exílio e a solidão. Conflitos identitários acoçam as personagens que, em espaço alheio e distante, recorrem à memória para (re)cimentar os alicerces da pátria, abalados durante a vivência no estrangeiro. São escritos que se dedicam a traçar um esboço: do sofrimento de quem partiu; da (in)certeza de quem não quer voltar; e da dor de quem não pode retornar e precisa continuar a viver diante da irrealização do regresso.

#### 4.2 MULHERES QUE FICAM

Atirar-me-ei ao chão  
 [...]
 Gritarei  
 Berrarei  
 Matarei  
 Não vou para Pasárgada  
 (Ovídio Martins. Antievasão. In: Ferreira, 1975, p. 186)

Se partir reclama coragem e determinação, ficar não implica esforço menor.

Em Cabo Verde, permanecer nas ilhas significa lutar contra um ambiente desfavorável, imerso em carências provocadas pelas prolongadas secas, pelas lestadas e pelas

enchentes. Significa ainda superar a insularidade e aprender a conviver com o “se” – do “Se tivesse partido” – que condiciona o indivíduo a ilusões daquilo que poderia ter sido, ou não.

Na ficção de Orlanda Amarílis, além do conjunto de mulheres em suas diferentes práticas migratórias, destacam-se também personagens femininas que ficam na terra de origem e lutam contra as tribulações de ordem vária que lhes são impostas. Quer como donas-de-casa, quer como autônomas, em trabalhos não muito valorizados (faxineiras, costureiras, etc.) ou em ocupações completamente desprestigiadas na sociedade, como cartomantes ou prostitutas, esta galeria de mulheres ficcionais, por meio das suas agências, representam as mulheres reais que, segundo Simone Caputo (1997), perfazem toda a diferença no desenvolvimento socioeconômico e, sobretudo, na transmissão e fixação da cultura e da tradição de seu país, Cabo Verde.

“Esmola de Merca”, quinto conto do livro *Cais-do-Sodré té Salamasa*, apresenta um número significativo dessas personagens que permanecem no arquipélago. Além da protagonista Titina, mais de uma dezena de mulheres são mencionadas e apresentadas em suas vidas ordinárias nas ilhas, de modo a representar o povo cabo-verdiano e sua dependência daqueles que se encontram na emigração.

Em sua maioria idosas, as personagens são destacadas por suas vulnerabilidades, sendo Mam Zabêl e a “velhota de tronco abaulado” os dois exemplos mais representativos desta categoria no conto. Por meio delas, flagra-se o descaso social no país e evidencia-se de modo especial a escassez de bens de consumo de primeira necessidade. A “velhota de tronco abaulado”, por exemplo, enquanto espera por sua vez para receber a ajuda enviada pelos patrícios, almeja durante toda a sua conversa com Mam Zabêl por comida: “Nô Senhor me perdoe, quase me esqueci do gosto da cachupa<sup>100</sup> – disse baixinho e riu. [...] – Dias-há no mundo eu não tenho comido cachupa. Nem cachupa nem comida de caldeira. Só parentem<sup>101</sup>, às vezes. Mas eu não tenho dentes, você sabe, e custa-me comer parentem” (AMARÍLIS, 1991, p. 54). Já Mam Zabêl deseja receber um casaco para aliviar o frio durante as madrugadas: “Estou precisada de um casaco de Merca. Lá na cambota tem muito frio. De um casaco de Merca é que estou precisada” (AMARÍLIS, 1991, p. 54). De acordo com Tutikian (2007, p. 243), ao elaborar personagens femininas como a “fascinante” Mam Zabêl, “Orlanda Amarílis acolhe a realidade, fazendo do seu texto denúncia, encaminhando, entretanto, para o

---

<sup>100</sup> Prato típico de Cabo Verde, elaborado com feijão, milho, vários tipos de carne ou peixes.

<sup>101</sup> Milho torrado em grãos.

desprezo melancólico, quando o realismo social aponta para o sentimento trágico e a situação absurda num cotidiano estático, esvaziado de sentido” (TUTIKIAN, 2007, p. 243).

Dentre as personagens mais jovens do conto “Esmola de Merca”, Titina é a mais conscientizada e com visão crítica mais aguçada. É ela quem reconhece que a ajuda enviada pelos cabo-verdianos emigrados na América não é uma solução para os problemas enfrentados no país, mas um lenitivo: “Isto não vem a remediar. [...] Nem chega a ser um remendo, pensou ainda. Os patrícios de Lisboa Também mandam roupas usadas, calçado, pão seco. Senhores, até mandam pão seco para a nossa gente amolecer em água e enganar a fome” (AMARÍLIS, 1991, p. 51). É ela quem, além do narrador, chama a atenção para as personagens desprovidas de altruísmo, como Nha Luzia, que mesmo não tendo vidas tão precárias não se esquivam em estar na fila para também receber parte da esmola vinda de “Merca”:

[Titina] Descobrirá nha Luzia no meio daquela balbúrdia. O quê, nha Luzia também vem buscar esmola?, interrogava-se estupefata. Nha Luzia tem negócio, tem botequim, nas traseiras do meu quarto, vende alvacora frita, e grogue e sucrinha e mancarra.

Aturdida, estendeu os embrulhos para nha Luzia, majestosa na saia rodada de cocktail, a sua parte de esmola de Merca. Recebeu-os de olhos baixos e sem-vergonha na cara. (AMARÍLIS, 1991, p. 58).

Considerando a estrutura da família de Titina, pontualmente marcada pela presença feminina, pode-se afirmar, juntamente com Rodrigues & Maisonave (2013), Lobo (2006) e Fortes (2015), em seus estudos sobre a família cabo-verdiana, que as unidades domésticas em Cabo Verde são fortemente centradas na figura da mulher. Um dos fatores para essa realidade nas ilhas é a emigração, como se pode deduzir. Todavia, de acordo com os estudiosos mencionados, a ausência física e o distanciamento masculino no cotidiano dos filhos e das mães dos filhos é um aspecto comum no arquipélago, ocorra a emigração ou não.

Pertinente ressaltar que mesmo apresentando configurações familiares diversas<sup>102</sup>, predomina na sociedade cabo-verdiana, tanto no discurso institucional quanto no da população, a idealização do modelo de família nuclear ocidental, de raiz monogâmica e patriarcal, herdado do período colonial (RODRIGUES & MAISONAVE, 2013); (LOBO, 2006); (FORTES, 2015). Isso gera tensões sociais porque entre o ideal e o real prevalecem

---

<sup>102</sup> Segundo Martins & Fortes (2011, p. 18), encontram-se em Cabo Verde as seguintes configurações familiares: “[...] famílias com mulheres solteiras e chefes de família, mulheres que se assumem enquanto mãe e pai dos filhos (matrifocais), famílias sem a presença do pai (pai abandonado), ou sem a presença da mãe, famílias onde convivem, dentro da mesma casa, mais de duas gerações (os avós, sobretudo a avó, com um papel central na vida dos netos), ou mesmo núcleos familiares geridos por jovens mas dependentes de familiares, ausentes”.

categorizações e avaliações moralistas guiadas pela definição normativa que a sociedade produz sobre o que é e como deve ser uma família.

Assim todas as organizações familiares que, por vários constrangimentos, não se enquadram nesse modelo [monogâmico, patriarcal] são tidas como famílias em crise e desestruturadas. Essas avaliações são animadas por sentimentos de nostalgia, dando a entender que os outros modelos de organização familiar são consequências negativas das transformações, sobretudo econômicas e sociais, por que passa o país. (FORTES, 2015, p. 151-152).

“Esmola de Merca” ainda abre espaço para outro assunto: a fuga clandestina nos barcos estrangeiros. O acesso para a exposição dessa perigosa e arriscada empreitada se dá através da história de mais uma personagem feminina, Nha Quinha:

Nha Quinha nunca foi mulher de pedir de porta em porta. Ela foi dona da sua casa com tudo-em-quanto era preciso. Era criadas, era roupas penduradas no guarda-fato, era coisas boas no guarda-comida, era tudo, tudo”, admoestou-a a madrinha. “O marido embarcou e nunca ninguém soube dele”. A voz tornou-se-lhe melancólica. “Ele fugiu desta nossa terra madraستا num vapor grego. Era um vapor de carvão, um vapor de dois canudos, grande. Ainda não tinha passado o canal quando foram dar com ele escondido não sei onde. Assim que o encontraram, foram-no arrastando, arrastando. Havia mais dois moços. Tinham fugido com ele. Quando eles viram a maneira como os gregos estavam a maltratar o marido de nha Quinha ficaram afrontados. Desataram numa carreira, escada acima, escada abaixo, com aqueles gregos todos atrás deles, até encontrarem maneira de cair no mar. Bons nadadores, aqueles moços! Vieram dar na ponta de João Ribeiro, cansados mas contentes. Aquela encrenca a bordo não tinha sido para brincadeira. Miguel Santos até disse eles costumam metê-los na caldeira quando os apanham. Os gregos são maus e nunca ninguém soube o destino do marido de nha Quinha. (AMARÍLIS, 1991, p. 52-53).

Inserida na narrativa através da madrinha de Titina, Nha Quinha representa aqueles que não obtiveram sucesso com a emigração. A perda do marido ocorrida devido à fuga clandestina altera suas condições econômicas e lhe põe em pé de igualdade com a maioria dos nacionais, embora haja resistência da personagem em assumir-se como tal. As palavras da madrinha de Titina são enfáticas quanto a isso:

“Se puderes Titina, arranja uma saia e mais qualquer coisa pã nha Quinha. Ela está muito precisada” [...] “Se ela fosse lá seria melhor. Sempre podia escolher mais à vontade”. A madrinha olhou para ela com ar reprovativo como se ela tivesse dito um despropósito. Deu alguns passos até ao meio do quarto.

“Ir para a fila?” censurou-a. “Meter-se no meio do povo?” (AMARÍLIS, 1991, p. 52)

Nota-se que mesmo necessitando da ajuda vinda da América, entrar na fila constituía-se como uma humilhação para algumas personagens. A manutenção da aparência e o uso da máscara social, aspectos sutilmente evidenciados neste trecho do conto, são reforçados ainda através de outra personagem, nha Chica: ““Se puderes arranjar [Titina] alguma roupa pâ nha Chica de nhô Antoninho, também era bom’, completou [a madrinha], não fosse esquecer-se” (AMARÍLIS, 1991, p. 53).

Comprometido com fatos cotidianos, o conto “Esmola de Merca” mais parece “crônica social” (TUTIKIAN, 1999) e como tal aponta críticas acerca da indigência a que é submetida a sociedade cabo-verdiana.

O já referido “Thonon-les-Bains” é outro exemplo de narrativa que comprova que as vidas dos que ficam dependem daqueles que se encontram na emigração. Nh’Ana, mãe da protagonista Piedade, é a prova de que ter um parente na emigração é um símbolo de *status* e a possibilidade de ter uma vida melhor, quer seja por meio das remessas enviadas, quer seja através da saída das ilhas:

Gabriel é como se fosse meu filho. Ele não se esquece de todas as minhas dificuldades para criar estes quatro filhos que o pai me deixou”. Juntou as mãos e pôs os olhos em alvo. “Deus tenha a alma de Chico em paz”. Deu um pequeno suspiro. “Este filho arranjado fora de casa tem sido o meu anjo da guarda. Manda-me dinheiro, manda-me umas encomendinhas, ó como se fosse meu filho de vera”.

“Mas, comadre Ana, bocê não tem medo de mandar a sua filha assim sozinha para tão longe?”

“Como comadre, medo de quê? Medo de nada. Gabriel explicou tudo muito bem explicado. Piedade vai agora, depois, daqui a uns anos vai o Juquinha, depois Maria Antonieta e depois vou eu mais o Chiquinho. (AMARÍLIS, 1983).

Imersa em perspectivas e sonhos, Nh’Ana permite, “chorosa”, a partida da filha Piedade e aguarda ansiosamente o dia em que ela e os demais filhos também pudessem emigrar. Queria livrar-se dos longos anos sem chuva, da falta de renda e da falta de oportunidades na ilha natal: “Sabe, comadre, a vida aqui já não podia continuar como era. Sete anos sem chuva é muito. Eu não tenho nem uma migalha de reforma de Deus-Haja. Nós vivemos da renda dos bocadinhos de terra e mais alguma coisinha” (AMARÍLIS, 1983).

Enquanto a partida de Nh’Ana não se concretizava, ela sonhava com a abertura de um negócio próprio, financiado por Piedade, conforme confidencia a uma vizinha: “Sabe ,

comadre, se nha fidja me mandar algum dinheirinho, posso começar um negócio de comidas, assim uma caldeira de catchupa com mandioca e toucinho para vender à boca-da-noite, um groguinho ou um pontche para emborcar em cima, e pronto” (AMARÍLIS, 1983). A emigração, como é possível verificar, representa – para a família de Piedade que fica em Cabo Verde e, principalmente para Nh’Ana – esperança e término de uma existência dominada pelas carências do arquipélago.

Ao mesmo tempo, Nh’Ana embala o sonho de que Piedade pudesse casar-se com um homem francês. Seria a chance de sua “fidja-fêmea” ficar bem arrumada em França, além de garantir para os filhos, a língua e o fenótipo europeus:

Nh’Ana acalmou-se e acabou por não se importar muito. A sua filha ia casar com um francês, assim ia ter os seus filhos de cabelo fino e olho azul ou verde. Teodoro, quem era Teodoro para pensar em casar com a sua fidja-fêmea? Soberba de fora, (batia palmadinhas de cada lado da cara) soberba de fora mas nha fidja-fêmea vai casar e bem. (AMARÍLIS, 1983).

De acordo com o excerto, o que parece importar para Nh’Ana é que Piedade faça do casamento um bom investimento na França para assim garantir não apenas a estada definitiva no país europeu, mas também “embranquecer” a raça, dando-lhe netos da “terra onde todos os menininhos falavam francês desde pequeninhos” (AMARÍLIS, 1983).

Acresça-se que além de Nh’Ana, outras personagens femininas de meia-idade têm suas trajetórias de sofrimento e dificuldades apresentadas em “Thonon-les-Bains”. Uma delas é a mãe de Gilberto (funcionário pouco letrado do correio) que “sem qualquer pensão de sobrevivência”, após a viuvez, recorre a hospedar jovens do liceu vindos de outras ilhas em sua casa. Outra é a comadre com quem Nh’Ana divide “chicrinhas de café” enquanto conversam sobre as notícias vindas da França: “Eu também não tenho nada, comadre Ana. Se não fossem as flores para as coroas dos mortos ou umas rendinhas para lençol, como eu havia de governar, comadre?” (AMARÍLIS, 1983). Como se pode notar, sem perspectivas financeiras, as personagens improvisam maneiras para sobreviver. Somadas à narrativa de Nh’Ana, suas histórias traduzem os percalços enfrentados por grande parte das mulheres pobres, desamparadas e sozinhas, habitantes de uma terra inóspita que não oferece aos seus filhos condições mínimas de sobrevivência.

“Esmola de Merca” e “Thonon-les-Bains” apresentam singularidades do cotidiano feminino, por meio de um conjunto de mulheres que, extraídas do ambiente liderado por homens, lutam pela sobrevivência nas terras estéreis de Cabo Verde. Trata-se de mulheres comuns que, nas palavras de Maria Aparecida Santilli (1985b), “ouviram a voz de suas

origens” e sujeitaram-se a permanecer no arquipélago, mesmo conscientes dos “riscos mais eminentes de palmilharem o caminho dos miseráveis, ou até dos suplicantes da esmola estrangeira” (SANTILLI, 1985b, p. 27).

Seja retratando as mulheres de dentro ou de fora das ilhas cabo-verdianas, Orlanda Amarílis dá visibilidade e dizibilidade ao feminino, outrora esquecido e/ou desprezado pelas narrativas hegemônicas e com isso consegue mostrar para seu país e para o mundo que a mulher está inscrita social e historicamente no espaço em que vive. Isso, segundo Benjamin Abdala Júnior, a autora faz sem restringir-se “aos horizontes mais circunscritos da chamada ‘literatura de gênero’, porque tem o sentido de totalidade”, ou seja, porque “vê seu povo de imigrantes através da mulher – da adversidade de sua condição olha para uma adversidade geral” (ABDALA JÚNIOR, 1999, p. 20).

## V DE EXÍLIO EM EXÍLIO: RESISTÊNCIAS E ERRÂNCIAS EM *TIARA* E EM *VENTOS DO APOCALIPSE*<sup>103</sup>

De exílio a exílio, haverá sempre algo que irremediavelmente faltará, perdido sem remédio nos interstícios da geografia ou da história: ferida jamais fechada, obsessivamente remexida, a supurar por dentro, sem apelo. (José Augusto Seabra)

Diferentemente das narrativas abordadas até aqui, as quais evocam travessias intercontinentais, os romances *Tiara* (1999) e *Ventos do apocalipse* (1993), respectivamente escritos pela guineense naturalizada Filomena Embaló e pela moçambicana Paulina Chiziane, priorizam deslocamentos internos nos países em que os enredos se desenvolvem, funcionando como reveladores dos modos de resistência, adaptação e assimilação. Considerando esse diferencial, segue-se a trajetória das personagens protagonistas em seus insílios, isto é, em seus exílios dentro da terra de origem (como se dá no romance de Chiziane) ou da terra de adoção (como ocorre em *Tiara*, de Embaló), procurando mostrar como esse tipo de experiência também provoca fraturas entre os seres e o seu lugar, tal qual fala Edward Said (2003). Além do conceito de insílio, o capítulo dialoga ainda com a concepção de *desexílio*, que é o retorno ao local de origem e o processo de redescobrimto da pátria.

Antes, porém, da análise das narrativas selecionadas para este capítulo, segue uma apresentação biobibliográfica das escritoras Filomena Embaló e Paulina Chiziane, ambas consideradas como primeiras romancistas dos países que representam.

Filomena Embaló (Maria Filomena Araújo Vieira Embaló) é a terceira pessoa de nacionalidade guineense a publicar um romance na Guiné-Bissau<sup>104</sup>. Trata-se de *Tiara* (1999), obra que garantiu a classificação de primeiro e único romance guineense escrito por uma mulher por quase duas décadas, somente havendo alteração nesse quadro no início de 2018, quando surge o romance *Pérola Roubada*, de Né Vaz (Vanessa Margarida Buté Vaz).

---

<sup>103</sup> O título do capítulo faz uma referência direta ao título do livro *De exílio em exílio: I - Resistências e errâncias*, de José Augusto Seabra.

<sup>104</sup> Antes de Filomena Embaló, os escritores guineenses que publicaram romances foram: Abdulai Silá, romance *Eterna Paixão* (1994) e Filinto de Barros, romance *Kikia Matcho* (1997).

Apesar de ter nascido em Angola, Filomena Embaló, cujos pais são cabo-verdianos, afirma-se “guineense de coração e por opção”<sup>105</sup>, sem rejeitar suas origens e vivência no país que a viu nascer. Em entrevista<sup>106</sup> concedida a Dulce Araújo, durante participação na “Semana da Cultura Afro-lusófona”, realizada em Paris, no ano de 2006, Embaló define a sua pátria como um conjunto dos três países que contribuíram para a sua formação identitária:

Sou guineense, mas não sou unicamente guineense. Costumo dizer que tenho uma pátria constituída por três países: Cabo Verde, que é o país das minhas origens, das minhas raízes, das minhas bases culturais; Angola que é o país onde nasci, onde cresci, vivi até os dezenove anos; e a Guiné-Bissau que é o país que adotei com dezenove anos e com o qual me identifiquei por ter me encontrado na Guiné.

Ainda, na entrevista mencionada, Filomena Embaló enfatiza que, embora tenha abraçado a Guiné-Bissau como seu país, viu-se confrontada com algumas situações, principalmente durante a guerra civil, onde os filhos genuínos da terra lhe fizeram sentir que não era tão guineense como pensava. Nessa altura, a autora diz ter atravessado uma profunda crise de identidade, apesar de compreender que tais atitudes ainda são derivadas do passado colonial, cujos efeitos fazem-se presentes na atualidade, especialmente em situações de instabilidade. Nas palavras da autora: “Acho que esse mal-estar que ficou da época colonial, hoje não se conseguiu ultrapassar e fez com que em situações de crise, sobretudo, saiam os velhos fantasmas do passado”. Embaló acrescenta que ao elaborar o romance *Tiara* e, principalmente, ao redefinir a identidade da personagem-protagonista que recebe o mesmo nome do título da obra, acabou por reconstruir sua própria identidade, passando a assumir-se como ser múltiplo e resultante das culturas e vivências em que esteve inserida.

A identificação de Filomena Embaló com a Guiné-Bissau e o fato de sua obra abordar questões que evocam costumes, comportamentos e as vicissitudes sociais e políticas da sociedade guineense conduzem estudiosos das literaturas africanas de língua portuguesa, a exemplo de Moema Parente Augel, a inscrevê-la no contingente dos autores guineenses, reconhecendo seu nome e obra como de grande importância para essa literatura:

Ao se passar em revista a produção literária guineense contemporânea, em especial a do século XXI, tem-se a grata surpresa de se verificar uma presença mais expressiva de publicações literárias de autoria feminina.

<sup>105</sup> Afirmação contida na biografia da autora, cujo conteúdo encontra-se nas capas dos livros *Coração Cativo* (2005) e *Carta Aberta* (2005).

<sup>106</sup> Entrevista concedida por telefone e veiculada na Rádio Vaticano. O áudio pode ser conferido em: <<https://novaevangelizacao.com.br/identidade-e-ruptura-na-obra-da-escritora-filomena-embalo/>>

Registre-se a voz nova de Saliatu da Costa, bissauense, autora de dois livros de poesia [...] Acrescento ainda Filomena Embaló, nascida em Luanda, radicada em Paris e que assume, entretanto, a meu ver, um lugar especial entre os escritores aqui arrolados. Embora não tenha nascido na Guiné-Bissau e ali não ter passado senão alguns anos, foi esse tempo, no seu entender, tão decisivo que se considera “guineense de coração e por opção”. (AUGEL, 2014, p. 131).

Além de *Tiara*, Filomena Embaló publicou outras duas obras: *Carta Aberta* (2005) e *Coração Cativo* (2005).

*Carta Aberta* é uma coletânea de dez contos<sup>107</sup>. Segundo Couto & Embaló (2010), neste livro, “como acontece em outras obras da autora, nota-se um certo desenraizamento, uma ‘sensação de estar em permanente passagem’, de que está sempre na *ora di bai* ‘hora de partir’ [...], sentindo-se como aqueles que ‘jamais se sentiram em casa em parte alguma’”(COUTO & EMBALÓ, 2010, p. 93).

*Coração Cativo*, por sua vez, é um livro bilíngue (português-francês), composto por dezesseis poemas, dentre os quais se destaca, aqui, o poema “Identidade”, por representar em versos a, já mencionada, encruzilhada identitária e multicultural da autora:

Busco raízes profundas  
no sangue das ilhas  
a semente germinada  
em terras fartas do Maiombe  
a flor desabrochada  
nas Colinas do Boé  
e encontro  
os caminhos cruzados do meu eu!<sup>108</sup>  
[...]

Como bem expressam os versos, na rememoração da geografia do afeto (ilhas, floresta do Maiombe e Colinas do Boé, respectivamente, Cabo Verde, Angola e Guiné Bissau), o eu poético desenha uma identidade que se constrói por natureza múltipla, assinalando “uma voz em trânsito que descende [...] da miscigenação em caminho para uma tomada maior de consciência mestiça de si e do mundo africano” (CARDOSO, 2015, p. 153).

Acrescente-se que Filomena Embaló possui formação em Economia pela Universidade de Reims (França) e ocupou cargos públicos na Guiné-Bissau e no exterior, nomeadamente em Paris, onde trabalhou na União Latina, antes de esta organização ser

<sup>107</sup> Segundo COUTO & EMBALÓ (2010, p. 93), os contos de *Carta Aberta* são os seguintes: “Desencontro”, “Os filhos pródigos”, “Seria um acaso para Sherlock Holmes?”, “Ri melhor quem ri no fim”, “Sunguila”, “O choro”, “Mara Cassamenti”, “A rosa”, “O candidato” e “Homenagem ao meu liceu”.

<sup>108</sup> Poema disponível em: <<http://www.didinho.org/Arquivo/apoesiadefilomenaembalo.html>>. Acesso em: Out. 2018.

extinta em 2012. Para além de suas obras literárias, a autora ainda possui ensaios sobre a literatura<sup>109</sup> e o cinema<sup>110</sup> guineenses, bem como artigos sobre economia, publicados em revistas e jornais.

Assim como Embaló, Paulina Chiziane opôs-se ao destino, demasiado pequeno, reservado às mulheres. Sua trajetória de vida, tantas vezes apresentada nas inúmeras entrevistas que já concedeu, demonstra o quanto se desprender do espaço privado e trilhar por outros caminhos, como o da escrita, custou-lhe resistência e determinação.

Nascida no campo, em Manjacaze, distrito localizado ao sul de Moçambique, Paulina Chiziane mudou-se aos seis/sete anos para o subúrbio de Maputo, capital do país. Para ela, o novo espaço funcionou como um mundo de repressão, ao contrário do campo que representava a liberdade: “Quando chego à cidade foi um choque. Não se pode atravessar a estrada, passar para o outro lado da rua, acender uma fogueira ou voltar tarde a casa, ‘não se pode isto não se pode aquilo’” (CHIZIANE apud GOMES, 2001). Embora seus pais fossem protestantes, fez a escola primária numa missão católica, onde aprendeu a falar a língua portuguesa. Aos dezoito anos, aderiu à militância revolucionária. Enquanto trabalhava como assistente da Cruz Vermelha, viveu a guerra de perto e presenciou o drama dos que salvavam apenas a própria vida. Ingressou no curso de Linguística, na Universidade Eduardo Mondlane, mas precisou interromper os estudos. Em muitos depoimentos, declara que cresceu ouvindo histórias à volta da fogueira contadas pela avó. Essa experiência vivida na infância ficou registrada na memória da autora e tem lhe servido, até hoje, de inspiração para a literatura que produz: “Eu conto histórias minhas baseadas nas histórias que ouvi. Acho que nos livros que escrevi há sempre uma história que foi recriada e reescrita. Sempre” (CHIZIANE, apud MARQUES, 2002, p. 68).

Apesar de ser apontada pela crítica literária como a primeira mulher moçambicana a escrever um romance, Chiziane considera-se uma contadora de histórias porque acredita que seus livros aproximam-se mais da oralidade, fugindo, desse modo, às regras da tradição da escrita: “Eu acho que romancista é qualquer coisa muito acadêmica. Tem muito a ver com a tradição da escrita. Sinceramente falando, acho que os meus livros têm a ver com a oralidade. Faço questão de praticar a oralidade dentro da escrita” (CHIZIANE, apud MARQUES, 2002, p. 66).

---

<sup>109</sup> *Breve resenha sobre a literatura da Guiné-Bissau.*

Disponível em: <<http://www.didinho.org/Arquivo/resenhaliteratura.html>>. Acesso em: Junho de 2016.

<sup>110</sup> *Cinema da Guiné-Bissau.* Disponível em: <<https://misoafricapt.wordpress.com/cinema-da-guine-bissau-filomena-embalo/>>. Acesso em: Novembro de 2018.

Para Freitas (2012), ao autodenominar-se “contadora de histórias”, Paulina Chiziane não só apresenta uma “escolha pessoal em relação ao seu país e teórica no que diz respeito ao discernimento entre as discussões que envolvem a questão das discrepâncias entre romance e narrativa”, como também assinala que está “a seguir *mutatis mutandis*, a antiga tradição da casta de contadores de histórias, conhecidos em certas partes da África como griots” (FREITAS, 2012, p. 63).

Da mesma forma que dispensa a classificação de romancista, Chiziane rejeita o rótulo de feminista a ela atribuído pela crítica. No seu entendimento, o projeto de escrita que desenvolveu ao longo de sua trajetória nas letras “fala sobre mulheres”, mas não reivindica nada, nem exige direito algum. Prefere dizer que escreve no feminino, tentando colocar, à sua maneira, a visão da mulher nos espaços literários:

Muitas pessoas consideram que como eu escrevo para as mulheres, eu sou feminista, mas eu não vejo a questão dessa forma. O fato é que sou uma mulher e escrevo sobre temas que me tocam nessa minha condição. [...] É verdade que eu escrevo muito forte sobre o feminino, sobre as questões que interessam de perto às mulheres. O fato é que a tendência da sociedade é qualificar pejorativamente esses escritos, estigmatizá-los como feministas e eu não gostaria que as coisas acontecessem dessa forma. Não quero ser chamada de feminista. Essa é outra guerra, pois prefiro que os meus livros falem por si e que não seja eu o alvo da mensagem. (CHIZIANE apud DIOGO, 2013, p. 362).

Sua carreira literária teve início por volta de 1984, publicando contos na imprensa moçambicana (FREITAS, 2012). Em 1990, lançou o primeiro romance, *Balada de amor ao vento*, pela União dos Escritores Moçambicanos. Também é autora dos romances *Ventos do apocalipse* (1993), *O sétimo juramento* (2000), *Niketché: uma história de poligamia* (2002) e *O alegre canto da perdiz* (2008). Em 2009, publicou o livro de contos *As andorinhas*.

Além das narrativas mencionadas, publicou dois livros baseados em entrevistas: *O livro da paz da mulher angolana – As heroínas sem nome* (2008), em parceria com a angolana Dya Kassembe, e *Quero ser alguém – Histórias de crianças sero-positivas* (2011).

Em regime de co-autoria, ainda publicou: *Na mão de Deus* (2012), com Maria do Carmo da Silva; *Por quem vibram os tambores do além* (2013), com Rasta Samuel Pita; e *Ngoma Yethu: o curandeiro e o novo testamento* (2015), com Mariana Martins.

É autora do drama *Ocupali* (2016) e do livro de versos *O canto dos escravos* (2017). A respeito deste último, a autora comenta, em entrevista ao *Brasil de Fato*:

Escrevi *O canto dos escravos* em verso, mas não é propriamente poesia formal. Achei que funcionasse melhor apresentar o livro em verso, um verso completamente livre. Agora, se quisesse fazer poesia, perderia muito tempo em procurar rimas e uma estética que não faz parte de mim. O que quero é dizer a mensagem com palavras curtas. E não é propriamente poesia. Os estudiosos da literatura vão dizer ‘não há poesia porque deveria ter seguido essa e aquela forma’. Eu quero trabalhar em liberdade. (CHIZIANE apud BRASIL DE FATO, 2017).

No excerto, nota-se que o mais importante para Chiziane é produzir sua literatura, independente se ela se enquadra ou não naquilo que a crítica postula como ideal. Vê-se, nas palavras da autora, o desejo de escrever com liberdade, sem regras a seguir e sem preocupação com rótulos, confirmando sua indiferença à tradição do cânone.

Ainda tratando de publicações da autora, é apropriado lembrar que em 2018, a editora brasileira Nandyala publicou: *Tenta!*, livro em versos para o público infanto-juvenil e *Eu, mulher... por uma nova visão do mundo*, testemunho escrito em 1992 e publicado em meados de 1994, por iniciativa da UNESCO. Inédito no Brasil até 2013, *Eu, mulher...* integrou a edição, de número 10, da *Revista Abril* (Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF).

Quem presencia, atualmente, a grande repercussão do trabalho de Paulina Chiziane não imagina que o reconhecimento de sua escrita aconteceu, inicialmente, fora de seu país, exatamente, após a exposição de seu segundo romance, na Feira de Frankfurt. Macêdo e Maquêa (2007) lembram que só nessa ocasião foi acertada a publicação de *Ventos do apocalipse* em Portugal, pela renomada Caminho Editorial, possibilitando visibilidade ao trabalho da autora e reconhecimento da qualidade de sua escrita.

Apesar de reconhecer que “é muito raro os artistas serem valorizados em sua própria terra” (CHIZIANE apud GOMES, 1999, p. 05), a autora de *Ventos do apocalipse* resente-se da falta de reconhecimento de sua obra em seu país. Enquanto a valorização devida não lhe chega, Chiziane segue rompendo barreiras e fronteiras e levando Moçambique e sua cultura pelo mundo afora.

## 5.1 EXÍLIOS, INSÍLIOS E DESEXÍLIOS NOS ROMANCES *TIARA* E *VENTOS DO APOCALIPSE*

Después de años de exilio, [...] he aprendido a saber no-estar, y a estar sin saber. Estar sin saber es un consuelo. Saber no estar es una protección. (Gustavo Pérez Firmat)

O romance *Tiara* foi escrito durante a guerra civil (1998-1999) ocorrida na Guiné-Bissau e publicado em 1999, pelo Instituto Camões. Projetado em doze capítulos, apresenta a protagonista Tiara Riba em diversos modos de deslocamentos ocorridos em terras africanas, pondo em evidência questões como recepção na terra estrangeira, ajustamento intercultural e adaptação à cultura de destino. Intercalados à trama principal, são postos em evidência, dentre outras coisas, o conflito entre o tradicional e o moderno, o tabu da integração no seio das sociedades africana e europeia e os embates ocorridos durante as guerras de libertação dos países africanos – embora a África não seja diretamente mencionada –, com destaque, inclusive, para o desapontamento dos ex-combatentes que assumiram o poder após a independência, drama também abordado por outros autores africanos como Pepetela (*O desejo de Kianda / A geração da utopia / Predadores*); Abdulai Silá (*Eterna paixão*) e Paulina Chiziane (*O sétimo juramento*), só para citar três.

O privilégio de uma publicação sob tão recomendada chancela, como o Instituto Camões, não teve, inicialmente, a moçambicana Paulina Chiziane que, para a editoração de seus primeiros romances, recorreu à própria bolsa. *Ventos do apocalipse* (1993), por exemplo, foi lançado, pela primeira vez, em edição da autora. Embora seja seu segundo livro a ser publicado, foi o primeiro a ser escrito, conforme atesta a autora em entrevista a Doris Wieser (2014):

*Ventos do apocalipse* foi o primeiro livro que escrevi, mas infelizmente não havia recursos nesse momento para publicá-lo. Fui escrevendo outro, e quando chegou a hora de conseguir algum recurso, a Associação dos Escritores Moçambicanos optou por publicar primeiro *Balada de amor ao vento*.

Assim como *Tiara*, *Ventos do apocalipse* aborda a questão da migração intrarregional e dá ênfase a personagens femininas, cujas ações são relevantes para o

desenvolvimento da narrativa. Seu conteúdo se encontra estruturado em três partes: Prólogo, Parte I e Parte II. O prólogo evoca três narrativas míticas fundantes recolhidas das narrativas orais africanas (“O marido cruel”, “Mata, que amanhã faremos outro” e “A ambição de Massupai”), cujos enredos antecipam o que será narrado no romance. Ao jornal *Público*, a autora explica que buscou na tradição bantu a inspiração para abrir o romance com os três contos:

Na tradição bantu é mesmo assim. Quando as pessoas se reúnem para debater um tema, seja de que natureza for, os principais oradores, nas suas palavras introdutórias, fazem referência a pequenos contos e provérbios. Por exemplo, podem falar na esperteza do coelho. Quando é um debate muito profundo, onde se fazem grandes reflexões, o orador principal é capaz de dizer: ‘Lembram-se da história do coelho e do cágado, quando o coelho convidou o cágado para uma corrida?’ Se no meu livro vou falar da fome, da ambição e da guerra, coloco os três contos. Eles pertencem ao passado, ninguém sabe quem foi o seu autor. Tento estabelecer uma relação entre passado e presente. (CHIZIANE apud GOMES, 1999, p.05).

Os outros dois blocos do romance, por seu turno, assim se apresentam: A primeira parte centraliza as ações na aldeia de Mananga, dominada pela seca e pela ambição desmedida do régulo Sianga. A segunda parte descreve a fuga do povo de Mananga, após a aldeia ser destruída pela guerra, e a busca por um novo espaço onde a vida possa ser replantada.

Como figura no título, o romance de Chiziane conduz a um cenário de eventos apocalípticos ocorridos em Moçambique durante o período da guerra civil, cuja duração foi de aproximadamente quinze anos, com enfoque para os sujeitos que foram expulsos de suas aldeias pela ação da guerrilha.

Tanto *Tiara* quanto *Ventos do apocalipse* apresentam fraturas e perdas irreparáveis decorrentes dos movimentos diaspóricos enfrentados por suas personagens, mas chamam a atenção, especialmente, por destacar a condição dos que se encontram exilados e em deslocamento sem sair do espaço que consideram como “lar”, testemunhando as dramáticas mudanças e barganhando novos significados para si, como sujeitos.

No romance *Tiara*, embora a narrativa se aproprie de topônimos fictícios, fica evidente que os lugares pelos quais a protagonista transita são africanos ou europeus (COUTO & EMBALÓ, 2010). Assim sendo, o país natal da protagonista Tiara, Porto Belo, remete a Angola. Da mesma forma, Terra Branca e Muriti, destinos exílicos da personagem, podem ser, respectivamente, entendidos como Portugal e Guiné-Bissau.

A alegorização dos nomes pátrios, por mais que pretenda distanciar o romance de referentes externos, não impede que o leitor estabeleça diálogos com a historiografia dos

países mencionados e, até mesmo, com a história de vida da própria autora. A referência (mal)disfarçada de elementos históricos, por outro lado, compromete a originalidade do texto de Embaló.

Contrariamente, em *Ventos do apocalipse* (1993), o romance, utilizando eventos da guerra civil moçambicana, apresenta um texto original, bem urdido e criativo, sem necessitar de mascarar lugares, personagens e fatos da realidade que ficcionaliza. Para isso, renuncia os modos convencionais de representação e adota novas formas de narrar, tornando sua obra singular. Uma dessas inovações, por exemplo, está na utilização de um contradiscurso que intenta a mudança no contexto do discurso dominante, elaborando, assim, uma outra versão para a história, dando voz àqueles que foram colocados à margem. Não é à toa, portanto, que a narrativa trata do exílio dos que não partem, evidenciando a experiência dramática daqueles que, por imposição de acontecimentos históricos, foram obrigados a presenciar a destruição de sua terra e o abatimento de sua gente, atos protagonizados por parentes, por vizinhos, por conhecidos, isto é, por africanos contra africanos.

A visão romantizada e pouco realista utilizada por Filomena Embaló para a construção da personagem-protagonista é outro ponto que chama a atenção na narrativa. Tiara é um ser perfeito, repleto de qualidades positivas: “era muito bonita” (p.15); “possuía um espírito de liderança particular” (p.15); estava “sempre pronta a defender os mais fracos e a repor a justiça no seu devido lugar”(p.15); era “determinada”(p.19); era dotada de “curiosidade e espírito crítico, pouco comuns a moças da sua idade”(p.27); era “uma fonte inesgotável de energia” (p. 95); mulher de “caráter peremptório” (p. 259). Além disso, é o protótipo da filha exemplar, cujos comportamentos e decisões correspondem sempre às expectativas da família. Após o casamento, submete-se a uma vida de privações e a um contexto de tradições ancestrais muito diferentes daquele em que foi criada. Apesar de tanta adversidade, não se vê nenhuma contestação da personagem. Pelo contrário, nota-se uma excessiva preocupação na narrativa em apresentar sua capacidade de lidar com problemas, adaptar-se a mudanças e resistir a pressões adversas. Tiara figura, portanto, como exemplo de resiliência. Seu espírito de luta somente é abalado ao descobrir o relacionamento poligâmico que o marido mantinha há anos, fato que ela resolve com um simples pedido de divórcio. Tanta perfeição acaba por distanciar a personagem da “pintura verdadeira da vida”, como diz Afrânio Coutinho (2004), tornando-a somente com existência possível fora do plano da realidade.

Em contraposição à *Tiara*, o romance *Ventos do Apocalipse* apresenta a protagonista Minosse sem floreios. Imersa em um contexto tradicional que a torna alvo das relações de

poder, a personagem é retratada como uma mulher subserviente ao marido Sianga, que a trata com menosprezo e a acusa de ser a causadora dos infortúnios que os atingem: “-Ah, maldita. Gastei as minhas vacas comprando-te, mulher preguiçosa e sem respeito” (CHIZIANE, 1999, p. 92). O demasiado servilismo de Minosse provém das tradições, conforme justifica o narrador em terceira pessoa: “Esposa dos velhos tempos, ainda preserva as tradições e o respeito pelos antigos”. Apesar dessa sua condição, Minosse enfrenta o marido em algumas ocasiões e não hesita, perante a necessidade de retirar-se para outras terras, em assumir a vanguarda do grupo de retirantes que parte de sua terra, Mananga, em busca das terras prósperas da aldeia do Monte, local “onde a história da guerra era apenas um murmúrio desagradável” (CHIZIANE, 1999, p. 237), mas que, ao fim da narrativa, será invadido e dizimado.

O desfecho de *Tiara*, em aberto, caminha para um possível final feliz, uma vez que promove o reencontro da protagonista com um antigo amor da juventude. Não fica explícito o reatamento da relação, mas a cena final conduz a essa interpretação. Para Nascimento (2012), Filomena Embaló assina um romance que se ressent de maior finalização, assim como também ocorre com os outros romances da literatura guineense. Ainda, para a pesquisadora, a produção guineense, em especial a de prosa, “demonstra a tentativa de salto num contexto em que a literatura configura-se como objeto de rarefação, diferentemente de alguns países africanos de língua portuguesa, em que a expressão literária parece ter atingido sua maturidade” (NASCIMENTO, 2012, p. 36).

O mesmo não pode ser dito da poesia guineense, cuja qualidade atingiu o grau de excelência em autores como Odete Semedo. Seu livro *No fundo do canto*, publicado em 2003, revela-se como um “cantopoema do desassossego”, para usar a expressão de Augel (2007), uma vez que expressa os traumas vivenciados durante a guerra que assolou a Guiné-Bissau de 7 de junho de 1998 a 7 de maio de 1999. Trata-se, como registra a própria Odete Semedo, de “um livro triste”, “o mais triste da Guiné-Bissau”, cujos versos refletem a “dor de um povo e de tantos quantos se virem nele e através dele a silhueta do próprio destino” (SEMEDO, 2007, p. 13). Entre os recursos para desconstruir o discurso do colonizador, Odete Semedo incorpora nos seus poemas, palavras e expressões em crioulo e não se priva de inserir “elementos da tradição oral de suas diferentes culturas e da constante referência a seus mitos e lendas, aos jogos infantis, às suas múltiplas raízes” (AUGEL, 2007, p. 194). Táticas subversivas desse tipo não são encontradas em *Tiara*, de Filomena Embaló, que opta pela utilização de um português essencialmente lusitano. Segundo Couto (2010), a autora explica a

opção, neste romance, unicamente pela língua portuguesa pelo fato da sua escrita ter se revelado como um exercício de redefinição da sua própria identidade.

A mais-valia de *Tiara*, entretanto, está em apresentar ao leitor a existência de “outras Áfricas” (DUARTE, Z., 2012), oferecendo uma perspectiva mais heterogênea do continente africano e das suas culturas, o que desconstrói a tendência ocidental de uniformização da história dos países africanos, sempre amalgamados num bloco uno e indivisível. O caminho usado por Embaló para se chegar a essa desconstrução foi pôr sua personagem central em trânsito constante pelo interior do próprio continente de origem, enfrentando as diversidades culturais que a ela se apresentam.

Em linhas gerais, o romance de Embaló desenvolve, pormenorizadamente, os roteiros dos vários exílios enfrentados pela protagonista Tiara Riba, num período aproximado de 24 anos e com passagem por três diferentes países (Porto Belo, Terra Branca e Muriti).

A narrativa inicia-se com Tiara em fuga de Porto Belo (Angola) para Terra Branca (Portugal), seu primeiro exílio. A guerra civil motiva a emigração da protagonista e de toda a sua família, tornando a diáspora um processo involuntário e o posterior “desexílio” (BENEDETTI, 1985) um objetivo a ser alcançado. O desejo de voltar expresso em diversos momentos do romance confirma, segundo aponta Hall (2013), que a partida do lugar de origem carrega consigo a promessa do retorno redentor.

Forçada a deixar o país natal, que mergulhava numa guerra civil sem precedentes na sua história, Tiara sentia-se ainda mais revoltada ao ver que interesses egoístas e gananciosos condenavam o seu povo a maiores sacrifícios, como se já não bastasse as misérias do tempo da paz. Ela havia de voltar! Mesmo que tivesse que lutar contra o destino, voltaria, um dia mais tarde, de uma maneira ou de outra. Regressaria para fechar o parêntese aberto na sua vida, suspensa desde o dia em que deixara Vila Boa.

Determinada, o seu combate seria preparar-se para esse sonhado regresso. A frustração de ter sido obrigada a abandonar aquela terra, transformá-la-ia em energias para prosseguir a sua caminhada. (EMBALÓ, 1999, p. 18-19).

Conforme assinala o narrador no excerto, a decisão de deixar o país não aconteceu de forma intencional: a impossibilidade de continuar na pátria forçava o indivíduo ao exílio, levando-o a percorrer diferentes instâncias, muitas vezes sem porto certo. Situação semelhante à apresentada, constata-se tanto na África lusófona, como em países da América Latina, tomados por convulsões sociais e políticas. Nesse sentido, leia-se Mario Benedetti (1985, p. 39):

Quando, em meados da década de 1970, começou a onda de emigração política e massiva, a decisão de deixar o país tinha a coerência de ser praticamente alheia ao indivíduo, já que não foi este último quem resolveu espontaneamente ingressar na diáspora; o impulso direto ou indireto quase sempre veio da repressão. Emigrava-se por várias razões, mas, acima de tudo, para evitar a prisão e a tortura e, finalmente, para salvar a vida.<sup>111</sup>

Se por um lado a decisão de abandonar o país havia sido virtualmente alheia à vontade do indivíduo, por outro, consoante acrescenta Benedetti (1985, p. 39), o desexílio passará a ser uma decisão individual e isso precisa ser compreendido e respeitado, de acordo com cada necessidade e subjetividade:

Cada exilado deverá resolver por si próprio se regressa a sua terra ou se fica no país de refúgio. [...] Uns voltarão e outros não, e cada um terá as suas razões. [...] Será de todas as maneiras uma experiência inquietante, que só terá um bom resultado se tanto os de fora quanto os de dentro prosseguirem sem esquemas [...] Tudo vai depender da compreensão, palavra-chave.<sup>112</sup>

Em Terra Branca, Tiara permanece por quatro anos e não encontra manifestação de hospitalidade. Fora de lugar, a personagem enfrenta a dor do exílio sem a solidariedade do país de acolhida para abrandar-lhe a pena da errância: “Na nova cidade, Tiara sentia-se perdida. Os habitantes eram pouco acolhedores, muito distantes e apressados. Surpreendia-a o fato das pessoas passarem umas pelas outras e não se cumprimentarem. [...] Sentia-se de passagem e estrangeira” (EMBALÓ, 1999, p. 20).

A sensação de não acolhimento agrava-se ainda mais em Tiara quando a mesma percebe-se rejeitada por alguns colegas autóctones, os quais refutam seus ideais. De certa forma, esses impasses contribuem para que a personagem se sinta desambientada em Terra Branca e aproxime-se de outros estrangeiros que, como ela, não puderam contar com a hospitalidade do país anfitrião.

Em grande medida, a rejeição enfrentada por Tiara distancia-se do acolhimento esperado e pode ser explicada desde que se considere o período em que a narrativa tem início, isto é, a época da descolonização de Porto Belo (Angola), quando os antigos metropolitanos

---

<sup>111</sup> No original: Cuando a mediados de los años setenta comenzó la ola de emigración política y masiva a la decisión de abandonar el país propio tenía la coherencia de ser virtualmente ajena al individuo, ya que no era éste quien resolvía espontáneamente incorporarse a la diáspora; el impulso directo o indirecto venía casi siempre de la represión. Se emigraba por varias razones, pero, sobretodo, para evitar la prision y la tortura y, em definitiva, para salvar la vida (BENEDETTI, 1985, p. 39).

<sup>112</sup> No original: Cada exiliado deberá resolver por si mismo si regresa a su tierra o se queda en el país de refugio.[...] Unos volverán y otros no, y cada uno tendrá sus razones.[...] Va a ser de todas maneras una experiencia inquietante, que solo tendrá un buen desenlace si tanto los de fuera como los de dentro proceden sin esquematismos [...] Todo dependerá de la comprensión, palabra clave (BENEDETTI, 1985, p. 39).

consideravam as pessoas advindas das ex-colônias como um destroço das ruínas do império, que ali chegava apenas para entulhar o país e apropriar-se das poucas oportunidades de sobrevivência de que dispunham. Na narrativa, esclareça-se, não há traços que apontem a ausência de hospitalidade da população de Terra Branca por esse viés. Questões como hostilidade e segregação são tratadas com cautela no romance, ficando mais no plano da sugestão do que do desenvolvimento, como já bem observou Nascimento (2012, p. 31). Para a pesquisadora:

[...] é justamente pelo que cala que o assunto mostra-se mais sutilmente na sua interdição. A disposição clara de não alimentar um discurso rancoroso contra o antigo colonizador e até uma certa condescendência com uma parcela de discursos paternalistas em relação à história africana força a ficção a silenciar situações de hostilidade e segregação cultural vividas diariamente por estudantes e trabalhadores negros nos domínios da Terra Branca. (NASCIMENTO, 2012, p. 31).

As manifestações de hostilidade ao estrangeiro também são encontradas em *Ventos do apocalipse*. Na primeira parte do romance, os habitantes de Mananga, antes do ataque e da desgraça a sua aldeia, rejeitam os refugiados de Macuácuá, povoado vizinho atingido pela guerra: “A chegada dessas pessoas de Macuácuá é uma agressão, uma invasão e causa revolta em todos de Mananga. A recepção é hostil e as atitudes fratricidas. O nosso povo sente o desejo louco de defender o território à força de ferro, mas as autoridades impõem-se” (CHIZIANE, 1999, p. 109).

O arrependimento pelo tratamento hostil ao povo vizinho só ocorre quando os moradores de Mananga se veem na condição de estrangeiros, sendo bem recebidos pelos habitantes da aldeia do Monte. Num misto de surpresa e remorso, os de Mananga ponderam sobre a recepção de que foram alvo:

Os de Mananga não cabem em si de tanta surpresa. Sentem remorsos das atitudes passadas. Na aldeia natal, receberam com muita maldade os refugiados vindos de Macuácuá. Fizeram isso porque nunca imaginaram que um dia passariam pelo mesmo caminho. Na aldeia do Monte reside o último paraíso, eles reconhecem-no. Os males da guerra ainda não atingiram a elegância moral dos seus habitantes. (CHIZIANE, 1999, p. 109).

Embora o excerto aponte a guerra como principal promotora da exclusão e indiferença encontradas no povo de Mananga, o segundo capítulo de *Ventos do apocalipse*, durante a apresentação da personagem Dambuza, confirma o comportamento hostil das pessoas daquela aldeia em relação aos estrangeiros, antes mesmo da eclosão da guerra:

“Dizem que ele se chama Dambuza [...]. Nasceu numa aldeia distante da nossa. É da nossa tribo, mas não é do nosso clã. É um estrangeiro. [...] Para quê tratá-lo bem se ele não é do nosso clã? É um estrangeiro, e se se sente mal que regresse à sua origem” (CHIZIANE, 1999, p. 37-38).

Por não ser natural de Mananga, Dambuza é incompreendido pelos locais e considerado um selvagem. E mais: é proibido de casar-se com Wusheni, a filha de Minosse e do régulo Sianga. Esclareça-se que, além da estrangeiridade, Dambuza não é considerado digno para o casamento por não possuir meios para lobolar a noiva. Contrariando a ordem paterna, Wusheni opta por unir-se a Dambuza. Essa decisão, entretanto, determina um final trágico para o casal. Ela acaba sendo assassinada pelo próprio irmão. Ele, diante da dor da perda da esposa, suicida-se: “Dambuza flutua no ar, suspenso por um cordel na copa do grande cajueiro. Preferiu partir em busca de Wusheni e do filho ainda por nascer” (CHIZIANE, 1999, p. 37-38). Para Nazareth Fonseca (2003), a morte de Wusheni simboliza a selvageria de guerras entre irmãos e, nesse sentido, tem um significado que extrapola o meramente ficcional para alcançar a realidade concreta de Moçambique.

Como se verá mais adiante, assim como acontece com o personagem Dambuza de *Ventos do apocalipse*, a estrangeiridade de Tiara impede que ela seja bem recebida pela família do marido – Kenum – no Muriti (Guiné-Bissau), país onde se instala após casar-se e quea dota como sua pátria, após nele viver por, aproximadamente, duas décadas.

É interessante destacar que, para esse segundo exílio, Tiara não saía forçada, mas vê-se colocada de frente com uma nova ruptura: sua família inteira ficava para trás e isso lhe remeteu a lembranças da despedida da terra natal: “Embora em circunstâncias diferentes, sentiu naquele momento o gosto do já vivido” (EMBALÓ, 1999, p. 20). Ia consciente de que enfrentaria muitos percalços, dentre eles, os horrores da guerra, já que o Muriti enfrentava uma luta armada em prol da descolonização. Era o recomeço de mais um exílio prolongado, cuja jornada, desde o princípio, já se apresentava dispendiosa e marcada de incertezas. Era também o adiamento do tão sonhado regresso ao seu país natal, Porto Belo.

No Muriti, Tiara transita por várias regiões: a princípio, instala-se no Guesso, região a oeste do país; percorre as terras do Senda, aldeia ao sul, da qual o marido era originário; e, por ocasião da independência, mora por alguns anos na capital, Rani. Nesses insílios, ou seja, nesses exílios dentro da terra de adoção, atesta a diversidade cultural do Muriti, e conseqüentemente de seu continente, e é expressamente marcada pelas tradições de cada povo com o qual convive.

No Guesso, Tiara ocupa-se com um programa contra o analfabetismo das mulheres da aldeia. As aulas, como se registra na narrativa, foram para ela “um acontecimento em dois sentidos. Ao ensinar às mulheres do Guesso a utilizarem a arma da leitura e da escrita, aprendia com elas a melhor conhecer e a integrar-se no seu meio, compreendendo, assim, as suas dificuldades e os seus anseios” (EMBALÓ, 1999, p. 162). O trabalho de alfabetização realizado naquele espaço marca o início da vida profissional da protagonista, cuja trajetória é assinalada pelo comprometimento e por sua capacidade de integração.

Apesar de ter sido bem recepcionada pelos muritianos do Guesso, a adaptação de Tiara não viria sem grandes esforços. Por imposição da guerra, aprende a usar armas e a identificar ruídos do mato. Aprende também a viver com as privações da nova terra: falta de luz elétrica e de água canalizada, precariedade das estradas, debilidade nos setores de transporte, comunicação, saúde, dentre outras coisas.

Além das limitações materiais, estruturais e econômicas encontradas, Tiara precisou adaptar-se aos costumes locais. Expressões de afeto, como andar de mãos dadas na rua com o marido, não eram bem vistas pela sociedade muritiana e deviam ser evitadas por serem consideradas exibicionismo da vida íntima do casal. A demarcação de espaço entre os gêneros nos atos sociais também lhe chamou a atenção, mas foi obedecida em suas salas de aula. A tradição mandava e assim deveria ser, pelo menos na fase inicial, com o Programa de Alfabetização, se quisesse que rendesse frutos. Estava nítida para a protagonista o quanto, no Muriti, a diferenciação dos sexos produzia uma hierarquização dos mesmos e dos seus papéis sociais. Isso, num primeiro momento, lhe causou estranhamento, principalmente, porque, tendo convivido com os muritianos em Terra Branca, julgava serem as culturas de Porto Belo e do Muriti muito próximas. Em conversa com a personagem Tani, Tiara revela sua dificuldade em adaptar-se àquela nova situação:

- E tu, [Tiara], habituaste-te à tua nova vida?

- Ainda é cedo para dizer que sim. Estou a esforçar-me nesse sentido, mas confesso que não é muito fácil... Ser-me-á um pouco duro enquanto não conhecer bem o meio, as pessoas... O Gino tinha razão quando me dizia que o fato de eu vos ter frequentado em Terra Branca, não era o suficiente para eu pensar que conhecia bem os muritianos.

- Ele disse-te uma grande verdade! O que lá está, é uma pequena amostra da elite, deslocada e condicionada por um ambiente estrangeiro. Aqui é diferente. (EMBALÓ, 1999, p. 160).

O convívio com as mulheres locais e, em especial com Zada (fundadora da Associação de Mulheres do Guesso), permite Tiara notar que o sustento familiar do Guesso

girava em torno do esforço feminino. Para elas, o dia começava cedo e múltiplas eram as atividades desenvolvidas em sua jornada cotidiana: “Era dura a vida no campo. Era preciso pillar os alimentos duas vezes por dia! Todo o trabalho doméstico era um empreendimento que exigia um esforço [...] das mulheres [...] que deveriam arrancar dos seus braços a energia que fazia girar a economia doméstica” (EMBALÓ, 1999, p. 160). A pesquisadora Eva Kipp (2011), em seu estudo *Guiné-Bissau: aspectos da vida de um povo*, corrobora a citação do romance, destacando esta difícil realidade das muitas mulheres africanas e, de modo especial, da mulher guineense:

No mundo rural, a mulher guineense desempenha um importante papel na economia familiar através do seu trabalho. [...] Quanto às tarefas, estas são múltiplas, indo desde a apanha da lenha até a cerâmica. São elas que fazem a pesca tradicional no rio, dispostas numa curiosa fila indiana, em que as raparigas mais novas ocupam os lugares mais próximos das margens, dada a sua baixa estatura. A recolha da fruta, o espremer do caju para a extração do sumo que, depois de fermentado, se transformará em vinho, a produção de óleo de palma e a cestaria são outras atividades essencialmente realizadas pelas mulheres. Com o dinheiro obtido na comercialização do produto do seu trabalho, as mulheres contribuem para o sustento da família e adquirem roupas para elas e para os filhos. A solidariedade continua a ser um valor importante na organização do trabalho das mulheres guineenses do mundo rural. (KIPP, 2011, s/p.).

Na capital, Rani, Tiara percebe que, assim como acontecia nas comunidades rurais, a mulher muritiana encontrava-se envolta em práticas culturais ancestrais. Confrontada com novas práticas, inexistentes no Guesso (oeste do país), procurou entendê-las e conhecer seus fundamentos. Em suas aulas de alfabetização, aproveitou para abordar e debater temas como a prática da mutilação genital feminina. Mal interpretada por muitos, esta sua incursão promoveu o descontentamento de parte da comunidade local. A personagem Iria, que sempre a repudiara por sua estranheiridade, não perde a oportunidade de confrontá-la:

- Tiara, queria falar-te duma coisa... – disse-lhe um dia, ao cruzar-se com ela na rua. – Ouvi dizer que nas tuas aulas de alfabetização estás a entrar em ... assuntos que não são da tua competência.
- Como assim? – Admirou-se Tiara.
- Andas a denegrir costumes nossos!
- Ando a quê? Indagou Tiara para ter a certeza do que acabara de ouvir.
- Andas a impingir às tuas alunas teorias que não têm nada a ver com as nossas tradições.
- Ouve, Iria, tu nunca assististe a uma aula minha! Como é que sabes o que lá se passa?

- De qualquer forma, que autoridade tens tu para abordes temas que não conheces? Quem pensas tu que és? Não é por teres andado na luta, que te tornaste uma verdadeira muritiana! Há coisas que deves respeitar neste país!
- Iria! O que é isso?
- Quero dar-te apenas um conselho: põe-te a pau, se não queres ter sarilhos!
- Concluiu, virando as costas a Tiara. (EMBALÓ, 1999, p. 195).

A condição de estrangeira de Tiara não é lembrada apenas por Iria. Outras personagens - como Kito, um dos dirigentes do movimento de libertação - também expressam aversão à personagem por ela não ser natural do Muriti. O que marca a protagonista, no entanto, é o fato de sua nomeação, para o Centro de Estudos de História do Muriti, ter sido preterida por ela não ser “uma verdadeira filha da terra”. Não lhe bastava a competência para gerir a função. Muito menos foi considerado o seu engajamento na luta a favor da independência, participação que provocou sua esterilidade após ter sido atingida durante um ataque aéreo. Diziam, simplesmente: “Ela não é de cá!” (EMBALÓ, 1999, p. 205). E isso já era o suficiente para o seu indeferimento em favor de outros candidatos ao cargo. O drama da corrupção política pós-colonial já dava sinais de vida nos primeiros anos do Muriti independente. Tiara custava a acreditar que eram as mesmas pessoas que, durante anos, clamaram por justiça para todos.

Se no Guesso e em Rani Tiara se depara com fortes códigos sociais, no Senda (aldeia localizada ao sul do Muriti) presenciará uma sociedade ainda mais ligada às tradições ancestrais. Essa obediência rígida aos princípios da tradição desenvolvida pelos moradores do Senda e, sobretudo, por Zinga (mãe de Kenum) impossibilita a inserção de Tiara naquele espaço. Duas razões são determinantes para a sua exclusão: ela era estrangeira e, sobretudo, não havia sido escolhida como noiva para Kenum, uma vez que, como rezava a tradição local, cabia aos pais decidirem com quem o filho devia se casar. No caso de Kenum, o casamento com uma filha natural do Senda atingia um grau de obrigatoriedade ainda maior por ele ser o filho mais velho do chefe da aldeia, e, portanto, herdeiro das funções do pai. Era de sua competência, por essa razão, garantir a pureza do sangue do seu clã, casando-se com alguém daquele meio social. Seu casamento com uma estrangeira consistia uma violação às tradições ancestrais e uma afronta à mãe Zinga que, indignada, não aceita Tiara, como esposa do filho.

Em vingança contra Tiara, Zinga impõe segundas núpcias ao filho, o qual adere à poligamia, conforme as práticas tradicionais. Esse acontecimento desestabiliza o casamento de Tiara que, embora estivesse ciente de que o sistema poligâmico fosse praticado por todo o Muriti, não se via integrada numa relação assim: “Assimilei muitas coisas deste país, mas a minha capacidade de integração tem limites e isso eu não poderei tolerar” (EMBALÓ, 1999,

p. 241). A decisão de Tiara – decisão que, de certo modo, está norteada pelos códigos ocidentais para o matrimônio – ilustra bem a instabilidade emocional e cultural do exilado, apontada por Edward Said (2003, p. 57): “o exilado vive num estado intermediário, nem de todo integrado ao novo lugar, nem totalmente liberto do antigo, cercado de envolvimento e distanciamento pela metade; por um lado, ele é nostálgico e sentimental, por outro, um imitador competente ou um pária clandestino”.

Ao pôr a protagonista em trânsito por diferentes regiões de um único país (Muriti), Filomena Embaló oferece uma perspectiva heterogênea acerca da cultura africana. Por outro lado, a discussão a respeito de assuntos como poligamia e casamento forçado<sup>113</sup> trazida para o interior da narrativa convoca o leitor a conhecer melhor e a refletir sobre práticas que continuam sendo comuns na atual sociedade africana, mas que aos olhos ocidentais parecem incoerentes. Na Guiné-Bissau, por exemplo, a relação poligâmica é socialmente aceita e praticada por todos os grupos étnicos. A valorização de um homem, nesse espaço, muitas vezes, vem da quantidade de filhos e de mulheres que o mesmo tem (ROQUE, 2011). O casamento arranjado<sup>114</sup>, por seu turno, tem a prática relativamente aceita, segundo Sílvia Roque (2011). No estudo *Um retrato da violência contra as mulheres da Guiné-Bissau*, Roque aponta que 41% das mulheres entrevistadas afirmaram não ter escolhido os maridos, ficando a escolha a critério dos pais ou outros familiares. Essa realidade ainda persiste, nas sociedades africanas, porque o casamento “não é necessariamente encarado como uma união entre duas pessoas nem se realiza em função do amor romântico, mas sim como consumação de trocas entre famílias, quase sempre, mediante o pagamento da noiva” (ROQUE, 2011, p. 38). O casamento cumpre funções rituais e econômicas e o dote, longe de ser uma compra, como adverte Silva (1980), representa uma compensação dada ao pai da moça pela perda de um elemento de trabalho. Apesar de comum, conforme mencionado, jovens africanas, cada

---

<sup>113</sup> Sílvia Roque (2011, p. 59) estabelece, em seu estudo, a diferença entre “casamento arranjado” e “casamento forçado” no contexto guineense. Para ela, o casamento arranjado é aquele em que a noiva não tem um papel preponderante na escolha do seu marido, e algumas vezes nem o próprio, resultando de um arranjo entre famílias. Esse tipo de casamento, desde que não seja visto como algo negativo, não pode ser considerado forçado, segundo Roque. O casamento forçado ocorre quando existe recusa ou não existe sequer possibilidade de recusa de um dos noivos. Para a estudiosa, esse segundo caso é mais difícil de detectar, estando muitas vezes ligado ao casamento precoce.

<sup>114</sup> Segundo Roque (2011), na Guiné-Bissau, existem, para além disso, diferenças nas regras do casamento, conforme a pertença étnica. Transcrevendo o depoimento de alguns homens de Quinhamel, vila da Guiné-Bissau, Roque assim registra: “Nos Bijagós, por exemplo, em Canhabaque, a mulher é que escolhe o homem que quer, mas em Orango já não é assim, depende de cada ilha. São as mulheres que cobrem a casa em Canhabaque, Carachi, Caravela. Em geral, nos Bijagós, não se dá alguém em casamento, a mulher é que escolhe o marido desde a infância. Já para os Balantas, por exemplo, o casamento é um trato entre o homem (marido) e o pai. O casamento não tem a ver com a *djorson* [linhagem], como para os Pepel, é só porque o pai conhece alguém como amigo e oferece a rapariga” (ROQUE, 2011, p. 38).

vez mais, recusam esta prática tradicional e para fugir a este destino muitas procuram abrigo em instituições religiosas. A recusa, entretanto, não é vista pela família e pela comunidade de forma pacífica. Quando as nubentes fogem ou negam-se a casar-se são submetidas a castigos físicos e a humilhações que podem até levá-las à morte (ROQUE, 2011) (RIBEIRO, G., 2013).

Em *Tiara*, a prática do casamento forçado, ao contrário do que normalmente acontece no plano real<sup>115</sup>, afeta o homem. Kenum recusa, *a priori*, a proposta materna para que ele tenha uma segunda mulher. Não queria impor à esposa um casamento poligâmico, mas deixa-se vencer pela mãe e pela tradição. O fato de Tiara não poder ter filhos é usado como argumento principal por Zinga ao impor a realização de novas bodas para o filho. Sem as condições exigidas pela sogra (nacionalidade muritiana e fertilidade), Tiara retira-se do campo de batalha. Reconhecia que não podia combater com a força da tradição.

O rompimento com Kenum e a desilusão com a conjuntura política pós-independência na capital do Muriti conduzem Tiara de volta para o Guesso, terra onde nunca se sentiu estrangeira e onde pôde conhecer o lado enriquecedor da experiência com o contato com outras pessoas e com outras culturas: “O Guesso foi o sítio onde vivi os melhores momentos da minha vida. Acho que conseguirei adaptar-me novamente. Lá, nunca me fizeram sentir que era estrangeira e nunca me exigiram um herdeiro” (EMBALÓ, 1999, p. 242). Na opinião de Sebastião Marques Cardoso (2015), ao optar pelo Guesso, Tiara aparece com uma voz multifacetada que não se encanta mais com a luta independentista e não se vê também representada pelo horizonte cultural ocidental. Ela decide simplesmente compartilhar o território que julga legítimo para sua identidade, mesmo sabendo que precisaria reincorporar-se àquela cultura.

O regresso adiado e tão aguardado a Porto Belo revela-se uma decepção para Tiara. A sensação de estranhamento em seu país de origem a dominou desde sua chegada ao aeroporto portobelense. Não reconhecia nenhum rosto, nenhum traço de seus próprios conterrâneos. Os anos de ausência fizeram-na se sentir estrangeira. Tudo havia mudado. A cidade, testemunha da guerra civil que o país tinha conhecido, encontrava-se bastante deteriorada. A casa onde nasceu estava quase em ruínas. Sentiu-se órfã por não poder identificar naquele país a sua terra-mãe: “Tudo se tinha apagado, ficando apenas na sua memória a doce lembrança daqueles momentos felizes e despreocupados. Só o mar [...] era o

---

<sup>115</sup> De acordo com Roque (2011, p. 59), a prática do casamento forçado afeta, sobretudo, as jovens, mas também pode afetar os homens.

mesmo. [...] Apenas ele tinha ficado fiel ao que era, guardando a mesma voz ruidosa quando batia nas rochas” (EMBALÓ, 1999, p. 213).

O desexílio trouxe para Tiara outro tipo de exílio que não correspondia à falta do chão pátrio, mas, principalmente, à falta do que havia ficado no passado e na sua memória. Durante aquele regresso, ela parte em busca não do seu país oficial, mas de seu país pessoal, aquele que levava em seu interior e acreditava achar fora de si. Ao não encontrar, se sente forasteira, tanto quanto foi estrangeira lá fora. A sensação de não estar em casa, por não reencontrar na terra de origem aquilo que guardava em suas lembranças, remete ao que Iain Chambers (apud HALL, 2013, p. 30) assinala:

Não podemos jamais ir para casa, voltar à cena primária enquanto momento esquecido de nossos começos e ‘autenticidade’, pois há sempre algo no meio [*between*]. Não podemos retornar a uma unidade passada, pois só podemos conhecer o passado, a memória, o inconsciente através de seus efeitos, isto é, quando este trazido para dentro da linguagem e de lá embarcamos numa (interminável) viagem.

Ao final do romance, Tiara constata seu desenraizamento e opta por uma vida além das fronteiras do país natal. Compreende que o exilado no fundo é um ser que não se identifica mais em lugar nenhum, mas que é de todo lugar ao mesmo tempo: “Sou o que sou: o resultado da minha caminhada neste mundo, com tudo aquilo que assimilei, um ser sem fronteiras” (EMBALÓ, 1999, p. 213). Tais reflexões vão ao encontro das palavras de Said quando afirma: [...] o exilado sabe que num mundo secular e contingente, as pátrias são sempre provisórias.

Já em *Ventos do apocalipse*, a labilidade das fronteiras é percebida especialmente na segunda parte do romance, quando as personagens atiradas ao insílio, por imposição da guerra violenta, compreendem-se como seres desarraigados. A pátria, outrora casa materna que conforta e alenta, transforma-se em lugar de exílio porque os filhos sentem-se desapossados dos direitos de cidadania em sua própria nação. Aos exilados na própria terra só restam a insegurança e a certeza de tempos ameaçadores, como aqueles preconizados nos versos de Sophia de Mello Breyner (2006, p. 61): “Tempo de solidão e de incerteza/ Tempo de medo e tempo de traição/ Tempo de injustiça e de vileza/ Tempo de negação”.

A experiência do insílio ficcionalizada em *Ventos do apocalipse* permite aferir que, em tempos de guerra, o sofrimento de quem fica atinge uma proporção ainda maior, porque no interior do país afetado não apenas se vê, mas vive-se a realidade na sua crueldade cotidiana. Enquanto aqueles que estão no exílio externo ainda podem sonhar com o retorno e

recomeço sem ouvir os estrondos das explosões e dos ataques aéreos e terrestres, os que estão no insílio, além de conviver com os males do exílio, ainda estão envolvidos com a experiência única e esmagadora que é a guerra.

Acompanhando o movimento diaspórico das personagens, o narrador de *Ventos do apocalipse* “apreende a feição da massa e faz sobressair o coletivo” (FONSECA, 2003, p. 307). Sua atenção volta-se, nesse sentido, para a observação do conjunto de fugitivos que deixa Mananga, destacando os obstáculos enfrentados durante a fuga. A focalização no coletivo explica aparentes falhas ou deslizos da narração, como a ausência de Minosse, fato ocorrido em aproximadamente cinquenta páginas do romance, ou seja, praticamente ao longo de todo o percurso feito desde saída de Mananga até a chegada ao Monte. Além disso, o narrador, conforme aponta Fonseca (2003), se detém, em algumas ocasiões, para refletir sobre as cenas de horror que se apresentam a cada passo, como se comprova pelo excerto que segue:

As imagens de horror testemunhadas por aquele povo naquela tarde reduziram ainda mais o moral dos viajantes. Ninguém as comenta porque o comentar é um reviver. O sofrimento é o fermento da alma, dizem. É sal, é piripiri, é vinagre, é pimenta, é levedura que se coloca nas chagas sangrentas para manter a alma sempre desperta. (CHIZIANE, 1999, p. 147).

Da devastação de Mananga, nasce o impulso para a fuga, ainda que os sobreviventes marchassem como “sombras mortas”, em busca de um sítio em que pudessem recomeçar. O destino pretendido era a aldeia do Monte, lugar edênico aos olhos dos sobreviventes: “[...] dizem que a vida é bela do lado de lá. Dizem que o céu é mais azul e as nuvens são verdadeiras. Do lado de lá a floresta é pasto, [...] cada arbusto é fonte. Do lado de lá há sorrisos e risos e os cansaços repousam no regaço da terra” (CHIZIANE, 1999, p. 147).

Destaque-se que a partida de Mananga não acontece de forma consensual. Aqueles que não haviam perdido nada ou ninguém resolvem deixar a aldeia primeiro, sem levar em consideração os conselhos dos moradores de Macuácuá, os quais já haviam passado por situações como aquela, antes de abandonar a aldeia natal: “- Boa gente, onde pensam que chegarão com este sol? Os fardos que levam inibem os movimentos, reduzem a possibilidade de salvação de quem os carrega. Qual é a razão de tanta pressa? (CHIZIANE, 1999, p. 147). Os de Macuácuá eram, como pondera o narrador, “graduados na academia do sofrimento” e mesmo assim não foram ouvidos pelos “novos estagiários” de Mananga (CHIZIANE, 1999, p. 130). O resultado por saírem em horário e pelo caminho inadequados, uma vez que escolheram partir em plena luz do dia e pela estrada, foi serem exterminados durante um

ataque aéreo. Desprotegidos e sem ter onde encontrar refúgio seguro, os retirantes do primeiro grupo sucumbiram sob o bombardeio dos pássaros de fogo.

Com mais prudência e após a devida prestação de cuidados aos seus mortos e feridos, o segundo grupo de sobreviventes de Mananga despede-se de seu torrão, avançando pela savana. Escolheram o caminho do mato por considerarem o ideal para uma viagem clandestina. Contando com aproximadamente sessenta pessoas, o grupo de fugitivos era formado praticamente por velhos, crianças e mulheres grávidas. A vulnerabilidade dos retirantes desagradou Sixpence, personagem eleito a comandante da marcha, mas não o impediu de guiar a turba de refugiados. Assumir a liderança daqueles desvalidos tornou-se para ele o cumprimento de um dever moral e social.

Sixpence – que antes da guerra exercia a função de caçador, possuindo, por isso, grande domínio dos segredos da mata – conduz os fugitivos de Mananga, ora avançando mata adentro, ora recuando quando as circunstâncias assim exigiam. Sua experiência é observada e aprendida pelos que o acompanham. Seus comandos são obedecidos e, dessa maneira, os que não são abatidos pela fome, pelo suicídio ou pelas doenças acabam por chegar ao destino, a aldeia do Monte.

Vinte e um dias de marcha e de (des)encontro com a morte nivelam os retirantes de Mananga a um único padrão. Não se reconhecem velhos, nem jovens. Todos estão iguais e parecem ter uma só idade. Homens e mulheres também não se distinguem. A fome deformou os contornos dos corpos. Em tão caótica aparência, são confundidos pelas crianças do Monte com figuras fantásticas emergindo das profundezas do inferno.

Os mais velhos da aldeia identificam os que chegam como “viajantes involuntários” e os acolhem com compaixão e solidariedade. Com o peso da marcha aliviada, os recém-chegados percebem que não são vistos ou tratados com indiferença. São forasteiros. Sabem disso e espantam-se com a benfazeja recepção. Envergonham-se pelo que outrora fizeram com os refugiados de Macuácuá, considerados por eles como inferiores.

Os aldeões do Monte acolhem os de Mananga porque se reconhecem neles e conhecem o sentimento que cada refugiado carrega dentro de si. Estiveram naquele lugar, um dia. Veem a história deles se repetir em outros, da mesma forma que, conforme adverte o narrador, se repetem os versos da velha canção popular Changane, retomada pela autora no romance e usada como epígrafe na segunda parte da narrativa: “Cada ano, Cada ano tem a sua história./ Cada dia,/ Cada dia tem a sua história/ E amanhã?/ Não sei o que irá acontecer” (CHIZIANE, 1999, p. 144-145).

Com a instalação do povo de Mananga no Monte, o narrador volta sua atenção de novo para Minosse, destacando sua solidão e seu recolhimento: “Os de Mananga navegam na nova vaga, mas Minosse permanece na margem da onda ninguém entende bem porquê. Vive solitária, recolhida no seu mundo de guerra e paz” (CHIZIANE, 1999, p. 203).

O isolamento de Minosse, no entanto, não a impede de perceber como velhos e crianças sem famílias (maiores desvalidos da guerra) são maltratados pelos que lideram o Monte. A constatação feita pela personagem remete à observação que Mario Benedetti, ele próprio um exilado, faz a respeito do exílio: “O exílio é quase sempre uma frustração, mesmo nos casos em que a solidariedade fraterna mitiga a nostalgia e o desenraizamento” (BENEDETTI, 1985, p. 11).

Entre recordações do passado e a dura realidade vivida e sentida no presente, a velha Minosse resolve reconstruir a família perdida, adotando crianças órfãs da aldeia. A adoção traz para a personagem um novo alento: “Algo de maravilhoso aconteceu na vida de Minosse, reina uma grande paz no fundo do velho coração” (CHIZIANE, 1999, p. 219). Além de proteção, a avó adotiva transmite às crianças ensinamentos que vão além dos cuidados com a machamba. Minosse ensina-lhes a conhecer o mundo e as tradições. A contação de histórias em volta da fogueira representa uma das maneiras de transmissão desses valores:

Os meninos interrompem a meditação da avó e pedem que esta lhes conte histórias. Ela fica contente, os meninos aliviam-na dos pesadelos. A sua cabeça está quente, está tonta. Sorri. A fogueira tremeluz enfraquecida. Sara mete-lhe mais ramos secos. Conta e reconta histórias de papões e dragões. Depois conta as dos bichos domésticos. Os meninos riem, falam e acabam adormecendo. Minosse também tenta adormecer [...] (CHIZIANE, 1999, p. 248).

Embora o Monte fosse um lugar aprazível - “um paraíso”, cujo “céu [era] mais azul, os campos mais verdes e o Sol mais amigo” (CHIZIANE, 1999, p. 198), conforme esperado pelo povo de Mananga -, a vida dos moradores era pesada e deprimente. Faltava-lhes tudo, desde moradia digna às mais simples condições necessárias para a sobrevivência, como água potável e saneamento básico. Fonseca (2003, p. 308) assinala que a oposição entre os aspectos da natureza e a degradação humana no Monte tem dupla significação. Da mesma forma que a aldeia é vista como um útero fértil e promissor à geração de uma nova vida, ressaltam-se os estragos causados pela guerra. Nesse sentido, “enquanto o narrador acompanha os atos daqueles que procuram construir uma nova vida, [...] pairam sobre todos as lembranças e das catástrofes vividas” (FONSECA, 2003, p. 308).

Os de Mananga por se encontrarem em situação ainda mais desfavorável não atentam para a real situação do Monte, acreditando ter atingido à terra da promessa, até serem atingidos por uma torrencial chuva, causadora da destruição da aldeia. Fugidos da seca, agora confrontam-se com o excesso de água no Monte e questionam a quantidade de vezes que precisarão recomeçar: “A natureza está contra nós, compadre. Vejam só a nudez em que nos encontramos. Mas quantas vezes temos nós de fazer o reinício da vida?” (CHIZIANE, 1999, p. 208).

Com o desastre, ações filantrópicas chegam ao Monte. Crítico e irônico, o narrador não só descreve o ato de distribuição e recebimento das esmolas, como censura os “filantropos de ocasião”. De forma bastante lúcida, enxerga naquela situação o risco de uma nova forma de colonização mental:

A bandeira do filantropismo flutua na aldeia do Monte hasteada pelos membros da Agência de Socorros e todos os homens contribuem com o seu saber e a sua devoção para aliviar o sofrimento da humanidade. Os filantropos, do seu pedestal, dão a mão desinteressada. As vítimas no abismo, de joelhos, recebem o auxílio de mãos erguidas no ar. [...] Já não há pobreza e sofrimento na aldeia do Monte, o mundo está cheio de almas bondosas. Todos comem até saciar e esquecem o trabalho da machamba, para quê trabalhar se os homens bons nos dão tudo? Quando esta comida acabar, receberemos outra. O povo não exerce os seus deveres, as suas tradições, e espera esmola, nova forma de colonização mental. (CHIZIANE, 1999, p. 231-232).

Mediante a ajuda externa, a aldeia do Monte consegue se reerguer. Como agradecimento pela fartura dos alimentos cultivados nas machambas, os camponeses decidem realizar uma festa de ação de graças, onde o padre da vila seria convidado para presidir uma missa. Uma cerimônia para os defuntos também é cogitada, mas é desaprovada, de imediato, pelos mais jovens. Mundau é o primeiro a se contrapor a ideia, simbolizando o povo que perdeu a ligação com sua história: “- Uma cerimônia para os defuntos? Vós sois mais casmurros que os burros, ó velhos. Os mortos são para ser esquecidos” (CHIZIANE, 1999, p. 256).

Em defesa das tradições ancestrais, e ao mesmo tempo respeitando as ideias importadas, uma vez que sensatamente reconhece a mudança dos tempos como algo inevitável, o velho Mungoni alerta sobre a necessidade de evitar o confronto do novo com o velho: “O mais importante é que [...] deixem as pessoas viver de acordo com as marcas da sua identidade. Que saibam harmonizar o velho e o novo” (CHIZIANE, 1999, p. 260).

Nesse embate entre o tradicional e o moderno, a comunidade do Monte realiza ambos os rituais: primeiro faz suas oferendas aos mortos e dirige-se, em seguida, ao local

onde a missa seria realizada. Com exceção de Emelina, jovem tratada com total desprezo pela aldeia por assassinar os próprios filhos, todos ouviam a pregação do padre loiro e de olhos azuis que é confundido pelo povo com o próprio Deus, até o momento em que o Monte foi invadido e dizimado por soldados camuflados. Emelina vinga-se da rechaça sofrida, conforme prometido, entregando a todos e a si mesma à fúria da guerra fratricida:

Uma figura andrajosa projeta-se no ponto mais alto do Monte, todos a veem: Emelina! Emelina esboça um sorriso nunca visto e ri, ri, até perder o fôlego. A força do riso esgota-lhe as forças. Ajoelha-se. Ri. A violência do riso desprende-lhe a bexiga e a urina liberta-se molhando as pernas e o chão. Continua a rir e peida de tanto riso. O esfíncter do ânus é mais forte, mas também acaba desorientado, as fezes líquidas abandonam o continente, correm pelo traseiro, pelas pernas, pelo chão, Emelina perde o domínio completo de si, cai, rebola sobre os seus excrementos e ri um riso que não acaba e que fica marcado nos corações dos homens, cujo eco ainda continua a ouvir-se nos céus do Monte.

O padre tem pena dela, porque está louca de todo. Aproxima-se da infeliz e ampara-a, ignorando o nojo e o mau cheiro [...].

De todos os lados surgem homens trajados de verde camuflado, de armas em punho ostentando nos rostos o sorriso da morte. Ouve-se um violento estrondo acompanhado de uma saraivada de balas que se abatem sobre as cabeças que dispersam procurando abrigo.

Armagedon, Armagedon, grita o padre em corrida, transportando um fardo pesado. Leva Emelina nos braços e o bebê nas costas dela [...]. [Um]a bala acertou em Emelina pelas costas, perfurando a mãe e o filho. (CHIZIANE, 1999, p. 266).

A cena final, isenta de eufemismos, descreve o fim trágico da aldeia da promessa. Emelina, em sua loucura, banhada de fezes e de urina, é executada juntamente com os outros aldeões. A traição da personagem põe fim a sua e a tantas outras vidas errantes do Monte. O escatológico evocado no romance, como se pode notar, tanto diz respeito às implicações teológicas do fim do mundo, quanto se relaciona aos excrementos mencionados no excerto destacado e em tantas outras passagens da narrativa.

Com o aniquilamento da aldeia - ou como prefere o narrador, com o “batismo de fogo” do Monte -, triunfam a morte, a fome, a peste e a guerra, os quatro eventos que acompanham os moradores de Mananga ao longo da narrativa, representados no texto pelos Quatro Cavaleiros do Apocalipse.

O romance se fecha com a confirmação da tragédia que já vinha sendo anunciada desde as primeiras páginas, através das narrativas introduzidas no prólogo e também em sentenças como esta: “Cessaram os choros. O terror cedeu lugar à passividade e o povo deixa-

se conduzir como cordeiros para o último destino onde não há princípio nem fim” (CHIZIANE, 1999, p. 147).

Conforme se procurou mostrar, *Ventos do Apocalipse* e *Tiara* detêm a atenção para aqueles que vivenciam o exílio sem deixar o país, experienciando a perda daquilo que consideram seu, por direito. É certo que no romance de Chiziane o insílio ocorre de forma mais genuína, uma vez que os deslocamentos ocorrem exclusivamente no interior do país natal das personagens. Entretanto, estendeu-se o termo e conceito de insílio aos vários deslocamentos feitos pela protagonista Tiara em seu país de adoção, no romance de Filomena Embaló, por considerar que a migração mesmo não sendo no país natal da protagonista ocorre entre regiões do continente de origem. A guerra, em ambos os casos, é a propulsora da errância das personagens, embora seja no romance de Chiziane onde se expõe com mais crueza os horrores que ela encerra. Por outro lado, se em *Tiara* o desexílio se realiza, confirmando a dureza que é voltar para o lar e não encontrá-lo conforme deixado na altura da partida forçada, em *Ventos do apocalipse* isso se torna inviável, devido à dizimação dos que deixaram o torrão natal. Por fim, os múltiplos exílios assinalados nos romances levam a compreender que o desterro foge a tudo que diz respeito à normalização e à fixidez, onde o imprevisível pode sobrevir. Nas palavras de Said (2003, p. 60): “O exílio é a vida levada fora da ordem habitual” e jamais “se configura como o estado de estar satisfeito, plácido ou seguro”.

## CONCLUSÃO

Pelas sendas do feminino. Este foi o caminho trilhado durante a pesquisa apresentada. No percurso, preferiu-se aportar nas literaturas africanas e assinalar como eixo de análise a configuração ficcional da diáspora e do exílio em obras de escritoras da África lusófona. A decisão da ancoragem nessas literaturas não ocorreu por acaso. Partiu da percepção da grande recorrência à temática dos deslocamentos nas produções das autoras africanas, elas mesmas, muitas vezes, sujeitos da diáspora.

Ao tratar das categorias diásporas e exílios, palavras-chave na discussão proposta, a pesquisa constatou que a frequente abordagem da temática não está restrita às páginas da ficção. Encontra-se amplamente difundida em outras formas de expressão artística, nos meios de comunicação e nos estudos humanísticos contemporâneos. Esses últimos têm promovido várias discussões no meio acadêmico e alargado cada vez mais os significados de ambos os termos. A ampliação do domínio semântico da palavra diáspora (TÖLÖLYAN, 2017, p. 24) e as tentativas de categorizar as especificidades do exílio e dos exilados (RONIGER, 2011, p. 44) nem sempre compensam. Na realidade, têm contribuído para uma conseqüente confusão de terminologias. Talvez, por se referirem a fenômenos em constante (re)configuração, os conceitos não possam se apresentar definitivamente prontos, mas em estado permanente de elaboração. O evoluir da definição continuará a valer para cada nova época e depende da emergência de novos contextos que, porventura, se venham a apresentar.

Para alguns estudiosos (SAFRAN, 2011; COHEN, 2008) que impulsionaram o crescimento dos estudos da diáspora, na década de 1990, o termo subentende a terra natal e remete a dispersão de um grupo de pessoas – geralmente, em virtude de um evento massivo e traumático – que estariam ligadas por um conjunto de características comuns, o sentimento de lealdade para com a terra natal, o desejo de retorno e a aceitação limitada nas sociedades anfitriãs. O conceito de diáspora, nesse sentido, pauta-se na ideia de etnicidade e nacionalismo e adota a experiência dos judeus como modelo para a descrição e análise de outras experiências diaspóricas.

Considerando a diversidade das diásporas contemporâneas, a crítica pós-moderna recusa o conceito de diáspora que se fundamenta em ideias rígidas de origem e pertencimento. Basicamente, essa linha de pesquisa pondera que os exemplos clássicos não abarcam as novas diásporas, assinalando a dificuldade de manter um paradigma exclusivista que dê conta das

variadas formações identitárias transnacionais contemporâneas. Em contrapartida, sugere a observação das características específicas de cada diáspora no mundo globalizado (BRAH, 2005, p.) (HALL, 1996, p. 75) (SORJ, s/d, p. 17). Nessas abordagens, ganha destaque o fato de o espaço da diáspora ser apontado como lugar de esperança, recomeço (BRAH, 2005) e/ou reelaboração de novas culturas e identidades (HALL, 1996). Para Sorj (s/d), enxergar a diáspora por esse viés exige prudência porque desconsidera os impactos negativos que, normalmente, acompanham o processo diaspórico. A mesma cautela se deve ter, conforme Said (2003), ao pensar na questão do exílio, posto que essa experiência, por mais que seja apresentada plena de realizações positivas, estará definitivamente marcada pela sensação de perda e de algo deixado para trás.

Um aspecto bastante atual da dinâmica dos deslocamentos internacionais que vem chamado a atenção dos estudiosos é a feminização da migração. Os estudos em torno dessa discussão têm sua importância não apenas por demarcar aspectos quantitativos, mas, sobretudo, por desmistificar a ideia de que o processo migratório continua sendo essencialmente masculino. Constatar que a imigração assumiu contornos femininos, nas últimas décadas do século XX, coloca a mulher como protagonista no processo migratório e contraria o modelo clássico de migração, o qual a secundariza e reforça a imagem de passividade e dependência feminina em relação ao homem. Os estudos contemporâneos sobre este reconhecimento do processo migratório vivido pela mulher (ASSIS, 2007) (FORTES, 2016) destacam que ela se sente motivada a partir da terra natal não apenas por razões econômicas, mas como fuga das sociedades segregativas das quais faz parte. Nesses casos, o desejo de retorno para a sociedade de origem é algo que, geralmente, não se aprecia. Para muitas mulheres migrantes, voltar para casa seria regredir nos ganhos identitários alcançados (FORTES, 2016).

Comumente, as literaturas africanas lusófonas transferem para o discurso ficcional a problemática dos deslocamentos, apresentando contornos particulares quando focado sob a ótica da mulher escritora. Ocorre que ao desenvolver os temas da diáspora e do exílio em suas obras, as autoras priorizam a experiência de personagens femininas no processo diaspórico, evidenciando as razões que as levam a deixar a terra natal e as dificuldades enfrentadas nos países de destino.

Pela análise do *corpus* literário, percebeu-se que as personagens protagonistas se deslocam de seus países por diferentes motivos. Algumas partem por imposição das guerras civis ocorridas após a independência das antigas colônias lusas; outras por razões de ordem econômica; e, ainda, mais particularmente, por decisão familiar, sobretudo, por deliberação do

pai português que via a ida da filha mestiça para Portugal como oportunidade de escolarização, como ocorreu com a personagem Olívia/Xininha da santomense Olinda Beja, analisada neste trabalho. De certa maneira, os deslocamentos experienciados pelas protagonistas representam a heterogeneidade da diáspora contemporânea na África lusófona e indicam os principais tipos de emigrantes dos Palop: os refugiados, os que partem em busca de trabalho e os que procuram melhores condições de vida, através da educação.

Escritos a partir das experiências diaspóricas de suas autoras, os romances *Sabor de maboque* e *15 dias de regresso* dedicam-se a mostrar como as protagonistas foram subtraídas da terra de origem e postas a experienciar, involuntariamente, travessias intercontinentais. Dulce, a personagem principal do primeiro romance, tem a sua partida determinada pelos conflitos políticos e a consequente guerra civil que assolou Angola, após a Revolução dos Cravos. Assim como a maior parte dos descendentes de portugueses nascidos em África, a personagem foi obrigada a abandonar a terra que reconhecia como chão de pertença, carregando consigo a esperança de um retorno que foi sendo cada vez mais adiado pelas quase três décadas de conflitos armados ocorridos no território angolano. Exilada no Brasil, Dulce precisou adaptar-se à nova realidade e conviver com o doloroso afastamento do lugar de origem. O retorno desejado, mas nunca concretizado em *Sabor de maboque*, efetiva-se com muita resistência no romance *15 dias de regresso*. Levada ainda pequena pelo pai para Portugal, Olívia/Xininha integra-se ao espaço da diáspora e o considera como sua pátria. Apesar de desenvolver uma certa harmonia com a terra portuguesa, sua passagem pela metrópole não acontece de forma pacífica. Literalmente, a protagonista sentiu na pele a rejeição por ser africana e mulata. A volta para casa, após trinta e sete anos em Portugal, aproxima Olívia da terra de origem, São Tomé e Príncipe, levando-a a identificar-se com suas raízes africanas. Embora ocorra por circunstâncias diferentes, a condição exílica apresentada pelas escritoras Dulce Braga e Olinda Beja reflete os traumas que afetam os indivíduos quando são obrigados a sair da pátria sem iniciativa pessoal e remete à problemática da identidade e integração na sociedade de acolhida.

Se a saída da terra de origem e o exílio representados nos romances de Dulce Braga e de Olinda Beja sucedem como atos involuntários, nas narrativas de Orlanda Amarílis costumam resultar de uma escolha particular (e até em algumas ocasiões como uma decisão tomada em conjunto entre os membros da família) e carregam consigo um componente positivo e otimista: deixa-se a pátria natal em busca de uma vida melhor, não apenas para si, mas para os que ficam e aguardam pela ajuda enviada. Os contos “Cais do Sodré”, “Desencanto”, “Esmola de Merca” e “Thonon-les-Bains” assinalam o percurso do migrante

cabo-verdiano, entre as ilhas e o país de eleição, enfatizando os sonhos e a esperança depositados na diáspora e as experiências nem sempre satisfatórias encontradas na realidade estrangeira. Centrada principalmente na experiência feminina, a autora não apenas volta a atenção para as mulheres que migram, mas para as que permanecem nas ilhas, convivendo com as carências e muitas vezes com a falta de perspectivas. Embora não tenham sido desterradas, e sempre possam voltar ao arquipélago cabo-verdiano, as protagonistas de *Amarílis* convivem na diáspora com o sentimento de solidão, tantas vezes acentuado pela falta de contato com a terra e com os conterrâneos, mas também pela indiferença dos naturais da terra de acolhida. São “mulheres-sós” (SANTILLI, 1995), envolvidas na luta pela sobrevivência e, muitas vezes, suscetíveis a formas diversas de violência. Nota-se, através disso, a disposição da escritora em apresentar tanto a capacidade de agenciamento quanto a extrema vulnerabilidade da mulher imigrante. O registro feito de experiências positivas e negativas em terra estrangeira adverte sobre as vantagens e desvantagens do processo diaspórico e não se limita a apontar a diáspora a partir de uma dimensão utópica, cujo espaço é apresentado como desprovido de traumas e efetivamente propício a recomeços. Ressalve-se ainda o destaque dado pela autora às remessas, uma das ligações transnacionais mais importantes entre a diáspora e as ilhas cabo-verdianas. Canalizada, principalmente, para o espaço familiar, esse numerário se constitui como um considerável suporte financeiro para as famílias que as utilizam, sobretudo, nas despesas domésticas, na saúde e na educação. Destaque-se também o pioneirismo da autora em abordar temas amplamente discutidos na atualidade como assédio sexual, enfocado em “Desencanto”, e feminicídio, representado em “Thonon-les-Bains”.

Em *Ventos do apocalipse* e *Tiara*, o deslocamento que alcança maior relevância não é o transcontinental como nas narrativas anteriores. Enfatiza-se, especialmente, a migração intrarregional, ou seja, a mobilização do africano dentro do próprio continente, salientado, dessa maneira, a principal forma de migração realizada atualmente em África, em virtude de conflitos e de mudanças ambientais, conforme pontua Tolentino (2011, p. 5-6):

Os africanos migram sobretudo dentro do continente e constituem apenas 9% da população mundial que migra internacionalmente. [...]Atualmente, os migrantes africanos deslocam-se no respectivo país e, quando atravessam as fronteiras, costumam dirigir-se a países vizinhos.

Com atenção na particularidade mencionada, acompanhou-se a trajetória das personagens dos referidos romances, sobretudo, das mulheres protagonistas em seus insílios

(exílio dentro da própria terra) e desexílios (retorno ao lugar de origem) concretos ou apenas idealizados. No que diz respeito ao insílio no romance *Ventos do apocalipse*, observou-se como o deslocamento interno no país de origem, em decorrência de fatores climáticos e principalmente da guerra civil moçambicana, afeta duplamente os indivíduos envolvidos na diáspora: primeiro, pela desconexão forçada com o lugar de origem e segundo, por ter que continuar convivendo num ambiente hostil e ameaçador, sendo transformados em testemunhas do aniquilamento da sua casa, da sua família e do seu país. Minosse, personagem feminina do romance de Chiziane, representa todo o sofrimento vivido pela mulher na guerra: perde os filhos Wusheni e Manuma; vê o marido Sianga, antigo régulo, ser punido pela comunidade natal; assiste a dizimação de sua terra, Mananga. Apesar das perdas terem levado a personagem a viver a forma mais concreta de seu exílio, isolada “no seu mundo de guerra e paz” (CHIZIANE, 1999, p. 203), ela reconstrói-se emocionalmente e passa a apoiar outros desvalidos da insana guerra, até o dia que a sua nova “casa”, a aldeia do Monte, foi destruída, impossibilitando o retorno ao ponto de partida. Já o insílio no romance *Tiara* não se concretiza a partir da mobilidade espacial da protagonista em seu país natal, mas dentro de outro país africano que a mesma adota como pátria. Através das várias migrações apresentadas no romance, tem-se uma visão mais heterogênea da África e das suas culturas, bem como ficam evidentes os modos de resistência e adaptação enfrentados pela protagonista. A concretização do desexílio conduz Tiara a perceber a impossibilidade de encontrar o país deixado outrora. Sentindo-se estrangeira na diáspora e em “casa”, a personagem constata seu desenraizamento e decide autoproclamar-se um “ser sem fronteiras” (EMBALÓ, 1999, p. 213), resultante do entroncamento das várias culturas com as quais teve contato.

Posto isso, importa ainda fazer referência a uma constatação fundamental da pesquisa. Enquanto a mulher escritora dos países africanos de língua portuguesa está ausente, parcial ou totalmente, em documentos críticos e historiográficos, sua produção, principalmente, após a descolonização, vem aumentando, de forma considerável, apesar das dificuldades de inserção no mercado editorial. Esse dado pode ser confirmado por meio do rastreamento de nomes de autoras e obras das cinco literaturas enfocadas feito durante esta pesquisa. Na mencionada investigação, evidenciam-se as escritoras conhecidas, mas, sobretudo, confirma-se a existência de tantas outras menos renomadas ou completamente ignoradas, até mesmo em seus países.

Não obstante este quadro, a mulher escritora da África lusófona, como as de outras áfricas, anuncia a sua presença. Ela está aqui e agora, como cantam os versos de Lueji Luna: “E Je suis ici, ainda que não queiram não/ Je suis ici, ainda que eu não queira mais/ Je suis ici

agora”. Tantas vezes invisibilizada, esta mulher tem “intenção de permanecer aqui” (DIOME apud ADUR s/d), sem, entretanto, pretender que o seu registro suplante o masculino. Nem melhor, nem pior: simplesmente a leitura de um mundo pelos olhos e pela pena de quem, muitas vezes silenciada, observou e desenhou a realidade com a sensibilidade e a agudeza que define a abordagem feminina. A mulher escritora africana conquista o seu lugar de direito. Essa é uma verdade incontornável. Na diáspora, no exílio, em sua língua ou na língua que calibanizou. Retomando o governo da sua “ilha”, vai aos poucos expulsando Próspero de universos onde a língua é mãe e a mãe é língua.

## REFERÊNCIAS

### I BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Globalização, cultura e identidade em Orlanda Amarílis. In: CARVALHAL, Tania Franco. Uma herança compartilhada. In: CARVALHAL, Tania Franco; TUTIKIAN, Jane. **Literatura e história: três vozes de expressão portuguesa**. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 1999.

ACHEBE, Chinua. **O mundo se despedaça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ADÃO, Áurea; REMÉDIOS, Maria José. As raparigas portuguesas vão aos liceus do Estado Novo. Uma educação diferenciada no cumprimento de um ideário (1936- 1947). In: TOMÉ, Irene; STONE, Maria Emília; SANTOS, Maria Teresa. **Olhares sobre as mulheres**. CESNOVA – Centro de Estudos de Sociologia da Nova Linha de Investigação: Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade de Lisboa. 2011.

AIDOO, Ama Ata. To be an african woman writer – an overview and a detail. In: PETERSEN, Kirsten Holt. **Criticism and Ideology** – Second African Writers' Conference Stockholm 1986. Uppsala: Nordic Africa Institute, 1988.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Narrativas cosmopolitas: a escritora contemporânea na aldeia global. In: **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 32. Brasília, julho-dezembro de 2008.

ALÓS, Anselmo Peres. Uma voz fundadora na literatura moçambicana: a poética negra pós-colonial de Noémia de Sousa. In: **Todas as letras**, volume 13, n. 02, 2011.

ALVARENGA, Charlotte. Lançamento da 2ª antologia poética “Traços no tempo” marca dia mundial da poesia na Guiné-Bissau. 29 de Março de 2016. Disponível em: <<http://www.conexaolusofona.org/lancamento-da-2a-antologia-poetica-tracos-no-tempo-marca-dia-mundial-da-poesia-na-guine-bissau/>> Acesso em: Maio de 2017.

ALVES, Luís Carlos. **Poesia em conflito: marcas identitárias na poesia guineense contemporânea de Odete Semedo, Saliatu da Costa e Tony Tcheka**. Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2017.

AMARÍLIS, Orlanda. **A Casa dos Mastros**. Linda-a-Velha: ALAC, 1989.

AMARÍLIS, Orlanda. **Cais-do-Sodré té Salamansa**. Linda-a-Velha: ALAC, 1991.

AMARÍLIS, Orlanda. Diáspora-Exílio. In: MARTINHO, Ana Maria Mão-de-Ferro. **A mulher escritora em África e na América Latina**. Évora: Editorial NUM, 1999a.

AMARÍLIS, Orlanda. **Ilhéu dos Pássaros**. Lisboa: Plátano, 1983.

AMARÍLIS, Orlanda. O desbravar da escrita. In: CARVALHAL, Tania Franco; TUTIKIAN, Jane. **Literatura e história: três vozes de expressão portuguesa**. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 1999b.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **Livro Sexto**. Lisboa: Caminho, 2006.

APRILE, Sylvie. De l'exilé à l'exilée: une histoire sexuée de la proscription politique outre-Manche et outre-Atlantique sous le second empire. In: **Le Mouvement Social**, 2008/4, n° 225, p.27 a 38. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-le-mouvement-social-2008-4-page-27.htm>>. Acesso em: Maio de 2019.

ARAÚJO, Dulce. **Identidade e ruptura na obra da escritora Filomena Embaló**. Disponível em: <<https://novaevangelizacao.com.br/identidade-e-ruptura-na-obra-da-escritora-filomena-embalo/>>. Acesso em Out. 2018.

ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n.3, jan. 2007.

AUGÉ, Marc. **Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 9ª edição. Campinas, SP: Papius, 2012.

AUGEL, Moema Parente. **Cantopoeia do disassossego** (Posfácio). In: SEMEDO, Odete. **No fundo do canto**. Belo Horizonte: Nandyala, 2007.

AUGEL, Moema Parente. **Literatura e inclusão – o papel dos escritores guineenses no empenho contra a invisibilidade**. 2007 b. Via Atlântica. n. 12. Dez/2007.

AUGEL, Moema Parente. Na voz do outro. A representação da mulher guineense pela perspectiva masculina. In: SILVA, Fabio Mario da. **O feminino nas literaturas africanas em língua portuguesa**. CLEPUL: Lisboa, 2014.

AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escombro: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007a.

AZEVEDO, Viviana Clara Carvalho Freitas de. **Literatura pós-colonial portuguesa como lugar de memória da colonização portuguesa em África**. Tese de Doutorado. Universidade do Porto, 2013.

BARRETO, Isabel de Souza Lima. O êxodo da minoria branca de Angola. In: **Outros tempos**. Volume 9, número 13, junho de 2012.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

BEJA, Olinda. **Bô Tendê?** Aveiro: Editora C. M. Aveiro, 1992.

BEJA, Olinda. **Histórias da Gravana**. São Paulo: Escrituras Editora, 2011.

BEJA, Olinda. **Quinze dias de regresso**. Coimbra: Pé de Página, 2007.

BEJA, Olinda. **Tomé Bombom**. Viseu: Edições Esgotadas, 2016.

BENEDETTI, Mario. **Inventario dos**. Poesia completa (1986-1991). Buenos Aires: Seix Barral, 1994.

BENEDETTI, Mario. **El desexilio y otras conjeturas**. Buenos Aires: Editorial Nueva Imagem, 1985.

BERTHET, Marina Annie. Reflexões sobre as roças em São Tomé e Príncipe. In: **Est. Hist.**, Rio de Janeiro, vol. 25, nº 50, p. 331-51, julho-dezembro de 2012.

BOLAÑOS, Aimée G. Toda Odisseia tem um final feliz? (A propósito de poesia e diáspora). In: **Aletria**, v. 22, n. 03, set./dez., 2012.

BOLÉO, Maria Luisa V. Paiva. Antónia Pusich (1805-1883): a primeira jornalista portuguesa. In: **Portal O Leme**. Publicado em 04/08/2005. Disponível em: <<http://www.leme.pt/biografias/pusich/>>. Acesso em: Abril de 2017.

BONFIM, João do Sacramento. **Os processos migratórios em São Tomé e Príncipe e a corrente portuguesa**. Tese de Mestrado. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, 2000.

BONNICI, Thomas. Pós-colonialismo e representação feminina na literatura pós-colonial em inglês. In: **Maringá**, v. 28, n. 1, 2006.

BRAGA, Cláudio Roberto Vieira; GONÇALVES, Gláucia. Diáspora, espaço e literatura. In: Revista Trama, v. 10, n. 19, 1º semestre de 2014.

BRAGA, Dulce. **Sabor de maboque**. Campinas: Pontes Editores, 2009.

BRAH, Avtar. **Cartographies of diaspora: contesting identities**. New York: Routledge, 2005.

BRUBAKER, Rogers. The “diaspora” diaspora. In: **Journal Ethnic and Racial Studies**, vol. 28, n. 01, January, 2005.

BULAWAYO, Noviolet. **Precisamos de novos nomes**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.

BURNES, Donald. A revolta das mulheres no leste da Nigéria em 1929 e The Cassava Ghost, de Ezenta Eze. In: MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante. **A mulher em África: Vozes de uma margem sempre presente**. Lisboa: Edições Colibri, 2007.

CARDOSO, Dulce Maria. **O retorno**. Rio de Janeiro: Tinta da China Brasil, 2012.

CARDOSO, Manuela. **Migrações e estratégias de desenvolvimento dos pequenos estados insulares em desenvolvimento**. Estudos de caso: Cabo Verde e São Tomé e Príncipe. Cadernos de Estudos Africanos. Janeiro-Junho de 2015. 29, 103-128.

CARDOSO, Sebastião Marques. Até que a etnia os separe: nacionalismo miscigenação raciale mestiçagem cultural em Tiara, de Filomena Embaló. In: **Agália** (Revista de Estudos na Cultura), n. 111, 1º Semestre, 2015.

CARLOS, João. Literatura no feminino começa a ganhar novos nomes em Moçambique. In: **DW África**. 08 jul 2013. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt-002/literatura-no-feminino-come%C3%A7a-a-ganhar-novos-nomes-em-mo%C3%A7ambique/a-16936393>>. Acesso em: 29 mar 2017.

CARVALHAL, Tania Franco. Uma herança compartilhada. In: CARVALHAL, Tania Franco; TUTIKIAN, Jane. **Literatura e história: três vozes de expressão portuguesa**. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 1999.

CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida. As relações étnicas em Angola: as minorias branca e mestiça (1961-1992). Disponível em: <[http://www.angolanistas.org/zazprincipal/r\\_etnicas.Htm](http://www.angolanistas.org/zazprincipal/r_etnicas.Htm)>. Acesso em: Julho de 2012.

CASANOVA, Pascale. **A república mundial das letras**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CASTELLO BRANCO, Lúcia. **O que é escrita feminina**. São Paulo: Brasiliense, 1991. Coleção Primeiros Passos.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2002.

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. In: **Fronteiras**, Dourados, MS, v. 13, n. 24, jul./dez. 2011.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: **Revista das Revistas**. Estudos Avançados, v. 5, n. 11, São Paulo, jan./abr., 1991.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

CHIZIANE, Paulina. A força e a vontade. Entrevista concedida a Carlos Vaz Marques. **Expresso**. Dezembro, 2002.

CHIZIANE, Paulina. **Niketche: uma história de poligamia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CHIZIANE, Paulina. **O sétimo juramento**. Lisboa: caminho, 2000.

CHIZIANE, Paulina. “Temos que nos perguntar se somos livres ou escravos” (Entevista). In: **Brasil de Fato**. Out. 2017. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/10/30/temos-que-nos-perguntar-se-somos-livres-ou-escravos-afirma-paulina-chiziane/>>. Acesso em: Dezembro de 2018.

CHIZIANE, Paulina. **Ventos do apocalipse**. Lisboa: Caminho, 1999.

COELHO, Tomás Lima. **Autores e escritores de Angola**: naturalidade e bibliografia. 2013. Disponível em: <[http://unia.ao/docs/Autores\\_e\\_Escritores\\_de\\_Angola\\_Naturalidade\\_e\\_Bibliografia .pdf](http://unia.ao/docs/Autores_e_Escritores_de_Angola_Naturalidade_e_Bibliografia.pdf)> Acesso em: Março de 2016.

COHEN, Robin. **Global diásporas**: an introducion. London. New York: Routledge, 2008a.

COHEN, Robin. Sólidas, dúcteis e líquidas: noções em mutação de lar e terra nos estudos da diáspora. In: **Caderno CRH**, Salvador, v. 21, n. 54, Set./Dez. 2008b.

CORTÁZAR, Julio. América Latina: exílio e literatura. In: **Obra Crítica 3**. Organização de Saul Sosnowski. Tradução de Paulina Wacht e Ari Roitman. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. São Paulo Global, 2004.

COUTO, Hildo Honório do; EMBALÓ, Filomena. **Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau** – Um país da CPLP. PAPIA – Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares, n. 20, 2010. Universidade de Brasília. Thesaurus Editora, 2010.

COUTO, Mia. **O outro pé da sereia**. Lisboa: Caminho, 2007.

CRISTÓVÃO, Fernando (Org. e Coord.). et al. **Dicionário temático da lusofonia**. Lisboa: Texto Editores, 2005.

DALOMBA, Amélia. **Uma mulher ao relento**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

DÁSKALOS, Maria Alexandre; APA, Lúvia; BARBEITOS, Arlindo. **Poesia africana de língua portuguesa**: (antologia). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

DIAS, Valdenides Cabral de Araújo. A santomensidão de *Água crioula*. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares da; CURY, Maria Zilda Ferreira. **África: dinâmicas culturais e literárias**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2012.

DIMITROV, Vera Gers; MACHADO, Monica Sapucaia. Mulheres migrantes: acesso à cidadania e políticas públicas. In: **Anais de Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13<sup>th</sup> Women's Worlds Congress**. Florianópolis, 2017.

DIOGO, Rosália. Paulina Chiziane: as diversas possibilidades de falar sobre o feminino (Entrevista). In: MIRANDA, Maria Geralda de; SECCO, Carmen Lucia Tindó. **Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos de Moçambique**. Curitiba: Appris, 2013.

DIOME, Fatou. In: ADUR, L. “A escritora senegalesa Fatou Diome expõe a visão de um africano sobre a recente e intensa onda de imigração para a Europa”. Matéria. In: **Homo Literatus**, 14 set 2015. Disponível em:<<http://homoliteratus.com/fatou-diome-sobre-a-migracao-e-como-se-deixa-los-se-afogar-funcionasse-como-um-bloqueio-para-impedir-os-imigrantes-de-partirem-para-a-europa/>>. Acesso em 09 Out. 2016.

DOUEK, Daniel. **Próximos e distantes**: um estudo sobre as percepções e atitudes da comunidade judaica paulista em relação ao Estado de Israel (2006-2010). Dissertação

(Mestrado em Letras Orientais) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2012.

DOUEK, Sybil Safdie. **Memória e exílio**. São Paulo: Escuta, 2003.

DUARTE, Constância Lima. O cânone e a autoria feminina. In: Schmidt, Rita Terezinha. **Mulheres e literatura**: (trans) formando identidades. Porto Alegre: Editora Palloti, 1997.

DUARTE, Vera. **A candidata**. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

DUARTE, Vera. O canto da sereia ou a emergência da voz das mulheres na literatura cabo-verdiana. In: SECCO, Carmen Lucia Tindó; SALGADO, Maria Teresa; JORGE, Silvio Renato. **Pensando África**: Literatura, arte, cultura e ensino. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional, 2010.

DUARTE, Zuleide. **Outras Áfricas**: elementos para uma literatura da África. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2012.

DUARTE, Zuleide. **O exílio em Olinda Beja**: Cais de partida, porto de chegada. Material apresentado no Congresso Entremares. Universidade Estadual de Pernambuco. Garanhuns, 2018.

DUARTE, Zuleide; PEREIRA, Kleyton. Olinda Beja e a diáspora crioula. In: MATA, Inocência. SILVA, Agnaldo Rodrigues da. (Orgs.). **Trajetórias culturais e literárias das ilhas do Equador**: estudos sobre São Tomé e Príncipe. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. **Devires autobiográficos**: a atualidade da escrita de si. Rio de Janeiro: NAU/Editora PUC-Rio, 2009.

EMBALÓ, Filomena. Breve resenha sobre a literatura da Guiné-Bissau. 2004. Disponível em: <[www.didinho.org/Arquivo/resenhaliteratura.html](http://www.didinho.org/Arquivo/resenhaliteratura.html)>. Acesso em: 04 de maio de 2017.

EMBALÓ, Filomena. **Tiara**. Lisboa: Instituto Camões, 1999. Coleção Lusófona.

EMECHETA, Buchi. Feminism with a small 'f'! In: PETERSEN, Kirsten Holt. **Criticism and Ideology** – Second African Writers' Conference Stockholm 1986. Uppsala: Nordic Africa Institute, 1988.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Maria Celestina. **A árvore dos gingongos**. São Paulo: DCL, 2009.

FERNANDES, Maria Celestina. **A muxiluanda**. Luanda: Chá de Caxinde, 2009.

FERREIRA, Manuel. **50 poetas africanos**. Lisboa: Plátano Editora, 1989.

FERREIRA, Manuel. **Literaturas africanas de expressão portuguesa – Volumes I**. Lisboa: Biblioteca Breve. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1977a.

FERREIRA, Manuel. **Literaturas africanas de expressão portuguesa – Volumes II**. Lisboa: Biblioteca Breve. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1977b.

FERREIRA, Manuel. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. São Paulo: Ática, 1987.

FERREIRA, Manuel. **No reino de Caliban** – Antologia Panorâmica da Poesia Africana de expressão portuguesa. Volume I – Cabo Verde e Guiné-Bissau. Lisboa: Seara Nova, 1975.

FERREIRA, Manuel. Notícia Bibliográfica. In: AMARÍLIS, Orlanda. **A Casa dos Mestros**. Linda-a-Velha: ALAC, 1989.

FERREIRA, Manuel. Notícia Bibliográfica. In: AMARÍLIS, Orlanda. **Cais-do-Sodré té Salamansa**. Linda-a-Velha: ALAC, 1991.

FIRMAT, Gustavo Pérez. **Cincuenta lecciones de exílio y desexílio**. Miami, Flórida: Ediciones Universal, 2000.

FONSECA, Maria Nazareth Soares da; CURY, Maria Zilda Ferreira. **África: dinâmicas culturais e literárias**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2012.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Campos de guerra com mulher ao fundo no romance Ventos do apocalipse. In: **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v.07, n. 13, 2003.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura africana de autoria feminina: estudo de antologias poéticas. In: **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 08, n. 15, 2º sem., 2004.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literaturas africanas de língua portuguesa: percursos da memória e outros trânsitos**. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2008.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Mulher-poeta e poetisas em antologias africanas de língua portuguesa: o feminino como exceção. In: MATA, Inocência; PADILHA, Laura. **A mulher em África** – Vozes de uma margem sempre presente. Lisboa: Edições Colibri, 2007.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Vozes femininas em antologias poéticas. In: **Literaturas africanas de língua portuguesa: percursos da memória e outros trânsitos**. Belo Horizonte: Veredas e Cenários, 2008.

FORTES, Celeste. “Casa sem homem é um navio à deriva”: Cabo Verde, a monoparentalidade e o sonho de uma família nuclear e patriarcal. **Anuário Antropológico / 2014**, Brasília, UnB, 2015, v. 40, n. 2: 151-172.

FORTES, Celeste. Regressar é regredir: estudantes cabo-verdianas em Lisboa e discursos sobre os projetos de retorno a Cabo Verde. In: ÉVORA, Iolanda. **Díaspóra cabo-verdiana: Temas em debate**. Edição: CESA – Centro de Estudos sobre África, Ásia e América Latina. 2016.

FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de. **A condição feminina em Balada de amor ao vento, de Paulina Chiziane**. Tese (Doutorado). Universidade Federal da Paraíba / CCHLA. João Pessoa, 2012.

GÓIS, Pedro. **Emigração cabo-verdiana para (e na) Europa e a sua inserção em mercados de trabalho locais**: Lisboa, Milão, Roterdão. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Lisboa, 2006.

GOMES, Aldónio; CAVACAS, Fernanda. **Dicionário de autores de literaturas africanas de língua portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1997.

GOMES, Júio do Carmo. Paulina Chiziane, contadora de histórias (Entrevista). **Jornal de Letras, Artes e Ideias**. Lisboa, 21 mar. 2001.

GOMES, Kathleen. Nunca houve arma mais fulminante que a mulher (Entrevista). **Público**, 13 nov. 1999.

GOMES, Simone Caputo. **Cabo Verde**: literatura em chão de cultura. São Paulo: Ateliê Editorial; Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2008a.

GOMES, Simone Caputo. Literopintar Cabo Verde: a criação de autoria feminina. **Revista Crioula**, nº 3, Maio de 2008b.

GOMES, Simone Caputo. O texto literário de autoria feminina escreve e inscreve a mulher e(m) Cabo Verde. In: MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante. **A mulher em África**. Vozes de uma margem sempre presente. Lisboa: Edições Colibri, 2007.

GOMES, Simone Caputo. O texto literário de autoria feminina escreve e inscreve a mulher e(m) Cabo Verde. In: SECCO, Carmen Lucia Tindó; SALGADO, Maria Teresa; JORGE, Silvio Renato. **África, escritas literárias**: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Angola: UEA, 2010.

GOMES, Simone Caputo. Rumos da escrita de mulher nas literaturas de língua portuguesa: o caso caboverdiano. In: Schmidt, Rita Terezinha. **Mulheres e literatura**: (trans) formando identidades. Porto Alegre: Editora Palloti, 1997.

GONZÁLEZ, Elena Palmero. Deslocamento / desplaçamento. In: BERND, Zilá. **Dicionário das mobilidades culturais**: percursos americanos. Porto Alegre: Literalis, 2010.

GOZETTO, Andréa Cristina Oliveira. Movimentos sociais e grupos de pressão: duas formas de ação coletiva. In: **Cenários da Comunicação**, São Paulo, v. 7, 2008.

GRASSI, Marzia. Cabo Verde pelo mundo: o gênero na diáspora cabo-verdiana. In: GRASSI, Marzia; ÉVORA, Iolanda. **Gênero e migrações cabo-verdianas**. Lisboa: ICS (Imprensa de Ciências Sociais), 2007.

GRECCO, Fabiana Miraz de Freitas. **Casa de silêncio, mar de solidão**: o espaço literário nos contos de Orlanda Amarílis e de Sophia de M.B. Andresen. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista. Assis, 2014.

GRECCO, Fabiana Miraz de Freitas. Percursos amarilianos: antologias e revistas literárias no desenvolvimento da escritura de Orlanda Amarílis. In: **XV ABRALIC: Experiências Literárias Textualidades Contemporâneas**. 2016.

GRECCO, Fabiana Miraz de Freitas. Réquiem: uma alegoria literária do pós-independência. In: **Via Atlântica**, São Paulo, n. 27, 145-159, Jun/2015.

GURI, Chó do. **A perversa**. Lisboa: Chiado Editora, 2012.

GURI, Chó do. Negócios (Do tradicional ao moderno). In: **Contos inéditos de autores angolanos**. Lisboa: Barbieri Marketing e Publicidade, 2009.

GUTERRES, Maria. O exílio nos contos de Orlanda Amarílis. In: MARTINHO, Ana Maria Mão-de-Ferro. **A mulher escritora em África e na América Latina**. Évora: NUM, 1999.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HALL, Stuart. Diásporas, ou a lógica da tradução cultural. In: **MATRIZES**, v. 10, n. 3, set./dez. 2016.

HALL, Stuart. Entrevista com Stuart Hall (Heloisa Buarque de Holanda e Liv Sovik). **Muiraquitã**, Rio Branco, v. 2, n. 1, jul./dez. 2013.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 24, 1996.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KAPHLE, Anup. Um artista sírio pintou líderes mundiais como se fossem refugiados. **BuzzFeed News**, 12 jun. 2017. Disponível em: <[www.buzzfeed.com](http://www.buzzfeed.com)>. Acesso em: Janeiro 2018.

KIPP, Eva. **Guiné-Bissau: Aspectos da vida de um povo**. Lisboa: Editorial Inquérito, 1994.

KOFMAN, Eleonore; PHIZACKLEA, Annie; RAGHURAM, Parvati; SALES, Rosemary. Gender and international migration in Europe – Employment, welfare and politics. London and New York: Routledge, 2000.

LARA, Alda. **Poesia**. Luanda: União dos Escritores angolanos, 1979. Coleção Cadernos Lavra & Oficina.

LARANJEIRA, Pires. Bibliografia crítica essencial. In: **Discursos**, 9 (1995): 115-134. Disponível em: <<https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/4332/1/Pires%20Laranjeira.pdf>>. Acesso em: Janeiro de 2018.

LARANJEIRA, Pires. Mulheres, ilhas desafortunadas. In: AMARÍLIS, Orlanda. **A Casa dos Mastros**. Linda-a-Velha: ALAC, 1989.

LEÃO, Ângela Vaz. **Contatos e ressonâncias**: Literaturas africanas de língua portuguesa. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, (2003).

LEITE, Joaquim Eduardo Bessa da Costa. **A literatura guineense**: contribuição para a identidade da nação. 2014. Tese de Doutorado. Universidade de Coimbra, Coimbra/Portugal.

LEMOS, Alzira Brum. Mario Benedetti aborda memória do exílio no romance Andaimés. In: **Folha de São Paulo**, 04 ago. 1997. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq040824.htm>>. Acesso em: Dezembro de 2018.

LIMA, Kelly Mendes. **Rui Knopfli e Manuel Alegre: De exílios e insílios, a poesia**. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

LOBO, Andréa de Souza. **Tão longe, tão perto**. Organização familiar e emigração feminina na Ilha da Boa Vista – Cabo Verde. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2006.

MACEDO, L.S. Ascensão de. **Da voz à Pluma**: Escritoras e patrimônio documental de autoria feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde: Guia Bibliográfico. Ribeira Brava: L.S. Ascensão de Macedo, 2013.

MACÊDO, Tania. Estas mulheres cheias de prosa: a narrativa feminina na África de língua oficial portuguesa. In: LEÃO, Ângela Vaz. **Contatos e ressonâncias**: literaturas africanas de língua portuguesa. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003.

MACÊDO, Tania. **Luanda, cidade e literatura**. São Paulo: Editora UNESP; Luanda: Nzila, 2008.

MACÊDO, Tania; MAQUÊA, Vera. **Literaturas de língua portuguesa**: marcos e marcas – Moçambique. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.

MARGARIDO, Alfredo. **Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa**. Lisboa: A Regra do Jogo, 1980.

MAI, Mukhtar & CUNY, Marie-Therese. **Desonrada**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2007.

MAIA, Maria Armandina. Orlanda Amarílis, os passos em volta do Ilhéu dos Pássaros. In: MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante. **A mulher em África**. Vozes de uma margem sempre presente. Lisboa: Edições Colibri, 2007.

MARQUES, Carlos Vaz. Paulina Chiziane, a força e a vontade (Entrevista). **Expresso**, Lisboa, Dez. 2002, p. 62-68.

MARTINS, Filipe; FORTES, Celeste. Para além da crise: jovens, mulheres e relações familiares em Cabo Verde. **(Con)textos**. Revista d'antropologia i investigació social. 5: 13-29, 2011.

MATA, Inocência. A periferia da periferia. In: **Discursos**, n. 09. 1995. 27-36.

MATA, Inocência. As vozes femininas na literatura africana: passado e presente – Representações da mulher na produção literária de mulheres. In: SOUZA, Maria Reynolds et al. **O rosto feminino da expansão portuguesa**. Actas II. Lisboa: Comissão para a igualdade e para os direitos das mulheres, 1995.

MATA, Inocência. **Diálogos com as ilhas**: sobre cultura e literatura São Tomé e Príncipe. Lisboa: Edições Colibri, 2008.

MATA, Inocência. Literatura angolana no feminino: as novas direções do sonho. In: **Literatura angolana**: silêncios e falas de uma voz inquieta. Lisboa: Mar Além, 2001.

MATA, Inocência. **Polifonias insulares**: cultura e literatura de São Tomé e Príncipe. Lisboa: Edições Colibri, 2010.

MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante. **A mulher em África**: Vozes de uma margem sempre presente. Lisboa: Edições Colibri, 2007.

MATA, Inocência. Literatura-mundo em português: encruzilhadas em África. In: **1616: Anuário de Literatura Comparada**, 3, 2013.

MATOS, Helena. Há 40 anos, o desespero dos retornados: Tirem-nos daqui! Publicado em: 19 de setembro de 2015. Disponível em: <<http://observador.pt/especiais/tirem-nos-daqui/>>. Acesso em: 01/06/17.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Sonha Mamana África**. São Paulo: Edições Epopeia, 1987.

MENDES, Maria do Carmo Cardoso. Representações da diáspora cabo-verdiana: a obra de Orlanda Amarílis. In: **Exodus**: conto e recontos. n. 13. 2016.

MERELES, Carla. A crise humanitária dos refugiados: muito além da Síria. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/crise-dos-refugiados/>>. Acesso em: Janeiro de 2019.

MOMPLÉ, Lília. A mulher escritora e o cânone – aproximação e ruptura. In: MARTINHO, Ana Maria Mão-de-Ferro. **A mulher escritora em África e na América Latina**. Évora: NUM, 1999.

MOMPLÉ, Lília. **Ninguém matou Suhura**. [s/l]: Edição da Autora, 2009.

MOMPLÉ, Lília. **Neighbours**. Maputo: Edição da Autora, 2008.

MOREIRA, Terezinha Taborda. A palavra em exílio. In: MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante. **A mulher em África**. Vozes de uma margem sempre presente. Lisboa: Edições Colibri, 2007.

NASCIMENTO, Naira de Almeida. Despojos de guerra, rastros de identidade: alguns dilemas da literatura africana de expressão portuguesa pela voz de Tiara. In: **Muitas Vozes**, Ponta Grossa, v. 01, n. 01, p. 29-47, 2012.

OLIVEIRA, Luciana Garcia. **A diáspora palestina no Brasil – a FEPAL: trajetórias, reivindicações e desdobramentos (2000-2012)**. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. Literatura infanto-juvenil moçambicana: a série Os gêmeos, de Machado da Graça, e outras travessias. In: **Contexto**, Vitória, n.26, 2014.

PADILHA, Laura Cavalcante. Sobre mulheres, cânones, silêncios e enfrentamentos. In: **Diadorim**, Rio de Janeiro, Volume II, Jul. 2012.

PADILHA, Laura. **Novos pactos, outras ficções: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

PADILHA, Laura. A diferença interroga o cânone. In: SCHMIDT, Rita Terezinha. **Mulheres e literatura: (trans)formando identidades**. Porto Alegre: Editora Palloti, 1997.

PADILHA, Laura. Bordejando a margem(escrita feminina, cânone africano e encenação de diferenças). Revista **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 08, n. 15, 2004.

PADILHA, Laura. Bordejando a margem (escrita feminina, cânone africano e encenação de diferenças). In: MATA, Inocência; PADILHA, Laura. **A mulher em África: vozes de uma margem sempre presente**. Lisboa: Edições Colibri, 2007.

PADILHA, Laura. Corpo e terra: um entrecruzamento simbólico em falas poéticas de mulheres africanas. In: **Novos pactos, outras ficções: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

PASSOS, Joana. “Dói-me que a folha em branco não exija nada”: a voz das mulheres na literatura de Cabo Verde. In: RIBEIRO, Margarida Calafate; JORGE, Sílvio Renato. **Literaturas insulares: leituras e escritas de Cabo Verde e São Tomé e Príncipe**. Porto: Edições Afrontamento, 2011.

PAZOS-ALONSO, Claudia. Race and gender: Orlanda Amarílis’ Cais do Sodré té Salamansa. In: **Lusotopie**, XII (1-2). 2005.

PEPETELA. **O tímido e as mulheres**. Alfragide: Dom Quixote, 2013.

PEREIRA, Elisabete Maria Magalhães. **Mulheres migrantes de São Tomé e Príncipe em Portugal – Um estudo de caso no Bairro Vale de Chicharos**. Dissertação de Mestrado. Universidade Aberta: Lisboa, 2006.

PEREIRA, Érica Antunes; FERNANDES, Maria de Fátima; GOMES, Simone Caputo (Organizadoras). **Cabo Verde – 100 poemas escolhidos**. Praia: Pedro Cardoso Livraria, 2016.

PEREIRA, Kleyton. Reflexos e reflexões das diásporas nas literaturas africanas em língua portuguesa. In: **Anais do XIII Congresso Internacional da ABRALIC – Internacionalização do Regional**. UEPB, Campina Grande (PB), 2013.

PEREIRA, Kleyton Ricardo Wanderley. Exílio, memória e identidade crioula em 15 dias de regresso. In: **Revista Milba**, n. 1, v. 1, out. 2015/mar. 2016. Universidade Federal Rural de Pernambuco.

PETERS, John Durham. Exile, nomadism and diaspora: the stakes of mobility in the Western Canon. In: NAFICY, Hamid. **Home, exile, homeland: film, media and the politics of place**. New York: Routledge, 1999.

PERROT, Michelle. **História da vida privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.4 v.

PRADO, Maria Felisa Rodríguez. “Certeza” cabo-verdiana: quais as certezas? O movimento literário em meados do século XX. In: **Latitudes**. n. 20. Maio de 2004.

QUEIROZ, Maria José de. **Os males da ausência ou A literatura do exílio**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

QUEIROZ, Amarino Oliveira de. **As inscricuras do verbo: dizibilidades performáticas da palavra poética africana**. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2007.

QUEIROZ, Amarino Oliveira de. **Onde canta o ossobó: vozes literárias femininas do arquipélago de São Tomé e Príncipe**. s/d. Disponível em: <<http://ueangola.com/criticas-e-ensaios/item/320-onde-canta-o-ossob%C3%B3>>. Acesso em 27 de junho de 2014.

QUEIROZ, Amarino Oliveira de. **Onde canta o ossobó: vozes literárias femininas do arquipélago de São Tomé e Príncipe**. In: MATA, Inocência. SILVA, Agnaldo Rodrigues da. (Orgs.). **Trajetórias culturais e literárias das ilhas do Equador: estudos sobre São Tomé e Príncipe**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

RABÊLO, José Maria; RABÊLO, Thereza. **Diáspora: os longos caminhos do exílio**. São Paulo: Geração Editorial, 2001.

RIBEIRO, Giselle Rodrigues. **O casamento: uma imposição para meninas e jovens da Guiné-Bissau**. V Encontro de Professores de Literaturas Africanas e I Encontro AFROLIC – Associação Internacional de Estudos Literários e Culturais Africanos. Porto Alegre, 2013.

RISO, Ricardo. Carlota de Barros e Maria Helena Sato – poéticas afetivas da diáspora cabo-verdiana. In: SILVA, Fabio Mario da. **O feminino nas literaturas africanas em língua portuguesa**. Lisboa: CLEPUL, 2014.

RISO, Ricardo. *Cabo Verde: Antologia de poesia contemporânea*. Disponível em: <[www.africaeaficanidades.com.br/documentos/ANTOLOGIA-CABO-VERDE.pdf](http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/ANTOLOGIA-CABO-VERDE.pdf)> Acesso em: 01 de maio de 2017.

RODRIGUES, Fernando Barbosa; MAISONAVE, Almuneda Cortés. **Estudo sobre a feminização da imigração cabo-verdiana e o seu impacto nas famílias: Um estudo de caso na Ilha de Santiago, Cabo Verde**. Relatório Final de Consultoria. Março de 2013.

ROMARIZ, Andrea Germano de Oliveira. **O Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro: Um ensaio para um projeto maior?** Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa. 2011.

RONIGER, Luis. Reflexões sobre o exílio como tema de investigação: avanços teóricos e desafios. In: QUADRAT, Samantha Viz. **Caminhos cruzados: história e memória dos exílios latino-americanos no século XX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

ROQUE, Sílvia. **Um retrato da violência contra as mulheres da Guiné-Bissau**. Bissau: Governo da Guiné-Bissau/Organização das Nações Unidas, 2011.

SAFRAN, William. Las diásporas em las sociedades modernas: mitos de la pátria y el retorno. In: GOLUBOV, Nattie. **Diásporas: Reflexões teóricas**. México: UNAM (Universidad nacional de México), 2011.

SAID, Edward W. Reflexões sobre o exílio. In: **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

SALÚSTIO, Dina. **Mornas eram as noites**. Praia: Instituto da Biblioteca nacional, 2002.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: **Uma literatura nos trópicos: Ensaio sobre dependência cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SANTILLI, Maria Aparecida. **Africanidade**. São Paulo: Ática, 1985a.

SANTILLI, Maria Aparecida. **Estórias africanas: história e antologia**. São Paulo: Ática, 1985b.

SANTILLI, Maria Aparecida. **Paralelas e tangentes: entre literaturas de língua portuguesa**. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

SANTOS, Martins dos. **Cultura, Educação e Ensino em Angola**. Braga-Portugal, 1998. (Edição Eletrônica).

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SCHMIDT, Simone Pereira. Exílio e experiência feminina. In: SECCO, Carmen Tindó; SALGADO, Maria Teresa; JORGE, Sílvia Renato. **África: escritas literárias**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Angola: UEA, 2010.

SCHMIDT, Simone Pereira. Viagens fora da minha terra: trânsitos coloniais sob a perspectiva das mulheres. In: GONÇALVES, Ana Beatriz; CARRIZO, Silvína Liliana; LAGE, Verônica Lucy Coutinho. **Literatura, crítica e cultura III: Interfaces**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2009.

SCHWANTES, Cíntia. Dilemas da representação feminina. In: **OPSIS**, v. 6, 2006.

SEABRA, José Augusto. **De exílio em exílio – I Resistências e errâncias (1953-1963)**. Porto: Fólio Edições, 2004.

SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro. Mãos femininas e gestos de poesia. In: MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante. **A mulher em África**: Vozes de uma margem sempre presente. Lisboa: Edições Colibri, 2007.

SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro. Sonhos, paisagens e memórias na poesia moçambicana contemporânea. **Gragoatá**, Niterói, n.12, p.161-178, 1º sem. 2002.

SEMEDO, Odete. Guiné-Bissau, mulheres e letras: vozes femininas... por detrás dos escritos. In: SECCO, Carmen Lucia Tindó; SALGADO, Maria Teresa; JORGE, Silvio Renato. **Pensando África**: Literatura, arte, cultura e ensino. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional, 2010.

SEMEDO, Odete. **No fundo do canto**. Belo Horizonte: Nandyala, 2007.

SEMEDO, Rui Jorge. Uma radiografia do processo literário guineense. In: **REALIS** (Revista de Estudos AntiUtilitaristas e PosColonais), v. 2, n. 02, jul-dez 2012.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. Ainda sobre a escrita feminina: em que consiste a diferença? In: **Interdisciplinar**. Ano 5, v. 10, jan-jun de 2010.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **Mulheres representadas na literatura de autoria feminina**: vozes de permanência e poética da agressão. Campina Grande: EDUEPB, 2010.

SILVA, Artur Augusto da. **Usos e costumes jurídicos dos fulas da Guiné-Bissau**. Bolama: INACEP, 1980.

SILVA, Elisa Maria Taborda da; CURY, Maria Zilda Ferreira. Representações da diáspora na escrita de Orlanda Amarílis. In: **Revista do Cesp**, v. 31, n. 46, jul-dez. 2011.

SILVA, Eugênio Alves da. O favejado de ser mulher no meio rural angolano. Identidade de gênero e tradição cultural. In: **Nguzu**: Revista do Núcleo de Estudos Afro-Asiáticos da Universidade Estadual de Londrina. Ano 2, n. 2, março/julho de 2012.

SILVA, Eugênio Alves da; CARVALHO, Maria João de. **Educação em Angola e (des)igualdades de gênero**: quando a tradição cultural é fator de exclusão. Atas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho, 2009.

SILVA, Luiz Andrade. Racordai, leitura autobiográfica da caminhada de uma cabo-verdiana [Maria de Lourdes de Jesus] na Itália. **Latitudes**. N. 02. Février, 1998.

SOARES, Paulo Marcondes Ferreira. Exílio e diáspora nas personagens de ficção Paulo Martins (Terra em transe) e Paco (Terra estrangeira). In: **Civitas**, Porto Alegre, v. 14, n. 01, jan./abr. 2014.

SORJ, Bernardo. **Diáspora, Judaísmo e Teoria Social**. Disponível em: <<http://www.bernardosorj.com/pdf/diasporajudaismoeteoriasocial.pdf>>. Acesso em: Janeiro de 2019.

TAVARES, Ana Paula. **Ritos de passagem**. Luanda: União dos Escritores angolanos, 1985.

TENREIRO, Francisco José. **Ilha de nome Santo**. Coimbra: Coleção no Cancioneiro, 1942.

TOLENTINO, Nancy Curado. **Migrações, remessas e desenvolvimento**: o caso africano. SOCIUS – Centro de Investigação em Sociologia Econômica e das Organizações. Universidade Técnica de Lisboa, 2009.

TÖLÖLYAN, Khachig. Estudos da diáspora: passado, presente e promessa. **Revista Translatio**, Porto Alegre, n. 13, Junho de 2017.

TOPEL, Maria F. Terra prometida, exílio e diáspora: apontamentos e reflexões sobre o caso judeu. In: JARDIM, Denise F.; LEAL, João; DIMANT, Mauricio. **Horizontes Antropológicos**: Diásporas. Porto Alegre: UFRGS. IFCH, 2015.

TUTIKIAN, Jane. **Inquietos olhares**: a construção do processo de identidade nacional nas obras de Lídia Jorge e Orlanda Amarílis. São Paulo: Arte & Ciência, 1999.

TUTIKIAN, Jane. Por uma Pasárgada caboverdiana. In: MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante. **A mulher em África**. Vozes de uma margem sempre presente. Lisboa: Edições Colibri, 2007.

VARELA, Odair. Lista completa dos livros para infância de Cabo Verde. Publicado em: Jul. 2016. Disponível em: <daivarela.blogspot.com.br/>. Acesso em: Maio de 2017.

VASCONCELOS, Helena. **Humilhação e glória** – O acidentado percurso de algumas mulheres singulares. Lisboa: Quetzal, 2012.

VOLPE, Miriam L. **Geografias de exílio**. Juiz de Fora: Ed. da UFJF, 2005.

VOLPE, Miriam L. Geografias de exílio: Mario Benedetti, um intelectual latino-americano. **Em Tese**, Belo Horizonte, v. 07, p. 45-55, dez. 2003.

WIESER, Doris. **Os anjos de Deus são brancos até hoje** (Entrevista com Paulina Chiziane). Nov. 2014. Disponível em: <<http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/os-anjos-de-deus-sao-brancos-ate-hoje-entrevista-a-paulina-chiziane>>. Acesso em: Ago. 2016.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

ZOLIN, Lúcia Osana. A literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pós-modernidade. In: **IPOTESI**, Juiz de Fora, v. 13, n.02, jul./dez., 2009.

ZOLIN, Lúcia Osana. O matador, de Patrícia Melo: gênero e representação. In: **Revista Letras**, Curitiba, n. 71, jan./abr. 2007, Editora UFPR.

ZUCCHI, Vanessa. et al. Do calor do fogo ao calor dos corpos: representações da mulher em Como água para chocolate. In: ZINANI, Cecil Jeanine Albert. SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. **Mulher e Literatura**: História, Gênero, Sexualidade. Caxias do Sul, RS: EducS, 2010.

## II WEBGRÁFICAS

### 2.1 ANGOLA

#### 2.1.1 Sites de Jornais e Agências de Notícias

Alice Berenguel estreia-se com *A União faz a força*. **ANGOP**, 26 jun. 2010. Disponível em: <[http://www.portalangop.co.ao/angola/pt\\_pt/noticias/lazer-e-cultura/2010/5/25/Alice-Berenguel-estreia-com-Uniao-Faz-Forca,d2e7809c-d244-426a-be29-6142cbf28b09.html](http://www.portalangop.co.ao/angola/pt_pt/noticias/lazer-e-cultura/2010/5/25/Alice-Berenguel-estreia-com-Uniao-Faz-Forca,d2e7809c-d244-426a-be29-6142cbf28b09.html)>. Acesso em: Maio de 2016.

Amélia Dalomba apresenta obra hoje no Camões. **Jornal Cultura**, 22 fev. 2018. Disponível em: <[tpa.sapo.ao/noticias/cultura/amelia-da-lomba-apresenta-obra-hoje-no-camoes](http://tpa.sapo.ao/noticias/cultura/amelia-da-lomba-apresenta-obra-hoje-no-camoes)> Acesso em: Fev. de 2018.

Ana Paula Castro: “Odeio a opressão”. **Novo Jornal**, Luanda, 19 dez. 2013. Disponível em: <[www.novojornal.co.ao](http://www.novojornal.co.ao)>. Acesso em: Maio de 2016.

Angolana [Ngonguita Diogo] é destaque da 8ª Jornada de Escritoras. **Rede Angola**, 31 jul. 2015. Disponível em: <<http://www.redeangola.info/o-papel-das-mulheres-na-cultura-nacional/>>. Acesso em: Maio de 2016.

A obra literária “Uma vez só não basta” de Anny Pereira vai ser lançada hoje. **ANGOP**, 24 abr. 2000. Disponível em: <[http://www.angop.ao/angola/pt\\_pt/noticias/lazer-e-cultura/2000/3/17/,6721ba87-4273-4227-b5aa-c4ad5f004c9f.html](http://www.angop.ao/angola/pt_pt/noticias/lazer-e-cultura/2000/3/17/,6721ba87-4273-4227-b5aa-c4ad5f004c9f.html)>. Acesso em: Abril de 2016.

A obra literária intitulada “Insônias Líricas” de autoria de Cecília Ndanyakukua será lançada. **ANGOP**, 30 out. 2002. Disponível em: <[http://m.portalangop.co.ao/angola/pt\\_pt/mobile/noticias/lazer-e-cultura/2002/9/44/,04203da3-3f5c-48fc-8547-47d88b3e57ae.html?version=mobile](http://m.portalangop.co.ao/angola/pt_pt/mobile/noticias/lazer-e-cultura/2002/9/44/,04203da3-3f5c-48fc-8547-47d88b3e57ae.html?version=mobile)>. Acesso em: Maio de 2016.

Autora Helga Santos incentiva as crianças. **Jornal de Angola**, 16 set. 2015. Disponível em: <[http://jornaldeangola.sapo.ao/cultura/livros/autora\\_helga\\_santos\\_incentiva\\_as\\_criancas](http://jornaldeangola.sapo.ao/cultura/livros/autora_helga_santos_incentiva_as_criancas)>. Acesso em: Mar. de 2018.

Branca Clara das Neves: Luena Luanda Lisboa. **Rede Angola**, 08 set. 2014. Disponível em: <<http://m.redeangola.info/luena-luanda-lisboa/>>. Acesso em: Abril de 2016.

Brigitte Caferro publica livro de poesia. **Rede Angola**, 10 mar. 2014. Disponível em: <[www.redeangola.info/brigitte-caferro-publica-livro-de-poesia/](http://www.redeangola.info/brigitte-caferro-publica-livro-de-poesia/)>. Acesso em: Abril de 2016.

Cássia do Carmo traduzida para o hebraico. **Jornal Cultura**, 01 jun. 2012. Disponível em: <<http://jornalcultura.sapo.ao/letras/cassia-do-carmo-traduzida-para-o-hebraico>>. Acesso em: Abril de 2016.

Chó do Guri lança obra sobre a vida das trabalhadoras de sexo de Viana. **ANGOP**, 15 mar. 2016. Disponível em: <[http://www.portalangop.co.ao/angola/pt\\_pt/noticias/lazer-e-cultura/2016/2/11/Cho-Guri-lanca-obra-sobre-vida-das-trabalhadoras-sexo-Viana,bf6349ec-8e43-4260-b854-5c9cde9d8693.html](http://www.portalangop.co.ao/angola/pt_pt/noticias/lazer-e-cultura/2016/2/11/Cho-Guri-lanca-obra-sobre-vida-das-trabalhadoras-sexo-Viana,bf6349ec-8e43-4260-b854-5c9cde9d8693.html)>. Acesso em: Maio de 2016.

Chó do Guri – A filha do alemão que foi prêmio Marquês de Valle Flor. **Jornal Cultura: Jornal Angolano de Artes e Letras**, p.05-06, 15 a 28 de Ago. de 2017. Disponível em: <<http://jornalcultura.sapo.ao/letras/cho-do-guri-a-filha-do-alemao-que-foi-premio-marques-de-valle-flor/fotos>>. Acesso em: Março de 2018.

Conto “As duas amigas” de Cássia do Carmo será lançado na próxima semana. **O País**, Luanda. Disponível em: <<http://opais.co.ao/conto-as-duas-amigas-de-cassia-do-carmo-sera-lancado-na-proxima-semana/>>. Acesso em: Abril de 2016.

Contos tradicionais de Cremilda Lima em latas de leite. **ANGOP**, 07 out. 2014. Disponível em: <[http://www.portalangop.co.ao/angola/pt\\_pt/noticias/lazer-e-cultura/2014/9/41/Contos-tradicionais-Cremilda-Lima-latas-leite,2a242d3d-a1b9-44a6-b7f1-97dfc629a32f.html](http://www.portalangop.co.ao/angola/pt_pt/noticias/lazer-e-cultura/2014/9/41/Contos-tradicionais-Cremilda-Lima-latas-leite,2a242d3d-a1b9-44a6-b7f1-97dfc629a32f.html)>. Acesso em: Abril de 2016.

Cynthia Perez, autora de “Música do Coração”. **Jornal Cultura**, 21 jul. 2014. Disponível em: <<http://jornalcultura.sapo.ao/letras/cynthia-perez-autora-de-musica-do-coracao/fotos>>. Acesso em: Maio de 2016.

Denise Kangandala: “Não escrevo com intuito de ganhar mundos e fundos”. **Mwangolé: Jornal de Atualidade Angolana**. Edição dos Serviços de Imprensa da Embaixada de Angola em Portugal, n. 76, dez. de 2014. Disponível em: <[www.embaixadadeangola.org](http://www.embaixadadeangola.org)>. Acesso em: Março de 2018.

Denise Mandleine apresenta livro de estreia. **Jornal de Angola**, Luanda, 31 dez. 2013. Disponível em: <[http://jornaldeangola.sapo.ao/cultura/denise\\_mandleine\\_apresenta\\_livro\\_de\\_estreia](http://jornaldeangola.sapo.ao/cultura/denise_mandleine_apresenta_livro_de_estreia)>. Acesso em: Maio de 2016.

Djina lança livro intitulado “Surrealismo do quotidiano”. **ANGOP**, 30 jul. 2014. Disponível em: <[http://www.portalangop.co.ao/angola/pt\\_pt/noticias/lazer-e-cultura/2014/6/31/Djina-lanca-livro-intitulado-Surrealismo-Quotidiano,82096f8b-4738-4e19-9459-5f03b83ee116.html](http://www.portalangop.co.ao/angola/pt_pt/noticias/lazer-e-cultura/2014/6/31/Djina-lanca-livro-intitulado-Surrealismo-Quotidiano,82096f8b-4738-4e19-9459-5f03b83ee116.html)> . Acesso em: Maio de 2016.

Elsa Major publica livro de poesia. **Rede Angola**, 03 ago. 2014. Disponível em: <<http://www.redeangola.info/elsa-major-publica-livro-de-poesia/>>. Acesso em: Maio de 2016.

Escritora Ana Branco lança obra literária “A despedida de mim”. **ANGOP**, 29 jul. 2004. Disponível em: <[http://www.angop.ao/angola/pt\\_pt/noticias/lazer-e-cultura/2004/6/31/Escritora-Ana-Branco-lanca-obra-literaria-Despedida-Mim,2cc74929-fa63-41ff-8627-ad3470bb763a.html](http://www.angop.ao/angola/pt_pt/noticias/lazer-e-cultura/2004/6/31/Escritora-Ana-Branco-lanca-obra-literaria-Despedida-Mim,2cc74929-fa63-41ff-8627-ad3470bb763a.html)>. Acesso em: Maio de 2016.

Escritora angolana Chó do Guri lança 5ª obra literária. **ANGOP**, 09 jan. 2007. Disponível em: <[www.portalangop.co.ao/angola/pt\\_pt/noticias/lazer-e-cultura/2007/0/2/Escritora-angolana-Cho-Guri-lanca-obra-literaria,820e382e-4146-405f-9cd7-245092d71210.html](http://www.portalangop.co.ao/angola/pt_pt/noticias/lazer-e-cultura/2007/0/2/Escritora-angolana-Cho-Guri-lanca-obra-literaria,820e382e-4146-405f-9cd7-245092d71210.html)>. Acesso em: Maio de 2016.

Escritora Carla Queiroz. **ANGOP**, 29 set. 2001. Disponível em: <[http://www.angop.ao/angola/pt\\_pt/noticias/educacao/2007/11/51/,293a24d1-bb6e-4079-915a-206f91cf5dcc.html](http://www.angop.ao/angola/pt_pt/noticias/educacao/2007/11/51/,293a24d1-bb6e-4079-915a-206f91cf5dcc.html)>. Acesso em: Abril de 2016.

Escritora Ciciolânia Marques coloca ao dispor do público benguelense livro infantil. **ANGOP**, 24 set. 2015. Disponível em: <[http://www.angop.ao/angola/pt\\_pt/noticias/lazer-e-cultura/2015/8/39/Benguela-Escritora-Ciciolania-Marques-coloca-dispor-publico-benguelense-livro-infantil,837d24a8-bc69-4ec7-b793-9894b0e64fef.html](http://www.angop.ao/angola/pt_pt/noticias/lazer-e-cultura/2015/8/39/Benguela-Escritora-Ciciolania-Marques-coloca-dispor-publico-benguelense-livro-infantil,837d24a8-bc69-4ec7-b793-9894b0e64fef.html)>. Acesso em: Maio de 2016.

Escritora Delfina Teixeira apresenta obras literárias. **ANGOP**, 27 ago. 2015. Disponível em: <[http://www.portalangop.co.ao/angola/pt\\_pt/noticias/lazer-e-cultura/2015/7/35/Angola-Escritora-Delfina-Teixeira-apresenta-obras-literarias,8890ea2d-1016-4ba5-8a77-6f744d9f1028.html](http://www.portalangop.co.ao/angola/pt_pt/noticias/lazer-e-cultura/2015/7/35/Angola-Escritora-Delfina-Teixeira-apresenta-obras-literarias,8890ea2d-1016-4ba5-8a77-6f744d9f1028.html)>. Acesso em: Maio de 2016.

Escritora Domingas Monte vende e autografa livro em Caxito. **ANGOP**, 17 abr. 2015. Disponível em: <[www.portalangop.co.ao/angola/pt\\_pt/noticias/lazer-e-cultura/2015/3/16/Bengo-Escritora-Domingas-Monte-vende-autografa-livro-Caxito,9e789bea-0b9f-4f0b-9bdf-7b65358f0604.html](http://www.portalangop.co.ao/angola/pt_pt/noticias/lazer-e-cultura/2015/3/16/Bengo-Escritora-Domingas-Monte-vende-autografa-livro-Caxito,9e789bea-0b9f-4f0b-9bdf-7b65358f0604.html)>. Acesso em: Maio de 2016.

Escritora Esmeralda Augusto apresenta obra “Gritos da alma”. **ANGOP**, 08 maio 2012. Disponível em: <[http://www.portalangop.co.ao/angola/pt\\_pt/noticias/lazer-e-cultura/2012/4/19/Escritora-Esmeralda-Augusto-apresenta-obra-Gritos-alma,2e1c09cc-ad82-4a14-87d4-fedc9855af70.html](http://www.portalangop.co.ao/angola/pt_pt/noticias/lazer-e-cultura/2012/4/19/Escritora-Esmeralda-Augusto-apresenta-obra-Gritos-alma,2e1c09cc-ad82-4a14-87d4-fedc9855af70.html)>. Acesso em: Maio de 2016.

Escritora Kanguimbo Ananaz lança “Pétalas Rasgadas”. **ANGOP**, 25 abr. 2015. Disponível em: <[http://www.portalangop.co.ao/angola/pt\\_pt/noticias/lazer-e-cultura/2015/3/17/Angola-Escritora-Kanguimbo-Ananaz-lanca-Petalas-Rasgadas,663ee92c-de34-4e10-afaa-8b625a2fa49d.html](http://www.portalangop.co.ao/angola/pt_pt/noticias/lazer-e-cultura/2015/3/17/Angola-Escritora-Kanguimbo-Ananaz-lanca-Petalas-Rasgadas,663ee92c-de34-4e10-afaa-8b625a2fa49d.html)>. Acesso em: Maio de 2016.

Escritora Kanguimbo Ananaz relança duas obras em Lisboa. **ANGOP**, 08 jul. 2017. Disponível em: <[http://www.angop.ao/angola/pt\\_pt/noticias/lazer-e-cultura/2017/6/27/Portugal-Escritora-Kanguimbo-Ananas-relanca-duas-obras-Lisboa,5535a234-6231-475a-a949-1e6d9988b03e.html](http://www.angop.ao/angola/pt_pt/noticias/lazer-e-cultura/2017/6/27/Portugal-Escritora-Kanguimbo-Ananas-relanca-duas-obras-Lisboa,5535a234-6231-475a-a949-1e6d9988b03e.html)>. Acesso em: Março de 2018.

Escritora Lueji Dharma: O outro lado da gente. *Jornal de Angola*, Luanda, 10 fev. 2016. Disponível em: <[http://jornaldeangola.sapo.ao/gente/o\\_outro\\_lado\\_da\\_gente\\_lueji\\_dharma](http://jornaldeangola.sapo.ao/gente/o_outro_lado_da_gente_lueji_dharma)>. Acesso em: Março de 2018.

Escritora Lueji Dharma com obra de estreia no mercado nacional. **ANGOP**, 25 ago. 2009. Disponível em: <[http://www.angop.ao/angola/pt\\_pt/noticias/lazer-e-cultura/2009/7/35/Escritora-Lueji-Dharma-com-obra-estreia-mercado-nacional,c87c3a56-40ae-4b79-a53e-1149edfcbd2b.html](http://www.angop.ao/angola/pt_pt/noticias/lazer-e-cultura/2009/7/35/Escritora-Lueji-Dharma-com-obra-estreia-mercado-nacional,c87c3a56-40ae-4b79-a53e-1149edfcbd2b.html)>. Acesso em: Março de 2018.

Escritora Ngonguita Diogo lança obra Sinay na UEA. **ANGOP**, 04 maio 2011. Disponível em: <[http://m.portalangop.co.ao/angola/pt\\_pt/mobile/noticias/lazer-e-cultura/2011/4/18/Escritora-Ngonguita-lanca-obra-Sinay-UEA,40f782d8-4106-4fe3-9a5b-649b5e5eb3f0.html?version=mobile](http://m.portalangop.co.ao/angola/pt_pt/mobile/noticias/lazer-e-cultura/2011/4/18/Escritora-Ngonguita-lanca-obra-Sinay-UEA,40f782d8-4106-4fe3-9a5b-649b5e5eb3f0.html?version=mobile)>. Acesso em: Maio de 2016.

Escritora Paula Nabais apresenta obra “Por favor... Também se usa”. **ANGOP**, 07 jun. 2009. Disponível em: <[http://m.portalangop.co.ao/angola/pt\\_pt/mobile/noticias/lazer-e-cultura/2009/5/23/Escritora-Paula-Nabais-apresenta-obra-Por-favor-Tambem-usa-quot,d32e6897-2c0b-4274-be03-d74f1f4bdb3b.html?version=mobile](http://m.portalangop.co.ao/angola/pt_pt/mobile/noticias/lazer-e-cultura/2009/5/23/Escritora-Paula-Nabais-apresenta-obra-Por-favor-Tambem-usa-quot,d32e6897-2c0b-4274-be03-d74f1f4bdb3b.html?version=mobile)>. Acesso em: Maio de 2016.

Escritora Paula Russa lança duas obras literárias em M'Banza Congo. **ANGOP**, 06 set. 2014. Disponível em: <[http://www.angop.ao/angola/pt\\_pt/noticias/lazer-e-cultura/2014/8/36/Zaire-Escritora-Paula-Russa-lanca-duas-obras-literarias-Banza-Congo,4ee0cb22-8bbb-46c3-bf48-66e4ff9dab46.html](http://www.angop.ao/angola/pt_pt/noticias/lazer-e-cultura/2014/8/36/Zaire-Escritora-Paula-Russa-lanca-duas-obras-literarias-Banza-Congo,4ee0cb22-8bbb-46c3-bf48-66e4ff9dab46.html)>. Acesso em: Maio de 2016.

Escritora Paula Russa de Benguela lançou livro para crianças. *Jornal de Angola*, Luanda, 10 out. 2011. Disponível em: <[http://jornaldeangola.sapo.ao/cultura/livros/escritora\\_de\\_benguela\\_lancou\\_livro\\_para\\_crianças](http://jornaldeangola.sapo.ao/cultura/livros/escritora_de_benguela_lancou_livro_para_crianças)>. Acesso em: Maio de 2016.

Escritora Rosa Berta advoga maior incentivo à leitura. **ANGOP**, 14 jun. 2014. Disponível em: <[http://m.portalangop.co.ao/angola/pt\\_pt/noticias/lazer-e-cultura/2014/5/24/Cuando-Cubango-Escritora-Rosa-Berta-advoga-maior-incentivo-leitura,3d47d4c2-17d3-49f4-aa09-d27fc9a5b708.html](http://m.portalangop.co.ao/angola/pt_pt/noticias/lazer-e-cultura/2014/5/24/Cuando-Cubango-Escritora-Rosa-Berta-advoga-maior-incentivo-leitura,3d47d4c2-17d3-49f4-aa09-d27fc9a5b708.html)>. Acesso em: Maio de 2016.

Escritora Soraia Mendes apresenta no Lubango “O sorriso da Uiki”. **ANGOP**, 17 set. 2014. Disponível em: <[http://m.portalangop.co.ao/angola/pt\\_pt/noticias/lazer-e-cultura/2014/8/38/Huila-Escritora-Soraia-Mendes-apresenta-Lubango-sorriso-Uiki,0330be51-07c5-4cc8-8493-2eacc28f5b97.html](http://m.portalangop.co.ao/angola/pt_pt/noticias/lazer-e-cultura/2014/8/38/Huila-Escritora-Soraia-Mendes-apresenta-Lubango-sorriso-Uiki,0330be51-07c5-4cc8-8493-2eacc28f5b97.html)>. Acesso em: Maio de 2016.

Escritora Vanessa Pereira com nova obra para o mercado literário angolano. **ANGOP**, 27 jun. 2013. Disponível em: <[http://www.angop.ao/angola/pt\\_pt/noticias/lazer-e-cultura/2013/5/26/Escritora-Vanessa-Pereira-com-nova-obra-para-mercado-literario-angolano,e26ee919-9d21-449a-9c66-3c1df6017940.html](http://www.angop.ao/angola/pt_pt/noticias/lazer-e-cultura/2013/5/26/Escritora-Vanessa-Pereira-com-nova-obra-para-mercado-literario-angolano,e26ee919-9d21-449a-9c66-3c1df6017940.html)>. Acesso em: Maio de 2016.

Escritora Yola Castro destaca a importância do livro na família. **ANGOP**, 24 jul. 2015. Disponível em: <[http://www.angop.ao/angola/pt\\_pt/noticias/lazer-e-cultura/2015/6/30/Escritora-destaca-importancia-livro-familia,bb0715f9-cdda-4a68-909f-c136e5b11fcf.html](http://www.angop.ao/angola/pt_pt/noticias/lazer-e-cultura/2015/6/30/Escritora-destaca-importancia-livro-familia,bb0715f9-cdda-4a68-909f-c136e5b11fcf.html)>. Acesso em: Maio de 2016.

Escritora Zilda Fontes lança livro de estreia “Amor protegido”. **ANGOP**, 29 out. 2009. Disponível em: <[http://www.angop.ao/angola/pt\\_pt/noticias/lazer-e-cultura/2009/9/44/Escritora-Zilda-Fontes-lanca-livro-estreia-quot-Amor-Protegido-quot,b3b6ecf1-cc82-4849-ab49-851af1217508.html](http://www.angop.ao/angola/pt_pt/noticias/lazer-e-cultura/2009/9/44/Escritora-Zilda-Fontes-lanca-livro-estreia-quot-Amor-Protegido-quot,b3b6ecf1-cc82-4849-ab49-851af1217508.html)>. Acesso em: Maio de 2016.

Escritora Zulinni Bumba defende realização mensal de feiras infantis do livro. **ANGOP**, 22 jun. 2015. Disponível em: <[http://m.portalangop.co.ao/angola/pt\\_pt/noticias/lazer-e-cultura/2015/5/26/Escritora-Zulinni-Bumba-defende-realizacao-mensal-feiras-infantis-livro,5c7d9759-5404-4222-b0f0-8fda867e1c86.html](http://m.portalangop.co.ao/angola/pt_pt/noticias/lazer-e-cultura/2015/5/26/Escritora-Zulinni-Bumba-defende-realizacao-mensal-feiras-infantis-livro,5c7d9759-5404-4222-b0f0-8fda867e1c86.html)>. Acesso em: Maio de 2016.

Feitiço na era da globalização em livro de escritora angolana [Ngonguita Diogo]. **ANGOP**, 22 maio 2011. Disponível em: <<http://www.voaportugues.com/a/article-05-22-2011-witchcraftangola-voanews-122410859/1260318.html>>. Acesso em: Maio de 2016.

Isabel Ferreira lança em Benguela “O leito do silêncio”. **Jornal Cultura**, 19 abr. 2014. Disponível em: <<http://jornalcultura.sapo.ao/letras/isabel-ferreira-lanca-em-benguela-o-leito-do-silencio>>. Acesso em: Maio de 2016.

Lançamento do livro “Borboleta dos meus vagares” da autora Denise Kangandala. **ANGOP**, 27 nov. 2008. Disponível em: <[http://www.portalangop.co.ao/angola/pt\\_pt/noticias/lazer-e](http://www.portalangop.co.ao/angola/pt_pt/noticias/lazer-e)

cultura/2008/10/48/Poetisa-vai-comercializar-livro-Ascensao-Cosmica,ffb71dad-5e52-43bb-a1cb-74579907f7e4.html>. Acesso em: Maio de 2016.

Lançamento do livro “Deserto de emoções” da escritora angolana Elis Cruz. **ANGOP**, 12 jun. 2012. Disponível em: <[http://www.portalangop.co.ao/angola/pt\\_pt/noticias/lazer-e-cultura/2002/5/24/,ab37f869-4ede-496d-bde0-39bab769ae43.html](http://www.portalangop.co.ao/angola/pt_pt/noticias/lazer-e-cultura/2002/5/24/,ab37f869-4ede-496d-bde0-39bab769ae43.html)>. Acesso em: Maio de 2016.

Livro “Natal, Pão e Amor” [de Rosa Roque] é lançado sábado. **ANGOP**, 30 dez. 2011. Disponível em: <[http://m.portalangop.co.ao/angola/pt\\_pt/mobile/noticias/lazer-e-cultura/2011/11/52/Livro-Natal-Pao-Amor-lancado-sabado,da32cb6b-5644-4c0b-b496-43aec019d564.html?version=mobile](http://m.portalangop.co.ao/angola/pt_pt/mobile/noticias/lazer-e-cultura/2011/11/52/Livro-Natal-Pao-Amor-lancado-sabado,da32cb6b-5644-4c0b-b496-43aec019d564.html?version=mobile)>. Acesso em: Maio de 2016.

Livro de poesia marca a estreia de Yelisa Visimilo. **Jornal de Angola**, Luanda, 23 dez. 2012. Disponível em: <[http://jornaldeangola.sapo.ao/cultura/livros/livro\\_de\\_poesia\\_marca\\_a\\_estreia\\_de\\_yelisa\\_visimilo](http://jornaldeangola.sapo.ao/cultura/livros/livro_de_poesia_marca_a_estreia_de_yelisa_visimilo)>. Acesso em: Maio de 2016.

Luaia Gomes Pereira lança livro de estreia. **Jornal de Angola**, Luanda, 03 abr. 2016. Disponível em: <[http://jornaldeangola.sapo.ao/cultura/luaia\\_gomes\\_pereira\\_lanca\\_livro\\_de\\_estreia](http://jornaldeangola.sapo.ao/cultura/luaia_gomes_pereira_lanca_livro_de_estreia)>. Acesso em: Maio de 2016.

Maria Nachaca Canganjo “Natchuca” lança obra “No céu da palavra”. **ANGOP**, 27 jun. 2014. Disponível em: <[http://cdn1.portalangop.co.ao/angola/pt\\_pt/noticias/lazer-e-cultura/2014/5/26/Adolescente-Maria-Nachaca-Canganjo-Natchuca-lanca-obra-ceu-palavra-Huambo,cef8985f-538b-49d3-b6b5-a6783840ddd9.html](http://cdn1.portalangop.co.ao/angola/pt_pt/noticias/lazer-e-cultura/2014/5/26/Adolescente-Maria-Nachaca-Canganjo-Natchuca-lanca-obra-ceu-palavra-Huambo,cef8985f-538b-49d3-b6b5-a6783840ddd9.html)>. Acesso em: Maio de 2016.

Morte de Gabriela Antunes deixa um vazio na literatura infantil angolana. **ANGOP**, 07 abr. 2004. Disponível em: <[http://www.portalangop.co.ao/angola/pt\\_pt/noticias/lazer-e-cultura/2004/3/15/Morte-Gabriela-Antunes-deixa-vazio-literatura-infantil-angolana,0109736b-9f11-4796-a5d3-fca011874271.html](http://www.portalangop.co.ao/angola/pt_pt/noticias/lazer-e-cultura/2004/3/15/Morte-Gabriela-Antunes-deixa-vazio-literatura-infantil-angolana,0109736b-9f11-4796-a5d3-fca011874271.html)>. Acesso em: Maio de 2016.

Obra “As mulheres honradas e insubmissas de Angola” [da escritora Dya Kassembe] à venda na portaria da RNA. **ANGOP**, 11 set. 2005. Disponível em: <[http://www.portalangop.co.ao/angola/pt\\_pt/noticias/lazer-e-cultura/2005/8/36/Obra-mulheres-honradas-insubmissas-Angola-venda-portaria-RNA,6ba8c552-bb4d-4b13-a932-aa8ca5e060ed.html](http://www.portalangop.co.ao/angola/pt_pt/noticias/lazer-e-cultura/2005/8/36/Obra-mulheres-honradas-insubmissas-Angola-venda-portaria-RNA,6ba8c552-bb4d-4b13-a932-aa8ca5e060ed.html)>. Acesso em: Maio de 2016.

O “racismo” de Deolinda Rodrigues. **Rede Angola**, 04 mar. 2015. Disponível em: <[ww.redeangola.info/opiniao/o-racismo-de-deolinda-rodrigues/](http://ww.redeangola.info/opiniao/o-racismo-de-deolinda-rodrigues/)>. Acesso em: Maio de 2016.

Otoniela Bezerra vai mostrar que “O amor conquista tudo”. **Rede Angola**, 09 dez. 2015. Disponível em: <<http://www.redeangola.info/ottoniela-bezerra-vai-mostrar-que-o-amor-conquista-tudo/>>. Acesso em: Maio de 2016.

Poetisa Elga Luísa Tati lança livro em Luanda. **Jornal de Angola**, Luanda, 14 jun. 2012. Disponível em: <[http://jornaldeangola.sapo.ao/cultura/livros/poetisa\\_elga\\_luisa\\_tati\\_lanca\\_livro\\_em\\_luanda](http://jornaldeangola.sapo.ao/cultura/livros/poetisa_elga_luisa_tati_lanca_livro_em_luanda)>. Acesso em: Maio de 2016.

Primeira obra literária de Fernanda Baião. **ANGOP**, 26 mar. 2003. Disponível em: <[http://www.portalangop.co.ao/angola/pt\\_pt/noticias/lazer-e-cultura/2003/2/13/1c99cdc3-76d0-4c01-b4be-6cc51a2969bc.html](http://www.portalangop.co.ao/angola/pt_pt/noticias/lazer-e-cultura/2003/2/13/1c99cdc3-76d0-4c01-b4be-6cc51a2969bc.html)>. Acesso em: Maio de 2016.

Primeiro livro de poesia de Isabel Pinto Morais. **Jornal de Angola**, Luanda, 24 ago. 2013. Disponível em: <[http://jornaldeangola.sapo.ao/cultura/livros/primeiro\\_livro\\_de\\_poesia\\_de\\_isabel\\_pinto\\_morais](http://jornaldeangola.sapo.ao/cultura/livros/primeiro_livro_de_poesia_de_isabel_pinto_morais)>. Acesso em: Maio de 2016.

Recital de Ngonguita Diogo e Amigos. In: **Jornal de Angola**. **Jornal de Angola**, Luanda, 04 fev. 2018. Disponível em: <[http://jornaldeangola.sapo.ao/cultura/ngonguita\\_diogo\\_e\\_amigos\\_animam\\_recital\\_de\\_poesia\\_e\\_musica](http://jornaldeangola.sapo.ao/cultura/ngonguita_diogo_e_amigos_animam_recital_de_poesia_e_musica)>. Acesso em: Março de 2018.

Rosa Soares volta aos escritos com o livro “Flores não são para os mortos”. **O País**, Luanda, 22 dez. 2017. Disponível em: <<http://opais.co.ao/index.php/2017/12/22/rosa-soares-volta-aos-escritos-com-o-livro-flores-nao-sao-para-os-mortos/>>. Acesso em: Março de 2018.

“Suspiros” de Teresa Quinguaia lançados na UEA. **O País**, Luanda, 24 abr. 2015. Disponível em: <<http://opais.co.ao/suspiros-de-teresa-quinaua-lancados-na-uea/>>. Acesso em: Maio de 2016.

### 2.1.2 Sites de Revistas

A história da militante angolana Deolinda Rodrigues. **Revista Raça Brasil**, 25 jun. 2014. Acesso em: <<http://racabrasil.uol.com.br/colunistas/a-historia-da-militante-angolana-deolinda-rodrigues/2242/>>. Acesso em Maio de 2016.

Angola: uma história de amor e guerra. **Revista Espaço Acadêmico**, Ano II, n. 21, fev. 2003. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/021/21cmarinho.htm>>. Acesso em: Maio de 2016.

Cláudia Cassoma - Conto “Boa Sorte, Dieji”. **Revista Palavra & Arte**, set. 2017. Disponível em: <<http://palavraearte.co.ao/boa-sorte-dieji/>>. Acesso em: Março de 2018.

Irina Almeida anuncia livro de estreia “Nua na cidade”. **Revista PlatinaLine**, 15 jan. 2013. Disponível em: <<http://platinaline.com/index.php/vidas/item/6816-irina-de-almeida-anuncia-livro-de-estreia-nua-na-cidade/6816-irina-de-almeida-anuncia-livro-de-estreia-nua-na-cidade>>. Acesso em: Maio de 2016.

Lançamento do livro “Borboleta dos meus vagares” da autora Denise Kangandala. **Revista PlatinaLine**, 27 nov. 2008. Disponível em: <<http://www.platinaline.com/index.php/vidas/item/12731-lancamento-do-livro-borboleta-dos-meus-vagares-da-autora-denise-kangandala/12731-lancamento-do-livro-borboleta-dos-meus-vagares-da-autora-denise-kangandala>>. Acesso em: Maio de 2016.

Perfil artístico de Lúcia Morais (Nereida). **Revista Palavra & Arte**, Jun./Jul. 2016. Disponível em: <<http://palavraearte.co.ao/lucia-morais/>>. Acesso em: Março de 2018.

Pinceladas em “Ritos de Passagem” – obra de Ana Paula Tavares (Ensaio). **Revista Palavra & Arte**, set. 2017. Disponível em: < <http://palavraearte.co.ao/pinceladas-em-ritos-de-passagem-obra-de-ana-paula-tavares/> >. Acesso em: Março de 2018.

### 2.1.3 Sites /Blogs de Editoras e Livrarias Virtuais

<<https://www.wook.pt/autor/aida-gomes/2032002>> Acesso em maio de 2016.

<<http://temas-originais.blogspot.com.br/p/airam-alice-pereira-santos.html>> Acesso em: Maio de 2016.

<<https://www.wook.pt/autor/alice-palmira/2884634>> Acesso em: Maio de 2016.

<<https://www.wook.pt/autor/ana-faria/36045>> Acesso em: Maio de 2016.

<<https://www.chiadoeditora.com/autores/anabela-fraza>> Acesso em: Maio de 2016.

<<https://www.chiadoeditora.com/autores/anabela-spranger>> Acesso em: Maio de 2016.

<<https://www.chiadoeditora.com/autores/antonieta-ribeiro>> Acesso em: Maio de 2016.

<<http://www.fnac.pt/Mar-Amor-e-Alma-Carla-Gomes/a653277>> Acesso em: Maio de 2016.

<<https://www.estantevirtual.com.br/livros/fernanda-vicente/a-garota-do-kalussowa/1608565700>> Acesso em: Março de 2018.

< <http://www.bulhosa.pt/livro/garota-do-kalussowa-a-fernanda-vicente/>> Acesso em: Março de 2018.

<<http://www.dgedicoes.com/editions/item/117-mousse-de-manga-mocangola>> Acesso em: Maio de 2016.

<<https://www.chiadoobooks.com/autores/luia-gomes-pereira>> Acesso em: Maio de 2016.

<<https://www.chiadoeditora.com/autores/luana-sul>> Acesso em: Maio de 2016.

<<https://www.chiadoeditora.com/autores/madalena-da-silva-vilela>> Acesso em: Maio de 2016.

### 2.1.4 Blogs / Websites de escritoras angolanas

Cláudia Cassoma:< <http://www.claudiacassoma.com/> > Acesso em: Março de 2018.

Denise Kangandala:< <http://denisekangandala.blogspot.com.br>> Acesso em: Fevereiro de 2018.

Dulce Braga: <<http://sabordemaboque.blogspot.com.br/>> Acesso em: Fevereiro de 2018.

Filipa Melo:< <https://www.filipamelo.com/livros> > Acesso em: Fevereiro de 2018.

Filomena Delgado:< <http://www.filomenadelgado.com/biografia> > Acesso em: Fevereiro de 2018.

Helena Osório: <<http://helenaosorio.blogspot.com.br/>> Acesso em: Fevereiro de 2018.

Inês Stanisiere: <<http://www.inesstanisiere.com.br/>> e  
<<http://mulherenlouquecida.blogspot.com.br/>> Acesso em: Fevereiro de 2018.

Irina Sopas: < <http://irinasopas.com/> > Acesso em: Fevereiro de 2018.

Ivandra Ferreira: < <http://ivandraferreira.blogspot.com.br/> > Acesso em: Fevereiro de 2018.

Lúcia Nereida do Carmo Moraes: < <http://nereidabyluciamorais.blogspot.com.br>> Acesso em: Fevereiro de 2018.

Maria Alice Gouveia: < <http://magautora.blogspot.com.br/> > Acesso em: Fevereiro de 2018.

Maria João Francisco Chipalavela: < <http://mariachipalavela.blogspot.com.br/> > Acesso em: Fevereiro de 2018.

Maria José Alves Pereira da Silva: < <http://mjaps.blogs.sapo.pt/> > Acesso em: Fevereiro de 2018.

Rosa Soares:< <http://www.meuagridoce.com/> > Acesso em: Fevereiro de 2018.

Sónia Gomes: < <http://songomes.blogspot.com.br/> > e <<http://qnbangola.com/SoniaGomes/#>  
> Acesso em: Fevereiro de 2018.

### 2.1.5 Outros *sites* consultados

“A Cabala do Pai Nosso”: Lançamento de novo romance no Brasil da escritora Ana Paula Castro, pela Giostri. Disponível em: <<http://www.wagnerwoelke.com.br/?p=1066>>. Acesso em: Fevereiro de 2018.

Angolana [Lígia Guerra] lança livro em João Pessoa na próxima segunda (3). Disponível em: <<https://www.clickpb.com.br/cultura/angolana-lanca-livro-em-joao-pessoa-na-proxima-segunda-3-22005.html>>. Acesso em: Maio de 2016.

Amélia Dalomba – uma poeta angolana. Disponível em: <<http://www.elfikurten.com.br/2015/06/amelia-dalomba.html> >. Acesso em: Maio de 2016.

Amélia Veiga lança poesia na Casa de Angola. Disponível em: <<http://pululu.blogspot.com.br/2006/12/amliia-veiga-lana-posesia-na-casa-de.html>>. Acesso em: Maio de 2016.

Chiquinha [Francisca Nzenze Meireles], a mulher por trás da Kindumba da A.N.A. Disponível em: <<http://www.borboletasnopapel.com/2015/10/chiquinha-mulher-por-tras-da-kindumba.html>>. Acesso em: Maio de 2016.

Dinamene Ribeiro de Sousa -“Pedaços de mim, partes vossas”. Disponível em: <<http://armazemdeideiaslimitada.blogspot.com.br/2013/12/pedacos-de-mim-partes-vossas.html>>. Acesso em: Maio de 2016.

Domingas Monte: “Sinto a necessidade e a urgência em escrever para expelir sentimentos”. Disponível em: <[http://www.livroseleituras.com/web/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1931%3Adomingas-monte-q&Itemid=175&catid=64%3A](http://www.livroseleituras.com/web/index.php?option=com_content&view=article&id=1931%3Adomingas-monte-q&Itemid=175&catid=64%3A)>. Acesso em: Maio de 2016.

Filomena Camacho: “Poesia é a música da alma”. Disponível em: <<http://www.osconfradesdapoesia.com/Biografia/FilomenaCamacho.htm>>. Acesso em: Maio de 2016.

Helena Osório: “Escrever é um desabafo da alma”. Disponível em: <[http://www.livroseleituras.com/web/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2277:helena-osorio-qescrever-e-um-desabafo-da-almaq&catid=64:escritores&Itemid=175](http://www.livroseleituras.com/web/index.php?option=com_content&view=article&id=2277:helena-osorio-qescrever-e-um-desabafo-da-almaq&catid=64:escritores&Itemid=175)>. Acesso em: Maio de 2016.

Juliana Pedro – Bio-Quem. Disponível em: <<http://www.ueangola.com/bio-quem/item/7-juliana-pedro>> Acesso em: Maio de 2016.

Maria Alexandre Dáskalos. Disponível em: <<http://tudosobreangola.blogspot.com.br/2010/03/poetas-angolanos-maria-alexandre.html>> Acesso em: Maio de 2016.

Maria Alexandre Dáskalos. Disponível em: <<https://www.ovimbundu.org/categoria/escritores-ovimbundus/maria-alexandre-daskalos>> Acesso em: Maio de 2016.

Maria Alice Gouveia apresentou o livro “Uma verdadeira família” na Feira do Livro de Santa Comba Dão. Disponível em: <<http://www.faroldanossaterra.net/2012/06/14/maria-alice-gouveia-apresentou-o-livro-uma-verdadeira-familia-na-feira-do-livro-de-santa-comba-dao/>> Acesso em: Maio de 2016.

Maria Celestina Fernandes – Bio-Quem. Disponível em: <<http://www.ueangola.com/index.php/bio-quem/item/825-maria-celestina-fernandes.html>> Acesso em: Maio de 2016.

Maria Eugênia Neto – Bio-Quem. Disponível em: <<http://www.ueangola.com/bio-quem/item/819-maria-eug%C3%A9nia-neto>> Acesso em: Maio de 2016.

Maria Manuela Cristina Ananz – Bio-Quem. Disponível em: <<http://www.ueangola.com/bio-quem/item/827-maria-manuela-cristina-ananz>> Acesso em: Maio de 2016.

Maria Suzeth Mendonça, de nome artístico Suze-May. Disponível em: <<http://sitedoescritor.ning.com/profiles/blogs/conhe-am-os-autores-convidados-da-antologia-florbela-espanca-e>> Acesso em: Maio de 2016.

Sónia Gomes lança “A filha do general”. Disponível em: <<http://monicaaguiarsouza.blogspot.com.br/2011/04/sonia-gomes-lanca-filha-do-general.html>> Acesso em: Maio de 2016.

Sofia Souto Moniz: “O meu maior desafio foi publicar o primeiro livro”. Disponível em: <[http://www.livroseleituras.com/web/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2255:sofia-souto-moniz&catid=64:escritores&Itemid=175](http://www.livroseleituras.com/web/index.php?option=com_content&view=article&id=2255:sofia-souto-moniz&catid=64:escritores&Itemid=175)> Acesso em: Maio de 2016.

Suzana Benje – Graça de Sousa. Disponível em: <<http://www.aemtg.pt/2009/03/encontro-com-a-escritora-graca-de-sousa-2/>> Acesso em: Maio de 2016.

Teresa Maria Gouveia – Bio-Quem. Disponível em: <<http://www.ueangola.com/bio-quem/item/17-teresa-maria-de-sousa-gouveia>> Acesso em: Maio de 2016.

### 2.1.6 E-book

COELHO, Tomás Lima. **Autores e escritores de Angola**: naturalidade e bibliografia. 2013. Disponível em: <[http://unia.ao/docs/Autores\\_e\\_Escritores\\_de\\_Angola\\_Naturalidade\\_e\\_Bibliografia.pdf](http://unia.ao/docs/Autores_e_Escritores_de_Angola_Naturalidade_e_Bibliografia.pdf)> Acesso em: Março de 2016.

## 2.2 CABO VERDE

### 2.2.1 Sites de Jornais e Agências de Notícias

“A matriarca – Uma história de mestiçagens” é o segundo romance de Vera Duarte. **A Nação**, 02 out. 2017. Disponível em: <<http://anacao.cv/2017/10/02/matriarca-historia-mesticagens-segundo-romance-vera-duarte/>>. Acesso em: Dez. de 2017.

“A preta Fernanda”. **A Semana**, 25 abr. 2008. Disponível em: <<http://www.asemana.publ.cv/?A-Preta-Fernanda>> Acesso em: Abril de 2018.

Artemisa Ferreira lança novo livro de poesia erótica “Gruta abençoada”. **INFORPRESS**, 19 outubro 2017. Disponível em: <<http://www.inforpress.publ.cv/literatura-artermisa-ferreira-lanca-novo-livro-de-poesia-erotica-gruta-abençoada/>>. Acesso em: Abril de 2018.

Cabo Verde: Natacha Magalhães lança “Sete contos ao luar e outras estórias” em Tarrafal de Santiago. **INFORPRESS**. Disponível em: <[https://www.inforpress.publ.cv/.../107980-natacha-magalhaes-l...>](https://www.inforpress.publ.cv/.../107980-natacha-magalhaes-l...). Acesso em: Maio de 2017.

Carmelinda Gonçalves representa Cabo Verde no 1º Encontro de Literatura Infante-Juvenil da Lusofonia. **Jornal Expresso das Ilhas**, 25 janeiro 2015. Disponível em: <<http://www.expressodasilhas.sapo.cv/cultura/item/43818-carmelinda-goncalves-representa-cabo-verde-no-1%C2%BA-encontro-de-literatura-infante-juvenil-da-lusofonia>>. Acesso em: Maio de 2017.

Celina Pereira: “Não sou masoquista. Mas por Cabo Verde sou masoquista”. **A Semana**, 25 maio 2012. Disponível em: <<http://asemana.publ.cv/spip.php?article76525&ak=1>> Acesso em: Maio de 2017.

Débora Cristina estreia-se nos contos infantis. **Santiago Magazine**, 09 jan. 2018. Disponível em: <<https://santiagomagazine.cv/index.php/cultura/957-livro-debora-cristina-estreia-se-nos-contos-infantis>>. Acesso em: Abril de 2018.

Débora Cristina lança primeira obra de conto infantil “Império da fantasia – Aventuras no Reino da Luz Magenta”. **INFORPRESS**, 15 dez. 2017. Disponível em:<<http://www.inforpress.publ.cv/debora-cristina-lanca-primeira-obra-conto-infantil-imperio-da-fantasia-aventuras-no-reino-da-luz-magenta/>>. Acesso em: Abril de 2018.

“*De Lírios*”, de Margarida Fontes, já está nas bancas. **A Semana**, 08 março 2014. Disponível em:<<http://www.asemana.publ.cv/spip.php?article97501>> Acesso em: Maio de 2017.

Dina Salústio, Escritora: “A Academia Cabo-Verdiana de Letras pode dar mais visibilidade às pioneiras da escrita em Cabo Verde. **Jornal Expresso das Ilhas**, 24 ago. de 2016. Disponível em: <<http://www.expressodasilhas.sapo.cv/cultura/item/49956-dina-salustio-escritora-a-academia-cabo-verdiana-de-letras-pode-dar-mais-visibilidade-as-pioneiras-da-escrita-em-cabo-verde>> Acesso em: Maio de 2017.

Eneida Nelly lança “Sukutam” em Lisboa. **A Semana**, 23 março 2011. Disponível em: <<http://www.asemana.publ.cv/?Eneida-Nelly-lanca-Sukutam-em-Lisboa>> Acesso em: Maio de 2017.

Escritora cabo-verdiana [Grace Beatriz] apresenta livro no Luxemburgo. **A Semana**, 25 jan. 2014. Disponível em: <[http://asemana .publ.cv/spip.php?article95560&ak=1](http://asemana.publ.cv/spip.php?article95560&ak=1)>. Acesso em: Maio de 2017.

Escritora e poeta Eileen Barbosa selecionada para Antologia África 39. **A Semana**, 22 abr. 2014. Disponível em: < <http://www.asemana.publ.cv/?Escritora-e-poeta-Eileen-Barbosa-selecionada-para-Antologia-Africa39>>. Acesso em: Maio de 2017.

Escritora Margarida Mascarenhas, autora de “Levedando a Ilha” foi a enterrar domingo. **A Semana**, 10 jan 2011. Disponível em: <<http://www.asemana.publ.cv/spip.php?article60151>>. Acesso em: Maio de 2017.

Escritora Zaida Sanches apresenta coleção infantil “Stera”. **A Semana**, 28 nov. 2009. Disponível em: <<http://www.asemana.publ.cv/spip.php?article47567>>. Acesso em: Maio de 2017.

Eurídice Monteiro: “A ponte de Kayetona é o meu manifesto feminista”. **Jornal Expresso das Ilhas**, 16 nov. 2016. Disponível em: <[http://www.expressodasilhas.sapo .cv/cultura/item/50992-euridice-monteiro-a-ponte-de-kayetona-e-o-meu-manifesto-feminista](http://www.expressodasilhas.sapo.cv/cultura/item/50992-euridice-monteiro-a-ponte-de-kayetona-e-o-meu-manifesto-feminista)>. Acesso em: Maio de 2017.

Fátima Bettencourt lança novo livro de crônicas. **A Semana**, 06 maio 2008. Disponível em: <<http://asemana.sapo.cv/spip.php?article32161>>. Acesso em: Maio de 2017.

Fátima Bettencourt compila “Prosas soltas”. **Jornal Expresso das Ilhas**, 30 nov. 2016. Disponível em: <<http://www.expressodasilhas.sapo.cv/cultura/item/51255-fatima-bettencourt-compila-prosas-soltas>>. Acesso em: Maio de 2017.

Giselle Neves Silva apresenta “Marianinha” à Praia. **A Semana**, 19 fev. 2010. Disponível em: <<http://asemana.sapo.cv/spip.php?article50026>>. Acesso em: Maio de 2017.

História da Cidade Velha contada de forma divertida em livro de Marilene Pereira. **A Nação**, 30 abr. 2017. Disponível em:<<http://anacao.cv/2017/04/30/historia-da-cidade-velha-contada-forma-divertida-livro-marilene-pereira/>>. Acesso em: Maio de 2017.

Ivone Ramos, a contadora de estórias. **A Semana**, 14 jul. 2007. Disponível em: <<http://asemana.sapo.cv/spip.php?article25165>>. Acesso em: Maio de 2017.

Leopoldina Barreto: escritora e pintora vai ser homenageada em Lisboa. **A Semana**, 17 nov. 2008. Disponível em:<<http://www.asemana.publ.cv/spip.php?article36808>>. Acesso em: Maio de 2017.

Livro de Carlota Barros traduzido em Alupec “é coragem cívica”, diz José Hopffer. **A Semana**, 17 mar. 2011. Disponível em: <<http://www.asemana.publ.cv/spip.php?article62327>>. Acesso em: Maio de 2017.

Madalena Brito Neves lança “Flor do Basalto”. **A Nação**, 29 jun. 2017. Disponível em:<<http://anacao.cv/2017/06/29/literatura-madalena-brito-neves-lanca-flor-do-basalto/>>. Acesso em: Abril de 2018.

Mana Guta quer fazer jus aos ancestrais através da escrita (Entrevista). **Santiago Magazine**, 08 nov. 2017. Disponível em: <<https://santiagomagazine.cv/index.php/mais/entrevista/704-mana-guta-quer-fazer-jus-aos-ancestrais-atraves-da-escrita>>. Acesso em: Abr. de 2018.

“Mar caminho adubado de esperanças” – Fátima Bettencourt. Publicado em: **A Semana**, 03 maio 2008. Disponível em: <<http://asemana.sapo.cv/spip.php?article32092>>. Acesso em: Maio de 2017.

Natacha Magalhães lança “Sete contos ao luar e outras estórias”. **Jornal Expresso das Ilhas**, 19 dez. 2014. Disponível em: <<https://expressodasilhas.cv/cultura/2014/12/19/natacha-magalhaes-lanca-sete-contos-ao-luar-e-outras-estorias/43601>>. Acesso em: Maio de 2017.

Natacha Magalhães lança “A viagem mais fantástica do mundo”. **A Nação**, 21 dez. 2017. Disponível em: <<http://anacao.cv/2017/12/21/natacha-magalhaes-lanca-livro-viagem-fantastica-do-mundo/>>. Acesso em: Abril de 2018.

Ondina Ferreira lança “Contos com lavas” em São Filipe. **A Semana**, 24 nov. 2010. Disponível em: <<http://asemana.sapo.cv/spip.php?article58600>>. Acesso em: Maio de 2017.

Outras Pasárgadas de mim: Literatura de inclusão com Mana Guta. **A Semana**, 10 Jun. 2014. Disponível em: <<http://asemana.sapo.cv/spip.php?article100443>>. Acesso em: Maio de 2017.

Postal de Lisboa [“A preta Fernanda”]. **A Semana**, 14 mar. 2013. Disponível em: <<http://www.asemana.publ.cv/?Postal-de-Lisboa-85915>>. Acesso em: Maio de 2017.

Primeiro romance de Eurydice Monteiro apresentado na Praia. **Jornal Expresso das Ilhas**, 17 nov. 2016. Disponível em: <<http://www.expressodasilhas.sapo.cv/cultura/item/50967-primeiro-romance-de-eurydice-monteiro-apresentado-na-praia>>. Acesso em: Maio de 2017.

Recital evoca poetisas Yolanda Morazzo e Eneida Nelly. **A Semana**, 21 mar. 2012. Disponível em: <<http://asemana.sapo.cv/spip.php?article74160>>. Acesso em: Maio de 2017.

Salazar Ferro e Maria Alice W. Ferro lança obras no Mindelo. **A Semana**, 21 ago. 2009. Disponível em: <<http://www.asemana.publ.cv/spip.php?article44639>>. Acesso em: Maio de 2017.

“Sinto uma grande responsabilidade” – Margarida Fontes sobre “De Lírios”. **A Semana**, 13 jul. 2014. Disponível em: <<http://asemana.sapo.cv/spip.php?article101465>>. Acesso em: Maio de 2017.

“Sôdad em 80 poemas”, livro póstumo de Leopoldina Barreto é lançado hoje. **A Nação**, 14 dez. 2017. Disponível em: <<http://anacao.cv/2017/12/14/sodad-80-poemas-livro-postumo-leopoldina-barreto-lancado-hoje/>>. Acesso em: Dezembro de 2017.

“Sonho sonhado” de Carlota de Barros é “hino ao amor e paz”, diz presidente da Sociedade de Língua Portuguesa. **A Semana**, 12 abril 2008. Disponível em: <<http://www.asemana.publ.cv/?Sonho-Sonhado-de-Carlota-de-Barros-e-hino-ao-amor-e-paz-diz-presidente-da>>. Acesso em: Maio de 2017.

Zaida Sanches apresenta “Colecção Stera” viagem ao mundo infanto-juvenil. **INFORPRESS**, 27 nov. 2009. Disponível em: <<http://noticias.sapo.cv/inforpress/artigo/1366.html>>. Acesso em: Maio de 2017.

### 2.2.2 Sites / Blogs de Editoras e Livrarias Virtuais

<<https://www.wook.pt/livro/bia-minha-mae-grace-beatriz/15294333>>. Acesso em: Abril de 2018.

<<https://www.wook.pt/livro/danny-grace-beatriz/19069940>>. Acesso em: Abril de 2018.

<<https://www.wook.pt/livro/adeus-meu-amor-grace-beatriz/10878713>>. Acesso em: Abril de 2018.

<<https://www.estantevirtual.com.br/livros/maria-helena-sato/camaleoa-poesia-na-cidade-sao-paulo-450-anos/3989177538>>. Acesso em: Abril de 2018.

<<https://www.estantevirtual.com.br/livros/maria-helena-sato/caminho-orvalhado/268053241>>. Acesso em: Abril de 2018.

<<https://www.fnac.pt/A-Matriarca-Vera-Duarte/a1335383>>. Acesso em: Abril de 2018.

<<https://www.wook.pt/livro/a-matriarca-vera-duarte/20066336>>. Acesso em: Abril de 2018.

<<https://www.estantevirtual.com.br/livros/vera-duarte/precas-e-suplicas-ou-os-cantigos-da-desesperanca/1572377814>>. Acesso em: Abril de 2018.

### **2.2.3 Blogs / Websites de escritoras cabo-verdianas**

Artemisa Ferreira: <<http://artemisafeireira.blogspot.com.br/>>. Acesso em: Abril de 2018.

Chissana Magalhães: <<http://ribapraiaeredores.blogspot.com.br/>> e <<https://about.me/chissana>>. Acesso em: Abril de 2018.

Eileen Almeida: <<http://soncent.blogspot.com.br/>> Acesso em: Abril de 2018.

Fátima Bettencourt: <<http://fatimabettencourt.blogspot.com.br/>>. Acesso em: Abril de 2018.

Glória Monteiro / Glória Sofia: <<https://gloriasvmonteiro.wixsite.com/gloriasofia>> Acesso em: Março de 2018.

Margarida Fontes: <<http://odiaquepassa.blogspot.com.br/>>. Acesso em: Março de 2018.

### **2.2.4 Outros sites consultados**

“A palavra e os dias”, de Vera Duarte. Disponível em:<<http://britosemedo.blogs.sapo.cv/430309.html>>. Acesso em: Maio de 2017.

A preta Fernanda – Recordações de uma colonial. Disponível em:<<http://livroditera.blogspot.com.br/2007/07/preta-fernanda.html>>. Acesso em: Maio de 2017.

A ternura da água de Carlota de Barros. Disponível em:<<http://livroditera.blogspot.com.br/2006/08/ternura-da-gua.html>>. Acesso em: Maio de 2017.

Antonia Gertrudes Pusich. Disponível em:<<http://www.escritoras-em-portugues.eu/1417106880-Cent-XIX/2015-0531-ANTONIA-PUSICH>>. Acesso em: Maio de 2017.

Antonia Pusich: a primeira jornalista portuguesa. O Leme, 04 ago. 2005. Disponível em:<<http://www.leme.pt/biografias/pusich/>>. Acesso em: Maio de 2017.

“Bullying” é o quarto livro de Carmelinda Gonçalves. 09 jun. 2016. Disponível em:<<https://muzika.sapo.cv/eventos/novidades-eventos/artigos/bullying-e-o-quarto-livro-infantil-de-carmelinda-goncalves>>. Acesso em: Maio de 2017.

Carmelinda Gonçalves lança quinto livro infanto-juvenil. 20 dez. 2016. Disponível em:<<http://muzika.sapo.cv/eventos/novidades-eventos/artigos/carmelinda-goncalves-lanca-quinto-livro-infanto-juvenil>>. Acesso em: Maio de 2017.

Da resistência e da fantasia, entrevista a Luísa Queirós. Portal BUALA, org. Marta Lança, 15 jun. 2010. Disponível em: <<http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/da-resistencia-e-da-fantasia-entrevista-a-luisa-queiros>>. Acesso em: Maio de 2017.

Destino de bai – Antologia de poesia inédita cabo-verdiana (Material digitalizado). Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=xoUiB3Eu\\_UoC&pg=PA5&lpg=PA5&dq=destino+de+bai&source=bl&ots=kkvWZAIzXF&sig=ykvjoG2MnCFMz4mNHPxKo7k6PRQ&hl=ptBR&sa=X&ved=0ahUKEwjNsv6Hz6PaAhUCiJAKHYoDBGsQ6AEILDAB#v=onepage&q=destino%20de%20bai&f=false](https://books.google.com.br/books?id=xoUiB3Eu_UoC&pg=PA5&lpg=PA5&dq=destino+de+bai&source=bl&ots=kkvWZAIzXF&sig=ykvjoG2MnCFMz4mNHPxKo7k6PRQ&hl=ptBR&sa=X&ved=0ahUKEwjNsv6Hz6PaAhUCiJAKHYoDBGsQ6AEILDAB#v=onepage&q=destino%20de%20bai&f=false)>. Acesso em: Abril de 2018.

Helena Centeio apresenta aos salenses a primeira obra literária. 25 ago. 2015. Disponível em:<<http://muzika.sapo.cv/musica/novidades-musica/artigos/helena-centeio-apresenta-aos-salenses-a-primeira-obra-literaria?artigo-completo=sim>> . Acesso em: Maio de 2017.

Lista completa dos livros para infância de Cabo Verde. Jul. 2016. Disponível em: <[daivarela.blogspot.com.br/](http://daivarela.blogspot.com.br/)>. Acesso em: Maio de 2017.

Madalena Brito Neves estreia-se na poesia com “Flor do Basalto”. 18 set. 2017. Disponível em:<<https://escritores.online/flor-do-basalto/>>. Acesso em: Abril de 2018.

Novo livro de poemas de Carlota de Barros lançado na Praia. 29 nov. 2017. Disponível em:<<https://muzika.sapo.cv/eventos/novidades-eventos/artigos/novo-livro-de-poemas-de-carlota-de-barros-lancado-na-praia>>. Acesso em: Maio de 2017.

Racordai, leitura autobiográfica da caminhada de uma cabo-verdiana [Maria de Lourdes de Jesus] na Itália. Latitudes, 02. Fev. 1998. Disponível em:<[http://www.revues-plurielles.org/\\_uploads/pdf/17\\_2\\_30.pdf](http://www.revues-plurielles.org/_uploads/pdf/17_2_30.pdf)>. Acesso em: Maio de 2017.

Tchuba na desert – Antologia de conto inédito cabo-verdiano (Material digitalizado). Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=dLy9eLSfdsMC&pg=PA5&hl=ptBR&source=gbs\\_toc\\_r&cad=3#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=dLy9eLSfdsMC&pg=PA5&hl=ptBR&source=gbs_toc_r&cad=3#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: Abril de 2018.

### **2.2.5 E-book**

RISO, Ricardo. **Cabo Verde: Antologia de poesia contemporânea**. Disponível em:<[www.africaeaficanidades.com.br/documentos/ANTOLOGIA-CABO-VERDE.pdf](http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/ANTOLOGIA-CABO-VERDE.pdf)> Acesso em: 01 de maio de 2017.

## **2.3 GUINÉ-BISSAU**

### **2.3.1 Sites de Jornais e Agências de Notícias**

Antonieta Rosa Gomes lança dois livros: “Da mutabilidade dos contratos administrativos” e “Retratos de mulher”. **GBissau**, 24 jul. 2013. Disponível em:< <http://www.gbissau.com/2013/07/24/antonieta-rosa-gomes-lanca-dois-livros-da-mutabilidade-dos-contratos-administrativos-e-retratos-de-mulher/>>. Acesso em: Maio de 2017.

Cantora Dulce Neves homenageada pela AGE. **O Democrata GB**. 03 set. 2017. Disponível em:<<http://www.odemocratagb.com/?p=13995>>. Acesso em: Abril de 2018.

Dulce Neves exige reconhecimento do Estado como “combatente” da promoção da cultura. **O Democrata GB**. 28 fev. 2016. Disponível em:< <http://www.odemocratagb.com/?p=8105>>. Acesso em: Abril de 2018.

Né Vaz é mais jovem romancista guineense. **O Democrata GB**. 04 mar. 2018. Disponível em:<<http://www.odemocratagb.com/?p=16042>>. Acesso em: Abril de 2018.

### 2.3.2 Sites de Revistas

Domingas Samy. **Revista TriploV de Artes, Religiões e Ciências**. Disponível em:<[http://triplov.com/guinea\\_bissau/mingas/index.htm](http://triplov.com/guinea_bissau/mingas/index.htm)>. Acesso em: Maio de 2017.

Fernanda de Castro. **Revista TriploV de Artes, Religiões e Ciências**. Disponível em:< [http://www.triplov.com/guinea\\_bissau/fernanda\\_de\\_castro/index.htm](http://www.triplov.com/guinea_bissau/fernanda_de_castro/index.htm)>. Acesso em: Maio de 2017.  
Fernanda de Castro: Vida e Obra. Disponível em:< <http://fernanda-decastro.blogspot.com.br/>>. Acesso em: Abril de 2018.

Odete Semedo. **Revista TriploV de Artes, Religiões e Ciências**. Disponível em:<[http://triplov.com/guinea\\_bissau/odetesemedo/index.htm](http://triplov.com/guinea_bissau/odetesemedo/index.htm)>. Acesso em: Maio de 2017.

Odete Semedo. A discreta voz criadora da mulher. **Sermos Galiza**, 15 nov. 2015. Disponível em:<<http://www.sermosgaliza.gal/articulo/lusofonia/odete-semedo-discreta-voz-criadora-da-mulher/20151114222730042379.html>>. Acesso em: Abril de 2018.

### 2.3.3 Outros Sites / Blogs consultados

África Raiz por Fernanda de Castro (1900-1994). Senegâmbia, 25 ago. 2005. Disponível em:< <http://senegambia.blogspot.com.br/2005/08/frica-raiz.html>>. Acesso em: Abril de 2018.

Caderno de Poesias “Poilão” (Grupo Desportivo e Cultural dos Empregados do Banco Nacional Ultramarino, Bissau, Dezembro de 1973): Eunice Borges é a única voz feminina desta antologia. Disponível em:<<https://blogueforanadaevaotres.blogspot.com.br/2015/10/guine-6374-p15259-caderno-de-poesias.html>>. Acesso em: Maio de 2017.

Filomena Embaló. Disponível em:<<http://www.didinho.org/Arquivo/filomenaembalo-biografia.htm>>. Acesso em: Maio de 2017.

Lançamento da 2ª antologia poética “Traços do Tempo” marca Dia Mundial da Poesia na Guiné-Bissau. Conexão Lusófona, 29 mar. 2016. Disponível em: <<http://www.conexao-lusofona.org/lancamento-da-2a-antologia-poetica-tracos-no-tempo-marca-dia-mundial-da-poesia-na-guine-bissau/>>. Acesso em: Maio de 2017.

Literatura: Né Vaz estreia com romance “Pérola roubada”. Udjus di Guiné, 26 fev. 2018. Disponível em: <<http://udjusdiguine.com/2018/02/literatura-ne-vaz-estrela-com-romance-perola-roubada/>>. Acesso em: Abril de 2018.

Maria Odete da Costa Semedo, uma alma inquieta da Guiné-Bissau. Carta Maior, 29 ago. 2006. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia/Maria-Odete-da-Costa-Semedo-uma-alma-inquieta-da-Guine-Bissau/12/11301>>. Acesso em: Abril de 2018.

Maria Odete Semedo: “Medo da cota é o medo das potencialidades das mulheres”. Catarinas, 01 ago. 2017. Disponível em: <<http://catarinas.info/maria-odete-semedo-medo-da-cota-e-o-medo-das-potencialidades-das-mulheres/>>. Acesso em: Abril de 2018.

MELO, Luís Carlos Alves. Uma poetisa chamada Saliatu da Costa. 04 mar. 2013. Disponível em: <<http://www.tupacity.com/?b=21160>>. Acesso em: Maio de 2017.

Odete Costa Semedo – ancestralidade e a poética do desassossego. Templo Cultural Delfos, jul. 2016. Disponível em: <<http://www.elfikurten.com.br/2016/07/odete-costa-semedo.html>>. Acesso em: Abril de 2018.

## 2.4 MOÇAMBIQUE

### 2.4.1 *Sites de Jornais e Agências de Notícias*

A escrita sagrada da romancista moçambicana Paulina Chiziane. **Brasil de Fato**, Brasil, 21 set. 2016. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2016/09/21/a-escrita-sagrada-da-romancista-mocambicana-paulina-chiziane/>>. Acesso em: Abril de 2018.

Amilca Ismael e a escravidão no século XXI. **Pravda.ru**, Moscou/Rússia, 11 nov. 16. Disponível em: <[http://port.pravda.ru/sociedade/cultura/11-11-2016/42095-amilca\\_ismael-0/](http://port.pravda.ru/sociedade/cultura/11-11-2016/42095-amilca_ismael-0/)>. Acesso em: Abril de 2018.

Conceição Queiroz: “A África está sempre presente em mim”. **Voa Português**, 14 nov. 2014. Disponível em: <<https://www.voaportugues.com/a/conceicao-queiroz-a-africa-esta-sempre-presente-em-mim/2520600.html>> Acesso em: abr. 2018.

Deusa d’África leva Moçambique à China. **O país**, 17 fev. 2017. Disponível em: <<http://opais.sapo.mz/index.php/cultura/82-cultura/43610-deusa-dafrica-leva-mocambique-a-china.html>>. Acesso em: Maio de 2017.

Deusa d’África: Quando a voz das entranhas faz poesia. **Jornal Notícias**, 18 fev.2015. Disponível em: <<http://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/caderno-cultural/31692-deusa-de-africa-quando-a-voz-das-entranhas-faz-poesia.html>>. Acesso em: Maio de 2017.

Emmy Xyx lança livro e abraça artes plásticas. **Jornal Notícias**, 19 out. 2016. Disponível em: <<http://jornalnoticias.co.mz/index.php/recreio-e-divulgacao/60596-emmy-xyx-lanca-livro-e-abraca-artes-plasticas.html>>. Acesso em: Maio de 2017.

Emmy Xyx lança livro. **Jornal Notícias**, 16 dez. 2015. Disponível em: <<http://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/recreio-e-divulgacao/47927-emmy-xyx-lanca-livro.html>>. Acesso em: Maio de 2017.

Entrevista com a escritora moçambicana Paulina Chiziane. **O Povo**, 17 abr. 2017. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/jornal/paginasazuis/2017/04/entrevista-com-a-escritora-mocambicana-paulina-chiziane.html>>. Acesso em: Abril de 2018.

Fátima Langa lança “O coelho e o Galo”. **Folha de Maputo**, 02 set. 2015. Disponível em: <<http://www.folhademaputo.co.mz/pt/noticias/vida-e-lazer/fatima-langa-lanca-o-o-coelho-e-o-galo/>>. Acesso em: Maio de 2017.

Literatura Infanto-Juvenil: Fátima Langa dialoga com alunos de Maputo. **Jornal Notícias**, 08 jun. 2016. Disponível em: <[jornalnoticias.co.mz](http://jornalnoticias.co.mz)>. Acesso em: Maio de 2017.

Livro “Sonho da lua” exemplifica o encanto dos astros e da natureza em poesia para as crianças. **Jornal do Brasil**, 10 maio 2016. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2016/05/10/livro-sonho-da-lua-exemplifica-o-encanto-dos-astros-e-da-natureza-em-poesia-para-as-criancas/>>. Acesso em: Fevereiro de 2018.

Paulina Chiziane, primeira romancista moçambicana. **RTP** – Rádio e Televisão de Portugal, 2014. Disponível em: <<http://ensina.rtp.pt/artigo/paulina-chiziane/>>. Acesso em Abril de 2018.

Paulina Chiziane lança “O canto dos Escravos”. **Jornal Verdade**, 27 jul. 2017. Disponível em: <[jornalnoticias.co.mz](http://jornalnoticias.co.mz)>. Acesso em: Abril de 2018.

Paulina Chiziane lança “O canto dos Escravos”. **The Mozambican**, Maputo, 24 jul. 2017. Disponível em: <<http://www.themozambican.co.mz/2017/07/24/paulina-chiziane-lanca-o-canto-dos-escravos/>>. Acesso em: Fevereiro de 2018.

Poemas de Hironcina Joshua (Moçambique). **Jornal Cultura: Jornal Angolano de Artes e Letras**, Angola, 23 nov. 2015. Disponível em: <<http://jornalcultura.sapo.ao/arte-poetica/poemas-de-hirondina-joshuamocambique>>. Acesso em: Março de 2017.

Poetisa Celina Sheila lança “Embarque na escrita poética”. **Info Diário**, 14 fev. 2017. Disponível em: <[http://infodiario.co.mz/articles/detail\\_article/35766](http://infodiario.co.mz/articles/detail_article/35766)>. Acesso em: Abril de 2018.

Pré-Destinada estreia-se com Xitshuketa. **Folha de Maputo**, 18 dez. 2015. Disponível em: <<http://www.folhademaputo.co.mz/pt/noticias/vida-e-lazer/pre-destinada-estrela-se-com-xitshuketa/>>. Acesso em: Abril de 2017.

Primeira romancista de Moçambique diz não ter liberdade para escrever como um homem: “Somos prisioneiras”. **BBC Brasil**, 30 out. 2016. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-37734763>>. Acesso em: Abril de 2018.

Roda das encarnações: Sônia Sultuane. **Jornal Notícias**, 16 nov. 2016. Disponível em: <<http://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/recreio-e-divulgacao/62183-roda-das-encarnacoes-da-autora-sonia-sultuane.html>>. Acesso em: Maio de 2017.

Tatiana Pinto aventura-se numa viagem pelo Brasil. **O país**, 16 out. 2016. Disponível em: <<http://opais.sapo.mz/index.php/cultura/82-cultura/42155-tatiana-pinto-aventura-se-numa-viagem-pelo-brasil.html>>. Acesso em: Maio de 2017.

Teresa Noronha representa Moçambique no 3º encontro de Literatura Infanto-Juvenil. **O país**, 28 fev. 2017. Disponível em: <<http://opais.sapo.mz/index.php/cultura/82-cultura/43747-teresa-noronha-representa-mocambique-no-3o-encontro-de-literatura-infanto-juvenil.html>>. Acesso em: Maio de 2017.

#### 2.4.2 Sites de Revistas

“A literatura funciona como um lugar de negociação”: Afirma a escritora Paulina Chiziane (Entrevista). **Revista Soletras** – A sopradora de Letras, Beira/Sofala/Moçambique, jul.-ago.-set., 2017. Disponível em: <<https://www.medioq.com/XX/Unknown/1410186789226016/Revista-Soletras>>. Acesso em: Abril de 2018.

Fátima Langa. **Revista Mulemba**, Rio de Janeiro, v.2, n. 1, p.151/152, jan./jul 2010. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/issue/viewFile/416/195>>. Acesso em: Abril de 2018.

Hirondina Joshua. 4 mulheres – 4 poemas. **Palavra Comum** – Revista galega lusófona de artes e letras, Galiza, 08 mar. 2018. Disponível em: <<http://palavracomum.com/4-mulheres-4-poemas/>>. Acesso em: Abril de 2018.

O Leão, a Mulher e a Criança, lançado sem o homem. **Revista Soletras** – A sopradora de Letras, Beira/Sofala/Moçambique, 06 dez. 2014. Disponível em: <<http://revistasoletras.blogspot.com.br/2014/12/o-leao-mulher-e-crianca-lancado-sem-o.html>>. Acesso em: Abril de 2018.

Paulina Chiziane canta liberdade em novo livro. **Revista Soletras** – A sopradora de Letras, Beira/Sofala/Moçambique, abr.-mai.-jun., 2017. Disponível em: <<https://www.medioq.com/XX/Unknown/1410186789226016/Revista-Soletras>>. Acesso em: Abril de 2018.

“Recordações da vovó Marta” reveladas ao público. **Literatas** – Revista de Literatura Moçambicana e Lusófona, 20 fev. 2011. Disponível em: <<http://revistaliteratas.blogspot.com.br/2011/02/recordacoes-da-vovo-marta-reveladas-ao.html>>. Acesso em: Abril de 2018.

SOUZA, Ianá; SAES, Stela. Entrevista com autora moçambicana Emmy Xyx. **Revista Crioula**, n. 20, 2º semestre/2017. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/141365>>. Acesso em: Abril de 2018.

### 2.4.3 Sites/ Blogs de Editoras Livrarias Virtuais

<<http://editora-ndjira.blogspot.com.br/search/label/Felizmina%20Walters%20Velho>>. Acesso em: Maio de 2017.

<<http://www.antigona.pt/autores/ana-barradas/>> Acesso em: Maio de 2017.

<<http://www.kapulana.com.br/tatiana-pinto-escritora-mocambique-literatura-africana/>>. Acesso em: Abril de 2018.

<<https://www.chiadobooks.com/autores/tereza-xavier-coito>>. Acesso em: Abril de 2018.

<<https://www.euedito.com/fichaaautor/autor/bibliografia/escritor/579/angelinaneves>>. Acesso em: Maio de 2017.

<<https://www.fnac.pt/A-Crianca-e-a-Vida-Maria-Rosa-Colaco/a69070>>. Acesso em: Abril de 2018.

<http://escritores.online/escritor/conceicao-queiroz>> Acesso em: abr. 2018.

<<http://www.kapulana.com.br/lica-sebastiao/>>. Acesso em: Abril de 2018.

<<http://www.kapulana.com.br/noemia-de-sousa/>>. Acesso em: Abril de 2018.

<<http://www.kapulana.com.br/silvia-braganca/>>. Acesso em: Abril de 2018.

<<http://www.kapulana.com.br/sonia-sultuane/>>. Acesso em: Abril de 2018.

<<http://www.labirintodeletras.pt/produto/efemera-libertade/>>. Acesso em: Maio de 2017.

<<http://www.labirintodeletras.pt/produto-etiqueta/amilca-ismael/>>. Acesso em: Maio de 2017.

<[https://www.recantodasletras.com.br/autor\\_textos.php?id=64156/angelinaneves](https://www.recantodasletras.com.br/autor_textos.php?id=64156/angelinaneves)>. Acesso em: Maio de 2017.

<<https://www.recantodasletras.com.br/entrevistas/2177575/angelinaneves>>. Acesso em: Maio de 2017.

<[http://www.scortecci.com.br/lermais\\_materias.php?cd\\_materias=4770&friurl=-INSPIRACAO---Poesia-Reunida--Marilia-do-Ceu-](http://www.scortecci.com.br/lermais_materias.php?cd_materias=4770&friurl=-INSPIRACAO---Poesia-Reunida--Marilia-do-Ceu-)>. Acesso em: Maio de 2017.

<<http://www.vogais.pt/autores/conceicao-queiroz>> Acesso em: abr. 2018.

<<https://www.wook.pt/autor/amilca-ismael/3288896>>. Acesso em: Maio de 2017.

<<https://www.wook.pt/autor/conceicao-queiroz/43696>> Acesso em: abr. 2018.

<<https://www.wook.pt/autor/inez-andrade-paes/3916647>>. Acesso em: Abril de 2018.

<<https://www.wook.pt/autor/maria-rosa-colaco/1286>>. Acesso em: Abril de 2018.

#### **2.4.4 Blogs / Websites de Escritoras moçambicanas**

Amilca Ismael: <<https://amilcaismael.wordpress.com/em-portugues/>>. Acesso em: Abril de 2018.

Deusa d'África: <[deusadafrica.blogspot.com.br](http://deusadafrica.blogspot.com.br)>. Acesso em: Março de 2018.

Fátima Langa: <<http://fatcorlanga.blogspot.com.br/2015/07/biografia.html>>. Acesso em: Abril de 2018.

Glória de Sant'anna: <<http://gloriadesantanna.wordpress.com/>>. Acesso em: Abril de 2018.

Inez Andrade Paes: <<https://inezandradepaes.wordpress.com/about/>>. Acesso em: Abril de 2018.

Rinkel: <<http://poetisarinkel.blogspot.com.br/>>. Acesso em: Março de 2018.

Sílvia Bragança: <<http://silviabrag.blogspot.com.br/>>. Acesso em: Abril de 2018.

#### **2.4.5 Outros sites consultados**

Amélia Margarida Matavele (Pré-Destinada). Disponível em: <[http://cemd.orgfree.com/crbst\\_45.html](http://cemd.orgfree.com/crbst_45.html)>. Acesso em: Maio de 2017.

Ana Maria de Oliveira Dias – Entrevistada. Disponível em: <<https://www.divulgaescritor.com/products/ana-maria-de-oliveira-dias-entrevistada/>>. Acesso em: Maio de 2017.

Berta Brás e os “Democratas de Moçambique”. Disponível em: <[http://macua.blogs.com/moambique\\_para\\_todos/2009/06/berta-br%C3%A1s-e-os-democratas-de-mo%C3%A7ambique.html](http://macua.blogs.com/moambique_para_todos/2009/06/berta-br%C3%A1s-e-os-democratas-de-mo%C3%A7ambique.html)>. Acesso em: Maio de 2017.

Clotilde Nunes Silva. Disponível em: <<http://mocambicanto.blogspot.com.br/>>. Acesso em: Maio de 2017.

Desde Mozambique la literatura infantil de Fátima José Correia Langa se nos une al XII EIDE (Encuentro Internacional de Escritoras). Disponível em: <<http://www.milibrohispano.org/desde-mozambique-la-literatura-infantil-de-fatima-jose-correia-linga-se-nos-une-al-xii-eide/>>. Acesso em: Maio de 2017.

Emmy Xyx lança “Escritas na Mão do Mar a Ria”. Disponível em: <[http://africultures.com/murmures/?no=19172&utm\\_source=newsletter&utm\\_medium=email&utm\\_campaign=429](http://africultures.com/murmures/?no=19172&utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=429)>. Acesso em: Maio de 2017.

Escritora Paulina Chiziane estará pela primeira vez na Bahia, em Cachoeira! 11 ago. 2017. Disponível em: <<http://portalsoteropreta.com.br/escritora-paulina-chiziane-estara-pela-primeira-vez-na-bahia-em-cachoeira/>>. Acesso em: Fevereiro de 2018.

Fátima Langa lança mais um livro infantil. Disponível em: <<https://www.bci.co.mz/Institucional/NoticiaFatimaLanga2016.html>>. Acesso em: Abril de 2018.

Gisela Maria Gracias Ramos Rosa. Disponível em: <[http://cemd.orgfree.com/crbst\\_80.html](http://cemd.orgfree.com/crbst_80.html)>. Acesso em: Maio de 2017.

Gisela Maria Gracias Ramos Rosa. Disponível em: <<http://escritores.online/escritor/gisela-gracias-ramos-rosa/>>. Acesso em: Maio de 2017.

Hirondina Joshua, uma promessa da poesia moçambicana, lança primeiro livro. Disponível em: <<http://www.conexaolusofona.org/hirondina-joshua-uma-promessa-da-poesia-mocambicana-lanca-primeiro-livro/>>. Acesso em: Maio de 2017.

Lançamento da Antologia Universal Lusófona 2015 – Rio dos Bons Sinais. Disponível em: <<http://eventokultural.blogspot.com.br/2015/05/lancamento-da-antologia-universal.html>>. Acesso em: Maio de 2016.

Lina Magaia. Portal da Literatura. Disponível em: <<https://www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=2320>>. Acesso em: Abril de 2018.

Moçambique: Lançamento do livro “A viagem de Luna”, de Teresa Noronha. 11 out. 2016. Disponível em: <<http://www.instituto-camoes.pt/sobre/comunicacao/noticias/15355-mocambique-lancamento-do-livro-a-viagem-de-luna-de-teresa-noronha>>. Acesso em: Maio de 2017.

Obras de Maria Rosa Colaço. Disponível em: <[http://magnetesrvk.no-ip.org/casadaleitura/portalbeta/bo/documentos/biblio\\_mrcolaco\\_a.pdf](http://magnetesrvk.no-ip.org/casadaleitura/portalbeta/bo/documentos/biblio_mrcolaco_a.pdf)>. Acesso em: Abril de 2018.

Paulina Chiziane. Disponível em: <<https://www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=2335>>. Acesso em: Abril de 2018.

Paulina Chiziane, a primeira escritora de Moçambique a publicar um romance. Disponível em: <<http://www.conexaolusofona.org/paulina-chiziane-a-primeira-escritora-de-mocambique-a-publicar-um-romance/>>. Acesso em: Abril de 2018.

Paulina Chiziane – contadora de estórias e memórias. Templo Cultural Delfos. Disponível em: <<http://www.elfikurten.com.br/2015/05/paulina-chiziane.html>>. Acesso em: Maio de 2017.

Paulina Chiziane lança livro com testemunhos de crianças seropositivas. Disponível em: <<https://vihsidanoticias.wordpress.com/2010/05/05/paulina-chiziane-lanca-livro-com-testemunhos-de-criancas-seropositivas/>>. Acesso em: Fevereiro de 2018.

Pemba e outros contos, de Maria dos Anjos Martins. Disponível em: <[http://macua.blogs.com/moambique\\_para\\_todos/2009/11/pemba-e-outros-contos-de-.html](http://macua.blogs.com/moambique_para_todos/2009/11/pemba-e-outros-contos-de-.html)>. Acesso em: Maio de 2017.

Poetas moçambicanos – Celina Sheila Maconde, Morgado Mbalate, Hírdina Joshua e Obedes Lobadias. Disponível em: <<http://www.pordentrodaafrica.com/poetas-mocambicanos>>. Acesso em: Maio de 2017.

Publicado pela Penalux, livro “Os ângulos da casa” marca estreia da poeta moçambicana Hírdina Joshua no Brasil. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/publicado-pela-penalux-livro-os-angulos-da-casa-marca-estrela-da-poeta-mocambicana-hirdina-joshua-no-brasil/>>. Acesso em: Maio de 2017.

“Quem manda aqui?” Paulina Chiziane é mais do que uma mulher negra escritora de Moçambique. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/quem-manda-aqui-paulina-chiziane-e-mais-do-que-uma-mulher-negra-escritora-de-mocambique/>>. Acesso em: Fevereiro de 2018.

Rinkel – poesia feminista moçambicana assaz corrosiva. Disponível em: <<http://literaciariocardoriso.blogspot.com.br/2011/07/independencia-de-mocambique-em-1975.html>>. Acesso em: Maio de 2017.

Simões, Tony. Women writing Africa: a bibliography of lusophone women writers. Disponível em: <<http://aflit.arts.uwa.edu.au/FEMECalireLU.html>>. Acesso em: Maio de 2016.

Sónia Sultuane. Disponível em: <[http://cemd.orgfree.com/crbst\\_103.html](http://cemd.orgfree.com/crbst_103.html)>. Acesso em: Maio de 2017.

Sónia Sultuane. Disponível em: <<http://www.kulungwana.org.mz/por/Galeria-Artistas/Sonia-Sultuane>>. Acesso em: Maio de 2017.

Tereza Xavier Couto – Em busca das origens. Disponível em: <<http://www.entretakes.com/booktrailers?booktrailer=6whlRyNKTmk&genero=Biografia>>. Acesso em: Fevereiro de 2018.

## 2.5 SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

### 2.5.1 *Sites de Jornais e Agências de Notícias*

A contadora de histórias... **Diário de Notícias**, Portugal (Porto, Coimbra, Lisboa), 11 out. 2017. Disponível em: <<http://www.dnoticias.pt/impressa/hemeroteca/diario-de-noticias/a-contadora-de-historias-FB2157766#>>. Acesso em: Maio de 2017.

“A flor branca de Baobá”. **Expresso do Oriente**, Lisboa, 9 maio 2017. Disponível em: <<https://expressodoorient.com/a-flor-branca-de-baoba/>>. Acesso em: Maio de 2017.

Aoní d’Alva publicou “Miopia Crônica”. **Téla Nón**, São Tomé, 27 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.telanon.info/cultura/2013/06/27/13681/aoani-d%E2%80%99alva-publicou-miopia-cronica/>>. Acesso em: Abril de 2018.

Apresentação do livro de Olinda Beja “À sombra do oká” no Porto. **Téla Nón**, São Tomé, 19 maio 2016. Disponível em: <<https://www.telanon.info/cultura/2016/05/19/21864/apresentacao-do-livro-de-olinda-beja-a-sombra-de-oka-no-porto/>>. Acesso em: Abril de 2018.

ACOSP – Associação da Comunidade de São Tomé e Príncipe. Lançamento do livro “Ye Rêgue”. **Téla Nón**, São Tomé, 15 nov. 2012. Disponível em: <<https://www.telanon.info/cultura/2012/11/15/11758/acosp-associacao-da-comunidade-de-s-tome-e-principe/>>. Acesso em: Abril de 2018.

Costurar, escrever e nunca desistir. **Diário de Notícias**, Portugal (Porto, Coimbra, Lisboa), 24 ago 2016. Disponível em: <<http://www.dn.pt/sociedade/interior/costurar-escrever-e-nunca-desistir-5353321.html>>. Acesso em: Maio de 2017.

Entrevista à poetisa Olinda Beja. **Téla Nón**, São Tomé, 20 set. 2017. Disponível em: <<http://www.telanon.info/cultura/2017/09/20/25325/entrevista-a-poetisa-olinda-beja/>>. Acesso em: Maio de 2017.

Lançamento do livro de poesias de Alda Barros na UCCLA. **Téla Nón**, São Tomé, 08 maio 2017. Disponível em: <<http://www.telanon.info/cultura/2017/05/08/24366/lancamento-do-livro-de-poesia-de-alda-barros-na-uccla/>>. Acesso em: Maio de 2017.

Livro de Olinda Beja entra no Plano Nacional de Leitura de Portugal. **Téla Nón**, São Tomé, 22 jul. 2015. Disponível em: <<https://www.telanon.info/cultura/2015/07/22/19728/livro-de-olinda-beja-entra-no-plano-nacional-de-leitura-de-portugal/>>. Acesso em: Abril de 2018.

Livro de Conceição Lima com tiragem de 32 mil exemplares no Brasil. **Téla Nón**, São Tomé, 11 dez. 2014. Disponível em: <<http://www.telanon.info/cultura/2014/12/11/18170/livro-de-poesia-de-conceicao-lima-com-tiragem-de-32-mil-exemplares-no-brasil/>>. Acesso em: Abril de 2018.

Pelas palavras de Aoní d’Alva. **STP Digital**, 21 mar. 2013. Disponível em: <<https://stpdigital.net/2013/03/21/pelas-palavras-de-aoani-dalva/>>. Acesso em: Abril de 2018.

Poesia em destaque: Nona edição da “Dolorosa raiz do micondó” de São Lima. **Téla Nón**, São Tomé, 17 set. 2015. Disponível em: <<https://www.telanon.info/cultura/2015/09/17/20108/poesia-em-destaque-nona-edicao-da-dolorosa-raiz-de-micondo-de-sao-lima/>>. Acesso em: Abril de 2018.

Resgatar a poesia numa sociedade sem afetos. É urgente “encher corações”, defende Olinda Beja. **Funchal Notícias**, Funchal / Ilha da Madeira, 12 out. 2017. Disponível em: <<https://funchalnoticias.net/2017/10/12/resgatar-a-poesia-numa-sociedade-sem-afetos-e-urgente-encher-coracoes-defende-escritora-olinda-beja/>>. Acesso em: Maio de 2017.

São Deus Lima lança “O país de Akendenguê”. **Téla Nón**, São Tomé, 04 mar. 2011. Disponível em: <<https://www.telanon.info/cultura/2011/03/04/6452/ainda-deus-lima-lanca-o-pais-de-akendengue/>>. Acesso em: Abril de 2018.

“Um grão de café” de Olinda beja apresentado em Lisboa. **Téla Nón**, São Tomé, 30 dez. 2013. Disponível em: <<https://www.telanon.info/cultura/2013/12/30/15297/um-grao-de-ainda-de-olinda-beja-apresentado-em-lisboa/>>. Acesso em: Abril de 2018.

“12 Poetas de São Tomé e Príncipe”: ponto alto da V Feira do Livro de STP em Portugal. **STP Digital**, 13 jul. 2015. Disponível em: <[stpdigital.net/.../872-12-poetas-de-ainda-tome-e-principe-ponto-alto-da-v-feira-do-livro](http://stpdigital.net/.../872-12-poetas-de-ainda-tome-e-principe-ponto-alto-da-v-feira-do-livro)>. Acesso em: Maio de 2017.

### 2.5.2 Sites de Revistas

Goretti Pina, estilista de roupas e palavras. **Sermos Galiza**, 20 jan. 2017. Disponível em: <<http://www.sermosgaliza.gal/articulo/cultura/goretti-pina-estilista-roupas-palavras/20170119090315054271.html>>. Acesso em: Abril de 2018.

### 2.5.3 Sites/ Blogs de Editoras e Livrarias Virtuais

<<https://www.chiadobooks.com/livraria/a-flor-branca-do-baoba>>. Acesso em: Maio de 2017.

<<http://www.livrariaorfeu.com/olinda-beja>>. Acesso em: Maio de 2017.

<<https://www.chiadobooks.com/autores/alda-barros>>. Acesso em: Maio de 2017.

<<https://www.chiadobooks.com/autores/cristina-brandao-lavender>>. Acesso em Abril de 2018.

<<https://www.chiadobooks.com/autores/olinda-beja>>. Acesso em: Maio de 2017.

<<https://www.chiadobooks.com/livraria/saber-esperar>>. Acesso em Abril de 2018.

<<https://www.wook.pt/autor/olinda-beja/9243>>. Acesso em: Maio de 2017.

<<https://www.wook.pt/livro/miopia-cronica-aoani-d-alva/14769794>>. Acesso em: Abril de 2018.

**12 poetas de São Tomé e Príncipe**. Disponível em: <<http://afrofanzine.blogspot.com.br/2015/07/12-poetas-de-sao-tome-e-principe.html>>. Acesso em: Maio de 2017.

### 2.5.4 Outros sites consultados

Escritora santomense apresenta livro no CCBSTP. Disponível em: <<http://redebrasilcultural.itamaraty.gov.br>>. Acesso em: Abril de 2018.

Lançamento do livro de poesia de Alda Barros na UCCLA. 01 maio 2017. Disponível em: <<http://www.uccla.pt/eventos/lancamento-do-livro-de-poesia-de-alda-barros-na-uccla>>. Acesso em: Maio de 2017.

Livro de poesia “A flor branca de baobá” é lançado em Lisboa. **África 21 Digital**, 10 maio 2017. Disponível em: <<https://africa21digital.com/2017/05/10/livro-de-poesia-flor-branca-de-baoba-e-lancado-em-lisboa/>>. Acesso em: Maio de 2017.

Maria Manuela Margarido – a poesia e o grito de liberdade. Disponível em: <<http://www.elfikurten.com.br/2016/08/maria-manuela-margarido.html>>. Acesso em: Maio de 2017.